

Febre de Sangue Karen Marie Moning

A ordinária vida de Mackayla Lane se vê submetida a um giro de cento e oitenta graus quando aterrissa na costa da Irlanda e é arrastada a um sombrio e mortífero reino, diferente a tudo que tivesse podido imaginar. Em sua luta por conservar a vida, Mac deve encontrar Sinsar Dubh, um livro com um milhão de anos de antiguidade, com a magia mais negra que se possa imaginar e que guarda a chave do poder para dominar o mundo Fae e o Mortal. Perseguida por assassinos Fae, rodeada por misteriosas figuras nas que sabe que não pode confiar, Mac se encontra dividida entre dois homens letais e irresistíveis: V'lane, o insaciável Fae que pode converter a excitação sensual em uma obsessão para qualquer mulher; e o sempre inescrutável Jericho Barrons, um homem tão encantado como misterioso.

Durante séculos, o sombrio reino Far coexistiu com o dos humanos. Agora as muralhas entre os dois mundos estão desmoronando e Mac é a única que pode interpor-se entre ambos...

Disponibilização em esp: Hatlish

Envio e Tradução: Gisa

Revisão Inicial: Lu Avanço

Revisão Final: ainda não foi feita*

Formatação: Gisa

O livro estava indo para revisão final qdo foi distribuído por outro grupo que sabia que estávamos revisando a série.

Vi em uma piscada o momento de minha grandeza,
E vi o eterno lacaio celebrar meu sobrenome, e rir e apurar-se.
Tive medo.
T. S. Eliot / *A canção de amor de J. Alfred Prufrock*

Prólogo

Todos temos nossos pequenos problemas e inseguranças.

Eu não sou diferente.

Já na escola secundária, quando me sentia insegura a respeito de algo, consolava-me com dois pensamentos: sou bonita e meus pais me amam. Com esses dois pensamentos, podia sobreviver, mais ou menos.

Desde então, cheguei a entender para o pouco que servem, e de que maneira tão amarga se pode aprender.

O que fica então? Nada sobre nossa aparência ou daqueles que nos amam ou nos odeiam. Nada a respeito de nosso capital intelectual, que como à beleza, é um presente da genética; nem sequer, nada do que dizemos. São nossas ações as que nos definem, o que escolhemos, o que somos capazes de resistir. Aquilo pelo que estamos dispostos a morrer.

Meu nome é MacKayla Lane.

Ou, isso acredito.

Alguns dizem que meu sobrenome é realmente O'Connor.

Essa é outra de minhas inseguranças agora mesmo: quem sou. Embora, de momento, não tenho pressa em averiguá-lo, resulta-me inquietante.

Sou de Ashford, Georgia.... acredito.

Ultimamente me dei conta de que alguns embaralharam tanto minhas lembranças, que me resulta, complicado classificá-los.

Estou na Irlanda.

Quando minha irmã, Alina, foi encontrada morta em um beco cheio de lixo ao norte de Dublin, a polícia local fechou seu caso em um tempo recorde; por isso, voei da América, para ver que podia fazer para que a justiça seguisse investigando.

Está bem, talvez não esteja sendo sincera sobre o motivo pelo que vim: em realidade, vim por vingança. E agora, depois de tudo o que vi, acredito que meus motivos são até piores.

Sempre tinha acreditado que minha irmã e eu fomos duas agradáveis garotas sulinas, que nos casaríamos em uns poucos anos, teríamos filhos e viveríamos uma doce e agradável vida: tomando um chá em um balanço, no alpendre sob a sombra de uma florescida magnólia, nossos meninos jogando juntos perto de mamãe e papai ... Logo descobri que nem Alina nem eu

descendíamos de uma boa família sulina, mas sim de uma antiga linha de sangue celta, dos capitalistas Sidhe-Seer, pessoas que podem ver os Fae, uma aterradora raça de seres de outro mundo, que viveram em segredo, entre nós, há milhares de anos, nos envolvendo em ilusões e mentiras, mais ou menos governados por uma Rainha, e que graças ao apoio útil de uns poucos e à ignorância de outros muitos, fizeram presa nos seres humanos durante milênios.

Supostamente sou uma das mais poderosas Sidhe-Seer que tenha nascido. Não só posso ver os Fae, posso sentir suas Relíquias sagradas, que são as mais mortíferas e mais poderosas armas de sua magia.

Eu posso as encontrar.

Eu posso as usar.

Já encontrei a mítica Lança da Longinos, uma das duas únicas armas capazes de matar a um imortal Fae.

Sou também uma Null, uma pessoa que pode congelar temporariamente aos Fae e anular seu poder com o simples toque de minhas mãos. Ajuda-me a tirar meu traseiro de múltiplos apuros quando o necessito, e ultimamente, cada vez que me dou a volta, necessito-o.

Meu mundo começou a cair em pedaços com a morte de minha irmã, e após não se deteve Após.

E não é só meu mundo, que já teria bastante problema, mas sim também é "seu" mundo: os muros entre o mundo dos Homens e os Reino Fae estão caindo. Não sei por que ou como. Eu só sei o que são. Sei o que vi graças a meu vidente sangue: na antigüidade, um escuro vento Fae, o sabor metálico de uma crua e terrível guerra aproximando-se, longínquo no ar, escutei o trovão dos fortes pés brancos dos Caçadores Fae, nos cercando com impaciência, preparados para carregar sobre nós, em uma proibida caça selvagem.

Sei que mataram a minha irmã. Enfrentei o olhar assassino de quem a seduziu, utilizou-a e a destruiu. Um ser não de todo Fae, não de tudo humano, que chama a si mesmo de Lorde Master, e que é quem tem aberto os portais entre os reino, pelos que os Unseelie entram em nosso mundo.

Os Fae se organizam com sua própria e singular hierarquia de Castas: a de Luz ou Seelie, e a da Escuridão ou Unseelie. Não deixem que isso de luz e a escuridão lhes engane: ambas são mortais para nós os humanos. É horripilante pensar que os próprios Seelie consideraram que seus irmãos mais escuros, os Unseelie, eram seres abomináveis, por isso eles mesmos os encarceraram umas centenas de eras atrás e quando um Fae teme a outro Fae, você sabe que temos problemas.

Agora Lorde Master quer liberar ao mais escuro, ao mais perigoso de nossos inimigos, deixando-o solto em nosso mundo, e lhe ensinando a infiltrar-se em nossa sociedade. E quando estes monstros caminhem por nossas ruas, só se verá o "glamour" irresistível de uma formosa mulher humana, um homem ou um menino.

Mas eu vejo o que são realmente.

Não me cabe a menor dúvida de que teria terminado tão morta como minha irmã logo ao chegar a Dublin, se eu não tinha entrado em uma livraria, propriedade do enigmático Jericó Barrons. Não tenho nem idéia de quem ou o que é, ou do que pretende, mas ele sabe mais do que eu sou e do que passa por aqui, que ninguém que tenha conhecido, e eu necessito seus conhecimentos.

Quando eu não sabia onde ir nem que fazer, Jericó Barrons me levou com ele, ensinou-me, abriu-me os olhos e me ajudou a sobreviver. Concedo que o tem feito muito bem, mas, também é certo que, não sou muito exigente a respeito de como sobreviver, sempre e quando o fizer.

Como era mais segura que meu quarto do hotel, mudei a sua livraria. Está bem protegida contra a maioria de meus inimigos e conta com uma série de diversos e desagradáveis truques; este bastão está no bordo do que chamam Dark Zone: um bairro que foi sumido pelas Sombras, amorfos Unseelie que prosperam na escuridão e se alimentam dos humanos.

Barrons e eu formamos uma precária aliança apoiada na mútua necessidade: ambos queremos o Sinsar-Dubh, o livro de magia mais negra imaginável, de um milhão de anos de antigüidade, supostamente escrito pelo próprio Rei Unseelie, que é a chave para deter o poder, tanto sobre o mundo Fae, como no do Homem. Eu o quero porque foi a última petição que me fez Alina antes de morrer, e porque suspeito que é a chave para salvar nosso mundo; ele o quer, porque diz que coleciona livros. Bem, vale, de acordo. Ao fim e ao final, todo mundo com o que tropecei ultimamente também o quer.

A caça é perigosa, a aposta enorme.

Devido a que o Sinsar Dubh é uma relíquia Fae, posso senti-lo quando está perto e Barrons não pode... mas ele sabe onde buscá-lo e eu não. Assim, estamos em uma sociedade em que não confiamos um no outro nenhum pingo.

Nada do acontecido em meus protegidos e mimados anos de vida anterior, tinha-me preparado para as últimas semanas. Acabou-se meu comprido cabelo loiro, foi cortado e tingido de escuro, pelo bem do anonimato. Atrás ficaram meus trajes de bonitos tons rosas, substituídos por monótonas cores que não mostram meu espírito. Aprendi a insultar, roubar, mentir e matar. Fui assaltada por um Fae Morte-por-sexo, que me fez despir, não uma vez, a não ser duas e em público. Descobri que sou adotada. Quase morro. Com Barrons a meu lado, roubamos um gangster e seus comparsas e levamos todos à morte. Combati e matei a dezenas de Unseelie. Lutei contra o vampiro Mallucé em um sangrento enfrentamento com Lorde Master mesmo.

Em um pouco menos de um mês, me arrumei para enfrentar com virtualmente todos os seres mágicos desta cidade. A metade daqueles com os quais tropecei, querem-me morta; a outra metade, deseja me utilizar para encontrar o mortal e cobiçado Sinsar Dubh.

Poderia correr para casa, suponho. Tentar esquecer. Tentar me esconder...., mas então recordo a Alina, e a forma em que morreu, recordo seu rosto em minha mente, um rosto como o meu, a daquela que era mais que minha irmã, a que era minha melhor amiga; quase posso ouvi-la dizendo:

"Mas bem, Júnior! O risco de um monstro como Mallucé, um Fae Morte-por-sexo ou algum outro Unseelie, implicam voltar correndo a Ashford? Tenha em conta, que existe a possibilidade de que algumas das Sombras possam dar um passeio em sua bagagem e devorar as encantadas e idílicas ruas de nossa infância, uma luz apagada cada vez... e quando vir que a Dark Zone está onde estava acostumado a estar nossa casa, como se sentiria, Mac?"

Antes que sua voz comece a desaparecer, eu já sei que seguirei aqui até que isto termine.

Até que eles estejam mortos...

.... ou eu.

Alina, sua morte será vingada

Capítulo 1

- É uma mulher muito difícil de encontrar, Srta. Lane - disse o Inspetor O'Duffy, quando abriu a brilhante porta da Livraria Barrons.

Este velho mundo da livraria era meu lar longe de casa; se em algum momento eu cheguei a gostar, apesar dos suntuosos móveis, os tapetes de valor inestimável e a interminável seleção dos principais tipos de material de leitura, já não. Uma jaula, embora seja de ouro segue sendo uma jaula.

Ele me olhou intensamente, observando meu braço e meus dedos imobilizados, os pontos de meu lábio e os, mais ou menos esvaídos machucados púrpura e amarelo, que começavam ao redor de meu olho direito e se estendiam até a base de minha mandíbula.

Elevou uma sobrancelha, mas não fez nenhum comentário.

O tempo fora, era horrível; a porta estava aberta e estava muito perto da soleira. Chovia desde fazia dias, incansavelmente, uma corrente deprimente que impactava contra mim, com um forte vento que impulsionava as gotinhas ainda quando eu estava resguardada debaixo da coluna, flanqueada pelo arco da entrada da livraria. Eram as onze da manhã do domingo, um dia escuro e coberto, tanto, que as luzes até permaneciam acesas. Apesar de sua mortiça luz amarelada, logo que podia ver as linhas gerais das lojas através da rua, através da grossa, espessa névoa.

Retrocedi para que o inspetor pudesse entrar. Rajadas de ar frio entraram com ele. Fechei a porta e continuamos a conversa perto da chaminé, onde eu tinha estado lendo no sofá, envolta em uma manta. Meu quarto se situa no último andar, mas quando a livraria está fechada nos fins de semana, estou acostumada a permanecer no primeiro andar, no salão, com seus acolhedores recantos de leitura e sua esmaltada chaminé.

Meu gosto no material de leitura se tornou um pouco excêntrico ultimamente. Muito consciente da presença de O'Duffy em meus calcanhares, recolhi dissimuladamente alguns dos títulos mais estranhos. Era um gabinete de curiosidades bastante interessante: "Os outros seres: Contos de fadas ou realidade?" "Como caçar a um vampiro, para magos e principiantes", "Uma história das Santas Relíquias"....

- Maldito clima - observou, enquanto se esfregava as mãos, para as esquentar, ante a chaminé de gás.

Assenti, possivelmente sem muito entusiasmo a sua asseveração, mas o interminável dilúvio da rua tirava o pior de mim. Uns poucos dias mais disto e iniciaria a construção de uma arca. Sabia que chovia muito na Irlanda, mas "constantemente" não aparecia em meu guia turística. Quase contra minha vontade, movida pela nostalgia de turista obrigatório, tinha cometido o engano de comprovar o tempo esta manhã, em Ashford, em minha casa: um sensual céu azul, com 35 graus de temperatura na Georgia, outro perfeito e maravilhoso dia ensolarado do Sul; em poucas horas, minhas amigas se dirigiram a um de nossos lagos favoritos, para tomar o sol, ao alcance do olhar de montões de meninos e levando as últimas revistas de moda.

Aqui, em Dublin, temperatura 17 graus, mas com tanta umidade que em cima pareciam a metade, sem sol, nem montões de meninos... e minha única preocupação a respeito da moda, é como conseguir que minha roupa dê suficiente capacidade às armas que oculto debaixo dela.

Certo! Inclusive na relativa segurança da livraria, levava em cima duas lanternas, um par de tesouras e uma letal lança, de meio metro de comprimento, com a ponta perfeitamente embalada em uma bola de papel de alumínio. Havia dezenas de lanternas e equipamento variado, dispersos pelos quatro andares da livraria, assim como algumas cruces e garrafas de água benta escondidas por diversos cantos. Barrons ria de mim se soubesse.

Você se perguntará se estou esperando um exército do Inferno.

Efetivamente, estou.

- Como me encontrou? - perguntei ao inspetor. Quando me chamou da delegacia de polícia há uma semana, ele tinha insistido na necessidade de saber onde me encontrar. Eu lhe tinha dado minha antiga direção, a do hotel onde residi por um curto tempo, a minha chegada. Eu não sabia por que lhe tinha mentido, possivelmente, porque, simplesmente, não confio em ninguém, nem sequer na polícia e, menos, na daqui. Os meninos bons e os meninos maus parecem iguais. Se não, simplesmente pergunte a minha irmã Alina, morta, vítima de um dos homens mais belos que jamais vi, o Lorde Master, que também passa por ser um dos mais perversos.

- Sou detetive, Srta. Lane - disse-me O'Duffy com um sorriso seco, e me dava conta de que não tinha intenção de me dizer mais. O sorriso desapareceu e seus olhos se estreitaram com uma sutil advertência. - Não tente mentir, saberia.

Eu não estava preocupada. Barrons havia dito o mesmo, mas apesar de seus sentidos sobrenaturais, não podia ver através de mim; se Barrons não era capaz de fazê-lo, menos seria O'Duffy.

Esperei, me perguntando que havia lhe trazido aqui. Tinha deixado bem claro que considerava o caso de minha irmã insolúvel e fechado. Permanentemente fechado.

Ele se afastou da chaminé e lançou um montão de mapas, pregados como um fole, para a mesa, entre nós. Os mapas se esparramaram em cima da brilhante madeira. Embora nada me traiu, senti uma gélida descarga em minha coluna vertebral. Já não podia olhar os mapas como o tinha feito antes, essas guias de viagens inócuas para o desorientado viajante. Agora, quando os observava, esperava encontrar em meio deles, buracos carbonizados de escuridão, nas zonas, nesses pedaços de nossas cidades, que têm caído, perdidas ante as mortais Sombras, desaparecidas de nossos mapas para sempre. Não me obsseca que não mostrem algumas coisas, mas sim não mostrem o que a mim preocupa.

Faz uma semana, O'Duffy me exigiu que lhe contasse tudo o que sabia sobre a pista que minha irmã tinha deixado no lugar de seu assassinato, as palavras que ela tinha gravado nos paralelepípedos de pedra da rua, quando estava moribunda: 1247 LaRuhe. Ele me disse que não tinha sido capaz de encontrar o dito domicílio, de maneira nenhuma.

Eu acredito.

Estive um pouco fora de meus cabais, mas isso é algo que vai melhorando dia a dia, apesar de que realmente não posso estar excessivamente satisfeita com a melhoria da minha sorte. É fácil desvairar quando a vida se lança como um elefante de duas toneladas sobre você. Não é acaso um modo de escolher, uma crença que nos faz nos sentir seguros? Minha esta mente

sobrecarregada e, sobre tudo, é tão útil como usar um guarda-chuva de papel de seda para proteger-se da chuva.

O'Duffy se sentou no sofá a meu lado, com cuidado, já que é um homem com sobrepeso.

- Quero saber o que pensa sobre mim - disse.

Ante meu educado protesto, fruto de minha educação sulina e esse pequeno gesto de gesticulação que me ensinou minha mãe, continuou:

- Estive fazendo este trabalho há vinte e dois anos, Srta. Lane. Sei o que as famílias dos casos de assassinato pensam quando me olham. Dor. Cólera - riu secamente - A convicção de que devo ser um fodido idiota que passa muito tempo nos pubs e não suficiente no posto de trabalho ou que seu ser querido descansa em paz enquanto que o assassino se apodrece no prisão.

- Apodrecer-se na prisão é um destino muito amável para o assassino de minha irmã - sussurrei.

Além disso, não estava muito segura de que uma cela pudesse reter ao da túnica carmesim, líder dos Unseelie; ele poderia desenhar símbolos no chão, seu selo pessoal, e por meio deles desaparecer através de um cômodo portal. Embora Barrons tinha dúvidas sobre minha hipótese, eu não via motivos para duvidar de que o Lorde Master era o culpado direto da morte de minha irmã.

O'Duffy calou, talvez para me dar a oportunidade de rebater seus argumentos. Mas não ia fazer. Tinha razão. Eu gostaria de poder lhe dar a razão, mas uma mancha de geléia em seu peitilho e o michelín que se sobressaía de seu cinturão, eram provas circunstanciais, que lhe condenavam ante meus olhos, como um vagueador de cafés e padarias, embora não fora de pubs.

Selecionou dois mapas de Dublin da mesa e me entregou isso. Olhei-lhe intrigada.

- O primeiro é do ano passado, o outro foi publicado faz sete anos - disse.

- E? - encolhi-me de ombros.

Faz umas semanas, teria dado o que fora por qualquer tipo de ajuda que a polícia me tinha podido emprestar. Agora que sabia o que sabia sobre a Dark Zone, Barrons, os "vizinhos" da Livraria e esse terrível baldio onde O'Duffy teria encontrado o 1247 LaRuhe, onde tinha tido um violento enfrentamento com o Lorde Master e quase tinha morrido, queria à polícia tão longe de minha vida como pudesse mantê-los. Não queria mais mortes em minha consciência. Não havia nada que a polícia pudesse fazer para me ajudar de todos os modos. Só um Sidhe-Seer podia ver os monstros que tinham feito abandonar o bairro a seus moradores e convertê-lo em uma armadilha mortal. A maioria dos humanos não sabem que estão em perigo até que estão mortos.

- Encontrei seu 1247 LaRuhe, Srta. Lane. No mapa publicado faz sete anos.... e por estranho que pareça, não existe no publicado o ano passado. Grand Walk, um bloco mas abaixo desta livraria, tampouco está no novo mapa, nem Connelly Street, uma quadra mais à frente. Comprovei-o. Fui ali antes de vir a vê-la.

OH, Deus! Ele tinha entrado na Dark Zone esta manhã? O dia tinha sido apenas o suficientemente luminoso para manter às Sombras escondidas em qualquer lugar que se ocultassem tão desagradáveis coisas! Se a tormenta tinha sido um pouco mais densa, o céu um pouco mas encapotado pelas nuvens, as Sombras poderiam haver-se dado um banquete com um Happy Meal humano. O'Duffy acaba de dançar bochecha a bochecha com a morte, e nem sequer sabia!

O inocente inspetor ondeou suas mãos sobre a pilha de mapas, esperando que os examinasse. Parecia estar shockado ou talvez zangado, incrédulo, para logo voltar a suavizar sua expressão. Não sentiam saudades suas emoções.

- De fato, Srta. Lane - O'Duffy continuou - nenhuma das ruas que acabo de mencionar se encontra em qualquer mapa recentemente publicado.

Lancei-lhe meu melhor olhar em branco.

- O que está dizendo, Inspetor? Tem a cidade suas ruas renomeadas nesta parte de Dublin? É essa a razão pela que não aparecem nos novos mapas?

Seu rosto se endureceu e seu olhar se tornou cortante.

- Ninguém há renomeado as ruas - grunhiu - A menos que o fizesse sem notificar-lhe a uma só autoridade. - olhou-me duramente. - Pensei que possivelmente poderia dever-se a alguma outra coisa... me diga, Srta. Lane... algo que pudesse soar um pouco... incomum?

Vi-o então, em seus olhos. Algo tinha ocorrido com o inspetor, recentemente, que tinha mudado radicalmente seus paradigmas. Não tinha nem idéia do que lhe tinha sacudido tão fortemente, possivelmente o excesso de trabalho, mas a investigação dos feitos tinha mudado sua visão pragmática do mundo; o caso é que, agora, ele também se interessava pelo estranho. E o que necessitava urgentemente era voltar para o ideal O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL (N. De T,; acrónimo de "o mas rápido possível"). Procurar o anormal nesta cidade, era uma perigosa maneira de atuar.

Pensei rápido. Ao fim e ao cabo, ele não tinha muito sobre o que trabalhar.

- Inspetor... - disse brandamente, com meu melhor acento sulino da Georgia, ou, como dizemos em meu lar, com uma espécie de mel verbal que tenta ocultar o desagradável sabor do que estamos a ponto de cuspir - ...deve acreditar que sou uma idiota rematada: depois de seu interrogatório e suas técnicas de investigação, qualquer pode ver que o perito neste tema é você e que eu não tenho nenhuma onça de sua capacidade nestas questões; sou consciente de quão paciente foi comigo, mas saiba que já não tenho nenhuma dúvida a respeito de sua investigação sobre a morte de minha irmã. Agora, sou consciente de que você fez todo o possível para resolver o caso... preciso parar e refletirbom ...a verdade é que me sinto um pouco envergonhada a respeito de nossos encontros anteriores. Voltei para esse beco o outro dia, olhei ao redor, sem deixar de chorar, mas sem permitir que as emoções se apropriassem de mim e me dava conta de que minha irmã não me tinha deixado nenhuma pista. Possivelmente fosse a dor, a ira ou meu desejo de que assim tinha sido, o que me fez imaginá-lo; mas, o certo é que, quem quer que fosse o que fez aquelas marcas no beco, feze-o anos atrás.

- ...quem quer que fizesse as marcas no beco? - repetiu O'Duffy cuidadosamente.

Era consciente de que ele recordava quão inflexível tinha sido, só faz uma semana, sobre o que, exatamente, minha irmã tinha gravado nesse beco.

- Certamente, poderia ter sido qualquer, poderia ter sido algo.

- Crê- de verdade, Srta. Lane?

- Sim. E devia lhe comunicar que não era sua bolsa de maquiagem, realmente. Acredito que me limitei. Mamãe me disse que Alina a comprou, mas a perdeu e mamãe a esteve procurando e a encontrou. Nós sempre acreditamos saber mais do que realmente sabemos. O feito é que me perdi em pequenas minúcias e sinto ter desperdiçado seu tempo. Tinha razão quando me disse

que eu deveria fazer as malas e ir a casa para ajudar a minha família a atravessar estes tempos difíceis.

- Já vejo. - disse lentamente, e temo que, verdadeiramente, leu-me o pensamento.

Não tinha excesso de trabalho, não era um mal pago funcionário público, não era uma bola de gordura rodada? Eu já não estava lhe aporrinhando mais, assim por que não se largavam ele e suas banhas? O caso da Alina se fechou antes de eu vir, ele se tinha negado a reabri-lo, e agora pretendia remendá-lo, reabrindo-o. Ia conseguir que o matassem!

Abandonei meu exagerado acento.

- Olhe Inspetor, o que estou dizendo é que renuncio. Não estou pedindo que você ou qualquer outra pessoa continue a investigação. Sei que seu departamento está sobrecarregado. Sei que isto não conduz a nada. Sei que é insolúvel e, aceito que o caso de minha irmã está fechado.

- Como... você amadureceu de repente, Srta. Lane?

- A morte de uma irmã pode fazer crescer a uma menina rapidamente. - disse e... Que grande verdade era isso!

- Então, voará para casa logo?

- Amanhã - menti.

- Que aero-linha?

- Continental.

- Que vôo?

- Nunca consigo recordar essas coisas. Tenho-o escrito em alguma parte... vamos, em meu quarto.

- A que hora?

- Onze e trinta e cinco

- Quem a espancou?

Pisquei, procurando uma resposta. Não lhe podia dizer que apunhalei a um vampiro e que, em troca, ele tentou matar a mim.

- Caí- Nas escadas. Terá que tomar cuidado com as escadas, podem ser perigosas

Ele olhou ao redor da habitação.

- Que escadas?

- As que estão na parte de trás.

- Como golpeou o rosto? Foi com o corrimão?

- Uh-huh.

- Quem é Barrons?

- O que?

- Esta loja se chama Livraria Barrons. Não fui capaz de encontrar, nos registros públicos, nada a respeito de seu titular, data de venda, de construção nem sequer uma licença comercial. De fato, apesar de que esta direção aparecer em meus mapas, a todos os efeitos, o edifício não existe. portanto, quem é Barrons?

- Sou o proprietário da livraria. Por que?

Dava um coice, sufocando um grito de assombro. Homem sigiloso onde o houvesse, estava de pé atrás de nós, o epítome mesmo da quietude, coberto em parte pelo respaldo do sofá, seu cabelo escuro penteado atrás, uma expressão arrogante e fria em seu rosto, nenhum pingão de

surpresa nele. Barrons era arrogante e frio; também rico, forte, brilhante e extremamente enigmático. A maioria das mulheres pareciam o achar atraente. Felizmente, eu não pertencço a "a maioria das mulheres", não é que seja imune ao perigo, sou imune a todo homem com tão forte conceito de si mesmo. O Barrons que conheço, é como uma fibra pavoneando-se pelo corredor de cereais de uma loja de comida.

Perguntava-me quanto tempo levava ali. Com ele, isso nunca se sabe.

O inspetor se girou, o olhando tranqüilamente, consciente em todo momento, do tamanho do Barrons, de suas botas com ponteira de aço e até dos chãos de madeira nobre. Jericó Barrons é muito alto, um homem poderosamente construído. Eu sabia que O'Duffy se estava perguntando como podia não lhe haver ouvido aproximar-se. Eu já não perdia o tempo me perguntando esse tipo de coisas. De fato, enquanto que guardasse minhas costas, ia seguir ignorando o feito de que Barrons parecia não rege-se pelas leis naturais da física.

- Eu gostaria de ver alguma identificação. - grunhiu o inspetor.

Estava esperando que Barrons tirasse O'Duffy da loja pelas orelhas: ele não tinha nenhuma obrigação legal de cumprir a petição e Barrons não era especialmente paciente com os néscios. De fato, não agüentava a nenhum, exceto a mim, e isso só porque ele me necessitava para encontrar o Sinsar Dubh. Não é que seja uma néscia; se for culpado de algo, é de ter a disposição alegre de alguém que desfrutou de uma infância feliz, de uns pais muito amantes, dos verões largos e preguiçosos sob os ventiladores do teto e de uma vida prazenteira em uma pequena cidade de filme no Sul... o qual é bom, mas não faz grande coisa para te preparar frente a uma vida além disso.

Barrons sorriu lobunamente ao inspetor.

- Certamente. - tirou a carteira do bolso interior de seu traje, manteve-a à vista, mas não a entregou.

- E a sua, Inspetor?

O'Duffy apertou a mandíbula, mas cumpriu. Quando os homens intercambiaram as identificações, sentei-me mais perto de O'Duffy, assim poderia bisbilhotar a carteira do Barrons.

É que alguma vez deixaria de me surpreender? Como se de uma pessoa real se tratasse, tinha uma licença de conduzir. Cabelo: negro. Olhos: castanhos. Altura: 1,90 metros. Peso: 110 quilogramas. Seu aniversário: era brincadeira? Halloween. Tinha trinta e um anos, suas iniciais eram Z. I e era doador de órgãos.

- Vejo que consta Galway como sua direção, Sr. Barrons. Nasceu ali?

Perguntei- uma vez ao Barrons a respeito de sua linhagem e ele me disse que descendia de pictos e bascos. Galway está na Irlanda, a um par de horas ao oeste de Dublin.

- Não

- Onde?

- Escócia.

- Você não fala como um escocês.

- E você não fala como um irlandês. Entretanto, você está aqui, na polícia da Irlanda. Tendo em conta que a Inglaterra esteve tratando de fazer tragar suas leis a seus vizinhos durante séculos, por que não ia estar eu neste paraíso, Inspetor?

O'Duffy tinha um tic no olho. Eu não o tinha notado antes.

- Quanto tempo leva em Dublin?

- Poucos anos. E você?
- Sou eu quem faz aqui as perguntas
- Só porque o estou consentindo.
- Posso-lhe citar na delegacia de polícia. Preferiria isso?
- Tente-o.

Possivelmente se atrevesse a tentá-lo, mas o sorriso que mostrava Barrons garantia o fracasso, bem fora por meio justo ou injusto. Perguntava-me o que teria que fazer se o inspetor fazia uma tentativa. Meu inescrutável caseiro parecia posuir um saco sem fundo de recursos.

O'Duffy olhava ao Barrons mais fixamente do que eu esperava dele. Queria lhe dizer que não há vergonha em procurar uma retirada digna. Barrons tem algo que o resto de nós não temos. Não sei o que é, mas acredito que todo o tempo, especialmente quando estamos muito perto, por debaixo dos trajes custosos, de seu ilocalizável acento e sua culta aparência, há algo que nunca terminou que sair do pântano. Ele não quer que saia. Gosta de mantê-lo ali.

O inspetor aparentemente considerou que um intercâmbio de informação era o mais prudente, ou possivelmente, só, o mais fácil.

- Vivo em Dublin desde que tinha doze anos. Quando meu pai morreu, minha mãe se voltou a casar com um irlandês. Há um homem em Chester's que diz o conhecer, Sr. Barrons. Seu nome é Ryodan. Soa-lhe familiar?

- A Srta. Lane deve ir-se. - disse Barrons imediatamente, brandamente.
- Estou perfeitamente bem aqui.

Quem era Ryodan e que era o que Barrons não queria que soubesse?

- Vamos. Escadas. Agora.

Franzi o cenho. Não tinha que olhar a O'Duffy para saber o que sentia respeito a mim, agudo interesse e lástima. Pensava que fugia do Barrons quando tinha caído escada abaixo. Detesto a compaixão, a compreensão não é tão má: a compreensão é a que permite saber a outros como se sente, não só pretendê-lo, a cruel compaixão é a daqueles que pensam que está derrotado

- Ele não me golpeou. - espetei-lhe irritada.
- Mataria-a, se o tentasse. Seguro. Ela tem muito temperamento. E é muito pertinaz, também. Mas estamos trabalhando nisso, não é assim, Srta. Lane?

Barrons me sorriu como um lobo e sacudiu sua cabeça para o teto. Algum dia, vou empurrar a Jericó Barrons na medida do que possa e veremos o que acontece. Mas, de momento, vou esperar um tempo, até que esteja mais forte, até que me assegure de que tenho uma carta de triunfo. Podem-me ter forçado a entrar nesta guerra, mas estou aprendendo a escolher minhas batalhas.

Não voltei a ver o Barrons durante o resto do dia.

Um soldado obediente, retira-se às sarjetas e como lhe ordenou, encurva-se ali. Nestas sarjetas, tive uma epifania: a pessoa te trata tão mal como você mesmo permite que lhe tratem.

Palavra chave: permitir.

Existem algumas exceções, em sua maioria, pais, família, amigos e cônjuges, embora em meu trabalho no Brickyard, vi casais casados fazer coisas piores; se alguém fizer ou diz algo em público sobre aquilo que teria que fazer-se ou dizer-se em privado, essa pessoa é alguém que eu não poderia agüentar. Fazem-lhe inferior na medida em que você lhes deixa.

Barrons podia haver enviado a minha habitação, mas eu era a idiota que o tinha permitido. Que me assustou? Que pudesse me machucar, me matar? Não me parecia provável. Ele tinha salvado minha vida a semana passada. Ele me necessitava. por que então me tinha intimidado?

Estava muito desgostada comigo mesma. Ainda me estava comportando como MacKayla Lane a tempo parcial, garçoneiro a tempo parcial, adoradora do sol a tempo completo e jovem glamourosa. Meu recente encontro com a morte me tinha deixado bem claro que o pintinho não ia sobreviver além disto, declaração enfaticamente balizada pela ruptura de minhas dez desesmaltadas unhas.

Infelizmente, no momento em que tive minha epifania e me dirigi de novo abaixo, Barrons e o inspetor se foram.

Para piorar até mais meu estado de animo, a mulher que dirigia a livraria, tinha chegado. Impactante e voluptuosa, até em cinqüenta, Fiona não se parecia comigo em nada. Tenho a suspeita de que ela sabia que Barrons me tinha beijado a semana passada, sabia quase tanto como eu, pois embora eu estava quase inconsciente quando Barrons o fez, podia recordá-lo, era algo impossível de esquecer.

Seus olhos eram venenosos, sua boca uma careta rodeada por delicadas rugas. Com cada rápida e superficial inalação, a blusa tremia sobre seus plenos peitos, como se ela tinha uma grande pressa, ou sofresse uma grande angustia.

- Que estava fazendo Jericó aqui hoje ? - perguntou irritada - É domingo. Ele não tem porquê vir no domingo. Não posso imaginar nenhuma razão para que ele venha

Ela me examinava da cabeça aos pés, procurando, acredito eu, sinais de uma recente orgia: cabelos despenteados, talvez um botão perdido de minha blusa, calcinhas ou qualquer indício passado por cima em minhas pressas por me vestir. Uma vez me tinha ocorrido, Alina tinha chegado antes que mamãe e foi ela quem me tinha pilhado. Quase ri. Uma aventura com o Barrons? Por favor, sejamos realistas!

- O que está fazendo aqui? - rebati. Não mais pequeno soldadinho. A livraria estava fechada, estava diluviando e isto parecia, cada vez mais, um chuvoso desfile.

- Estava de caminho ao açougue quando vi sair ao Jericó - disse hermética - Quanto tempo esteve aqui? Onde foi? O que estavam fazendo os dois, aqui, antes de que eu chegasse?

Estava tão ciumenta, tão vibrantes de cor eram suas palavras, que eu esperava ver fumaça verde saindo de sua boca com cada fôlego. Como se tinha conjurado a imagem, pela acusação de que tínhamos estado fazendo algo sujo, uma visão do Jericó Barrons nu, escuro, despótico e provavelmente feroz na cama, apareceu em minha mente como um flash. Pareceu-me assombrosamente erótico. Preocupada, realizei uma apressada recontagem mental de meu calendário: vale, estava ovulando. Isso o explicava. Estou acostumado a estar bastante "quente" três dias: no dia anterior, o mesmo dia e o dia depois; nossa Mãe Natureza tem uma curiosa maneira de garantir a sobrevivência da raça humana, suponho. Esses dias estava acostumado a sair com meninos que normalmente nem sequer olhava, especialmente se tinham ajustadas calças jeans; surpreendia a mim mesma decidindo se eram "lançados" ou "tímidos". Alina estava acostumada rir e me dizia "Mac, se não o pode perguntar diretamente, é que realmente não o quer fazer". Alina. Deus, quanto perdi contigo!.

- Nada, Fiona - disse. - Eu estava lá em cima.

Ela me apontou com o dedo, seus olhos brilhando perigosamente, e de repente, começou a chorar. Céus! não posso ver chorar às mulheres mais velhas, acredito ver minha mãe chorando em cada uma delas. ia consolar ela, quando ela me grunhiu:

- Acredita que curou suas feridas porque você lhe importa? você crê que lhe importa? Você não significa nada para ele! Você não pode compreender quem é esse homem e seu humor, suas necessidades, seus desejos. É uma estúpida, egoísta e ingênua menina assustada. Vá-se a sua casa!!

- Eu adoraria voltar para casa, mas infelizmente, não tenho essa opção!

Ela abriu sua boca, mas eu já não escutava o que me estava dizendo, porque ia para o andar de cima golpeando a meu passo todas as portas. Gritei algo a respeito da forma em que não tinha opções.

Ontem Barrons me havia dito que tirasse o gesso. Eu lhe havia dito que meus ossos não se curavam tão rápido, mas o braço me estava picando de novo como um louco, assim fui ao quarto de banho ao lado de meu dormitório e tirei isso. Flexionei o pulso, a mão, ...queimava um pouco, mas, evidentemente meu braço nunca tinha estado quebrado, provavelmente só deslocado. Sentia tudo, tão forte como sempre. me desprender do gesso dos dedos me fez sentir melhor. Ainda ficava algumas marcas em meu antebraço, dava voltas a meu rosto, de um lado a outro do espelho, com o desejo de que meus machucados tivessem sanado igual de rapidamente. Tinha passado a maior parte de minha vida como uma atrativa loira e, agora, era uma maltratada moça de cabelo negro curto, recolhido atrás. Uma estranha.

Enquanto eu convalescia, Barrons tinha levado um desses pequenos refrigeradores dos que usam os meninos nos dormitórios dos colégios e armazenava ali algumas coisas. Abri um refresco e me tombei atravessada na cama. Li e naveguei pela rede o resto do dia, tratando de me convencer a mim mesma sobre todas as coisas normais que me tinham passado nestes primeiros vinte e dois anos de minha vida e, de passagem, omitir conscientemente, que desde fazia uma semana, esta última semana, eu estava esperando que o exército do Inferno viesse por mim. Não sou tão estúpida como para não saber que esta relativamente calma, era a calma que precedia à tormenta.

Estava Mallucé realmente morto? Embora eu tinha apunhalado ao vampiro de olhos cor limão em meu abortado duelo com o Lorde Master, quão último recordava ver, antes de perder a consciência, tinham sido as feridas que lhe tinha infligido Barrons em represália, mas eu não estava convencida de seu falecimento. Mallucé tinha tratado de me matar, com o fim de me silenciar, antes de que eu pudesse trair seu sujo segredo, ao fim e ao cabo, lhe tinha ocultado ao Lorde Master que possuía a Pedra. Se estava ainda com vida, eu não tinha nenhuma dúvida de que ele viria por mim, mas melhor cedo que tarde.

Mallucé não era a única preocupação em minha mente.

Seria o Lorde Master realmente incapaz de passar através dos antigos amparos estabelecidos com sangue e pedra ao redor da livraria, como Barrons me assegurou? Quem tinha conduzido o carro transportando o diabólico Sinsar Dubh, diante da livraria a semana passada? Desde onde o tinham tirado? por que? O que estavam fazendo agora todos os Unseelie recentemente liberados pelo Lorde Master? Quão perigosa era eu para eles? Ser uma das poucas pessoas que pode representar um problema para eles, fazia que eles tinham uma especial fixação por me eliminar?

Dormi antes da meia-noite, a porta de meu dormitório fechada com chave, as janelas e persianas hermeticamente fechadas e as luzes acesas.

No instante em que abri os olhos soube que algo andava mau, muito mal.

Capítulo 2

Não era só meu sentido Sidhe-Seer o que me pôs sobre aviso, gritando que algo Fae estava muito perto.

Minha habitação tem chãos de madeira nobre e não há nenhuma soleira por debaixo da porta. Estou acostumado a pôr uma toalha como cunha na brecha, bem repleta de livros, trancar o pomo com uma cadeira e apoiar um abajur no gonzo, de tal forma que se algum estranho se deslizar através de minha porta, o ruído e a ruptura do abajur despertem e me dêem tempo suficiente para despertar antes de que me matem.

Ontem à noite me esqueceu.

Logo que despertei, joguei uma olhada à pilha defensiva. É a forma de me tranqüilizar, de comprovar que nada me tinha encontrado na noite e ainda seguia viva, em uma espécie de "Bem-vinda a um novo dia em Dublin, faz que mereça a pena". Esta manhã minha observação de que tinha esquecido de colocar as coisas ante a greta, foi acompanhada por outra, até mas nefasta, que fez que meu coração se congelasse: a brecha debaixo da porta estava escura. Negra como o carvão.

Deixo sempre acesas todas as luzes, toda a noite, e não só dentro de meu dormitório, mas também no interior da toda a livraria e no exterior do edifício também. O exterior da Livraria Barrons está flanqueado por potentes focos à frente, aos lados e por detrás, para manter às Sombras da Dark Zone bem afastadas. Barrons só apagou uma vez os focos exteriores de noite e dezesseis homens foram assassinados quase pegos a nossa porta de atrás. O interior também está meticulosamente iluminado com luzes em todos e cada um de seus ocos: dúzias de abajures de mesa e abajures de teto em cada rincão, em cada andar.

Desde meu intento fracassado de execução do Lorde Master, estive deixando todas elas acesas vinte e quatro horas ao dia, sete dias por semana. Barrons, até agora, não há dito uma palavra sobre a que me espera quando chegar a astronômica fatura dos serviços públicos, embora sempre posso lhe dizer que saque o dinheiro de minha conta, que, por certo, o deveria criar, posto que agora sou sua empregada no novo serviço de Detecção de Objetos com Potencia Mágica¹ ou OOPs, graças ao uso de meus talentos Sidhe-Seer, o qual, dito seja de passagem, esta bem longe de ser o trabalho de meus sonhos: o código de vestimenta se inclina para negro com saltos afiados, estilo que nunca compartilhei, pois prefiro cores rosas e perlados; o horário é péssimo, já que estou geralmente toda a noite jogando a ser psíquica em lugares escuros e aterradores, com arrepiu, roubando coisas a gente ainda mais aterradora.

¹ antigas relíquias Fae

Ele bem podia pagar minha comida e faturas de telefone e poderia inaugurar, de passagem, um subsídio para objetos de vestir, já que as coisas próprias de minha profissão revistam arruinar meu vestuário: o sangue e os fluidos verdes não são amigos do detergente.

Estirei o pescoço para olhar pela janela, seguia chovendo muito; os cristais estavam escuros e na medida do que podia observar do quente casulo de minha cama, não havia iluminação exterior; isto me golpeou tão duro como ter uma hemorragia em um tanque de tubarões famintos.

Eu não gosto da escuridão.

Desci-me da cama como uma flecha, em um momento deitada ali e ao seguinte escondida e preparada para a batalha no centro da habitação, com uma lanterna em cada mão. Escuridão fora da loja, interior escuro além da porta de meu dormitório.

- Ran... Foda, que está passando? - exclamei e logo murmurei - Sinto muito, mamãe

Criada na Bíblia Belt por uma mãe que tinha defendido firmemente a generalizada idéia sulina de que "as meninas não devem ter uma boca feia", Alina e eu tínhamos criado nosso próprio idioma para os palavrões a uma curta idade. Traseiro foi substituído por "petunia", merda por "cubos" e foder era "rã". Infelizmente, quando crescemos, dizer essas palavras em lugar das reais era ridículo, mas resultava difícil quebrar um hábito e tendiam a sair nos momentos mais inoportunos, escavando nossa credibilidade em grande medida: dizer "rã" ou "vou chutar seu petunia", sinceramente, não impõe muito ao tipo de gente com a que tropecei ultimamente, e minhas gentis maneiras sulinas tampouco é que tenham conseguido impressionar a ninguém, exceto a mim. Estive-me reciclando, é um processo lento, mas seguro.

Manifestou-se um de meus mais profundos temores enquanto eu dormia e esse poder estava fora? Era muito cedo ou eu estava equivocada?

Olhei o relógio, eram as 4:01 AM

Com as duas lanternas sujeitas em minhas mãos, agarrei torpemente o receptor do telefone. Tratei de pensar em alguém, mas estava totalmente em branco. Não tinha nenhum amigo em Dublin, e embora parecia que Barrons vivia na loja, ele raramente estava localizável e eu não nem tinha nem idéia de como chegar até ele.

Nem pensar de chamar à polícia.

Estava sozinha.

Devolvi o receptor a seu lugar e escutei atentamente. O silêncio na loja era ensurdecedor, repleto pela possibilidade de terríveis monstros espreitando com homicida alegria, justo fora da porta de meu dormitório.

Tirei uma lanterna de minhas calças jeans, para substituí-la por minha Lança, três mais precheiaram a parte de trás de minha cintura e me arrastei até a porta. Podia sentir que havia algo Fae ao outro lado, isso era tudo o que sabia, o que não: quantos ou como estavam de perto. Só tinha um vago mal-estar no estômago, acompanhado de uma coceira no cérebro que me fez senti-lo como se de um clone de um gato se tratasse: com suas garras agudas. Barrons assegurava que meus sentidos Sidhe-Seer melhorariam com a experiência. Melhor tinha sido um começo rápido ou muito me temo, que não vou viver o suficiente para vê-los melhorar.

Estou parada ao lado da porta. Levo mas de cinco minutos tentando me convencer a mim mesma para abri-la. O desconhecido é uma espécie de limbo paralisante. Eu gostaria de poder dizer que o monstro que se esconde debaixo da cama estranha vez é tão mau como nos tememos, mas minhas últimas experiências demonstram que quase sempre é ainda pior.

Abri o ferrolho, dirigi a luz de minhas lanternas para as partes mais estreitas, rincões e ocios. Uma dúzia de Sombras se retiraram com rapidez oleosa à periferia da luz, a não mais de uma polegada. A adrenalina explorou em minhas veias. Fechei de repente a porta e voltei a fechar o fecho.

Havia Sombras dentro da livraria! Como tinha podido passar? Tinha comprovado as luzes antes de ir à cama, como sempre!

Apoiada contra a porta, tremendo, perguntei-me se realmente tinha despertado ou se ainda estava sonhando. tive alguns pesadelos ultimamente, e este era, sem dúvida, material de primeiro para pesadelos. Podia ser uma Sidhe-Seer e uma mítica Null, podia ter em meu poder uma das armas mais mortíferas dos Fae, mas ainda assim, estava indefesa frente à casta mais baixa dos Unseelie. Irônico, sei.

- Barrons !!!!! - gritei.

Por ignotas razões que meu taciturno caseiro se nega a divulgar, as Sombras não lhe atacam. Que esses mortais devoradores da escuridão não se alimentem do Jericó Barrons me perturba enormemente e sempre me faço a promessa de perguntar... em outro momento, agora só necessito que ele abra um caminho direito através deles e me economize isso .

Gritei seu nome até que minha garganta esteve em carne viva, mas nenhum cavalheiro andante veio a me resgatar.

Em circunstâncias normais, se as Sombras tinham estado fora da loja, na rua, a madrugada teria impulsionado a amorfa massa de novo aonde seja que se escondesse durante o dia; mas, tinha sérias dúvidas a respeito de se, poderia filtrar-se suficiente luz através das janelas da livraria para que lhes afetasse, inclusive se o sol saísse através das densas nuvens, a forte luz solar não entraria no andar principal da livraria até as primeiras horas da tarde.

Gemi. Fiona chegaria muito antes que isso. Esta semana passada, ela tinha começado a trabalhar com horário estendido na livraria, pelo aumento da demanda dos clientes, dizia. Muitos clientes vinham cedo. Ela deveria chegar à loja precisamente às oito e quarenta e cinco AM, para abrir a livraria às nove em ponto.

Tinha que adverti-la, antes de que ela se enfrentasse à emboscada das Sombras!

E agora que o pensava, estava seguro de que se ela sabia, Barrons também saberia.

Agarrei o telefone.

- Cidade? - perguntou o operador.

- Dublin - disse rapidamente.

Certamente Fiona viveria perto. Se não, começaria com os condados da periferia.

- Nome?

- Fiona... uh... Fiona...

Com um som de desgosto, me caiu o telefone. Merda. Com pânico, dava-me conta de que não sabia o sobrenome da Fiona quando mais o necessitava. De novo, no ponto de partida.

Bem, tinha duas opções: podia ficar aqui, com minhas lanternas, segura, enquanto que em umas poucas horas, as Sombras devorariam a Fiona e a um indeterminável número de inocentes e

desventurados usuários que entrasse pela aberta porta que teria desbloqueado ela, ou fazer que meu pânico desaparecesse e evitar que isso ocorresse.

Mas, como?

A luz era minha única arma contra as Sombras. Embora eu suspeitava que Barrons seria francamente hostil à idéia de incendiar sua loja, terei que reconhecer que tampouco eu queria estar no interior do edifício quando fosse pasto das chamas, e tendo em conta que não podia saltar desde o quarta andar e não parecia muito conveniente escapar do incêndio com uma corda de lençóis de cama a modo de corda, decidi colocar esta opção na categoria "Último Recurso". Infelizmente, não podia usar meu recurso favorito: um lugar ensolarado, nas Bahamas.

Apoiei-me na porta desconsoladamente.

la ter que agarrar a luva.

Como tinham chegado dentro as Sombras, para começar?Tinha decaído o amparo em parte da loja e tinham podido deslizar-se através da greta? Podiam fazê-lo? Teve o blecaute de luzes algo que ver com sua chegada? Se era assim, podia acender de novo os computadores, armada com minhas lanternas e voltar de novo para minha habitação.

Não sei se está familiarizada com o jogo de meninos "Não tocar o crocodilo", Alina e eu estávamos acostumados a jogar quando mamãe estava muito ocupada em suas tarefas, saltávamos do sofá do salão dos domingos, com sua renda favorita cobrindo as almofadas, até essa horrível cadeira a jogo com as cortinas, e assim sucessivamente. A idéia era que o andar estava cheio de jacarés e se pisávamos em um deles, estávamos mortas; terei que ir de uma habitação a outra, sem tocar o chão em nenhum momento.

Eu precisava chegar do último andar da livraria à parte inferior sem tocar a escuridão, e não estava muito segura de como poderia não fazê-lo. Barrons diz que eles só possam acessar a nós em plena escuridão, mas poderia uma Sombra comer uma parte de mim, se por um segundo, um só pé, ou um pouco tão pequeno como um dedo do pé ficava na escuridão? O que estava em jogo, era uma aposta significativamente mais alta que um tapete rasgado, um joelho arranhado ou uma bronca de mamãe se caía: tinha visto os montões de roupa e as carcasas humanas que as Sombras deixavam depois de uma comida.

Tremendo, pu-me as botas e uma jaqueta de zipper sobre meu pijama; coloquei, acesas, duas de minhas seis lanternas na cintura de minhas calças jeans, diante e detrás; pus duas mais na cintura elástica de minha jaqueta, cujos raio de luz assinalavam meus vulneráveis dedos dos pés. Essas estavam em uma posição muito instável, se me movia muito rapidamente poderiam cair, mas eu só tinha duas mãos e nelas levava outras duas lanternas. Deslizei um pacote de fósforos no bolso e coloque a Lança em meu decote, não é que pudesse usar este arma com estes inimigos, mas podia haver outros. Possivelmente, as Sombras não eram mais que a vanguarda e o pior estava por vir.

Fiz uma respiração profunda, quadrei meus ombros e abri a porta. Quando os fochos de luz varreram o corredor, as Sombras iniciaram sua oleosa retirada. Havia Sombras de todas as formas e tamanhos diferentes. Algumas eram pequenas e magras, outras altas e largas. Não têm um fundamento real. São difíceis de detectar na escuridão, mas uma vez que alguém sabe o que procurar, é capaz das encontrar, sobre tudo, se se for uma Sidhe-Seer. São áreas mais escuras e densas que exsudam malevolência. Elas se deslocam de um lado a outro com freqüência, como se estivessem famintas e inquietas. Não fazem ruído.

Barrons diz que são apenas corpóreas, mas uma vez lhe sacode um murro a uma delas e me devolveu isso. Isso é suficiente corporeo para me preocupar. Comem tudo o que vive: pessoas, animais, pássaros e até os vermes do chão. Quando tomam um bairro, transformam-no em um páramo.

- Posso fazer isto. Está no papo! - Abraçando a mentira, encaminhei-me com minhas lanternas e entrei na sala.

Estava no papo. Graças ao céu, a energia não tinha sido desconectada, só estavam apagados os interruptores. Inicialmente, aproximei-me cautelosamente ao abajur de parede, mas quando me dava conta de que as Sombras tentavam permanecer constantemente fora do alcance direto da luz, adquiri confiança. Inclusive em um corredor sem janelas, no negrume total, as lanternas banhavam meu corpo em um fulgor branco que me protegia. Com cada interruptor pulsado, ia empurrando às Sombras situadas mais acima, até que havia cinquenta ou mais delas amontoadas na escuridão, as obrigando a retirar-se, luz a luz, andar a andar.

Para quando chegou o momento de irquebrar no primeiro andar, sentia-me já o suficiente convencida de minha capacidade para limpar a loja da invasão do Unseelie. Dirigi-me rapidamente para a parte de atrás salão, em direção à luz situada na parede oposta. Não levava nem três passos dentro da habitação, quando uma brisa úmida ondeou meu cabelo. Dirigi minhas lanternas nessa direção. Havia uma janela aberta para o beco traseiro da livraria!

A verdade me golpeou ineludivelmente: luzes apagadas no interior e no exterior, janelas totalmente abertas? Alguém estava tratando de me matar!

Dirigi-me em enxurrada para a janela. Minhas lanternas se agitavam em todas as direções, sugerindo um efeito vertiginoso de luzes estroboscópicas, absolutamente fora de controle. As Sombras aterradoras estalaram como pombas, chegando através da janela aberta do santuário da noite.

Ja!. Magnífica purgação!

Acabava de chegar à janela que elas necessitavam para entrar, quando minhas mãos e joelhos se congelaram. Enfrentada à negrume, vi um rosto ainda mais escuro, era uma Sombra que não tinha fugido... e não era uma das mais pequenas precisamente. Estava contraída para ocupar os pedaços de escuridão entre as lanternas, serpenteando, debaixo das vigas. Não queria pensar no quão terrivelmente rápida de reflexos que devia ser para fazer esse truque. Era tão alta como o teto em vários lugares, media pelo menos vinte pés de comprimento, e era pulsante como um escuro câncer, pulsando no bordo da luz.

Aspirei em um sopro. Tinha tentado fazer uma espécie de ensaio com as luzes antes, mas não tinha tido suficiente tempo para conhecer os resultados da prova. Murmurei uma fervente oração para que não fosse um fracasso. Minhas lanternas foram pulverizadas pelo chão. Duas delas ficaram me enfocando a esquerda e direita. Eu estava o suficientemente longe como para que os fachos misturados de ambas as luzes banhassem absolutamente todo meu corpo, mas se tinha que me aproximar para uma delas, o feixe se reduziria tanto que deixaria grandes parte de mim na escuridão. tratava-se de um risco excessivo com esta anormalmente agressiva e gigantesca Sombra, escondida sobre mim.

Ali plantada, vi como uns serpenteantes brincos da Sombra avançavam para frente, um para meu cabelo, fracamente iluminado por um halo de luz e outro para os dedos de meus pés, palidamente juntos, sobre o chão.

Estirei minha mão de novo, torpemente, para meu bolso e tirei um fósforo. Um picante aroma de enxofre empapou o ar úmido quando o acendi. Os brincos se retiraram. Embora seja difícil de assegurar, com algo que não tem rosto, juro que me estava estudando, procurando minhas debilidades. Teria que queimá-la. Deixei cair esse fósforo e acendi outro. Não havia maneira de que pudesse me tirar a jaqueta, sem que parte de meus braços e de meu torso ficassem parcialmente expostos à perigosa escuridão. Do mesmo modo, a turca estava muito longe, detrás de mim, para ser de utilidade. Mas... o principesco tapete persa debaixo de mim estava começando a fumer, exalando uma baforada suave de fumaça, em que brilhavam pequenas brasas. A Sombra se retirou, expandiu-se e logo se contraiu e juro que senti como se burlava. Espero, realmente, estar equivocada, de verdade espero que não sejam capazes de ter pensamentos complexos.

- Ao parecer, necessita ajuda, Sidhe-Seer

Uma musical voz de barítono entrou através da janela, sobrenatural, sensual e poderosa como o estalo de um trovão.

Capítulo 3

Não era meu cavalheiro andante. Era V'lane. E eu, aqui, pensando que as coisas não podiam ser piores...

Não é um cavalheiro, a não ser um Príncipe dos Seelie ou Corte da Luz; em todo caso, ele pode acreditar ser um cavalheiro, mas, certamente, não andante; V'lane é um caso do Fae "Morte-por-sexo". Eles não procuram aventura e romance, mas sim incitam a morrer de paixão.

Olhei-me, para ver se ainda tinha posta minha roupa.

Tranqüilizou-me encontrá-la.

Os Fae deste tipo, exsudam uma sexualidade tão intensa que anulam todos nossos instintos de sobrevivência, turvam a mente de uma mulher, o que provoca seus eróticos sentidos além de qualquer experiência anterior, em uma espécie de giro desumano de despertar animal, de mendicidade sexual. O primeiro que faz uma mulher quando eles se mostram é começar a despir-se, onde seja.

Em uma novela romântica poderia considerar-se quente, sexy e inclusive atraente. Na crua realidade, é gelado, aterrador e a maioria das vezes, mortal. Se a mulher sobreviver, converte-se no Pri-JÁ, apenas um ser pensante, uma viciada no sexo Fae.

Joguei uma olhada para trás, à Sombra e apressadamente acendi outro fósforo. Em todo caso, sei que, agora, olhava-me ainda mais intensamente

- Bem, me vai ajudar? JÁ!! - perguntei

- Isso significa que você aceita meu presente?

Durante nosso primeiro encontro faz várias semanas, V'lane me tinha devotado uma mística Relíquia conhecida como a Cuff de Cruzamento, um gesto de boa vontade, dizia ele, em troca de minha ajuda para encontrar o Sinsar Dubh e dar-lhe a sua governante, Aoibheal, rainha da Corte Seelie. Segundo ele, a posse do bracelete protege à pessoa que o leva frente a um grande sortido de seres asquerosos, incluídas as Sombras.

Segundo meu anfitrião e mentor intratável, nos entendimentos com um Fae sempre há uma armadilha, eles não acreditam na revelação completa dos segredos. De fato, ninguém acredita na absoluta honestidade. Comunicaríamos-lhe nós, nossas intenções a um cavalo antes de montá-lo ou a uma vaca antes de comer ela.

Talvez a posse do bracelete me salvasse ou, possivelmente, escravizasse-me. Ao pior, matava-me.

Durante nosso último encontro, V'lane me tinha feito me masturbar em um lugar público; que o tinha feito em um lugar privado não teria sido muito melhor, mas simplesmente tinha acrescentado o insulto à injúria; tinha recuperado o controle de mim mesma, só para descobrir que estava quase nua em meio de uma multidão de voyeurs enquanto me masturbava. Este era um ferina e odiosa lembrança. Havia acumulando uma grande quantidade deles ultimamente.

Mamãe seguro que tinha melhores planos para mim; eu gostaria de resenhar em altares da posteridade que, Lane Rainey, era uma honrada mulher.

Disse a V'lane, com toda série de explícitos e vívidos detalhes, o que ia fazer com ele a maior brevidade possível, e, exatamente, onde ia cravar lhe minha assassina e afiadíssima Lança Fae, tudo isso orvalhado com os mais coloridos e insultantes adjetivos. Eu podia ser um pouco dissimulada, mas uma garçonete obtém uma "certa educação" tanto se ela quiser como se não.

Tinha quatorze fósforos ainda. Acendi outro.

Emoldurado na janela, além da sombra, estava V'lane, com sua brilhante pele dourada, olhos de âmbar líquido, inumanamente formoso, com uma aveludada noite como cortina de fundo. Acredito que flutuava no ar. Ele ondeou seu cabelo, uma cascata dourada de reflexos metálicos com faíscas, um corpo masculino de sensual perfeição, uma tentação hedonista, que, eu não tinha nenhuma dúvida, teria provocado gargalhadas de satisfação em Satanás o dia de sua criação... gargalhadas que, por certo deveriam soar muito parecidas com as que V'lane lançava agora. Quando sua risada diminuiu, ouvi-lhe murmurar:

- Doce que foi quando chegou aqui...

- Como sabe como era eu quando cheguei aqui? - exige. - Quanto tempo faz que me esteve observando?

O príncipe Fae arqueou uma sobrancelha, mas não disse nada. Esse arqueamento de sobrancelha lhe converteu em Pão, Baco e Lúcifer juntos, um milhar de pinceladas de "estejam". Literalmente.

- por que não vem? - perguntei-lhe docemente. Tinha uma suspeita e queria comprová-la.

V'lane tinha a boca apertada e, agora, foi meu turno de rir. Barrons era assombroso.

- Você não pode passar através dos amparos! É a razão pela que não estou nua? - o fósforo me caiu dos dedos quando comecei a me queimar e acendi outro. - Os amparos diminuem de algum jeito seu pod... ?

Nem sequer cheguei a terminar a frase. Um incêndio debilitante de necessidade sexual me atacou

- Tenho-fome-de-alcançar-as-estrelas-contigo-por-favor-por-favor-dá-me-o-que-necessito - chamuscando meus pulmões, derretendo meu cérebro e carbonizando minha espinha dorsal. Derrubei-me no chão, cinzas humanas.

Tão repentina e inesperadamente como o inferno sexual tinha arrasado cada célula de meu corpo, desapareceu, me deixando fria e, por breves momentos, em uma dor agonizante, vorazes

prazeres que só podem ser objeto de uma fugaz olhada, como uma mesa de banquete em que os seres humanos nunca foram convidados a sentar-se. Fruto proibido. Fruta venenosa. Fruta pela que uma mulher poderia vender sua alma. Talvez inclusive trair à humanidade.

- Tome cuidado, Sidhe-Seer. Decidi ser magnânimo. Não tente sua sorte.

Bloqueei minha mandíbula e me encolhi em mim mesma; acendi outro fósforo para estudar a meus inimigos. Com a piscante luz, observei que ambos me estavam devorando, vale, possivelmente de diferente forma, mas obrigada a escolher, acredito que preferiria a morte por Sombra.

- Por que me escolheu ?

- Quero que sejamos... como o chamam.... amigos.

- Os violadores psicóticos não têm amigos.

- Eu não sabia que fosse uma violação psicótica ou do contrário não a teria devotado

- Ja!! - pois me parecia que eu era o primeiro exemplo.

Ele sorriu, e senti uma repentina urgência de acreditar tudo o que, sabia positivamente, era um maravilhoso mundo de ilusões. Um príncipe Fae, uma espécie de murro psíquico. Barrons dizia que a totalidade de seu ser estava desenhada para seduzir a todos os níveis: glamour, ilusão e enganos amontoados em seu ser. Não pude acreditar nenhuma palavra do que lhe dizem.

- Não estou acostumado a me relacionar com os seres humanos e acredito que subestimo meu impacto sobre eles. Não entendo como a Sidhba-JAI pode perturbá-la tão profundamente. Eu gostaria de começar de novo - disse.

Deixei cair meu fósforo e acendi outro

- Poderia começar me liberando da Sombra.

- Com o bracelete seria capaz de passar entre eles livremente, sem temor. Você nunca seria vulnerável de novo. por que se nega a ter esse poder?

- OH!, mmmmmmm, vejamos... possivelmente porque confio em você menos ainda que nas Sombras? Ao menos as Sombra são muito estúpidas para ser enganosas. Acredito.

- O que é a confiança, Sidhe-Seer, a não ser comportar-se em consonância com as ações realizadas anteriormente?

- Grande definição. Examine suas ações anteriores

- Fiz-o. É você a que não me compreende. Vim oferecendo um presente, proteger sua vida. Você é uma formosa mulher que chama a atenção dos homens. Eu lhe dei minha atenção, mas não sabia que o Sidhba-JAI lhe ia angustiar tanto, inclusive ofereci a você esse prazer, sem preço. Você me negou isso. Talvez estava ofendida. Você me ameaçou com uma arma roubada. Fala-me das razões para não confiar, mesmo que dei a você uma multidão para que confie. Estou começando a pensar que você tem tendências homicidas. Apesar de suas contínuas ameaças de me fazer coisas vis, fico aqui, em que pese a suas ofensas, lhe oferecendo minha ajuda.

Estava começando a ficar sem fósforos.

Como tinha manipulado tão habilmente as coisas? Como se ele não tinha feito nada mal e fosse eu a perigosa.

- Né, para o carro, Campainha! Desfaz de meu problema e então falaremos.

- Voluntariamente? Falaremos?

Outro fósforo.

Havia alguma armadilha em algum lugar, mas não fui capaz de intuir qual era.

- Hei-lhe dito que o faria.
- vamos falar como amigos.
- Os amigos não tem sexo, se for nisso no que está pensando.

Isto não é certo, mas ele não precisava sabê-lo. Sou da geração de "o sexo só é sexo", amor e ódio. Não só os apaixonados têm relações sexuais, as pessoas que se não gosta especialmente também têm relações sexuais. Tinha pilhado uma vez a Natalie e Rick, dois conhecidos, que não podem estar separados um do outro, golpeando-se no quarto de banho do Brickyard. Quando mais tarde lhe perguntei o que tinha acontecido, ela não disse nada, ela ainda não podia manter-se em pé, mas seguro que lhe esperava bem quente essa mesma noite. A ninguém lhe escapa que entre eles sozinho havia sexo, e se o tratam como se não fosse nada, então o que é o que fica? Já não voltei a limpar os banhos, deixei o trabalho a Valha, já que ela era a de menor antigüidade no posto.

Nos últimos anos, estive procurando um bom e tradicional compromisso, desse tipo no que o moço se promete, faz planos, recolhe-te em um carro que não é de seu pai ou de sua ex-noiva, e te leva a alguma parte que supõe que, possivelmente, poderia gostar, e não como em meu ultimo encontro, a um filme de muitos nus ou golpes. Estou procurando o tipo de compromisso que começa com uma boa conversação, doce e satisfatório no intermédio e termina com um comprido e lento epílogo de beijos de sonho, desses que lhe dão a sensação de estar caminhando entre as nuvens.

- Isso é o lembrado. vamos sentar nos, nós dois e falar das ameaças, os temores e as diferenças entre nós. vamos passar a uma de "suas" horas como amigos.

Eu não gostei da maneira em que tinha enfatizado esse "uma de suas horas"

- Nossas horas são muito mais largas que as humanas, Sidhe-Seer. Vê como posso conversar sinceramente com você? Informá-la a respeito de nossas maneiras, assim começa a confiança.

Algo a respeito da Sombra chamou minha atenção. Custou-me um minuto entender o que era. Seu comportamento tinha mudado. Ainda era agressiva, mas, agora, estava zangada. Podia senti-lo, da mesma maneira que antes senti sua brincadeira. Também sentia que sua ira não estava dirigida a mim. Acendi outro fósforo e observei. Tinha quatro fósforos ainda e a incômoda suspeita de que V'lane estava fazendo algo para frear ao amorfo broto de vida. Era possível que esta antinatural Sombra me tinha vencido, inclusive na luz, se V'lane não tinha estado aqui neste momento? Tinha estado esperando na janela desde o começo?

- Uma hora - sentei-me no chão - mas não me vou pôr o bracelete. E você, não fará nenhum intento sexual, de nenhum tipo. E necessito café antes de começar.

- Não agora. Em um momento que eu escolha MacKayla.

Ele me estava chamando por meu nome, como se fôssemos amigos. Eu não gostei absolutamente. Acendi meu ultimo fósforo.

- Bem. Acabe com meu problema.

Perguntei-me que é o que acabava de acordar e quantas mais demanda ia fazer V'lane antes de livrar-se da Sombra; não tinha nenhuma dúvida de que ele apuraria até o último momento para me assustar e me humilhar na medida do possível, quando a Fada macho, exclamou burlonamente:

- Faça-a luz!

De repente, todas as luzes na habitação se acenderam, a Sombra explodiu, destroçada em inúmeras peças escuras. O resto, escapou para a noite, fugindo como frenéticas baratas e pude sentir a dor inexprimível dos Unseelie. Se a luz não os tinha matado, certamente, esta era sua versão mais próxima do Inferno.

Depois de que desaparecesse o último fragmento do parapeito da janela, apressei-me a fechá-la.

O beco estava, de novo, perfeitamente iluminado. E vazio.

V'lane se tinha ido.

Recolhi minhas lanternas, coloquei-as de volta em minha cintura, e caminhei através da loja, à caça de Sombras que espreitassem nas esquinas ou escondidas nos armários. Não encontrei nenhuma. Todas as luzes estavam de novo acesas, por dentro e por fora.

Estava profundamente preocupada. Com o mesmo esforço com o que V'lane me tinha ajudado, ele podia voltar a provocar a escuridão, inclusive sem ter que entrar na loja.

O que outras coisas podia fazer como poderoso Príncipe Fae que era? Poderia anular os amparos? Falando dos amparos...por que não tinham sido capazes de manter as Sombras afastadas? Acaso as guardas eram só efetivas contra Lorde Master? Se Barrons podia realizar conjuros, por que não tinha protegido todo o edifício contra tudo?

Era evidente que a livraria era só uma cobertura do Barrons, pois este necessitava tanto o dinheiro como a Irlanda necessitava mais chuva.

Necessitava respostas. Estava doente por não receber nenhuma. Estava rodeada de egoístas, imprevisíveis, mal-humorados e quase-sádicos e minha intenção era algo assim como "se não puder com eles, te una a eles". Confiava em que, também, poderia ser uma quase-sádica. Só necessitaria um pouco de prática.

Eu queria saber mais a respeito do Barrons, queria saber se ele vivia neste edifício ou não, queria saber mais a respeito de sua misteriosa garagem. Lhe tinha escapado, não faz muito, algo a respeito de uma abóbada de três plantas por debaixo dele. Queria saber o que armazena um homem como ele em uma abóbada subterrânea.

Comecei pela loja. A metade dianteira é justo o que parece: uma eclética e bem sortida livraria. Desprezei-a e me transladei pela parte traseira à outra metade. O primeiro Andar é tão impessoal como um museu, aberta e equipada com antiguidades e obras de arte de preços exorbitantes, mas nada que mostrasse uma verdadeira imagem da mente do homem que tinha adquirido essas maravilhas. Inclusive seu estudo, uma habitação que eu esperava que oferecesse alguma imagem pessoal do homem, apresentava somente o frio e impessoal reflexo de um grande espelho emoldurado de madeira que ocupava a parede, estantes de cerejeira para livros e detrás da decoração, um escritório do século XV. Não havia dormitório, cozinha, sala de refeição ou sala no primeiro andar.

Todas as portas dos segundo andares e terceiro estavam bloqueadas. Eram pesadas e sólidas portas de madeira com fechaduras complicadas que não podia abrir pela força. Comecei a dar golpes e patadas, timidamente, porque tinha medo de que Barrons estivesse em alguma das habitações, para quando cheguei à terceiro andar, estava lhes dando uma boa fileira de patadas com todas minhas forças.

Tinha-me despertado esta noite para me encontrar a mim mesma rodeada de escuridão. Estava cansada de viver na escuridão. Eu estava cansada de que todos outros tinham o controle das luzes.

Encurvei-me e me dirigi fora, à garagem. A chuva tinha diminuído, mas o céu ainda estava escuro pelas nuvens nubladas e o amanhecer era uma promessa em que não teria acreditado, se não tinha vivido vinte e dois anos sabendo que existia. Abaixo, à esquerda da rua, inquietas Sombras tomavam forma na escuridão, no bordo do bairro abandonado.

Com ambas as mãos, empurrei a porta da garagem. Fechada, é obvio. Fui a mais próxima das janelas, fechada, e rompi os cristais com a culatra de minha lanterna. O ruído dos cristais quebrados, acalmou minha alma. Não soou nenhum alarme.

- Chupe esta, Barrons! Parece que seu mundo não está tão perfeitamente controlado, depois de tudo.

Talvez, só havia barreiras contra as ameaças de outros, como o a livraria, mas não contra mim. Tirei todas as partes dentadas de vidro do marco, para não me cortar e me icei à plataforma. Atirei-me ao chão. Corri a acender a luz, ao lado da porta e comecei a sorrir como uma idiota. Tinha visto sua coleção antes, inclusive me tinha montado em uns poucos dos carros, mas a vista de todos eles juntos, era uma brilhante fantasia feita realidade para alguém como eu.

Eu adoro os carros. Desde elegantes e esportivos, sedan de luxo a coupé de alto rendimento, do mais técnico ao mais clássico, sou uma fanática dos carros e Barrons os tinha todos. Bom, talvez não todos. Não o tinha visto conduzir um Bugatti ainda, e, verdadeiramente, com 1003 cavalos de força e um milhão de dólares de preço, não podia esperar que o tinha, mas ele tem virtualmente todos outros carros de meus sonhos, até o sessenta e quatro e meio Stingray, mas quem mais pintaria de verde um carro de corrida inglês? Ali, um Maserati negro escondido junto a um Wolf Countach, um vermelho Ferrari ronronando na soleira, ao olhar a seu lado meu sorriso desapareceu no ato: o Maybach do Rocky O'Bannion, me recordando dezesseis mortes que não deveriam ter ocorrido, homens que não tinham merecido morrer, dezesseis mortes que me tinham comprado uma demora temporária de minha própria execução.

Onde pôr esses sentimentos? Isto é o que se chama crescer e começar a compartimentalizar? É isso, só, outra forma de escapar de nossos pecados? ratear uns poucos daqui e lá, empurrá-los a nosso interior, ocultar alguns em gavetas individuais de modo que possamos seguir vivendo com o peso deles, já que se os confrontássemos coletivamente poderíamos nos afogar?

Tirei meu pensamento dos carros e comecei a procurar portas.

A garagem tinha sido uma vez, algum tipo de armazém comercial e me surpreenderia que não chegasse a ocupar quase uma quadra. As plantas eram de concreto, vigas e vigas de aço. Todas as janelas estavam pintadas de negro, do bloco de vidro perto das aberturas dos tetos, às duas duplas abertas, perto do chão e a porta, uma das quais era pela que eu tinha entrado. A garagem tinha uma única porta retrátil. Além disto e um montão de carros, não havia nada. Nem escadas, nem armários, nem alçapão ocultas sob as esteiras de borracha do chão. Sei, esperava-me isso, não havia nada.

Onde estavam os três níveis subterrâneos e de que maneira se supõe que podia acessar-se a eles?

Parei-me no centro da enorme garagem, rodeada por uma das melhores coleções de carros do mundo, escondida em um beco, de uma rua-sem-nome, em Dublin, e tratando de pensar em como era seu estranho proprietário. Tratava-se de um exercício inútil. Eu não sabia que escondia sua mente. Possivelmente só havia a fria eficácia de um microchip em sua cabeça.

Senti, mais que escutei, um ruído a meus pés.

Girei minha cabeça, escutando. Depois de um momento, pus-me de joelhos, escovando com minhas mãos uma fina capa de pó e meu ouvido pressionado contra o frio chão. Longe, debaixo de mim, na medula da terra, algo soava. Soava enloquecedor, bestial e punha os cabelos de ponta por todo o corpo. Fechei os olhos e tratei de imaginar que boca era capaz de fazer esse som. "Isso" gemia uma e outra vez, cada arrepiante uivo durava um minuto ou mais, levantando ecos desde sua tumba.

Que havia ali abaixo? Que tipo de criatura possuía tal capacidade pulmonar? por que para esse som? Era mais um escuro lamento de desespero que um de sofrimento físico; era o sombrio, torturado, grito de uma coisa além da salvação, abandonado, perdido, condenado à agonia do inferno sem princípio nem final.

O arrepiu brotou em todo meu corpo.

Houve um novo grito então, uma vez mais, aterrorizado, torturado. Aumentou o horripilante concerto um comprido e terrível uivo.

Ambos se detiveram.

fez-se o silêncio.

Golpeei meus nódulos contra o chão de frustração, me perguntando até onde agüentaria minha cabeça. Já não me sentia tão quase-sádica ou avassaladora; fui, para voltar para minha habitação. Quando saí ao beco, o vento pulverizou lixo ao longo da calçada e revelou um farrapo de céu escuro, entre as densas nuvens. O amanhecer se aproximava, entretanto, a lua estava ainda brilhante e plena. A minha direita, na Dark Zone, não havia Sombras escondidas. Tinham fugido de algo, e não era da lua ou da madrugada. Tinha visto muito ultimamente desde minha janela, e eram persistentes até o último momento.

Olhei a minha esquerda e exalei meu fôlego

- Não. - sibilei.

Acaba de sair, além da construção e da iluminação, negro, envolto em dobras de tecido que ondulavam na meia-noite com o vento. Várias vezes, durante a semana passada, pensei que tinha visto algo através da janela, tarde, quase de noite. Algo tão trilhado e clichê que me tinha negado a admitir que fosse real. Mas não agora. O Fae tinha sido já bastante mau.

- Você não está aqui - disse-lhe.

Saí disparada através do beco, atravessei as escadas do alpendre abovedado, abri a porta a patadas e me equilibrei através dele. Quando olhei para trás, o fantasma se foi.

Eu ri como uma louca. Possivelmente nunca tinha estado ali, realmente.

Tomei uma ducha, sequei meu cabelo, vesti-me, agarrei um refresco de cafeína da geladeira e fui abaixo, bem a tempo para que Fiona se apresentasse e a polícia viesse a me deter.

Capítulo 4

- Já o disse a você. Ele estava trabalhando no caso de minha irmã.

- E quando o viu?

- O disse também: ontem pela manhã. Veio à livraria

- por que foi à livraria?

- OH, pelo bem dos céus! Também o contei: para me dizer que tinha reconsiderado o caso, mas que como não havia novas provas, sentia muito, ia ter que voltar a fechá-lo

- Espera você quer que crea, que o Inspetor O'Duffy, que por certo tem uma formosa esposa e três filhos, que vai à igreja todos os domingos, seguido do pertinente almoço familiar, tradição pela que se desculpou só quatro vezes nos últimos quinze anos, visita pessoalmente à irmã de uma vítima de assassinato, para lhe dizer que um caso que já foi fechado vai permanecer fechado?

Bom, cubos... digo ... merda! Inclusive eu estava apanhada pelo ilógico da situação.

- por que não usou o telefone?

Encolhi-me de ombros.

Meu interrogador, o Inspetor Jayne, mandou fora aos dois oficiais que flanqueavam a porta da habitação. Ele se levantou da mesa e me rodeou, parando-se detrás de mim. Podia senti-lo de novo ali, me olhando de cima. Eu era muito consciente da Lança, escondida em minha bota, no interior da perna da calça de minhas calças jeans. Se me acusavam e me registravam, teria muitos, muitíssimos, problemas.

- É uma atrativa e jovem mulher, Srta. Lane.

- Perdão?

- Há algo entre você e o Inspetor O'Duffy?

- OH, por favor! você crê de verdade que é meu tipo?

- Era, Srta. Lane. Acredito que "era" seu tipo. Está morto.

Recebi a polícia abatendo-se sobre mim, tratando de utilizar uma postura do corpo dominante para me intimidar. Ele não podia saber como tinha sido de mau meu dia, nem que não existiam no mundo humano, muitas coisas que me dessem medo já.

- Você vai me deter ou não?

- Sua esposa disse que ele tinha estado distraído ultimamente. Preocupado. Não comia. Ela não tinha nem idéia da causa. Sabe você?

- Não, já o hei dito, meia dúzia de vezes. Quantas vezes mais vamos repetir isto?

Soava a mim mesma como uma má atriz em um pior filme.

- Por muitas vezes que me diga isso, repetiremo-lo outra vez, desde o começo. me diga, de novo, como foi a primeira vez que lhe viu aqui, na delegacia de polícia.

Respirei profundamente e fechei os olhos.

- Abra os olhos e me responda à pergunta.

Abri meus olhos e lhe cravei adagas com eles. Eu ainda não podia acreditar que O'Duffy estava morto. Realmente, meu mundo me estava asfixiando; ele tinha sua garganta aberta por um fio de aço e um papel com meu nome e a direção da livraria escrita nele. Não tinham demorado seus companheiros de armas, bom, não exatamente de armas, pois a polícia de Dublin não vai armada, em vir a me buscar. Tinha passado a manhã, depois de uma noite de batalhar com as Sombras, com um Fae Morte-por-sexo e de ter descoberto que algo monstruoso vivia debaixo da

garagem do Barrons, justo detrás de meu dormitório, na delegacia de polícia, sendo interrogada sob a suspeita de assassinato. Poderia ser qualquer dia pior?

OH! Bom, não tinham apresentado cargos formais, mas seguro que eles utilizariam comigo táticas de intimidação antes de poder retornar à livraria. E tinha deixado claro que podia saltar em qualquer momento em que pudesse me encontrar encurralada.

Era uma estranha nesta cidade, quase todas as respostas que tinha dado soava evasivas, porque, realmente, eram-no e a visita de O'Duffy do domingo pela manhã era realmente suspeita.

Repeti a mesma história que tinha contado fazia uma hora, e uma hora antes e uma hora antes disso. O interrogador repetia as mesmas perguntas que ele e outros dois homens antes que ele, já me tinham feito. Toda a manhã e boa parte da tarde. Eles me permitiram um recesso de quarenta e cinco minutos enquanto foram almoçar, retornando com um fragrante aroma de pescado marinado e batatas fritas, em suas mais variadas formas, minuciosamente desenhadas para que viajassem até mim. A cafeína de meu refresco se tinha gasto faz horas e morria de fome.

Por uma parte, podia apreciar o que estava fazendo o Inspetor Jayne, era seu trabalho, que, por certo, estava fazendo muito bem, e era evidente que Patrick O'Duffy tinha sido seu amigo; eu esperava que fosse capaz de fazer o mesmo pela Alina; mas, por outro lado, enfurecia-me. Meus problemas eram muito maiores que isto: tinha minha própria maldita epopéia, atualmente, e, não só isso, sentia-me exposta.

Excetuando minha viagem através da parte posterior do beco esta mesma manhã, não tinha pisado fora da livraria, desde que vi o que tinha visto no armazém da 1247 LaRuhe fazia uma semana: havia-me sentido como um objetivo móvel com um alvo grafite na frente.

O Lorde Master sabia já onde me encontrar? Como estava eu de alto em sua lista de prioridades? Seguia incrementando seu "pessoal" através do Portal? Esteve presente na livraria? Teria a seus Rhino-Boys, os cães guardiães Fae, a casta inferior de enorme, feia e cinza pele dos Unseelie, com amplos órgãos sexuais em forma de barril, pendurando de seu abdômen, esperando o momento em que saísse da delegacia de polícia de polícia para apoderar-se de mim?

Nesse caso, intento formalmente conseguir que me detenham para evitá-lo?

Não, descartado

No instante em que pensei que os seres humanos não podiam me manter viva, pisquei surpreendida, ao me dar conta de que já não contava a mim mesma entre eles.

- Ele era meu cunhado - disse bruscamente. Assenti. - Assumindo que não tenha nada que ver com seu assassinato, ainda tenho que encontrar uma forma de lhe dizer a minha irmã que caralho estava fazendo com você a manhã de sua morte! - disse amargamente - Assim, que lhe digo que fazia, Srta. Lane? Desde que chego a seu conhecimento sua patética história, Patty não podia concentrar-se, fez um seguimento do caso em seu tempo livre. Desde não havê-la conhecido, Patty seguiria com vida, porque Patty amava a sua família.

Espremi desconsoladamente minhas mãos, cuidadosamente dobradas em meu regaço. Necessitava, e muito, uma manicura. Tratei de imaginar o que a esposa de um funcionário que tinha morrido poucas horas depois de visitar uma bonita jovem pensaria das razões que lhe davam da estúpida visita, o que sentiria e o que imaginaria. Ela saberia que era mentira e o desconhecido sempre adquire uma maior, mais terrível proporção que seja qual seja a verdade que se esconde

detrás da mentira. Consideraria que, como seu irmão dizia, seu querido Patty tinha enganado e traído seus votos matrimoniais a manhã em que morreu?

Nunca gostei de mentir. Mamãe nos ensinou que cada mentira que plantássemos no mundo, em algum momento, inevitavelmente, voltaria e nos morderia na petunia. Rã!... errrrMerda!

- Não posso explicar as ações do Inspetor O'Duffy. Só posso lhes dizer o que fez. Ele veio a me dizer que o caso da Alina, ia permanecer fechado. Isso é tudo o que sei.

Tinha a suspeita de que O'Duffy tinha visto, de algum jeito, que algo grande, desagradável, e não humano se trasladaram a Dublin, e tinha sido assassinado por isso. Mas se lhes contava a verdade, não me iriam acreditar nem de longe.

A tarde era interminável: Quem é proprietário da livraria? Como diz que você se reuniu com ele? por que fica você ali? Ele é seu amante? Se seu caso está fechado, por que não se foi a casa? Como se fez esses machucados na cara? Está você trabalhando em alguma parte? Como faz para pagar seu sustento? Quando tem previsto voltar para casa? O que sabe a respeito dos três carros abandonados na parte de trás do beco da Livraria Barrons?

Todo o tempo, esperei que Barrons viesse em meu resgate, produto de crescer em um mundo no que nos contos de fadas infantis, o príncipe se precipita ao resgate da princesa, sonhar ...até que a imagem deste estranho novo mundo, o daqui fora, demonstra-te que as regras mudaram: cada princesa se resgata a si mesmo.

São cinco e quarenta e cinco antes que, finalmente, possa-me ir. O cunhado de O'Duffy me acompanha à porta.

- Vou estar vigiando-a, Srta. Lane. Cada vez que se dê a volta, é meu rosto a que vai ver. Vou ser um grão em seu traseiro.

- Bom - disse tirante - Posso obter uma viagem de volta à livraria?

- Não, isso não o obterá.

- O que acontece o telefone? Posso usá-lo? - lançou-me outro duro olhar - Será brincadeira! Vocês não me deixaram trazer minha bolsa esta manhã. Não tenho dinheiro a um táxi. O que acontece se alguém por aí me caça?

O Inspetor Jayne já estava se afastando

- Você não tem carteira, Srta. Lane. O que faria que alguém quisesse caçá-la? - disse-me por cima de seu ombro.

Olhei inquieta meu relógio. Quando me recolheram na livraria, fizeram-me deixar as lanternas na loja, com a Fiona.

Um trovão fez vibrar os vidros das janelas.

la escurecer dentro de pouco.

- Hey! Você espere!

Eu não rompi o passo.

- Menina preciosa, espera um momento! Esperava ver-te de novo!

Essa "menina bonita" fez que apertasse ainda mais o passo. Passei uma mão através de meu cabelo, recentemente massacrado e olhei disimuladamente para a escuridão: vi uma esteira. O complemento foi bálsamo para minha alma, a voz dos jovens, masculinas e cheias de diversão, fizeram-me emocionar. Superficial, sei. Era o menino dos olhos de sonho que tinha visto no museu, o dia em que eu tinha estado procurando OOP'S. Me voltei vermelho brilhante. Esse foi o

dia no que V'lane tinha empregado seu poder Morte-por-sexo, e eu me tinha despido no centro da Irlanda, na famosa exposição d'Ór, diante de Deus e de todo o mundo.

Ruborizada, acelerei o passo de novo, salpicando por meio dos atoleiros. Estava chovendo, fodidamente ainda mais, é obvio, e as calçadas do Distrito de Têmpera Bar estavam quase vazias. Devia ir pelos lugares escuros, tinha que evitar aos meninos que tinham visto meu striptease.

Ele se plantou a meu lado, com umas quantas pernadas. O olhei de esguelha: alto, moreno, de olhos de sonho, era um menino nessa idade que é a cúspide do homem. Estava nessa etapa perfeita, em que os indivíduos são de pele de veludo sobre duros músculos, sem um grama de gordura; apostava a que gastava um pacote de seis. Um claro "demasiado". Quisesse que por uma vez, minha vida me tinha dado a opção de ter uma entrevista com ele. Eu gostaria de ter levado um vestido rosa e ouro, recolhido meu comprido cabelo loiro em um brincalhão rabo-de-cavalo e minhas unhas das mãos e dos pés pintadas a jogo, em um "esta-noite-meu-joven-coração-bate-livre". Uau!

- Muito bem, deve correr conosco então - disse facilmente - já que parece ter tanta pressa

- Nada de sua incumbência. Vá-se longe, não tem capacidade em meu mundo, nunca mais.

Como eu gostaria que não o fizesse...

- Tinha medo de não vê-la de novo.

- Nem sequer me conhece. Além disso, estou segura de que viu mais que suficiente de mim no Museu - disse-lhe amargamente.

- O que quer dizer?

- Você já sabe.

Ele me lançou um confuso olhar

- Quão único sei é que tinha que sair depois de vê-la: tinha que ir trabalhar.

Não tinha visto meu strip? Um pouco de fealdade em minha vida, começou a derreter-se.

- No que trabalha você?

- Departamento de Idiomas Antigos

- Onde?

Yummmmm, era um pedaço e inteligente.

- Trinity College.

- Vá, estudante?

- Sim. E você? Americana?

Assenti

- E você? Não soa como um irlandês.

- Um pouco daqui e um pouco de lá. Nada especial. - ele sorriu e me piscou um olho, pestanas largas, escuras, de sonho.

Uau! Perfeito. Este homem era especial do cabelo até os dedos dos pés. Queria saber mais dele, queria beijá-lo, queria a suavidade de seus lábios sobre minhas contusões... e ele, provavelmente acabaria morto, se eu continuasse revoando ao seu redor. Outras pessoas próximas a mim tinham acabado assassinadas pelos monstros. Acabava de dedicar todo o dia, na delegacia de polícia de polícia, a declarar como suspeita de homicídio pela morte de um homem, que não deveria ter morrido.

- Me deixe sozinha. Não posso ser seu amiga. - eu disse sem rodeios.

- Isso é muito intrigante. Qual é sua história, formosa garota?

- Eu não tenho uma história. Tenho uma vida. E você não cabe nela
- Noivo?
- Dúzias.
- De verdade?
- Sim
- Vamos, então seria uma discriminação para mim!
- Pois considere-se, discriminado. Merda, comprido! - disse-lhe friamente.

Mostrou-me ambas as mãos

- Bem. Recebido - e se deteve.

Tentei me afastar pela calçada, longe dele e não olhar para trás. Queria chorar.

- Estarei pelos arredores - gritou-me - se mudar de opinião, sabe onde me encontrar

Seguro. Departamento de Idiomas Antigos de Trinity; fiz uma anotação mental: não ir nunca ali.

- Acredito que me reconhecem. - disse-lhe quando entrei através da porta dianteira da livraria.

Barrons estava atrás do balcão, não Fiona. Isso era estranho. De fato, encarregava-se de um comprador, como uma pessoa que faz seu trabalho. Elke me olhou cortante, me advertindo com um silencioso "fechamento de boca, Srta. Lane", e voltou de novo a cabeça para o cliente.

- Agarre a ficha - disse-me.

Deu-lhe uma palmada a um pôster sobre um cartão e começou a escrever sobre ela.

- Quem pensa você que a reconhece?

- As Sombras. Parecem... não sei, agitadas quando me vêem chegar. Conforme me reconhecem, batem-se em retirada. Penso que estão mais sensíveis do que você crê.

- O que acredito, é que você tem uma imaginação hiperativa, Srta. Lane. Queria pôr o pôster?

Arrojou-me o pôster. Este era o Barrons autocrático, com botas de ponteira de aço.

- por que? Fechando cedo?

Ele terminou de escrever, caminhou para mim e me entregou um pôster para pendurar na porta, junto ao sinal. Li-o.

- Por quanto tempo?

Surpreendeu-me. A livraria tinha sido nossa cobertura e agora, fechava-a?

- Pelo menos um par de semanas. A menos que deseje encarregar-se da caixa registradora, Srta. Lane.

- Onde está Fiona?

- Fiona apagou todas as luzes e deixou uma janela aberta ontem à noite.

Retrocedi a tropicções e quase caí pelo efeito deste golpe mental. Agarrei-me à mesa, derrubando algumas curiosidades e best-sellers atuais, que estavam ali exibidos

- Fiona tentou te matar? Sabia que eu não era de sua simpatia, mas fazer isto.... parece-me um pouco excessivo!

- Ela alegou que só tratava de assustá-la e obrigá-la a partir. Queria que você se fosse a sua casa. Estava começando a pensar que o tinha obtido. Onde esteve todo o dia?

Eu estava muito ocupada pensando na maldade da Fiona, para lhe responder. Já era bastante mau, ter a todos os seres horripilantes conhecidos detrás de mim. Eu não estava tão versada nas argúcias femininas para ver a aproximação sutil destas coisas desagradáveis

- Deus, o que fez ela fazer algo assim?- murmurei - Ela saiu furtivamente a última hora da passada noite? Como pôde sair?

- Da mesma forma em que o consegui você, imagino. Lanternas. Devo reconhecer, Srta. Lane, que estou impressionado por quão bem limpou o lugar. Não deve ter sido fácil, deviam estar aqui as Sombras do meio mundo.

- Não foi, mas não o fiz eu sozinha, eu limpei só uma parte delas e V'lane fez o resto - disse-lhe ausente.

Que ironia, eu tão obstinada, tratando de lhe salvar a vida dos monstros que ela tinha solto para mim. Houve um momento de silêncio congelado e logo Barrons explodiu.

-O que? V'lane esteve aqui? Em minha loja?

Seus dedos se fecharam como bandas de aço ao redor de meus antebraços.

- Ow, Barrons, está-me fazendo mal! - gemi

Soltou-me imediatamente. Barrons era perigosamente forte. Acredito que deveria ser consciente, constantemente, pelo que tem entre suas mãos ou ele acabará por me quebrar os ossos algum dia. Esfregou-me os braços. Estava de novo machucada. Uma vez mais.

- Minhas desculpas, Srta. Lane. De acordo?

- Não, claro que não estive na loja, você tinha os amparos postos, não? Falando das guardas por que não puderam manter fora às Sombras?

- Só são úteis contra certas coisas.

- por que não contra tudo?

- As guardas mágicas demandam... recursos. O amparo tem um preço, todo poder mágico o tem. As luzes funcionam o suficientemente bem para afastar às Sombras. Além disso, elas são estúpidas.

- Não estou tão segura disso.

Contei-lhe sobre a que me tinha apanhado na parte de trás, como tinha perdido minhas lanternas e tinha gasto quase todos os fósforos, como V'lane tinha aparecido na parte traseira do beco e que foi o que me propôs. Ele escutou atentamente, perguntou-me muitas coisas sobre nossa conversação, e lhe perguntei

- Devia aceitá-lo?

- NÃO! - gritou-me - É obvio que não!

Esfregou o rosto com as duas mãos e a manteve enterrada entre elas durante um minuto.

- Poderia me haver convertido em uma Pri-JÁ se o tinha pego?

Barrons me estudou, seu olhar frio.

- Não, se ele a tinha protegido

- Eles podem fazer isso? De verdade?

- Trate de não soar tão intrigada, Srta. Lane.

- Não o estou - disse-lhe à defensiva.

- Perfeito. Você não confia nele, não é certo?

- Não confio nele, nem em você. Não confio em ninguém.

- Então pode que permaneça viva. Onde esteve você o dia de hoje?

- Não o disse Fiona?

Eu estava aprendendo de seus truques: responder a uma pergunta com outra pergunta. Distração. Evasiva.

- Ela estava muito tensa quando a despedi.

Houve uma vacilação na palavra "despedir", quase imperceptível, a menos que a gente conhecesse homem.

- E se voltar e tenta me fazer danifico de novo?

- Não se preocupe. Onde?

Contei-lhe o da delegacia de polícia, que tinha passado ali o dia e que O'Duffy estava morto.

- E acreditaram que você lhe tinha rachado a garganta a um homem de quase duas vezes seu tamanho? Esse interrogador alucinava. Isso é absurdo.

Um repentino e profundo desassossego cobriu minha mente: eu não havia dito ao Barrons como tinha morrido O'Duffy

- Sim, bom - protestei - você sabe como são os policiais. Por certo, onde esteve ultimamente? Eu poderia ter necessitado sua ajuda em mais de uma ocasião nas últimas vinte e quatro horas.

- Você parece havê-lo feito o suficientemente bem por sua conta, além disso, tem a seu novo amigo, V'lane, para ajudá-la

Disse o nome de tal maneira que fez soar ao príncipe de uma maneira mas bem pouco viril e não tão mortalmente sedutor como era em realidade

- O que aconteceu a minha janela de atrás?

Eu estava a ponto de lhe perguntar como podia saber como tinha morrido O'Duffy, e que eu sabia que ele tinha algum tipo de monstro sob sua garagem... mas me encolhi de ombros

- Não sei, O que?

- Está quebrada. Não ouviu nada ontem de noite?

- Tinha as mãos um pouquinho ocupadas, Barrons.

- Com as Sombras, não com V'lane, espero

- Ja, ja.

- Você não esteve em minha garagem, ou sim?

- Não

- Você não me mentiria, verdade?

- É obvio que não.

Não adicionei um " não mais do que você mentiria a mim", isto é a honestidade entre ladrões.

- Bom, então, boa noite, Srta. Lane.

Ele inclinou a cabeça e em silêncio, saiu para a parte traseira do edifício.

Suspirei e comecei a recolher as diversas pilhas de livros e tentei recolocar a mesa. Não poderia deixar de dar voltas ao redor da idéia de que Fiona tinha entrado furtivamente na passada noite e apagado todas as luzes. Merda!Merda! Essa mulher me queria morta! Não podia imaginar que conhecesse o suficiente ao Barrons para desenvolver tão fortes sentimentos para ele. Ainda assim, sabia que não havia entre eles dois nada mas lá da intimidade de uma larga associação.

Da parte traseira do edifício chegou um uivo de indignação. Um momento mais tarde, Barrons explodiu através da conexão das portas, arrastando um tapete persa detrás dele.

- O que é isto? - exigiu.

- Um tapete? - agitei meus braços desdenhosamente, ante uma pergunta tão tola.

- Sei que é um tapete. O que é isso?

Colocou-a debaixo de meu nariz, assinalando com um dedo, a dezena de marcas de queimaduras. Olhei fixamente as marcas

- Queimaduras?

- Queimaduras de fósforo, Srta. Lane? Fósforos que poderia ter evitado atirar enquanto que flertava com um pernicioso Fae, Srta. Lane? Você tem alguma idéia do valor deste tapete?

Não pensei que seu nariz pudesse ficar mais vermelho, nem seus olhos flamejar mais negros.

- Perniciosa? Por Deus, é seu segundo idioma o inglês? O terceiro? Só alguém que tinha aprendido inglês de um dicionário usaria um término como esse.

- Quieta. - vaiou - Me responda.

- Não mais que minha vida, Barrons. Nada vale mais que minha vida.

Ele me olhou furioso, encaixei minhas mandíbulas e olhei furiosa para trás. Barrons e eu, temos uma singular forma de comunicação. Fazemos uns pequenos interlúdios de conversações não verbais, nos que dizemos coisas que não dizemos com a boca, a não ser com nossos olhos, e nos entendemos perfeitamente.

Eu não disse "Você é um pretensioso de merda".

E ele não disse " Se alguma vez voltar a queimar algo de um quarto de milhão de dólares, vou ter que tirar daqui seu traseiro"

E eu não disse "Certo, gostaria de aproximar-se de meu traseiro"

E ele não disse " Certo, Srta. Lane, eu não levo meninas a minha cama"

E eu não disse "Segundo você, este era o único lugar seguro de toda Dublin frente ao Lorde Master...certo! ".

- Você poderia reconsiderá-lo um dia...

Sua voz era baixa, muito dura, quase gutural.

-O que?

Intrínseco a nossa forma de comunicação, havia um acordo tácito de nunca elevar essas conversações a um nível verbal. Era a única razão que fazia que nenhum de nós entrasse em trapo.

Ele me dirigiu um sorriso fresco.

- Que nada vale mais que sua vida, Srta. Lane. Algumas coisas o valem. Não ponha muito alto o preço. Você poderia viver apesar dele.

Ele se voltou e se afastou, arrastando o tapete detrás dele.

Fui à cama.

À manhã seguinte despertei, dismantelando meu estrondoso relógio de alarme, abri a porta, e me encontrei com uma pequena TV com função do VCR / DVD no corredor.

Manhã caída do céu!!!! Tinha estado pensando, que já que Fiona se foi, podia-me apropriar da que ela tinha atrás do balcão. Agora já não teria que fazê-lo.

Havia uma fita ao lado.

Coloquei a televisão em minha habitação, conectei-a, deslizei a fita e a rebobinei. Quase me caio da cadeira.

Cada vez que acredito que sou cada vez mais inteligente, dou-me conta de que só tenho feito algo estúpido. Papai diz que há três tipos de pessoas no mundo: os que não fazem, mas sabem; os que não sabem fazer e sabem que não sabem e os que conhecem e sabem o muito que ainda não se conhece.

Grandes palavras, sei. Acredito que finalmente me coloco no grau dos que não sabem e não sabem que não sabem nada: Barrons tinha câmaras de segurança na garagem; ele só me tinha dado a fita que demonstrava que eu tinha irrompido nele.

Capítulo 5

Voltei o pôster, que mostrava em vivas letras de cor rosa fluorescente : Livraria Barrons, Horário do verão: 11 a.m. - 7 p.m. de Segunda-feira à Sexta-feira, e fechei bem a porta.

Sentia-me francamente bem comigo mesma. Acabava de completar meu primeiro dia no novo trabalho. até agora, ser garçonzete tinha sido minha única habilidade produtiva, mas hoje se ampliaram meus horizontes de emprego e agora poderia acrescentar o de caxera a meu currículo. Uma oportunidade se apresentou para fazer dinheiro, e eu não estava disposta a deixá-la passar. Barrons me tinha devotado o trabalho ontem à noite: "...a menos que deseje iniciar-se como encarregada do funcionamento da caixa registradora, Srta. Lane", disse-me.

Depois de só um dia, pude ver que o trabalho era muito mais complexo que simplesmente repicar o preço das compras de tanto em tanto. Terei que preocupar-me com o armazenamento, os pedidos especiais para fazer, a contabilidade devia estar ao dia, passar tempo com os clientes, ajudar às pessoas que não sabia o que queria a encontrar coisas.

A loja tinha muitas coisas boas, mas havia coisas que necessitavam, definitivamente, uma mudança. Algumas revistas estavam desperdiçadas; eu não podia desperdiçar meu precioso tempo perseguindo adolescentes para que não lessem revistas de "homens". As revistas de interesse feminino, eram penosamente escassas e estava planejado acrescentar uma mais ampla gama de revistas de moda junto com alguns doces e a loja, definitivamente, necessitava uma seleção mais festiva complementos de escritura.

O rosa fluorescente do pôster foi minha idéia.

A Livraria Barrons oferece somente as canetas básicas, além de uns poucos set de caligrafia, do tipo que não anima a escrever nenhuma simples carta. Barrons, evidentemente, não compreendeu que as abreviaturas LMAO, IMHO ou GFY (N. De T: siglas de alta velocidade), mostram a nova era e em um mundo onde tudo é alta velocidade e sem fio, ninguém se conforma com um dial telefônico.

Minhas razões para aceitar o posto de trabalho eram de dois tipos: a primeira, que finalmente ia esgotar meu dinheiro, mas bem cedo que tarde, e a segunda, que se a polícia continuava sua investigação, poderia citar meu trabalho como a razão de minha permanência em Dublín, isto é, minha formação para aprender a levar minha própria livraria nos Estados quando voltasse.

A idéia da Fiona do horário estendido era absurda; não havia forma de que eu pudesse trabalhar onze horas ao dia. Desde que eu estava ao cargo, fazia minha primeira decisão executiva

e escolhi um novo horário, com uma abertura o suficientemente tardia para que eu pudesse dormir bem ou usar as horas noturnas para me ocupar de "negócios pessoais". Decidi que o Estado Mundial das empresas, no que a mim se referia, não era meu problema. A vingança para minha irmã era o prioritário, mais que chamar a casa agora mesmo. Bom, isso... e permanecer com vida.

Tinha tido vinte e sete clientes hoje, sem contar os meninos que entravam e saíam. Empreguei o tempo livre em começar a colocar as fotos que tinha encontrado do Lorde Master e da Alina em Dublin e seus arredores, em um novo diário.

Alina.

Deus, por que? Queria gritar no teto. por que? Há milhões de seres malvados arrastando-se em dúzias de países de todo o mundo, por que ele não tinha matado a qualquer deles?

Agora que sabia o que tinha permitido, estava duplamente molesta com Deus. Outras muitas pessoas tinham mais familiares. Eu só tinha um. Alguma vez deixaria de me doer? Eu alguma vez deixaria que desaparecesse? Alguma vez poderia viver, um só dia, sem sentir esse lugar vazio em minha alma que estava desesperada por cheiar com algo, algo? Infelizmente, tratava-se de um buraco em forma da Alina e nada mais poderia adaptar-se a ele.

Mas talvez a vingança poderia... suavizar os borde do mesmo. Talvez a morte do bastardo que a tinha assassinado o faria menos doloroso, menos dentado e poderia deixar de me rasgar com o.

A dor ao pegar as fotos da Alina em meu diário, tinha-me feito perder a frescura. Com tudo o que me veio acontecendo ultimamente, eu gostaria, realmente, despertar alguma manhã sem a instantânea sensação de aplastamento em minha mente: Alina está morta, como ia eu a esperar que chegasse esse momento? Acima na lista de meu cérebro, situavam-se coisas como que tinha roubado a um gangster, que agora mesmo alguém estava tentando me matar, ou que os vampiros são reais. Chachipen!... ou aterrada pensando que Barrons fosse noivo de minha irmã. Coisas assim. Faz uma semana, teria pensado que esta era a ultima carga antes que pudesse descansar.

Agora que o estranho era a norma de minha vida, a dor e a raiva tinham feito ressurgir a idéia da vingança a um nível que não podia dirigir. dentro de mim estava uma Mac que nunca tinha existido antes. Não lhe importava sua vestimenta. Não lhe importava não poder tomar um banho. Ela não queria mesclar-se na sociedade. Não podia encurralar nenhum só de seus pensamentos. Minha única esperança é que eles não brotassem, repentinamente, por minha boca. Ela era uma pequena Mac selvagem, primitiva e sanguinária.

E odiava o rosa.

Entrincheirei-me em minha postura.

- De maneira nenhuma. Não vou ali. Isto se aproxima muito à linha de delitos graves, Barrons.

- A caneta não é dela.

- Huh? De quem é? Que caneta? Eu pensei que estávamos falando de profanamento de tumbas e de terreno sagrado, o roubo seria um crime contra os princípios da igreja e do homem. Nós terminamos que debater a respeito da caneta.

Tinha planos para novos pedidos e novas incorporações. Tinha-me escutado tagarelar no que, suspeitava, era um desconcertado silêncio. Dá-me a sensação de que Barrons conversa com

poucas mulheres... e eu estava calculando quanto custaria pôr em marcha a livraria. Tinha-lhe perguntado de tudo, para finalmente, no último minuto, elevar a soma resultante. Quando ele esteve de acordo, eu quase saltei da alegria, até que ele deteve o Viper. Nesse momento, tinha olhado a meu redor. Estávamos nos subúrbios da zona sul de Dublin, em um estreito sulco, à direita e ao fundo, muito escuro, um antigo cemitério. A última vez que tinha estado em um cemitério tinha sido para o funeral da Alina.

Fechei minhas mãos ao redor das frias barras de ferro da entrada principal e joguei, de novo, uma olhada às lápides.

- A caneta é uma metáfora, Srta. Lane. Ler entre linhas não é seu trabalho, é o meu. Você é o detector OOP's e eu o diretor de operações OOP'S. Iremos ao cemitério andando. Estou particularmente interessado nas tumbas anônimas detrás da igreja, mas deveremos fazer uma busca minuciosa no edifício e os jardins também.

Suspirei

- O que é exatamente o que estou procurando?

- Não sei, possivelmente nada. Esta igreja foi construída no lugar de um antigo círculo de reunião presidido pelo Grande Mestre dos Sidhe-Seer

- Em outras palavras - murmurei - é como alguma caça-do-ganso.

- Recorda o bracelete que V'lane lhe ofereceu?

- Há algo que você não saiba?

- Segundo a lenda, há múltiplos braceletes, cada um com um propósito diferente. A lenda também diz que na antiguidade, os Sidhe-Seer recolhiam cada Relíquia Fae que caía em suas mãos e se não podiam destruí-la, escondiam-na onde os homens nunca pudessem as encontrar. Alguns dizem que quando o cristianismo chegou a Irlanda, os Sidhe-Seer respiraram a construção de igrejas em lugares específicos, inclusive as financiando, talvez para manter as condições de segurança dos segredos enterrados em terra consagrada. As leis que regem a escavação e a recolocação dos restos, são muito rígidas.

Isso me soava plausível.

- Estes círculos Sidhe-Seer eram como um clube ou algo assim, dos que podia ir e voltar no dia?

- Poderiam ser muitos mais. Os tempos eram muito diferentes então, Srta. Lane. A comunicação entre os enclaves podia levar semanas, em ocasiões meses, mas em tempos de ameaça, reuniam-se em lugares prefixados e realizavam rituais mágicos. Este foi um deles.

- Disse-me que não todos os Sidhe-Seer desapareceram. Você disse que havia mais como eu por aí?

- Quando os Fae se retiraram a seus Reino, o mundo já não tinha nenhum uso para os Sidhe-Seer. Sua posição preeminente se converteu em obsoleta. Os que estavam acostumados a ser de grande valor, viram-se perdidos da noite para o dia. Com o tempo, a sabedoria Shide caiu no esquecimento. Através dos séculos, o talento caiu em desuso. Quanto a que os que ficam, a próxima vez que saia, olhe a seu redor. Vigia. Quando vir algo Fae, não olhe aos Fae, a não ser à multidão para ver quem mais está olhando. Alguns sabem o que são, outros tomam medicação para transtornos psicológicos. Alguns se traem ante o primeiro Fae que vêem e morrem por isso. É como eu soube quem era você, vi-a olhando às Sombras.

Transtornos psicológicos? Tratava de imaginar vendo os monstros aos que eu me tinha enfrentado recentemente com os olhos de um menino, sem explicação para eles, e sabendo que ninguém mais podia vê-los. Eu haveria dito a minha mãe. Ela se teria horrorizado e solicitado uma consulta psicológica para mim. E se eu lhe houvesse dito ao psicólogo a verdade? Medicamentos, em grandes quantidades. Pude me dar conta que isso podia passar com muita facilidade. Quantas Sidhe-Seer estavam aqui fora, sedada sua atenção ao que estava acontecendo no mundo?

- Portanto, essa Grande Professora seguiu com a tradição?

Ele assentiu.

- Existe alguma hoje?

- A gente esperaria que o sangue que dirigiu as Sidhe-Seer durante milênios, tenha mantido a tradição.

Essa era uma evasiva resposta que eu não estava disposta a aceitar.

- O que significa isso? Você não sabe se de verdade existe?, e, em caso afirmativo, quem é ela?

Ele se encolheu de ombros.

- Se houver uma, sua identidade está estreitamente vigiada.

- portanto, há algo que você não sabe. Alucinante!!.

Ele sorriu ligeiramente.

- Para fazer algumas coisas, Srta. Lane, pode ser penalmente muito jovem, mas ainda não tem chegado a noite

A "coisa" que devia fazer, significava fazer um percurso pela igreja e quando terminasse com a espartana capela de pedra, percorrer as tumbas, para cima e para baixo, entre os corredores, e ao redor dos mausoléus, procurando com a antena interior que eu sabia que possuía, para reconhecer coisas que faz umas semanas não teria acreditado que existissem.

Deixei-me as tumbas anônimas, detrás da igreja, para o final. Estava armada até os dentes com lanternas, apesar de que não se conhecia que aqui houvesse Sombras. Se chegavam as Sombras, não me deteria nenhum chiado de grilos, nenhuma folha de erva esmagada, nem a árvore nua com extremidades brancas como ossos velhos.

Eu esperava que meu passeio pelo cemitério de noite fosse, quanto menos, preocupem-se. Não esperava encontrar o mundo silencioso dos humanos mortos calmante e pacífico, mas existia uma inegável sinergia aqui, natural porque a morte é parte da vida, só antinatural quando a morte, como a da Alina, opunha-se à ordem natural das coisas e exigia vingança, uma espécie de equilíbrio da balança a nível cósmico. Tenho lido as inscrições apreciativamente. Os epitáfios, gastos pelo passado do tempo, eram sinceros e quentes. Havia um surpreendente número de octogenários e centenários, inclusive, enterrado aqui. Em algumas partes, a vida tinha sido, uma vez, singela, boa e excepcionalmente larga, sobre tudo para os homens.

Barrons esperou no carro. Podia ver o de perfil, falando por seu telefone móvel.

Encontrar um objeto de poder ou OOP's, para abreviar, é um talento que não todos os Sidhe-Seer têm. Barrons diz que é um talento estranho. Alina tinha o dom também, essa foi a razão pela que o Lorde Master a utilizou. Mas não cria, não vejo as similitudes entre nós: minha irmã e o Lorde Master, Barrons e eu. A diferença está em que não acredito que Barrons pretenda destruir a humanidade; não acredito que se preocupe muito por ela, mas, tampouco, que tenha nenhum ódio tão profundamente enraizado para querer nossa aniquilação. Outra diferença é que

não tentou de me seduzir e não estou apaixonada por ele. Tenho claro em minha cabeça o que é o que estou fazendo e por que. E, se um dia, inteiro-me de que Jericó Barrons matou a O'Duffy por bisbilhotar em sua vida e é um dos meninos maus... enfim, cruzarei essa ponte quando chegar.

A vingança é um prato que saboreia melhor servido frio. Nunca entendi que queria dizer isto, mas acredito que finalmente o compreendo. Estou exaltada e não tenho nenhuma experiência nestes momentos. Preciso saber mais a respeito dos Fae e do que eu sou. Tenho que ser mais fria, mais inteligente, mais dura, mais forte e ter um melhor arsenal antes de entrar totalmente em minha vingança. Preciso mais OOPs, ao igual à Lança. Preciso ao Barrons; ele é uma interminável fonte de informação e conhece todos os possíveis lugares onde procurar. Olhemos este cemitério, por exemplo, eu nunca teria sabido que existia, ou o que tinha sido uma vez. Não sei nada sobre meu patrimônio e muito menos a respeito da história da Irlanda. Sou criminalmente jovem, de acordo e isso é algo que não posso discutir... mas posso mudar.

Entrei nas sombras, além da igreja, com um movimento de balanço de minhas lanternas, de esquerda a direita. Esta parte do cemitério esteve rodeada por um muro baixo, a parede de pedra se desmoronou. Nenhum jardineiro tinha trabalhado arduamente aqui. A erva cresceu, alta e densa, e as flores não transbordaram a crua palidez de muitas pequenas folhas descuidadas debaixo da pesada carga de ramos de carvalho e magras extremidades de disco.

Uma pesada porta de ferro forjado, oscilou de uma única dobradiça que chiou oxidada em protesto, quando a empurrei para abri-la umas polegadas.

Em descarga de meu talento, eu estava entre umas ervas tão altas que me chegavam até as coxas, e, mas que ativar-se, foi como um pequeno arremedo das coisas que eu tinha visto antes. Em minha defesa, não ficava muito de seu corpo.

-O que é isto?- perguntei ao Barrons, horrorizada.

Quando tropecei com a monstruosidade, tinha gritado o suficientemente forte para despertar aos mortos. Barrons tinha chegado a passo de carga. Tratava-se de uma disforme protuberância a nossos pés, imóvel, mas com alguns fragmentos estremecendo-se terrivelmente.

- Estou convencido de que é o que fica de um Rhino-Boy - disse Barrons lentamente.

- O que lhe passou?

- Eu acredito Srta. Lane, que algo esteve... roendo-o

- Que há no mundo que coma Rhino-Boys? E por que?

Ele me olhou e me surpreendi de que ele estivesse, a sua vez, surpreso, que exorbitante devia ser a emoção para que Barrons a mostrasse.

- teve que ser outro Fae - soava consternado - Ninguém humano poderia comer uma destas coisas, e, certamente, não têm nada que comer. Quanto à razão pela que o tem feito, não tenho nem idéia. Ele vai contra tudo o que é Sidhe. Os Fae não são selvagens uns com outros, inclusive os mais baixos dos Unseelie, considerariam que isto é uma atrocidade, uma abominação. Muitos deles acreditariam que é uma profanação

- Vvai morrer? - perguntei-lhe.

Ficava tão pouco de sua parte esquerda... Entretanto, seguia vivendo, e sua agonia era evidente.

- Não a apunhalaremos a menos que seja com sua Lança, Srta. Lane.

- Eventualmente poderia regenerar ou algo?

Suas partes principais tinham desaparecido.

- Não, só a Casta Real tem esse poder. Existirá para sempre nesta forma, a menos que um de sua própria raça tropece com ele e tenha piedade, o que é bastante improvável... ou que você o faça.

Seu olhar se posou grave sobre mim.

- Fará-o? Dá-lhe pena? - olhei em seus olhos escuros, às vezes pareciam sem fundo, não de tudo humanos e esta foi uma dessas vezes - Me diga, Srta. Lane, você se afastará dele? Deixará-lhe sofrer por toda a eternidade ou será você um anjo de misericórdia? O que vai ser? Possivelmente uma destas coisas pôde ter assassinado a sua irmã, talvez não um Rhino-Boy, mas sem dúvida um de seus irmãos.

- O Lorde Master assassinou a minha irmã.

Eu estava segura disso.

- Isso é o que você diz. Ele não é Fae e as marcas em seu corpo o eram.

Assim era. Ainda assim, embora ele não houvesse propinado o golpe assassino, foi o que o tinha orquestrado.

Reduzi meus olhos. Barrons me estava provando. Não tinha nem idéia do que retorcidamente tentava. Eu só sabia o que tinha que fazer. Há uma sinergia entre a vida e a morte e isto não encaixava. Agarrei a Lança de minha bota e apunhalei ao Rhino-Boy. Barrons sorriu, mas eu não sabia se ele se burlava de mim por ser débil ou me felicitava por ser compassiva. Que se foda! É com minha consciência com a que tenho que viver.

À medida que fomos saindo do cemitério, cometi o engano de olhar para trás. Um espectro negro, envolto em escuras dobras com um fantasma apareceu no oxidado portão, vigiava-me. Sua escuridão era tão enorme como a noite. E como a noite, estava ao meu redor, pulsando em mim, me acariciando, me saboreando.

Gritei e tropecei com uma lápide. Barrons agarrou meu braço e me segurou, evitando uma desagradável queda

- O que ocorre, Srta. Lane? Espasmos de arrependimento? Tão cedo?

Sacudi a cabeça.

- Olhe atrás, na porta. -disse-lhe entumecidamente, embora acreditava que já não estaria, nunca estava quando havia outra pessoa a meu redor.

Barrons escaneou as distintas partes do antigo cemitério durante uns momentos e logo me olhou de novo .

- O que? Não vejo nada.

Voltei-me e esperei. Tinha razão. Foi-se. É obvio. Eu deveria havê-lo sabido. Suspirei

- Suponho que estou um pouco afligida, Barrons. Isso é tudo. Vamos a casa! Não há nada aqui.

- Casa, Srta. Lane? - sua voz profunda soava brandamente divertida.

- Tenho que chamá-la de algum jeito - respondi asperamente - A gente diz que uma casa é onde está o coração. O mau, é que a minha esta em uma caixa forrada de cetim a seis pés clandestinamente.

Abriu a porta do carro para mim, a do lado do condutor.

-vamos dissipar algumas de suas angústias juvenis, Srta. Lane - ofereceu-me as chaves. - Não longe daqui há uma estrada que percorre, durante milhas e milhas, paragens abandonadas... - seus olhos escuros flamejavam - ...suaves curva... sem tráfico. por que não nos damos um passeio?

Meus olhos se abriram de par em par.

- De verdade?

Ele acariciou um cacho que caía sobre minha frente e tremi. Barrons tem umas mãos fortes, de comprimentos e formosos dedos, e acredito que transmite algum tipo de carga elétrica, porque cada vez que me toca, dispara-se uma emoção não desejada através de meu corpo.

Tomei as chaves de sua mão, tomando cuidado de não me pôr em contato com sua pele. Se o notou, deixou-o passar sem comentários.

- Trate de não nos matar, Srta. Lane.

Derrapei sobre as rodas traseiras

- Viper SR10 coupé. 6 velocidades, V-10, 510 cavalos a 5600 Rpm, de 0 a 60 Km em 3,9 segundos - tagarelei felizmente.

Ele riu. Consegui nos manter com vida. Apenas.

Acredito que é a natureza humana a que te faz procurar um ninho, inclusive às pessoas sem lar, residentes no parque, em um banco ou qualquer lugar sob uma ponte, que rebuscam nas caixas de lixo. Todo mundo quer seu próprio, seguro, quente e seco lugar no mundo. E se não terem um, tentam ganhá-lo, dando o melhor de si mesmos, para criá-lo.

Eu estava aninhanda no primeiro andar da Livraria Barrons. Tinha reordenado o mobiliário, tinha guardado uma aborrecida cortina marrom no armário e a tinha substituído por uma de seda amarela, coloquei duas velas de pêssegos e nata frente a meu dormitório, conectei meu novo aparelho de som detrás da caixa registradora e sintonizei uma lista de reprodução animada, e coloquei as fotos de minha família na parte superior do móvel onde antes tinha estado a TV de minha predecessora.

Tudo dizia: MacKayla Lane está aqui!

Sendo detectora do OOP's e assassina de monstros, de noite, fazia que ser livreira pelo dia fora uma, muita necessária, pausa. Eu gostava da fragrância picante da cera queimada das velas, o limpo e novo aroma dos jornais recém impressos e o brilho das coloridas revistas. Eu gostava das vendas e o som da caixa registradora. Desfrutava do antigo ritual de tomar dinheiro em troca de bens. Eu gostava da maneira em que a madeira dos andares e das prateleiras refletiam com o sol da tarde. Tinha-me gostado de tombar sobre minhas costas, sobre o balcão, quando não havia ninguém ao redor, tratando de arrumar um mural no teto, muito alto por cima de mim. Desfrutava muito recomendando leituras e descobrir outras que me recomendavam os clientes. Toda esta calidez, era o caminho para alcançar meu ninho.

Às quatro da tarde da quarta-feira, surpreendi-me ao me encontrar a mim mesma buliçosa, revoando ao redor da loja, cantarolando e, sentia-me quase... me levou uns poucos momentos identificar o sentimento... bem.

Logo vi aproximar-se do Inspetor Jayne, e se por acaso isso não fora bastante mau, com ele vinha meu pai.

Capítulo 6

- É esta sua filha, Sr. Lane? - disse o inspetor.

Meu pai tinha detido no beiral da porta, e me olhava duramente, enquanto tocava com uma mão meu cabelo recortado, abruptamente, enquanto eu era extremamente consciente dos hematomas em meu rosto e da Lança escondida em minha bota.

- Mac, neném que te ocorreu?

Jack Lane me olhava surpreso, consternado, provocando que eu quase começasse a chorar. Esclareci-me garganta

- Hey, papai....

- Hey, papai? - ecoou se ele. - Acaba-me de dizer "Hey, papai"? Depois de tudo o que me há custado te encontrar, diz-me "Hey papai"?

OH-OH, estou em uma boa confusão se ele utilizar esse tom de chefe, mau redondo.

Mais de um metro e noventa de advogado do Imposto de Sociedades, que dirigia o IRS em nome de seus clientes e, além disso, um dos melhores; Jack Lane é elegante, encantador, bem falado e duro como um tigre quando lhe provoca. E pela maneira de mexer seus cabelos prateados e a piscada de seus olhos marrons, intuía que eu lhe tinha provocado.

Ele tinha sorte de que eu ainda lhe chamasse "papai" , tendo em conta, que sabia que não o era, pensei amargamente.

Seu olhar me açoitou

- MacKayla Eveline Lane, que aconteceu para que lhe fizesse isso a seu cabelo? E seu rosto! São marcas? Quando foi a última vez que tomou uma ducha? É que perdeu sua bagagem? Está espantosa, por Cristo! Mac! O que passou - sacudindo a cabeça, assinalou-me com o dedo - Isto você vai ter que explicar, senhorita: faz quatro dias que deixou a sua mãe e a mim; tive que deixar todos meus casos e voar até aqui para te levar de novo a casa. Tem idéia do ataque de coração que me deu, quando soube que não tinha ido a Casa Clarim durante mais de uma semana? E ninguém sabia onde tinha ido! Poderia comprovar seu correio eletrônico, Mac? Poderia agarrar um telefone? caminhei de um lado a outro, por este aborrecido, chuvoso e pestilento escolho, com bêbados pelas ruas, te buscando em cada rosto, em becos cheios de lixo, rezando a Deus com a esperança de que não te ia encontrar virada de barriga para baixo em uma das ruas, igual a sua irmã e ter que me matar em vez de ter que lhe dar a notícia a sua mãe e matá-la a ela!

As lágrimas me brotaram em cascata. Eu poderia não ter o DNA deste homem dentro de meu corpo, mas ele não podia ser mais que meu pai. Atravessou a habitação com largas pernadas e me esmagou com um grande, enorme, abraço que sempre cheirava como hortelã e que me fazia sentir no lugar mais seguro da terra.

Por desgraça, agora sabia mais coisas. Não havia lugar seguro. Não para mim. Não agora. E certamente, não para ele. Não aqui.

Tinha estado me buscando ao redor de Dublin! Benzi ao destino que o tinha mantido a salvo, fora da Dark Zone, protegido dos becos dos Unseelie. Se algo lhe tinha acontecido, tinha destruído duplamente minha mente.

Que por que evitava o correio eletrônico? por que não chamava? Para que não pudesse me localizar e tentar vir por mim!, mas não podia lhe dar a Papai essa resposta.

Tinha que tirar ele de Dublin, rápido, antes de que lhe acontecesse algo horrível, eu já tinha perdido um pedaço de meu coração, que jazia enterrado, rodeado de cetim, clandestinamente. Tinha que fazer voar a casa o antes possível, e sem que eu lhe acompanhasse.

- O que aconteceu com seu rosto, Mac?

Foi a primeira pergunta que me fez papai, com o Inspetor Jayne a sua esquerda.

Embora ainda faltavam duas horas para fechar, pendurei o pôster da porta, junto com uma nota que dizia: "Sinto muito, hoje fechamos antes. Voltarei amanhã".

Levei-os a parte posterior, para que os transeuntes não nos pudessem ver detrás das prateleiras e pensar que alguém estava ainda dentro; penteei meu cabelo nervosamente com os dedos. Uma coisa é mentir à polícia e outra mentir ao homem que me tinha criado, que me tinha amado, que sabia que eu odiava as aranhas e que me preparava quentes rosquinhas doces enfeitadas com nata de cacau e nata batida.

- O Inspetor Jayne me disse que caiu pelas escadas.

- O que outras coisas te disse o inspetor? - tentava detectar quanto ia ter que tentar explicar.

- Que o agente de polícia que levava o caso da Alina foi assassinado. Tinha sua garganta cortada. E que ele tinha vindo a verte o dia em que lhe passou. Mac, o que está passando? O que está fazendo aqui? O que é este lugar? - ele girou a cabeça examinando tudo. - Trabalha aqui?

Sentia-me cheia com ele, embora não me sentisse cheia com nada. Dava-me conta de que eu gostava de estar em Dublin, disse-lhe. Tinham-me devotado um posto de trabalho, com alojamento incluído, assim que me tinha mudado à parte de cima da livraria. Permitia-me permanecer na Irlanda e o trabalho me deu a oportunidade perfeita para manter a pressão sobre o novo oficial encarregado do caso da Alina.

Sim, efetivamente, tinha-me caído pelas escadas; tinha bebido algumas cervejas, esquecendo que a Guinness era muito mais forte que as nossas.

Não, não tinha nem idéia de por que o Inspetor Jayne não pensava muito bem de mim. Papai me perguntou pela visita de O'Duffy, igual a Jayne. Para que fosse mais convincente, embelezei a história sobre quão paternal tinha sido O'Duffy, que tinha sido um favor o que ele tinha feito ao vir até aqui. A delinqüência era muito alta em Dublin, disse-lhe, e me sentia muito mal pela morte de O'Duffy, mas em realidade, a polícia morria ao pé do canhão continuamente e Jayne era um fodido grão no traseiro para mim.

- E seu cabelo?

- É que você não gosta?

É difícil fingir surpresa quando me odiava mesma, mas tinha perdido a capacidade de me fazer belos penteados, o manejo dos diferentes estilos de vestir, acabou-se o suave balanço de meus quadris ao caminhar. Estava agradecida que não me tinha visto quando eu ainda tinha todos meus gesso.

Ele me lançou um olhar.

- Está de brincadeira, verdade? Mac, neném, tinha o cabelo formoso, comprido e loiro, como sua mãe...

Aí estava minha desculpa. Olhei-lhe com olhos mortos

- Que mãe, papai? Mamãe, ou a outra, já sabe, a que me deu em adoção

- Queria conseguir um pouco de jantar, Mac?

Homens !! Têm todos que evitar as perguntas como primeira linha de defesa?

Pedi que nos trouxessem um pizza, começava a chover de novo e eu não tinha o ânimo necessário para ir por ela. Eu pedi, papai pagou, igual aos velhos tempos quando a vida era simples, e papai estava sempre ali, inclusive aquela sexta-feira de noite em que meu namorado mais recente tinha sido um idiota. Coloque guardanapos de papel e pratos que Fiona guardava detrás da caixa registradora. antes de que chegasse o entregador, acendi todas as luzes exteriores, e acendi a acolhedora chaminé de gás. por agora, estávamos seguros. Tinha que lhe manter seguro até manhã, momento em que tentaria, de algum jeito, lhe embarcar em um avião, só, e mandá-lo a casa.

Alegra-me manter o pensamento de minha casa dentro de mim, em todo momento. Aferro a ela em meus mais escuros momentos: quando tudo isto termine, vou voltar para Ashford e fazer de conta que nada disto aconteceu. vou encontrar um homem, me casar e ter filhos. Preciso a meus pais no lar, me esperando, porque vou ter mais meninas Lane e vamos ser de novo uma família.

Seguimos falando durante o jantar. Disse-me que mamãe ainda estava perdida em sua dor e não queria falar com ninguém. Ele odiava ter que deixá-la, mas ele tinha contatado com o Gram e Gramp e que lhe estavam dando a melhor atenção. Pensar em mamãe era muito doloroso, assim, saltamos a falar de livros. A papai gosta de ler tanto como a mim e eu sabia que, em sua opinião, havia muitos lugares piores onde ter encontrado um trabalho, por exemplo, outro bar. Falamos de novas publicações, contei-lhe alguns de meus planos para a loja.

Quando o jantar acabou, retiramos nossos pratos e nos olhamos um ao outro com cautela.

Ele começou sombrio

- Você sabe que sua mãe e eu lhe amamos - sussurrou

Assenti em silêncio. Sabia. Não tinha nenhuma dúvida a esse respeito. Tinha sido obrigada a tomar tantas decisões nas últimas semanas, que me sentia em paz com o descobrimento de que meus pais não eram meus pais biológicos, e não me havia custado tanto. Sim, ao princípio sacudiu meu mundo, um paradigma brutalmente desabado, mas independentemente do espermatozóide e o óvulo que se traduziram em minha concepção, Jack e Rainey Lane me tinham criado com um amor e um apoio inquebrável que a maioria da gente não chega a conhecer em toda sua vida. Se meus pais biológicos estavam vivos por aí, em alguma parte, estavam em um segundo plano para mim.

- Sei, papai. Só me diga isso.

- Como se inteirou, Mac?

Disse-lhe que uma anciã tinha insistido em que era alguém mais, algo a respeito de meus olhos marrons e azul, com aquelas marcas verdes, a respeito de chamar os hospitais para comprovar em meus registros de nascimento.

- Sabíamos que este dia poderia chegar - Ele empurrou uma mão através de seu cabelo e suspirou. - O que quer saber, Mac?

- Tudo - disse em voz baixa. - Até o último detalhe.

- Não há muito.

- Alina é minha irmã biológica, ou não o é?

Ele assentiu.

- Ela tinha quase três e você, quase um, quando vieram.

- De onde viemos, papai?

- Eles não nos disseram isso. De fato, não nos disseram quase nada, enquanto nos exigiam de tudo.

"Eles" eram pessoas de uma igreja em Atlanta. Mamãe e papai não podiam conceber, e tinham estado em uma lista de espera de adoção durante tanto tempo que quase tinham renunciado. Mas um dia, receberam uma chamada, lhes comunicando que duas meninas tinham sido abandonadas em um centro da igreja, e um amigo de um amigo da igreja, aconselhou à irmã do pastor que as entregassem aos Lane. Não todos os casais estão dispostos a aceitar, ou têm os meios financeiros para assumir duas meninas pequenas de uma vez, e um dos requisitos, da larga lista, da mãe biológica era que as meninas não fossem separadas. Ela também tinha insistido em que o casal adotivo devia viver em uma zona rural e se não, deviam transladar-se a uma pequena cidade e comprometer-se a não viver em uma cidade ou perto de alguma, nunca mais.

- Por que?

- Nos disse que isso era o que havia, Mac, e que podíamos tomá-lo ou deixá-lo.

- E não crie que é muito estranho?

- É óbvio que acredito. Extremamente estranho. Entretanto, sua mãe e eu queríamos ter meninos e não podíamos. Fomos jovens, amávamo-nos e só nos faltava ter uma família conosco. Dado nós dois tínhamos vindo de pequenas cidades, entendemo-lo como um sinal para voltar para nossas raízes. Visitamos dúzias de cidades, e, finalmente, a solução era Ashford. Eu era um advogado de êxito e atirei de cada conexão para acelerar a adoção, assinamos todos os documentos, incluída a lista de exigências, e em todo momento tivemos o orgulho de ser uns pais que vivem em uma grande pequena cidade, onde todo mundo acreditava que eram nossas filhas biológicas, levando a vida que sempre tínhamos sonhado. - ele sorriu, recordando - Apaixonamo-nos por vocês assim que lhes vimos. Alina levava um suéter amarelo e uma saia conjunto com ele e, você, Mac, foi vestida de rosa da cabeça aos pés, com uma fita arco íris ao redor de um rabo de seu formoso cabelo loiro

Pestanejei. A mente infantil podia recordar? Até o dia de hoje, o rosa e arco íris são minhas matizes favoritos.

- O que outros requisitos estranhos exigiu essa mulher?

Não podia chamá-la "nossa mãe ". A ela não. Ela foi a mulher que nos tinha deixado. Ele fechou os olhos.

- Eu já não recordo a maioria deles. Há um documento legal, escondido em uma caixa, em algum lugar, que sua mãe e eu assinamos. Mas há uma que nunca esquecerei.

Sentei-me um pouco encrespada. Abriu seus olhos.

- A primeira promessa que tínhamos que fazer à agência de adoção, antes de que pudesse inclusive considerar a possibilidade de nos incluir a nós na lista de futuros pais, era que, em nenhum caso, sob nenhum conceito, terei que deixar que pusesse um pé na Irlanda.

Não poderia lhe fazer voltar para casa. Tentei-o tudo.

Em sua mente, ele violou seu mais sagrado voto, no momento em que tinha cedido ante a cara radiante da Alina, quando ela anunciou que ganhou uma bolsa completa para estudos no estrangeiro, no Trinity College, tinha que ser nessa, de todos os lugares do mundo!. Não pôde

retê-la em sua habitação, nem proibir-lhe Deveria havê-la ameaçado, ele deveria lhe haver confiscado o carro, deveria havê-la tentado com a oferta de um novo esportivo se ela ficava em casa. Havia mil formas que poderiam havê-la detido, mas ele não o fez. Ela estava tão emocionada, disse-me com tristeza. Ele não tinha podido obrigar-se a si mesmo a interpor-se em seu caminho. Essas condições que tinham acordado faz muito tempo pareciam tão insustanciais como fantasmas, na cálida e ensolarada luz do dia. mais de vinte perfeitos anos tinham passado, e as estranhas demandas, tinham perdido sua imediatez, o temor de umas petições do fantasma morto de uma mulher.

- Ela está morta, então? - perguntei-lhe em um sussurro.

- Eles nunca nos disseram isso. Supusemo-lo. Era mais fácil dessa maneira; nós gostávamos da finalidade da mesma, sem medo de que, um dia, alguém por aí poderia vir e tratar de levar-se a nossas meninas, como esses pesadelos legais que ocorrem todo o tempo.

- Vocês alguma vez voltaram atrás e trataram de encontrar mais sobre nós?

Papai assentiu.

- Não sei se recordar, mas Alina esteve muito doente quando tinha oito anos e os médicos queriam mais informação sobre seu história médica, que a que nós tínhamos. encontrou-se que a igreja tinha vendido o terreno, a agência de adoção tinha fechado, e o investigador privado que contratamos não pôde localizar um só ex-empregado. - sorriu ligeiramente. - Deve entender, Mac, vocês foram nossas. Não nos preocupava de onde vieram, só sabíamos que vieram. E agora, retornará comigo a casa - acrescentou ele- Quanto tempo necessita para empacotar suas coisas?

Suspirei

- Não vou empacotar, papai.

- Não vou sem você, Mac - disse.

- Você deve ser Jack Lane - disse Barrons.

Eu quase saí de minha pele.

- Desejaria que você deixasse de fazer isso.

Queria me lançar a seu pescoço e estrangulá-lo. Como podia um homem tão grande avançar tão silenciosamente? Uma vez mais, estava de pé, detrás de mim, enquanto eu estava tendo uma conversa, e nenhum de nós lhe tinha ouvido. Mais grave era o feito de que ele sabia o primeiro nome de meu pai e eu nunca o havia dito.

Papai tirou peito, dessa maneira que tem os homens, pouco a pouco, de estender até o quarto último de polegada de sua altura, e parecer que enchia ainda mais o caminho. Sua expressão era reservada, mas interessada; tinha curiosidade por conhecer meu novo patrão, apesar de que ele já tinha decidido que eu não trabalharia para ele nunca mais. Sua expressão trocou no instante em que viu o Barrons, acerou-se, fechada e endurecida.

- Barrons, Jericó Barrons - estendeu sua mão.

Papai, duvidou, e por um momento pensei que não a daria. Então ele inclinou a cabeça e os homens chocaram as mãos, e se estreitaram, e se estreitaram, como em um concurso, como se o primeiro que abandonasse tinha que renunciar a uma de seu Pelotas.

Olhei de um a outro e me dava conta de que Barrons e papai estavam tendo uma dessas conversações não verbais, como as que eu tenho de vez em quando. Embora o idioma era, por sua natureza, alheio a mim: eu cresci no Sul, onde o ego do homem é mais ou menos o tamanho de

uma caminhonete e as mulheres recebem uma pronta e interessante educação sutil, não tão arruda como o rugido da testosterona.

" Ela é minha filha – apertão - e se está pensando algo sujo – apertão - ou procurando algo dela – apertão - vou agarrar lhe pelas bolas e o pendurar delas" - não disse papai.

" Tente-o". - não disse Barrons.

"Você é muito velho para ela. Deixe-a em paz" - não cuspiu papai.

(Queria lhe dizer a meu pai que esse não era o caminho, mas apesar da obstinada determinação com a que tentei interquebrar a "conversaço" e apesar de abrir meus olhos como pratos, nenhum deles reparava em mim)

"Você crê isso? Arrumado que ela não pensa que sou muito velho. Por que não o pergunta?" - não disse Barrons

(Barrons estava muito irritado. É obvio, acredito que é muito velho para mim. Mas não penso nele dessa maneira, absolutamente.)

" Levo-me isso a casa" - não disse papai.

"Tente-o" - não gritou Barrons

(Barrons pode ser muito molesto quando é tão parco em palavras)

" Ela escolherá a mim, não a você" - não presumiu meu pai com orgulho.

Barrons riu.

- Mac, neném. - disse meu pai, sem olhar aos olhos do Barrons - Pega suas coisas, vamos a casa.

Gemi. É obvio, teria eleito meu pai antes que ao Barrons, se tinha tido eleição. Mas não era uma eleição justa. Não me tinham dado muitas delas ultimamente. Eu sabia que minha negativa lhe ia machucar. E eu precisava lhe fazer danifico, porque tinha que fazer que partisse.

- Sinto muito, papai, mas fico aqui - disse-lhe brandamente.

Jack Lane se encolheu. Seu olhar cortante ia até o Barrons, tentando lhe apunhalar com ela, e logo para mim, me lançando frias recriminações, mas não antes que visse o dano e traição sob a máscara do advogado.

Barrons tinha os olhos resplandecentes. Na medida do que lhe preocupava, a conversaço estava acabada.

Fui com papai ao aeroporto à manhã seguinte, para o ver partir.

Ontem à noite eu não tinha querido acreditar que ele tinha que partir, e, francamente, ainda não estava muito segura de querê-lo, mas era prioritário.

Ele ficou na livraria, em um dos quarto extras do andar de dormitórios, e me manteve acordada até as três da manhã, argumentando cada ângulo que podia me fazer mudar de idéia e me criem, os advogados podem fazê-lo, tratam de lavar o cérebro.

Esta manhã, entretanto, ele era um homem totalmente diferente. Tinha despertado para lhe encontrar já abaixo, tomando o café com o Barrons no estudo. Ele me saudou com um dos grandes abraços que eu gosto tanto. Tinha estado depravado, afetuoso, com seu habitual ar carismático, um homem que, inclusive com o dobro de sua idade, fazia que a maioria de minhas amigas de escola secundária rissem como imbecis quando lhe viam. Tinha estado alegre, com o melhor espírito que eu lhe tinha visto da morte da Alina.

Ele sorriu e sacudido a mão do Barrons quando nos deixou, com o que parecia verdadeira amizade, inclusive respeito.

Suponho que Barrons deve ter algo em si mesmo, que faz que meu pai confie nele. Revelou uma oculta integridade de caráter que eu ainda tenho que ver, mas que convenceu ao Jack Lane, a águia jurídica, com relativa facilidade. Barrons e ele tinham encontrado temas para falar e era maravilhoso.

Depois de uma rápida parada no hotel de papai para recolher sua bagagem, uma bolsa de croissants e um café, preenchemos o tempo da viagem ao aeroporto debatendo de um de nossos temas favoritos: os automóveis e os novos desenhos que se darão a conhecer durante a próxima amostra de automóveis.

No terminal, papai me abraçou de novo, prometeu dar todo meu amor a mamãe, disse chamar breve, e conseguimos fazer o caminho de novo à livraria, bem a tempo para a abertura do negócio.

Tive um bom dia, mas comecei a me dar conta de que quando começa a te relaxar e baixar o guarda, à vida gosta de te chutar o traseiro.

Às seis em ponto, eu tinha atendido a meu quinquagésimo sexto cliente, realizando uma impressionante quantidade de vendas e descoberto que eu adorava ser livreira. Tinha encontrado minha vocação. Em vez de servir bebidas e ver como as pessoas se convertiam em idiotas bêbados, me remunerava por dar às pessoas maravilhosas histórias pára de escapar, cheias de mistério, caos e romance. Em lugar de dar anestesia, jogando álcool em copos, vertia fictícios tônicos para aliviar o estresse, as condições de vida difíceis e a monotonia de suas vidas. Eu não estava lhe corroendo a ninguém o fígado. Não tinha tido que ver um calvo, de meia idade pegar a um homem bastante jovem, tratando de recuperar seus dias de glória. Não me deixava avassalar, soluçando, pela sórdida história dos últimos tempos e assim, muitas vezes, deixava-a plantada, enquanto que eu estava detrás de meu balcão. Não tinha tido que ver uma só pessoa enganar a seu cônjuge, urinar no chão ou brigar todos os dias.

Às seis em ponto, tinha fechado antes de tempo, com todas minhas bênçãos.

Mas não, justo quando estava começando a me sentir quase feliz e bem comigo mesma, minha vida se foi ao inferno de novo.

Capítulo 7

- Formoso lugar temos aqui - disse meu último cliente, quando a porta se fechou, golpeando atrás dele - Eu não teria pensado que o interior era tão grande da calçada.

Eu tinha a mesma lembrança da primeira vez que entrei na Livraria Barrons. O edifício não parecia o suficientemente grande por fora para conter toda a habitação interior.

- Olá - disse - Bem-vindo ao Barrons. Está procurando algo especial?

- Essa é a matéria que procuro, de fato.

- Então, veio ao lugar correto - disse-lhe - Se não termos o livro que deseja, podemos pedir-lhe também podemos olhar alguns dos que temos na grande coleção dos segundo andar e terceiro.

Ele era um homem de aparência agradável, ao final dos vinte ou talvez a princípios dos trinta, de cabelo escuro e bem formado. Parece-me que ultimamente estou rodeada sempre de homens atraentes.

Quando estava lhe abrindo uma ficha, ele me olhou apreciativamente, fazendo que me alegrasse de me haver vestido bem. Não tinha querido que meu pai levasse a casa uma imagem mental de sua filha espancada, ferida e tristemente vestida, assim tinha escolhido minha roupa com supremo cuidado esta manhã. Tinha-me posto uma saia, cor pêssego, que caía em lindas dobras ao caminhar, uma bonita regata e sandálias de ouro que foram atadas a meus tornozelos. Tinha tecido um cachecol de seda grafite brilhantemente através de meus curtos cachos, cor Arabian Night e a tinha atado em minha nuca, deixando que os extremos caíssem sobre meus ombros ao descoberto. Tinha-me maquiado cuidadosamente, ocultando meus machucados e tinha usado um pó bronzeador em meu nariz, as bochechas e o decote. Pendentes pendentes de cristal roçavam meu pescoço quando me movia.

"Céus, Mac, está fantástica", dizia-me a Mac glamourosa, enquanto uma grande lágrima caía por culpa de minha decisão pessoal: a Selvagem Mac, só estava satisfeita com a Lança escondida e amarrada na parte interior de minha coxa direita, o curto Dirk (N.de T: adaga escocesa) encontrava-se em uma mesinha de pedestal do estudo do Barrons, a minha esquerda... e a pequena lanterna escondida no bolso... e quatro pares de tesouras atrás do balcão.. e tinha estado investigando nas leis da Irlanda, a respeito da aquisição de uma pistola, preferencialmente, uma semiautomática.

- Americana? - disse.

Começava a se acostumar a ser uma turista em Dublin. No colégio a pergunta era "Quem é seu candidato?" No estrangeiro, todos querem saber sua nacionalidade.

Assenti

- E você é, definitivamente, irlandês.

Sorriu-me. Tinha uma voz profunda, um acento cantarín e parecia que ele tinha nascido para luzir um suéter de pescador de cor nata irlandesa, calças jeans e botas. Ele se moveu com graça fácil, nascida dos músculos e do machismo. Era um "demasiado", não podia deixar de advertir com sufoco, enquanto ordenava e colocava os jornais vespertinos sobre o balcão.

Nos próximos minutos, daria-me o gosto de atuar como todos os homens e mulheres que se encontram uns aos outros atraentes e desfrutar dos tempos rituais do flerte. Não todo mundo o faz, e francamente acredito que é uma forma de arte perdida. O flerte não tem que acabar em nada; certamente, não tem que acabar na cama. Eu gosto de pensar que é algo um pouco mais amigável que um apertão de mãos, mas um pouco menos íntimo que um beijo. É uma forma de dizer olá, de maneira excelente, como um dia maravilhoso. É de bom gosto o flerte, sempre que for jogado por gente que entende as regras, faz a todo mundo sentir-se bem e pode melhorar até o céu o estado de ânimo.

Eu estava, sem dúvida, bastante animada, mas dirigi a conversação de volta aos negócios.

- Assim, o que é o que posso lhe ajudar a encontrar, senhor...? - inquirindo delicadamente um nome.

- O'Bannion. - me ofereceu sua mão. - Derek O'Bannion. E espero que possa me ajudar a encontrar a meu irmão, Rocky.

Tiveste alguma vez um desses momentos nos que o tempo se congela? Já sabe, quando, de repente, o mundo está tão silencioso que pode escutar cair um alfinete e os batimentos do coração de seu coração soam tão fortes em seus ouvidos que sente como se pudesse te afogar em seu sangue, e que está ali, nesse momento, suspenso e mortalmente silencioso e no momento no que o tempo volta a correr, vemo-nos nós mesmos com a boca aberta e uma piçarra em branco onde antes estava acostumado a estar o cérebro?

Acredito que estive vendo muitos filmes antigos, ultimamente, no centro da noite, quando não posso dormir, porque a voz descarnada que oferecem os advogados, oferecendo seus conselhos, neste momento, parecia-se muito a do John Wayne, obstinada, com pequenas esporas, com seu acento seco e miserável. "Você não entende o número de vezes que requereram meu conselho. Quando todos outros se foram, quando todas as questões desapareceram, a pergunta é: é feita de carne e osso, ou de aço?"

Quando me estreitou Derek O'Bannion a mão, a Lança que lhe tinha roubado a seu irmão, e pela que eu lhe tinha conduzido a sua morte de maneira inconsciente, queimava, como uma marca do inferno, contra o interior de minha coxa. Eu o ignorei.

- Vá, desapareceu seu irmão? - disse piscando

- Sim.

- Quanto tempo?

- Ele foi visto pela última vez faz duas semanas.

- Céus! É terrível! - exclamei - O que lhe traz para nossa livraria?

Olhou-me fixamente e de repente me perguntei como podia não ter reparado na semelhança. Os mesmos frios olhos que eu tinha visto faz duas semanas no interior de uma guarida de um gangster que empapelava suas paredes com iconografia religiosa, olhavam-me agora. Alguns tinham vinculado ao Rocky e a seu irmão Derek, ao Irlandês Negro, mas sabia pelo Barrons, que sabe tudo sobre todos, que o feroz e desumano sangue que corria pelas veias dos O'Bannion, procedia de um ancestral Saudita.

- Estive perguntando em todas as empresas ao longo desta rua. Há três carros no beco detrás desta loja. Sabe algo deles?

Sacudi a cabeça.

- Não por que?

- Pertencem aos... sócios de meu irmão. Pergunto-me se saberia quando os deixaram ali e por que. Se você escutou ou viu algo, talvez um quarto carro negro? muito caro?

Sacudi a cabeça de novo.

- Não sei nada e não entendo muito de carros. Meu chefe dispõe do lixo. Acabo de começar a trabalhar aqui. Trato de permanecer dentro a maior parte do tempo. Os becos me assustam. - estava balbuciando e me mordi o interior da bochecha para deixar de falar de mim mesma - falou com a polícia? - respirei-lhe. "Vai, sai daqui"

O silêncio do Derek O'Bannion e seu sorriso, cortavam como facas.

- Os O'Bannion não mesclamos nossos problemas com a polícia. Encarregamo-nos nós mesmos deles.

Estudou-me com interesse clínico e flertando me perguntou

- Quanto tempo faz que trabalha aqui?

- Três dias - disse-lhe a verdade.

- É nova na cidade.

- Mm-hmm.

- Qual é seu nome?

- Mac.

Ele riu.

- Você não parece um Mac. (N. de T: MAC = impermeável e, também, homem escocês)

Seria um terreno mais seguro falar de mim mesma?

- Que aspecto tem um MAC? - perguntei-lhe à ligeira,

Inclinei o quadril contra o balcão, sutilmente arqueada minha espinha dorsal. Convidei-lhe com minha postura a voltar para flerte. Escaneou-me da cabeça aos pés.

- De problemas - disse depois de um momento, com um débil sorriso, carregada de sensualidade.

Eu me ri.

- Realmente, espero que não

- Má sorte - rechaçou.

Mas eu podia dizer que sua mente não estava plenamente sobre o flerte. Estava em seu irmão. E era uma coisa que podia entender, ir à caça da verdade, por vingança. Que caprichos da sorte têm feito que se emparelhem nossas almas, a meu e a deste homem? OH, perdão, não foi um capricho. fui eu.

Ele tomou um cartão de visita de sua carteira, uma caneta de seu bolso, e escreveu na parte de atrás.

- Se você vir ou escuta algo, chamará-me, verdade, Mac?

Ele tomou minha mão, girou minha palma e depositou um beijo antes que o cartão.

- Em qualquer momento. De dia ou de noite. Algo. Não importa o que a você possa lhe parecer intrascendente

Assenti.

- Acredito que ele está morto - disse-me. - E vou matar ao que o fez - Assenti de novo.- Ele era meu irmão.

Cabeceei uma terceira vez.

- Minha irmã foi assassinada - soltei-lhe

Seu olhar afiado retornou com um novo interesse. Eu era, de repente, muito mas interessante a seus olhos que um simples flerte com um moça

- Então você entende a vingança - disse brandamente.

- Eu entendo a vingança - acordei.

- Me chame em qualquer momento e.... Mac.... - disse - ...acredito que eu gosto

Observei-lhe sair em silêncio. Quando se fechou a porta detrás dele, corri ao banho, me encerrando ali, inclinei-me contra a porta, me olhando no espelho, tratando de conciliar duas imagens: eu estava caçando ao monstro que tinha matado a minha irmã, eu era o monstro que tinha matado a seu irmão.

Quando saí do banho, atendi aos clientes que tinham entrado na loja. Avisei que fecharia em cinco minutos. Pus de novo o pôster na porta. Hoje fecharia de novo antes de tempo, embora não muito. Não acredito que Barrons se preocupe com isso, não se pode dizer que ele necessite mais dinheiro.

Quando já tinha volteado a placa, cometi o engano de jogar uma olhada pela janela. Estava quase escuro, era essa hora do dia que precede ao anoitecer, quando o dia brandamente se vai tornando em noite.

E eu não podia decidir, de tudo o que vi, o que era o pior: o Inspetor Jayne sentado em um banco algumas leva abaixo à direita, sem nem sequer pretende estar lendo o jornal; o negro espectro de pé, me olhando desde debaixo das cinzas sombras da tênue piscada da luz; ou Derek O'Bannion saindo de uma loja duas portas abaixo, girando à esquerda, e indo em linha reta a Dark Zone.

- Onde infernos acredita que está?

Barrons atirou da porta do cabine e enlaçou uma mão ao redor de meu antebraço. Meu pé esquerdo perdeu o terreno por um momento.

- Não comece comigo - grunhi

Desfazendo sua presa de meu braço, empurrou-me atrás dele; o Inspetor Jayne seguia detrás de mim. Perguntei-me se já tinha perdido a sua família, eu esperava que ele se cansasse de mim antes e voltasse para sua casa.

- Estive obtendo um telefone celular para você, Srta. Lane - ladrou a minhas costas. - Você terá que levá-lo em cima em todo momento, igual à Lança. Você não fará nada sem ela. Faz falta lhe recordar todas as coisas que não se fazem sem ela?

Disse-lhe onde podia meter-se meu recém-comprado-telefone-celular, mais ou menos onde nunca brilhava o sol, algo como o nome de uma flor, digamos petunia e entrei em rapido na loja.

Ele entrou detrás de mim.

- Esqueceu os perigos que há em Dublin de noite, Srta. Lane? Vamos caminhar um pouco?

Uma vez, faz tempo, quando ele pensou que eu era intratável, ameaçou-me me arrastando com ele a Dark Zone uma noite. Esta noite, estava muito intumescida para lhe emprestar atenção.

As dobradiças e pernos da porta soaram como disparos contra aço quando o fechou a casa com uma portada.

- Esqueceu seu propósito aqui, Srta. Lane?

- Como? - disse-lhe amargamente - Cada vez que o tento, acontece algo pior.

Eu estava a metade de caminho entre a conexão das portas, quando me agarrou e me aproximou dele; olhou-me furioso uma vez mais, embora parecia mais pendente do que o pendente de cristal que pendia entre meus seios ou era de meus seios?

- E aí o tem, vestida como uma fulana, para sair de farra. No que estava pensando? Estava bêbada?

- Uma fulana? Por Deus, modernize-se, Barrons. Eu não pareço uma... nada. De fato, estou positivamente muito mais formalmente vestida que outras muitas pessoas, segundo as normas destes dias, e certamente, muito melhor que com esse estúpido vestido negro que você me deu de presente. E para que conste em ata - disse-lhe com zombaria- Não bebi nada.

- Não minta, Srta. Lane. Posso cheirar o álcool sobre você. E outras coisas. Quem é o homem?

Seu escuro e exótico rosto era frio. Suas fossas nasais se alargaram e tinha o aspecto de um felino antes de saltar sobre sua presa. Barrons tinha extraordinários sentidos. Eu não tinha dado sequer o mais mínimo gole de álcool.

- Disse não tinha bebido. - repetiu-me.

Tinha tido uma terrível noite, uma das, absolutamente, piores de minha vida.

- Você cheira a algo. O que é? - exigiu.

- A álcool misturado com um beijo - disse-lhe - Dois, para ser mais precisa.

Mas só porque eu não me tinha movido com a suficiente rapidez para evitar o segundo. Eu o tinha rechaçado, odiava-me, odiava minhas eleições. Sua mão se disparou e se fechou em meu ombro. Ele me fez girar de novo para ele com tal veemência que eu poderia ter dado voltas em vertiginosos círculos se não me tinha agarrado pelos ombros. Ele parecia dar-se conta de que sua reação tinha sido exagerada, e no preciso momento em que estava a ponto de lhe dizer que não era assunto dele, seus dedos se relaxaram, mas seu corpo pareceu absorver duplamente a tensão. Seu olhar se reduziu a meu colar de novo, a seu acolchoado ninho entre meus seios.

- A quem?

- De quem, acredito que é a maneira correta de dizê-lo

- De acordo, de-que-caralho! Srta. Lane?

- Derek O'Bannion. Alguma pergunta?

Ele considerou minha resposta um momento, e logo uma lenta curva de meio sorriso apareceu em seus lábios, como a que O'Bannion me tinha arrojado antes, vamos, que de repente parecia me encontrar muito mais interessante.

- Bom, bom.

Ele passou a almofadinha de seu dedo polegar por meus lábios, cavou-me o queixo e me colocou de cara à luz, procurando meus olhos. Por um momento, pensei que me ia beijar, satisfeito de minha complexidade e de minha cumplicidade. Ou era de minha duplicidade?

- E você se beija com o irmão do homem que você diz que matou por.... - murmurou.

- Eu não o matei - disse-lhe amargamente. - Vocês o mataram, sem minha permissão.

- Merda! Srta. Lane - disse. - Se me perguntar se essa noite o queria morto para que você pudesse estar segura, terei que dizer que assim era.

Lembrei-me dessa noite. Acredito que a recordarei sempre. Tudo tinha acontecido com a rapidez com a que minha vida parecia discorrer ultimamente, o terror do Rocky O'Bannion, a plena consciência de que se não fazíamos com ele, ele me faria algo muito pior e, sem dúvida, uma decisão indescritivelmente dolorosa para mim. Não tenho delírios a respeito de minha capacidade para resistir a tortura. Barrons tinha razão. Eu havia dito " Faça o que você cria que tem que fazer para me manter a salvo" Mas não tinha por que gostar dele. E eu não tinha por que admiti-lo.

Deu a volta e se afastou.

- Quero que vá ao Departamento de Idiomas Antigos de Trinity College, amanhã pela manhã, Srta. Lane.

Pensei em agarrar meu cinturão e me pendurar com ele do teto. Havia alguma conjuração cósmica contra mim? Era o universo em seu conjunto uma gigantesca brincadeira de fomos a

Mac? O antigo Departamento de Idiomas era o único lugar de toda Dublin de que tinha feito uma nota mental de não ir nunca, jamais.

- É uma brincadeira, Verdade?
- Não por que?
- Esqueça-o - murmurei - O que quer que faça?
- Pergunte por uma mulher chamada Elle Masters. Ela terá um envelope para você.
- por que não vai você mesmo?

Que fazia ele todos os dias?

- Estou ocupado amanhã.
- Certo, vá esta noite.
- Ela não o terá até manhã.
- Então que o envie por correio
- Quem é o chefe, Srta. Lane?
- Quem é o detector OOP'S?
- Existe alguma razão pela que não queira ir à universidade?
- Não

Eu não tinha o estado de ânimo necessário, para falar de meninos de olhos de sonho, de compromissos que eu jamais poderia ter.

- Então, Srta. Lane, Qual é o problema?

- Possivelmente porque me preocupa que Lorde Master pudesse estar a meu redor enquanto estou fora?

- Preocupa-lhe tanto como quando ontem à noite permitiu que Derek O'Bannion lhe colocasse a língua em sua garganta?

Endireitei-me

- Ele queria entrar na Dark Zone, Barrons.
- Bom ... Um problema a menos para nós.

Sacudi a cabeça.

- Eu não sou como você, Barrons. Não estou morta por dentro.

Seu sorriso era dez tons de gelo.

- Assim, o que fez você? Sair atrás dele e oferecer a si mesma em uma bandeja de prata, para lhe trazer de volta?

Bastante certo. E então tinha tido que passar as seguintes três horas e meia em um Clube da cidade, dançando e flertando com ele, e tratando de manter suas mãos fora de meu corpo, enquanto o Inspetor Jayne me vigiava de uma mesa da esquina. Tratava de mantê-lo ocupado o tempo suficiente como para que ele estivesse pouco disposto a retroceder e procurar na Dark Zone essa noite. Tratei de me convencer de que era um homem agradável e não como seu irmão. Em minha cega determinação de evitar a culpabilidade de outra morte, tinha esquecido que estava relacionado com o homem que tinha assassinado brutalmente a vinte e sete pessoas em uma só noite, para conseguir o que queria.

Às onze e trinta, eu já tinha tanto como era capaz de digerir. Com cada bebida que tomava, brotavam-lhe mais mãos e uma pior atitude. Eu não tinha sido capaz de lhe frear graciosamente e me tirar isso de cima, e, em um ataque de desespero, dispensei-me a mesma ao banho, e tratei de me escapar por uma porta lateral. Imaginei o que diria se me chamava o dia seguinte, que me

havia posto doente, e se ele me convidava de novo, evitar, dar largas e mentir como uma louca. Realmente não queria outro O'Bannion bêbado atrás de mim nesta cidade. A gente já tinha sido bastante ruim.

Ele me agarrou fora do quarto de banho, empurrou-me contra uma parede e me beijou tão brutalmente que não tinha sido capaz de respirar. Esmagada entre seu corpo e um muro de tijolo, tinha visto chispas de luz pela falta de oxigênio. Minha boca ainda estava torcida, ferida. Tinha visto a emoção em seus olhos e sabia que era um homem que gozava da impotência de uma mulher.

Lembrei-me de seu irmão em um restaurante, com uma perfeitamente penteada e estritamente controlada mulher, da forma em que aos garçons lhes tinha proibido servir a essa mulher, uma comida ou uma bebida, a menos que seu homem o dispusesse.

Os O'Bannion não eram homens agradáveis.

Quando finalmente me deixou livre, fez-me uma cena, em voz alta me acusando de lhe obrigar a me emprestar atenção, quando eu já lhe havia dito que não estava interessada uma dúzia de vezes. Se tinha sido qualquer outra pessoa, os vigilantes a teriam arrojado fora do clube, mas em Dublin, ninguém lhe põe as mãos em cima a um O'Bannion. Antes me tinham jogado .

Meu inspetor sou-um-grão-em-seu-traseiro, tinha-o visto tudo, através das frestas de seus olhos, com os braços cruzados, sem levantar um dedo em minha ajuda.

Fiz outro inimigo, nesta cidade, esta noite, como se não tinha já suficientes.

Ainda assim, estava satisfeita de ter obtido minha meta e não tinha sido fácil de abordar. Quando tinha olhado pela janela e visto o Derek O'Bannion partir direito para seu mortal encontro com as Sombras, não queria nada mais que mudar seu destino; poderia ter fechado a porta, agarrar um bom livro, e fazer de conta que nada mau estava a ponto de passar. Mas parece que já tinha superado o máximo de uma escala dentro de mim, que eu não acreditava possuir, mas não podia me tirar a idéia de que se não tratava de mantê-la equilibrada, ia perder algo de mim mesma que não poderia recuperar. Assim que me tinha obrigado mesma a sair fora da livraria, enquanto o sol ficava rapidamente, meus olhos postos no inspetor, meus dentes encaixados pela opressão e o sentimento de temor que me ataca cada vez que vejo o aterrador fantasma negro, me observando, me esperando. Apontei meu queixo para cima e segui caminhando como se não existisse, e pelo que posso dizer, não o fazia, porque Jayne o tinha ignorado e ela não esperaria a O'Bannion no caminho de volta.

Então, estirei minha camiseta, revelando uma boa quantidade do oco entre meus peitos, para lhe tentar de novo. Queria fazer por um O'Bannion o que não pude fazer pelo outro, lhe salvar, e as escalas dentro de mim se nivelariam um pouco. Eu esperava que ele continuasse sua busca amanhã, à luz do dia, e que não se deteria na livraria de caminho, mas se, apesar de meus esforços, entrava de novo no abandonado Bairro esta noite, faria todo o possível e, francamente, não estava muito segura de que fora conveniente que outro O'Bannion se mantivera no mundo dos vivos.

Papai diz que o inferno tem um lugar especial para os homens que abusam das mulheres. Há monstros que são Unseelie e há outros que são humano.

- Foi um bom beijo, Srta. Lane? - perguntou Barrons enquanto me olhava com atenção.

Tinha em minha memória como tinha apagado esse beijo Barrons da boca: com seus dedos.

- Era como ser uma propriedade.

- A algumas mulheres gostam desse estilo.
- A mim, não
- Talvez, o que faz o homem depende daquilo do que se esta apropriando.
- Duvido-o. Não podia respirar com seu beijo.
- Chegará um dia em que beijasse a um homem sem poder respirar e encontrar fôlego será

o menos importante

- Certamente. E um dia meu Príncipe Encantado chegará.
- Deverá ser um príncipe, Srta. Lane, já que os homens, estranha vez o são.
- Onde vai com toda essa roupa, Barrons.

Que louco zig de minha vida se ia converter em zag próximo?

- Tomei a liberdade de colocar os objetos de vestir em seu quarto. Amanhã de noite vamos ao Gales.

Elle Masters resultou não estar ali ao dia seguinte, e, muito menos, o menino de olhos de sonho.

Em lugar disso, conheci um estudante de quarto ano que trabalhava para Elle, e foi o encarregado de me atender. Ele era alto, com cabelo escuro, um grande acento escocês e uma tonelada de curiosidade a respeito do Barrons; ele teria ouvido falar de meu patrão suponho, e tinha também uns bonitos olhos de sonho, uma incomum tonalidade de âmbar, como a dos olhos de um tigre, emoldurados por espessas pestanas negras.

"Scotty" (que nunca esteve perto de apresentar-se mas lá disso, já que eu tinha muita pressa não só por acabar ali, mas também com meu dia) disse-me que a filha de seis anos de Elle, havia-se posto doente e ela tinha tido que recolher a da escola, assim que ele tinha ido recolher o envelope em seu caminho ao trabalho.

Agarrei-o e saí apressadamente pela porta. Scotty me seguiu até a metade da sala, fazendo pequenos intentos de me fazer falar, com um encanto escocês dos cai-la baba, e tenho a clara impressão de que estava tentando ficar comigo. Dois magníficos meninos do mesmo Departamento?, dois meninos normais? Só me torturaria mesma, se perdia meu tempo com um só pensamento para qualquer deles. O antigo Departamento de Idiomas de Trinity, estava fora dos limites para mim, agora e no futuro. Barrons poderia executar seus próprios recados, ou contratar um serviço de mensageiros que o fizesse por ele.

Em minha viagem de volta à livraria, pretendi não ver quase uma dúzia dos Unseelie tipo Rhino-Boy, escoltando a seus novos protegidos pelas ruas, até finalizar sua adaptação na sociedade humana. Assinalaram e falaram, seus cargos assentiram e era evidente que lhes doutrinava em seu novo mundo, meu mundo. Queria apunhalar a cada um com minha Lança conforme passava perto deles, mas me abstive: não estou aqui para liberar pequenas batalhas, estou aqui para a guerra.

Todos eles são moldados como Fae-Glamour, parecendo humanos com diversos graus de atraente, mas, ou eles tinham feito rudimentares esforços ou eu tinha melhorado na hora de penetrar na fachada Fae, porque além de uma momentânea nebulosidade, uma breve vacilação de cor e contorno, vi-os em suas verdadeiras Formas. Nenhuma foi tão repugnante como o odioso Homem-Cinza, que capturava às mulheres para roubar sua beleza através de úlceras abertas em seu corpo com as mãos.

Todos me fizeram sentir enjoada, mas isso só é o efeito de qualquer Fae em meus sentidos Sidhe-Seer, é meu sistema de alerta temprana. Tomei um grupo de dez deles em meu "radar" . Vi três novos tipos de Unseelie que eu gostaria de apontar, mais adiante, nas notas de meu diário, talvez esta noite, no avião a Gales.

Quando cheguei à livraria, abri o envelope com vapor. O bordo adesivo se separou rapidamente e a fita parecia escassa, possivelmente não tinha sido primeira em fazê-lo.

Era um convite, solitária, assinada por um anfitrião que se identifica a si mesmo, ou a ela mesma, com apenas um símbolo, sem destinatário. Na parte traseira há uma anotação parcial de uma lista, com a intenção de tentar. Incluía um objeto antigamente considerado mítico, dois dos ícones religiosos que se rumoreava que procurava o Vaticano , e uma pintura de um dos Professores que se acreditava perdida em um incêndio fazia séculos.

Barrons e eu íamos a um leilão esta noite, muito privado, o tipo de leilão do Mercado negro, que, de tirar o chapéu, faria aos agentes da Interpol e aos do FBI escalar em suas carreiras como a espuma.

Capítulo 8

Gales é um dos quatro elementos constitutivos do Reino Unido. Inglaterra, Escócia e Irlanda do Norte são os outros três. Irlanda, que não deve confundir-se com a Irlanda do Norte, é um estado soberano e um membro da União Européia.

Todo o Reino Unido, ao redor de 94.000 milhas quadradas, é um pouco menos que o estado do Oregon. A ilha da Irlanda, tanto do Norte e a República, é aproximadamente do tamanho do estado de Indiana. Com suas 8.000 milhas quadradas, o País do Gales é minúsculo. Para pôr em perspectiva o País do Gales, a Escócia é quatro vezes maior e o Texas é trinta e três vezes maior.

Sei tudo isto porque me obriguei a aprender mais. Quando morreu minha irmã e eu estava retida, sem poder voar de meu ninho de suaves plumas em Ashford, Georgia, meus olhos se abriram em mais de uma forma. Fiz um balanço de mim mesma e me dava conta de que, entre outras coisas, eu não tinha consciência de mundo. estive tratando, desesperadamente, de desterrar meu provincialismo, por mim mesma, mediante o ensino, a vista de pássaro, das coisas. Se o conhecimento é poder, desejo tudo o que seja capaz de obter.

O vôo de Dublin a Cardiff tomou pouco mais de uma hora. aterrisássemos em Rhoose, a uns dez minutos da capital, às onze e quinze. Um chofer apareceu ao nosso lado e nos introduziram em uma esfera de prata: um Maybach 62. Nem idéia de onde fomos ali, já que nunca tinha estado dentro deste tipo de carros e estava muito ocupada estudando o luxuoso interior, para notar nada mais da cidade, exceto o passo fugaz das luzes, e, por último, através do teto panorâmico de cristal, a escuridão . Meu assento estava reclinado quase horizontal e me expus seriamente a opção de massagem. Acariciei o suave couro e a madeira brilhante. Observei a velocidade com a que atravessava a noite no painel de instrumentos.

- Quando chegarmos, sentará-se em seu lugar e não se moverá - disse Barrons, pela quinta vez - Nada de tocár o nariz, jogar com seu cabelo, esfregar seu rosto e não importa o que eu diga,

não cabeceie. Pode falar comigo, mas brandamente. O resto das pessoas vão escutar o que puderem, sempre que puder. Seja discreta.

- Silenciosa como um gato, tranqüila como um camundongo - respondi-lhe, rememorando um filme de minha coleção para minha TV de tela plana.

O carro é capaz do que os críticos chamam "ampolas de rendimento," o lucro de 0-100 em cinco segundos. Barrons devia ser um grande colecionador, para que nossos anfitriões lhe tinham enviado esse carro para nos buscar.

Não tinha tomado consciência de meu novo entorno, até o Barrons me ajudar a me baixar do automóvel, passando seu braço através do meu. Eu gostei de meu traje desta esta noite mais que algo que ele tinha escolhido para mim no passado. Levava um traje negro de Chanel, sexy sapatos de salto e diamantes falsos em meus ouvidos, pulsos e garganta. Tinha-me feito um elegante penteado, com meus curtos cachos escuros, ligeiramente recolhidos atrás das orelhas. Tinha aspecto de muito dinheiro e desejava seguir tendo-o. E quem não?

Até agora, o traje mais caro que eu tinha tido era meu vestido de graduação. Eu sempre tinha acreditado que o próximo traje caro que usaria seria o de minhas bodas, e se a vida ia muito bem, no máximo teria meia dúzia entre esse momento e meu funeral. Certamente, nunca tinha apostado pela alta costura, os carros de luxo, os leilões ilegais e os homens que vestiam camisas de seda e trajes italianos, com abotoaduras de platina e diamantes.

Quando finalmente olhei ao redor, assombrou-me encontrar que estávamos em um caminho deserto. Rudes homens de traje, conduziam a pouca distância de um sombreado caminho pelo bosque, nos parando em frente de um banco coberto. Fiquei perplexa, até que a densa folhagem foi afastado, revelando assim uma porta de aço no lado do aterro. Nos conduziu através dela, por umas intermináveis e estreitas escadas, através de um comprido túnel de concreto revestido com tubos e cabos, a uma sala grande, retangular.

- Estamos em um refúgio antinuclear - disse Barrons em meu ouvido - quase três andares por debaixo da superfície.

Não me importa reconhecer que me repugnava a idéia de estar a tanta profundidade na terra, com apenas uma forma de sair, e que essa fora a mesma pela que tinha chegado, através de uma dúzia de homens fortemente armados. Não sou claustrofóbica, mas eu gosto do céu aberto em torno de mim, ou ao menos, o conhecimento de que está justo ao outro lado das paredes. Isto era como estar enterrado vivo. Acredito que prefiro morrer em um holocausto nuclear que viver em uma caixa fúnebre durante vinte anos.

- Encantador - murmurei - É esta como a de sua garagem...? Ow!!

Barrons me pisou no pé com tal força que, se continuava, ficaria plano como um sanduiche.

- Há momentos e lugares para a curiosidade, Srta. Lane, e, este não é um deles. Aqui, algo que você diga, pode e será usado em seu contrário.

- Sinto muito - disse-lhe, e era verdade

Que ele não quisesse que estas pessoas soubessem que tinha uma abóbada subterrânea, podia entendê-lo e se eu não tinha estado tão deslocada por meu entorno, teria pensado nisso antes de dizer uma tolice.

- Baixe-se de meu pé. - ele me olhou desafiante - Estou alerta, juro-o - disse-lhe muito baixinho. Eu não gosto de ser um peixe fora da água, e não só estava a turma de trabalhadores na

praia, era um peixe entre tubarões. - E não vou dizer outra palavra se não me falar você , está bem?

Ele me deu de presente um satisfeito sorriso e dirigimos a nossos assentos.

A habitação era espartana de cima a abaixo, sem toques finais. Tubos e cabos corriam por toda a longitude do teto. Quarenta cadeiras dobradiças de metal estavam colocadas na habitação: cinco filas de quatro cada uma, a ambos os lados de um estreito corredor.

A maioria dos assentos já estavam cheios de gente com elegante traje de noite. Conversavam sobre um silencioso murmúrio.

Na parte dianteira da sala, no centro, havia um podio flanqueado por mesas, cobertas com toalhas de veludo e a parede detrás luzia estofa de veludo, também.

Barrons me olhou. Avisou-me de não cabecear.

- Sim - disse-lhe

Nossos assentos estavam na terceira fila, na parte direita da habitação. Tinha a sensação do Fae" desde que tinha entrado na moradia, mas não tinha forma de saber se se tratava de uma relíquia Fae ou um Fae real, até que não tive a oportunidade de examinar a todas as pessoas situadas em nossa cercania. Não havia Fae-Glamour camuflados; os ocupantes da sala eram humano, o que significava que havia uma poderosa fonte OOP's sob todo este veludo.

Em uma escala de náuseas do um aos dez, sendo dez o Sinsar Dubh, a maioria das coisas ocupavam em minha escala um valor de três ou quatro, com nada até o momento entre o seis e o dez (o único que tinha sido dez me fez perder a consciencia); este era um cinco e eu levava em meu bolso um dos Tums². Tinha começado a adotar esta medida para me ajudar com o desconforto de levar a Lança todo o tempo, que, por certo, tinha deixado no escritório do Barrons, por isso ele a tinha amarrada a sua perna e não à minha; eu odiava não levá-la, mas meu traje elegante não era dos que oferece nenhum esconderijo. Embora houvesse pouca confiança entre nós, eu sabia que ele me devolveria isso rapidamente se a necessitava.

- A porta se fecha a meia-noite - seus lábios roçaram meu ouvido e tremi, o que pareceu lhe divertir - Qualquer pessoa que não esteja dentro, ficará fora. Sempre há um par de atrasados de última hora.

Olhou seu relógio. Faltavam três minutos e meio e ainda meia dúzia de cadeiras por ocupar. No seguinte minuto, cinco foram ocupadas, o que deixou um só lugar vazio, por diante. Girei meu pescoço, estudando cada cara, Barrons permanecia reto.

"Você deve ser mais que meu detector OOP's esta noite, Srta. Lane" ele me havia dito no avião, "Deve ser meus olhos e meus ouvidos. Quero que analise tudo, escute tudo. Quero saber que é o que mais emoção causa, o que mais trai, quem se preocupa, quem é um mal perdedor...".

"Por que? Você sempre é melhor que eu nisto".

"Aonde vamos esta noite, vigiar as pessoas mesmo se considera um sinal de incerteza, de debilidade? supõe-se que você deve vigiar por mim.

"Quem vigiava por você antes? Fiona?"

Barrons está acostumado a fazer caso omissio quando não sabe como responder.

² Remédio anti-nausea

Comecei a olhar ao redor. Não foi tão difícil como me esperava, porque ninguém reparava em mim. Alguns de seus olhares vacilavam um pouco, como se estivessem molestos por estar estudando a natureza do jogo, impedindo que se centrassem nele.

Pareceu-me idiota vestir-se tão elegantemente para vir a sentar-se em cadeiras metálicas, em um poeirento refúgio antinuclear, mas com esta gente rica, o dinheiro não era algo que precisasse ser ostentado, simplesmente, estava aí e estava claro que eles fiam gastar o muito bem.

Havia vinte e seis homens e onze mulheres. Foram dos trinta até um homem de cabelo branco que estava pelos noventa e cinco, em cadeira de rodas, acompanhado por um tanque de oxigênio e um guarda-costas. Sua cinzenta pele era tão fina e translúcida, que pude ver a rede de veias debaixo dela. Alguma enfermidade o estava comendo vivo. Ele era o único que me olhava diretamente e havia medo em seus olhos. Perguntava-me o que era o que um homem tão perto da morte desejava tanto. Espero que quando eu tenha noventa e cinco, as únicas coisas que queira sejam gratuitas: o amor, a família e uma boa comida caseira.

A maior parte das conversações giravam em torno da inconveniência de sua localização atual, o dano que o barro do bosque tinha feito a seus sapatos, o deprimente estado atual dos assuntos políticos e o clima ainda mais deprimente. Nada sobre aquilo que estava a ponto de ser leiloado, como se não pudesse lhes importar menos. Todo o tempo se pretendeu não estar interessado por ninguém nem por nada, guardando codiciosamente cada um de seus gestos e movimentos. Duas mulheres colocaram suas jóias, verificaram seus lápis de lábios, mas não pintando-se, a não ser observando através de seus espelhos de mão, ummm, inteligente. Quatro pessoas verificaram certos itens, como desculpa para deslocar-se e recuperá-los. Sete pessoas se levantaram e trataram de ir ao banheiro. Os secuaces armados negaram suas petições, mas, pelo menos, puderam jogar uma olhada ao redor.

Nunca vi um sortido de pessoas tão avaro e paranóico; Barrons não encaixavam neles mais que eu: se eu era um peixe e eles os tubarões, ele era um desses peixes ignotos que se escondem nas mais profundas e mais escuras águas do oceano, onde a luz do sol e o homem nunca chegaram.

Um distinto cavalheiro, com um cabelo prateado e uma cuidadosamente recortada barba, entrou na habitação e pensei por um momento que era o último participante, mas ele se dirigiu diretamente ao estrado. De passagem, saudou com amabilidade a muitos por seu nome, com um recortado acento britânico e espumosos olhos.

Quando chegou à tribuna, deu-nos a bem-vinda, leu uma breve lista de condições, que todos estivemos de acordo em cumprir, pela simples razão de nossa presença ali, e dizia que aquele que o desejasse, podia abandonar a sala (escuramente me perguntei se lhe permitiria viver se o fazia). A seguir detalhou os métodos aceitos para o pagamento, e quando o leilão estava a ponto de começar, apareceu um homem muito famoso, que qualquer reconheceria da televisão: era o último integrante da sala.

A licitação se abriu com um Monet e daí avançou em um crescendo surrealista; vi alguns dos melhores objetos de arte e artefatos do mundo, jamais vistos pelo homem comum, mas que tinham conseguido passar através das idades graças à rede oculta de frikis ricos.

Vi pinturas do mundo que não sabia que tinham sido pintadas, artefatos que não podia acreditar, que tinham sobrevivido aos séculos, uma obra escrita à mão que nunca tinha existido, uma desastrosa perda para o mundo. Aprendi que existem pessoas capazes de pagar uma fortuna

por possuir algo único, só pelo simples gosto de possuí-lo e ter a um punhado de colegas invejosos de sua posse.

As ofertas eram alucinantes. Uma mulher tinha pago quatro milhões de dólares por uma pintura do tamanho de minha mão; outra, comprou um broche do tamanho de uma noz, por algo mais de três milhões; o homem da televisão pagou por um Klimt, oitenta e nove milhões de dólares.

Havia jóias que uma vez pertenceram a rainhas, arma propriedade de alguns dos mais notórios vilões da história, um jato privado e a coleção de carros clássicos de um italiano.

Barrons adquiriu duas armas antigas e um diário escrito por um Grande Mestre de uma sociedade secreta.

Sentei-me sobre minhas mãos para me manter impassível e esperei, contendo o fôlego pela antecipação, já que com cada tesouro que se dava a conhecer, tinha que fazer grandes esforços para não mover minha cabeça, coisa que era grandemente mais difícil do que possa parecer. Não tocar os cachos que se escaparam de meu elegante penteado se converteu em uma luta extenuante. até agora, eu não tinha idéia da frequência com a que meu corpo me traía, pensamentos apanhados em repetidas ocasiões até que eu mesma estava a ponto de me sacudir, me agitar ou cabecear assentindo. Não é de sentir saudades que Barrons pudesse ler em mim tão facilmente. Não se tratava de uma cômoda noite, mas seria uma experiência inesquecível.

Quando finalmente o OOP's saiu a leilão, não tinha nem idéia do que era, mas sabia que Barrons o desejava ferventemente. Também estou aprendendo a ler nele. Tratava-se de um Amuleto enfiado, do tamanho aproximado de meu punho, com umas pequenas mãos de ouro, prata, safiras e ônix, e de acordo com a ficha de informação, várias ligas e gemas igualmente misteriosas. Em um engaste dourado, estava alojada uma enorme pedra translúcida de composição desconhecida, suspenso em uma larga e grossa corrente. Tinha uma colorida história, datada ainda mais atrás do Homo Sapiens e tinha sido da concubina de um mítico Rei, conhecido como Cruz.

Cada participante recebeu uma pasta, onde se detalhava a procedência do elemento e sua cadeia de custódia, que ia aparecendo ante meus olhos enquanto o lia por cima do ombro do Barrons. Cada titular do Amuleto através do tempo, tinha sido uma figurava proeminente na história ou a mitologia; inclusive para mim, que tinha dormido na maior parte de minhas classes de história, eram conhecidos. Alguns tinham sido heróis e outros vilões, mas todos tinham sido imensamente poderosos. O Amuleto e seu "místico", dizia-se, tinham a capacidade de outorgar a seus proprietários seus desejos mais profundos.

Era a boa saúde perdida o que estava procurando o homem em cadeira de rodas?; Maior longevidade?Aspirações políticas? Para o famoso homem da televisão, Guia para uma nação? Maior riqueza? Poderia ser ainda mais rico? Perguntava-me. Se eu fosse ele, queria algo para o cabelo.

Possivelmente alguém queria que lhe devolvesse o desejo sexual, a beleza, um marido ou uma nova esposa jovem, talvez.

Burlavam-se de um homem da quarta fila, que tinha a mais enfeitada expressão de caça que vi jamais, que desejava derrotar a todos seus inimigos.

As bases da licitação explodiram.

Todo o tempo, Barrons permaneceu sentado imóvel, olhando à frente. Eu, por outro lado, estava descaradamente ruborizada; meu coração golpeava como louco e nem sequer estava implicada na situação. Seguiu à espera da oferta do Barrons e cresceu cada vez meu alarme quando não a fez.

Cruz era, obviamente, Cruzamento, o legendário criador da Cuff (N. de T: bracelete) que V'lane me tinha devotado . tratava-se de uma Relíquia Fae, incrivelmente poderosa, que embora não pudéssemos usar nós mesmos, não devia estar por aí no mundo. trata-se de um OOP's e cada instinto Sidhe-Seer que havia em mim, queria que o retirasse do mundo dos Homens, mundo no que nunca deveria ter estado, pois nas mãos equivocadas era capaz de gerar um grande mal, como demonstrou um ditador alemão que uma vez o teve em propriedade.

Inclinei-me para o Barrons e pressionei minha boca em seu ouvido.

- Diga algo! - disse-lhe assustada - Puxe!

Fechou sua mão ao redor das minhas e as espremeu brandamente.

- Cale-se!

As ofertas públicas de aquisição alcançaram proporções astronômicas. Não havia forma de que Barrons tinha tanto dinheiro. Não podia acreditar que nos fosse escapar! A luta se reduziu a cinco opositores e, mais adiante, só a dois: o famoso homem da televisão e o moribundo. Quando a luta alcançou oito cifras, o famoso homem da televisão, riu e abandonou.

"Já tenho tudo o que quero", disse.

Fiquei agradavelmente surpreendida ao ver que realmente acreditava: em uma habitação infestada de descontentes, de gente ambiciosa, ele estava realmente feliz com seu Klimt, e com sua vida em geral. Minha opinião sobre ele melhorou grandemente. Decidi que eu gostava de seu cabelo e admirava que não lhe importasse o que ninguém pensasse dele. Bem por ele!

Uma hora mais tarde, o leilão tinha terminado. Um avião privado (único meio de transporte para bens públicos obtidos ilegalmente) deixou-nos, umas poucas horas depois, de volta em Dublin; antes do amanhecer estávamos de novo na livraria.

Esgotada, tinha dormido durante o vôo, despertando só quando começou a aterrissar, para me encontrar com a boca ligeiramente aberta, um suave ronco saindo dela e ao Barrons que me olhava com diversão.

Estava bêbado se tinha deixado escapar o OOP'S. Queria conhecer o alcance do Poder que conferia, queria saber se poderia me proteger, inclusive melhor, que a Cuff que V'lane me tinha devotado.

- por que não fez ao menos uma oferta?- perguntei-lhe áspera, assim que flanqueou a entrada.

Ele me seguiu dentro.

- Eu sei o que tenho que comprar para manter uma fachada, para que eles sigam me mandando seus convites. Qualquer aquisição realizada nesse leilão se observa e se registra. Eu não gosto que outra pessoa saiba o que tenho. Nunca compro as coisas que realmente quero.

- Bom, isso é estúpido. Como se podem conseguir, então? - esgotei meus olhos. – Então a caso vai roubá-la, Barrons?

Ele riu.

- Você não a quer? A identificação foi incorreta, Srta. Lane: não é a Cuff de Cruzamento, a não ser uma das quatro Relíquias Unseelie

Faz uns meses eu nunca tinha acreditado em algo como as Relíquias, mas, tampouco, nunca teria acreditado capaz de matar. As Relíquias Fae era as mais sagradas, mais mágicas e obsessivamente cobiçadas das relíquias. Havia quatro da Luz ou Relíquias Seelie: a Lança, a Espada, o Caldeirão e a Pedra, e quatro Escuras ou Relíquias Unseelie: o Amuleto, a Caixa, o Espelho, e o mais terrível de todas elas, o Sinsar Dubh, o Livro Escuro.

- Você viu quem foi seus proprietários no passado - disse Barrons. - Inclusive se não se quer para a gente mesmo, pode-se deixar que uma Relíquia Escura ande por aí solta?

- Isso não é justo, utiliza meu talento Sidhe-Seer para delinquir.

- A vida não é justa, Srta. Lane. E você chegará a estar afundada até as orelhas na delinquência.

- Poderia acabar detida, poderia terminar na prisão.

Não sobreviveria na prisão: a monotonia dos uniformes, a falta de cor, a rotina da existência penitenciária... desmorraria-me em questão de semanas.

- Eu gostaria de poder lhe oferecer alguma outra saída. - disse sério.

- Grandioso. Então, posso escapar?

- Não, não pode, Srta. Lane. Você não pôde escapar desde que sua irmã morreu

Ele se deu a volta e desapareceu além das portas de conexão. Saí depois dele. Como não ia ou seja o Barrons? Eu sabia que não tinha escapatória, após, igual sabia ele.

Depois do assassinato da Alina, tinha começado a me sentir invisível. Meus pais já não me viam só ; cada vez, com maior frequência, apanhava-lhes me olhando com uma dilaceradora mescla de desejo e dor, vendo a Alina em meu rosto, em meu cabelo, em minhas maneiras...

Eu era seu fantasma, tinha deixado de existir, já não era só Mac: era a que tinha sobrevivido.

Tinha razão. A justiça e a vingança tinham sido só uma parte de meus motivos para deixar Ashford; além disso, queria correr longe de minha dor, de sua dor, de ser uma sombra de outra pessoa, de ser seu amor amargamente perdido, a Irlanda tinha estado, quase, o suficientemente longe.

O pior disso é que agora estava apanhada em uma maratona mortal, que se estendia por minha vida, desesperada por me manter sempre um passo por diante de todos os monstros que vinham detrás de mim, e sem uma linha de meta à vista.

Capítulo 9

Falando de fazer o melhor pelos seres amargamente perdidos: tinha um dia para limpar seu apartamento; antes da meia-noite todos os pertences da Alina tinham que estar fora ou o proprietário teria direito sobre elas.

Tinha embalado algumas caixas na semana anterior, justo o mínimo imprescindível para ser capaz de arrastá-lo até a porta, chamar um táxi, e pagar um pouco mais ao taxista, para que me ajudasse com a carga e o transporte até a livraria, onde poderia as envolver e as enviar a casa.

Não podia acreditar que tinha perdido por completo a noção do tempo, mas tinha passado por uma luta contra os monstros, uma visita à delegacia de polícia e o interrogatório, a busca de um cemitério, enviar a meu pai a casa, lhe evitar a morte ao irmão de um gangster, um novo

trabalho que aprender e um ilegal leilão a que assistir. Seria uma maravilha que tinha algo feito, a verdade.

E assim no domingo pela tarde, 31 de agosto, o último dia do arrendamento da Alina, o dia em que deveria ter empacotado suas coisas e esperado um táxi para levá-la ao aeroporto e, por último, voltar para sua casa, a Georgia e a um sem-fim dos verões peixeiros, encontrava-me com um e gotejante guarda-chuva na parte de acima da escada e limpando meus sapatos no tapete fora da porta de sua casa. Levava ali uns minutos, dando voltas sem rumo, tentando eliminar as partículas de meus olhos que se estavam fazendo água.

O apartamento da Alina está em cima de um Pub no Distrito de Têmpera Bar, não muito longe de Trinity, onde ela tinha estado estudando, pelo menos durante os primeiros meses que estive aqui; logo, tinha deixado de ir a classe, desde antes de começar sua busca, iniciando-a perda de peso e o comportamento furtivo.

Podia entender como me tinha esquecido da limpeza de seu apartamento, mas agora que estava de pé fora dele, não podia acreditar que me tinha esquecido a existência de seu diário. Alina era uma diário-viciada, não podia viver sem ele; tinha-o sido desde que era uma menina. Jamais perdeu um só dia. Estava acostumado a lê-lo às escondidas, atormentada por ver quão segredos ela tinha decidido confiar a seu estúpido livro sobre mim.

Durante sua estadia no estrangeiro, ela teria crédulo os maiores segredos de sua vida a esse estúpido livro e eu o necessitava. A menos que o que me tinha golpeado, tinha-o destruído, em algum lugar de Dublin existia um relato de tudo o que tinha acontecido, desde o dia em que ela pôs o pé neste país, neuróticamente decortado. Nessas páginas, contaria tudo o que tinha visto, consideraria o que tinha passado e o que tinha aprendido disso, a forma em que descobriu o que ela e eu fomos, a forma em que o Lorde Master a tinha enganado para unir-se a ele, e, o que eu esperava mais desesperadamente, a localização do Sinsar Dubh: que era, quem o transportava e o que significava o que havia dito em sua frenética e misteriosa mensagem telefônica antes de que a chamada terminasse abruptamente.

"Eu sei o que é agora e sei que..."

Estava quase segura de que Alina tinha querido dizer que ela sabia onde estava, por isso, esperava que o tinha escrito em seu diário e que o diário estivesse oculto em algum lugar que ela pensou que só eu saberia encontrar: tinha sabido encontrar todos e cada um deles ao longo de nossas vidas. Sem dúvida, ela me teria deixado uma pista de como encontrar o mais importante.

Coloquei a chave na fechadura, girei o trinco, a maçaneta estava um pouco pegajosa, empurrando para abrir a porta e... ante mim apareceu uma garota, de pé, esgrimindo um taco de beisebol.

- Quietas as mãos! Escutei-a aí fora e já chamei à polícia - gritou; ao ver a chave em minha mão disse - por que tem você uma chave de meu apartamento?

Guardei-me a chave

- Quem é você?

- Eu vivo aqui. Quem é você?

- Você não vive aqui, minha irmã vive aqui!, ao menos, até a meia-noite do dia de hoje.

- De maneira nenhuma. Assinei um contrato de aluguel faz três dias e paguei por antecipado. Se você tiver um problema, fale com o dono.

- De verdade chamou à polícia?

Avaliou-me friamente.

- Não, mas o farei se tiver que fazê-lo

Isso foi um alívio. Eu não tinha visto o Inspetor Jayne hoje e, ainda, estava saboreando a pausa. Quão único não precisava era que se apresentasse e me prendesse por entrada ilegal ou algum outro cargo falso.

- Onde estão as coisas de minha irmã? - exigi

Todas as minhas, cuidadosamente, embaladas caixas tinham desaparecido. Não havia nenhum rastro de pó no andar, nem vidros pulverizados ou móveis quebrados, nem cortinas rasgadas. Tudo tinha desaparecido. O apartamento estava imaculado e tinha sido redecorado.

- Como vou saber? O lugar estava vazio quando me mudei

- Quem é o dono?

Fiquei atônita. Tinham desaparecido. Embora eu tinha vacilado, indecisa, a respeito de se devia ou não destruir as paredes e os chãos em uma profunda mas destrutiva busca de seu diário, esta consideração tinha sido deixada de lado por outras, tinha perdido todas as coisas pessoais de minha irmã! Alguém estava vivendo em seu apartamento. Não era justo! Necessitava um dia mais!

- O moço do bar debaixo se ocupa das coisas do apartamento, mas provavelmente terá que falar com o proprietário.

- E quem é?

Ela encolheu.

- Eu nunca o vi. O menino o chamou Barrons.

Senti-me como um rato em um labirinto, como se todos outros fossem humano vestidos de laboratório, de pé fora de minha jaula, e me olhassem correr às cegas acima e abaixo, sem saída, pelos corredores, rindo-se.

Deixei à novo inquilino sem outra palavra.

No beco de atrás do bar, sob a marquise de uma porta para me resguardar da garoa, saquei o telefone móvel que Barrons tinha deixado ante a porta de meu dormitório a última noite, com três números programados na agenda

Um deles era JB, esse era ao que eu chamava agora. Os outros dois eram um mistério: IYCGM e IYD.

Soou zangado quando respondeu.

- O que? - gritou

Podia ouvir o som de coisas movendo-se, de vidros quebrados.

- Me fale de minha irmã - ladrei eu.

- Ela está morta? - disse sarcasticamente.

Houve outro estrondo.

- Onde estão suas coisas?

- Acima em sua habitação, junto às suas. O que é, Srta. Lane, o que não pode esperar? Estou um pouco ocupado nestes momentos.

- Em meu dormitório? - exclamei - Você admite que as pôs ali?

- Por que não ia fazer ? Eu era o dono e não tinha limpo o lugar a tempo.

- Estava a tempo. Tinha até hoje!

- Você estava ferida, assim que me ocupei eu por você - um estrondo maior balizava suas palavras.- De nada.

- Você foi o caseiro de minha irmã e não se incomodou em me dizer isso Disse-me que não sabia nada dela! - gritei para que me ouvisse por cima do ruído procedente do auricular.

Está bem, talvez gritei porque estava furiosa. Tinha-me mentido, crua e descaradamente. O que outras mentiras me tinha contado? Um trovão por cima de mim me fez enlouquecer: um dia ia escapar do Jericó Barrons e desta maldita chuva, um dia ia encontrar para mim mesma, uma ensolarada praia, com meu traseiro plantado nela até que me brotassem raízes.

- Além disso - insisti-lhe - seu nome não figurava na carta que recebemos a respeito dos danos à moradia!

- O homem que dirige meus aluguéis enviou a carta, eu não sabia que era sua irmã, de fato, não sabia que era seu caseiro até que meu advogado me disse faz uns dias que havia um problema com uma de minhas propriedades. - houve um suave golpe e Barrons grunhiu. Depois de um momento, disse - Chamei a sua casa em Ashford e ninguém me respondeu. Ele não queria fazer-se responsável pelas propriedades do inquilino ali contidas. Disse-me o nome, dava-me conta e me fiz cargo delas.

Houve um suave "oomph", e o telefone móvel do Barrons caiu com estrépito ao chão.

Estava curiosamente desinflada, tinha-lhe chamado com a intenção de dizer um desses "estraga, te pilhei!", porque estava convencida de que me tinha escondido alguma conexão pessoal entre ele e minha irmã, porque acreditei ter encontrado provas da mesma, provas de sua vilania, e, agora, as coisas voltavam milagrosamente para seu lugar e tudo começavam a ter sentido, sua resposta era perfeitamente lógica. Dois de meus usuários no Brickyard, tinham múltiplas propriedades e nunca se implicavam pessoalmente em sua gestão, a menos que houvesse um problema. Não viam nenhuma papelada a menos que tinham que ir aos tribunais, e um deles nunca se inteirou de que alugava uma de suas propriedades.

- Não acredita que isso é uma terrível coincidência? - exigi quando o escutei de novo ao outro lado da linha.

Sua respiração parecia agitada, como se corresse, lutasse ou ambas as coisas. Tratava de imaginar quem ou o que poderia fazer que Barrons lutasse ou corresse e decidi que não queria sabê-lo.

- Esteve afundada nas coincidências mais tempo que eu para ter experiência não crê?

- Sim - acordei - e tenho intenção de chegar até o fundo

- Se alguém puder, essa é você, Srta. Lane.

Ele soou definitivamente hostil, poderia-se dizer que estava a ponto de pendurar.

- Espere um minuto. Quem é IYCGM?

- Alguém se por acaso você não me encontra. -gritou.

- e IYD?

- Se por acaso está morrendo, Srta. Lane. Mas se eu fosse você, eu gostaria que chamasse só se estivesse segura de que estava morrendo, do contrário, mataria-a eu mesmo.

Ouvi a risada de um homem ao fundo.

A linha ficou muda.

- Vê-os, também - disse em voz baixa, me afundando mais no banco junto à sardenta ruiva.

Tinha encontrado uma Sidhe-Seer no Campus de Trinity, uma garota, como eu. No caminho de volta à livraria, o tempo tinha melhorado pelo que me tinha desviado à universidade para observar às pessoas. Apesar de que o sol aparecia fracamente, empurrando através das nuvens, a tarde era cálida e as pessoas se reúnem em grupos, alguns para estudar, outros rindo e falando.

"Quando vir algo Fae" - havia-me dito Barrons - "não olhe ao Fae, a não ser à multidão para ver quem mais está olhando".

Demonstrou ser um bom conselho. Tinha-me acompanhado um par de horas, mas finalmente se foi. Ajudava que houvesse tantos Fae na cidade. Cada meia hora ou assim, um Rhino-Boy caminhava ao lado de um de seus cargos. Hoje vi algo totalmente novo: vi como alguém também os olhava.

A garota olhou por cima de seu livro e me lançou um olhar em branco que foi pura perfeição. Um halo de cabelo encaracolado castanho avermelhado, um pequeno e reto nariz, uma rosada boca e uma insolente mandíbula. Eu lhe calculava quatorze anos, quinze ao mais, e já seu Sidhe-Seer fachada era quase perfeita. Fez-me sentir francamente "torpe". Ensinou a si mesmo ou alguém mais lhe ensinou?

- Sinto muito, o que?- disse piscando.

Joguei uma olhada detrás, ao Fae; estava convexo sobre suas costas no bordo de uma fonte, como se queria absorver os intermitentes raios de sol. Era magro, diáfano, encantador, de sonho, com esse look atual: brilhante cabelo, um rosto delicado e um magro corpo com pequenos peitos. Estava nu e não parecia molesto por mostrar seus encantos. por que ia estar ? O humano normal não poderia lhe ver e, segundo Barrons, muitos dos Fae acreditavam que os Sidhe-Seer tinham morrido faz muito tempo ou que nosso número era intrascendente.

Entreguei à menina meu caderno, aberto por uma página onde escrever. Ela se encolheu, tampou-se a boca com a mão e me olhou airadamente

- Como se atreve você? Se quer ficar em perigo, é muito livre de fazê-lo, mas não me arraste com você! - ela agarrou seu livro, mochila e guarda-chuva e se dispôs a partir com graça felina.

Saí frustrada atrás dela. Tinha um milhão de perguntas: queria saber como ela tinha aprendido o que era, quem lhe tinha ensinado, queria me reunir com essa pessoa, queria saber mais a respeito de minha herança, e não através do Barrons, que me deixava com mais pergunta dentro das perguntas. Eu era uma piada ao lado dela, embora ela era muitos anos mais nova que eu, estava sozinha nesta grande cidade e queria uma amiga.

Eu era uma aficionada. Ajudou-me o levar sapatilhas de tênis e que ela levasse sandálias, ainda assim, ela avançava rapidamente uma rua atrás de outra, empurrando-se através dos turistas e os vendedores; segui-a de perto, até que, finalmente, ela entrou em um beco, parou-se e olhou ao redor. Agitou seus ardente cachos, lançou-me um deslumbrante olhar, como um gato de luminosos olhos verdes e ouro, e realizou um relampejante varrido da rua, do pavimento, as paredes, os telhados e finalmente o céu.

- O céu? - perguntei assombrada - Por que?

- Caraca! Como conseguiu sobreviver aos fódidos monstros até agora?

Ela era muito jovem para amaldiçoar

- Vigia sua boca, se estivesse aqui minha mãe, lavaria-lhe isso com água e sabão.

Ela me lançou um olhar de pura beligerância.

- A minha a tinha arrastado até o Conselho, e a teriam detido por ser um perigo para si mesmo e para as demais.

- Conselho? Que conselho? Existe? Terá muitos como nós? Estão organizados, como Barrons diz que estavam na antigüidade? Quer dizer que há um conselho do Sidhe....?

- Rua! - disse assustada - vai conseguir nossa fodida morte!

- Há um? - exigi. - Um conselho de... você sabe... gente como nós?

Se fosse assim, tinha que contatar com eles. Precisavam saber do Lorde Master e seu Portal. Talvez pudesse pedir conselho sobre este assunto a outra pessoa, me lavar as mãos do resto de assuntos e me dedicar só à vingança.

Minha irmã conhecia sua existência?, teria se reunido com eles?

- SSShhhh! - Ela escaneava de novo o céu.

Comecei a estar incômoda

- por que segue procurando?

Fechou os olhos, sacudiu a cabeça e me olhou como se estivesse invocando Santa Paciência a Jesus, María, José, e a todos e cada um dos Santos. Quando os abriu de novo, apressadamente me arrancou a caderneta de debaixo de meu braço.

- caneta - exigi.

Tirei uma de minha carteira e o deixei em sua palma. Ela escreveu:

- Você e eu estamos aqui, mas o vento está em todas as partes. Portanto, nenhuma palavra mais, se quiser que eu lhe siga contando coisas

- É terrivelmente melodramática. - brinquei tentando dissipar o formigamento de minha espinha dorsal.

- Essa é uma das coisas que deve aprender - disse ela com um olhar mordaz. - Eu o aprendi quando tinha três anos. Você é velha, deveria saber o melhor que eu.

- Não sou velha - chiei - quem ensinou a você?

- Minha avó

- Bom, aí o tem. Eu tive que ir provando sozinha, ninguém me ensinou nada. Tive que aprender tudo por mim mesma e, além disso, tenho um emprego novo que também tenho que aprender. Assim, parece-me que não o tenho feito tão mal.

Ela se encolheu de ombros e me disse, com seu olhar, que ela o teria feito muito melhor que eu, porque ela era muito inteligente e especial. OH, a inexperiência da juventude. Como e quando perdi a minha?.

- Então, por que olha o céu?- insisti, sentia-me como deviam senti-los ratos quando há curajas voando.

Tomou uma página em branco e escreveu outra palavra. Apesar de que a tinta era rosa, a curta palavra era escura e sombria na página.

- Caçadores.

O calafrio se transformou em gelo, que escorregou por minhas costas e se assentou, diretamente, em meu coração. Os Caçadores são os aterradores Unseelie alados, cujo principal objetivo é caçar e matar Sidhe-Seer.

Ela fechou a caderneta.

- Eles foram avistados em Dublin? - sussurrei horrorizada, olhando com cautela ao céu.

Ela assentiu.

- Qual é seu nome?

- Mac - disse-lhe brandamente, no caso de meu nome também era escutado pelo "o vento" -

E o teu?

- Dani, com "i" latino. Mac o que?

- Lane. - isso era suficientemente por agora. Que estranho que não lhe parecesse bastante só meu nome.

- Onde posso te encontrar, Mac?

Comecei a lhe dar meu novo número de telefone celular, mas ela sacudiu a cabeça rapidamente.

- Nos atenemos às velhas maneiras em tempos como estes. Onde vive?

Dava-lhe a direção da Livraria Barrons

- Eu trabalho ali, para o Jericó Barrons - procurei em seu rosto um sinal de reconhecimento - Ele é um de nós.

Ela me olhou sentida saudades

- Você crê?

Assenti. Voltei a abrir a caderneta e escrevi:

- Há muitos de nós?

- Não é lugar para falar - escreveu - Alguém ficará em contato com você logo.

- Quando?

- Não sei. Tudo depende delas.

- Necessito respostas, Dani, vi coisas muito estranhas e necessito conselho para saber o que está passando nesta cidade.

Ela me lançou um olhar exasperado

- Bom, lhe diga a seu "alguém" que se dê pressa. As coisas estão piorando, rapidamente - e escrevi novamente - Sou um Null, e sei coisas sobre Lorde Master e o Sinsar ...

Arrebatou-me a caderneta e rasgou a página antes que eu pudesse piscar. Ela o tinha feito com tanta facilidade e rapidez, que minha caneta seguia estando parada no ar sobre uma página que já não estava ali, enquanto eu ainda estava tentando escrever a letra D. Nada, em condições normais, poderia passar tão rápido. Ela tinha reagido com uma rapidez sobrenatural. Procurei seu rosto.

- O que é você?

- Quão mesmo você, os talentos latentes despertam em momentos de necessidade - disse ela. - Você tem seu talento, eu tenho o meu. Cada dia aprendemos mais a respeito de como utilizá-los e aparecem outros mais.

Ela poderia escapar de mim no batimento do coração do coração. A seu lado, eu parecia uma piada. Esta menina poderia provavelmente saltar por cima de um pequeno edifício.

- Então, por que falas comigo?

Ela se encolheu de ombros

- O certo é que não deveria, mas tinha curiosidade. Rowena enviou a um grupo de nós a procurá-la, para averiguar onde vive. É obvio, sou a que conseguiu descobri-la - disse-o como se fosse algo apto só para suas capacidades. Olhou-me desdenhosamente - Tínhamo-lhe perdido a pista.

- Rowena, quem é? - tive uma intuição que eu não gostava - É velha, de cabelos grisalhos e frágil?.

Assim era, como eu suspeitava; era a anciã que tinha conhecido em minha primeira noite em Dublin, a que me mostrou sua ira quando me demorei muito na visão do primeiro Fae que tinha visto em minha vida, a que mais tarde, não tinha feito nada quando V'lane quase me tinha violado no museu, e, logo tinha insistido em que a seguisse.

- Vá vê-la! - exigiu-me.

Necessitava seus conhecimentos. Ela me chamou O'Connor, mencionou a alguém chamada "Patrã". Sabia de onde tinha vindo eu? Quase não podia pensar nisso, pois me parecia uma traição a meus pais e a tudo o que tinham feito por mim nos últimos vinte e dois anos.

- Tenho familiares em algum lugar da Irlanda? Um primo, um tio ... uma irmã?

- Rowena lhe explicará isso em seu momento - disse Dani. Quando abri minha boca para protestar, ela disse - Hey, eu sou só o mensageiro!. E ela me arrancaria as orelhas se eu te der mas informação, embora - sorriu gatunamente - ...ela poderia obter o mesmo, se o tentar. Ela pensa que sou um cachorrinho, mas já matei a quarenta e sete.

Matado? A quarenta e sete?Fae? Como podia esta menina havê-lo feito? Ela se girou sobre seus pés e saiu correndo como se tinha asas neles, Como podia ter essa velocidade sobre-humana? Eu não tinha nenhuma oportunidade de capturá-la.

- Mac - disparou sobre seu ombro - uma coisa mais, e se o diz a Rowena, negarei-o, mas precisa sabê-lo: não há homens entre nós, nunca os houve. Seja o que seja seu empregador, ele não é um de nós.

Fiz meu caminho de volta pelo Distrito de Têmpera Bar, com sua ensurdecidora música saindo pelas janelas abertas e seus buliçosos usuários dando tombos de bar em bar.

A primeira vez que entrei nesta parte da cidade, tinha recebido assobios e galanteios e tinha desfrutado de todos eles. Era o tipo de garota que se vestia para chamar a atenção, com atraentes conjuntos e todos seus acessórios. Esta noite, com roupa cômoda e sapatilhas esportivas, sem maquiagem e com o cabelo chupado pela chuva, meu passo por ele passou inadvertido e estava agradecida disso.

Em minha cabeça só girava um pensamento, tentando obter minha atenção: até agora, Barrons tinha sido minha única fonte de informação sobre o que eu era e o que estava passando a meu redor, mas agora, tinha descoberto outra fonte e estava organizada. Havia outras Shide-Seer lutando e matando Fae, meninas de quatorze anos de idade, com a velocidade de um super héroi, nem mais nem menos... e Rowena, a anciã, quem provavelmente tinha a idade suficiente para recordar um pouco da sabedoria Shide. Nunca tinha sonhado que pudesse existir uma comunidade de Sidhe-Seer, uma rede ativa com um Conselho, normas e mães que ensinavam a suas filhas, do nascimento, a forma de fazer frente ao que eram. O antigo crave do que Barrons me tinha falado no cemitério, ainda existia!

Eu estava zangada por não ter sido convidada à comunidade a primeira noite, a noite que tinha visto meu primeiro Fae e quase me traído , coisa que, de fato, teria acontecido se Rowena não tinha intervindo; mas naooo!, longe de me acolher protetoramente sob suas asas quando necessitava sua ajuda, que me ensinasse a sobreviver, tão desesperadamente, Rowena se tinha

plantado frente a mim e me havia dito que fora a morrer a outra parte. E isso é, exatamente, o que eu teria feito, morrer, se não me tinha cruzado no caminho do Jericó Barrons.

Sem guia, sem ter nem idéia dos monstros Unseelie, não podia negar que provavelmente me teriam matado; possivelmente uma Sombra me teria reduzido a uma casca de papel a seguinte vez que tinha vagado pelo bairro abandonado; talvez, o Homem-Cinza teria cortado o trabalho de destruir minha própria beleza, que com a horrível tintura de cabelo, a má roupa e minhas rapidamente cambiantes prioridades, parecia estar levando a cabo eu sozinha com evidentes progressos. Talvez, o Monstro-De-Muitas-Bocas teriam posado suas muitas bocas sobre mim, ou, talvez, me teria convertido no detector OOP's do Lorde Master em lugar de fazê-lo para o Barrons, com a diferença de que este último não me tinha assassinado como o outro a Alina.

Barrons, com tudo o que pudesse ser, era quem me tinha salvado ; ele me abriu os olhos e me entregou uma arma, não Rowena e sua alegre banda de Sidhe-Seer, de quem esperava que seu interesse por minha pessoa durasse mas de um dia.

"Não há Shide-Seer homens" havia dito Dani, "Nunca os houve".

Bom... eu tinha notícias frescas para elas: Barrons podia ver os Fae, ele me tinha ensinado a respeito deles, tínhamos lutado juntos, um ao lado do outro e isso era mais do que nenhuma outra pessoa, ou Rowena, fazia por mim.

Não tinha nenhuma dúvida de que ela enviaria logo alguém por mim, de que tinha Shide-Seer a minha caça: sabia que tinha uma das Relíquias Seelie. Esse dia no Museu, no que V'lane tinha dirigido sua mortal sexualidade para mim, ela tinha visto como lhe ameaçava com a Lança. Quando finalmente me tinha escapado, tinha-me alcançado e tratado de que a acompanhasse. Mas tinha sido muito pouco e muito tarde. Tinha-me abandonado, pela segunda vez, esse dia, previamente, no mesmo Museu, me deixando como uma égua em zelo frente a um Fae Morte-por-sexo, em público, sem levantar um dedo para me ajudar; quando lhe tinha exigido uma explicação de porquê não tinha tratado de fazer algo, algo, ela tinha respondido friamente: "um que tira o chapéu é um morto, dois que tiram o chapéu são dois mortos... não podemos assumir riscos que possam trair a mais de nós, sobre tudo, não a mim".

Esta anciã era importante. E ela tinha informação sobre mim, sobre quem eu era e quando enviasse a alguém para me buscar, iria, mas em nosso terceiro encontro, as coisas iam ser muito diferentes: seria ela quem ia ter que demonstrar que me merecia.

Estava escuro quando cheguei à livraria. Fiz meu caminho pelo beco, perto da entrada traseira e com uma lanterna obstinada em cada mão.

Notei que Barrons tinha reparado a janela quebrada da garagem.

Não é que eu estivesse desenvolvendo uma verdadeira obsessão pelas Sombras, era simplesmente... uma comprovação do status atual. Um de meus inimigos tinha tentado estabelecer um acampamento apóio ao lado de minha porta de atrás, o menos que qualquer bom soldado pode fazer é inspecionar de forma periódica, para assegurar-se de que não existem novos acontecimentos.

Não se produziram novos acontecimentos. A iluminação estava em ordem, fora e dentro. Passei a parte posterior de minha mão através de minha frente com um suspiro de alívio. Nenhuma Sombra. Desde que tinham entrado na loja, eu não tinha sido capaz de conseguir que abandonassem minha mente, em especial a grande, a que me tinha ameaçado no salão. Agora,

deslocavam-se prazerosamente para frente e para trás no bordo da escuridão. Pisquei. Tinha-me parecido ver.... um punho com um só dedo da mão em posição vertical !, em um modo de insulto muito humano, já sabem como, e me neguei a pensar que poderiam havê-lo aprendido de mim. Já não havia lugar para mais coisas estranhas em minha cabeça. Tinha sido, seguro, um truque da iluminação, nada mais.

Dirigia-me à escada e no último passo, com minha mão já na porta, senti uma presença detrás de mim: escura, vazia, vasta como a noite.

Voltei-me e percebi como se um buraco negro se abriu a minhas costas e estivesse sendo arrastada para um negro horizonte de sucessos.

O espectro estava imóvel, olhava-me em silêncio, como a morte. As dobras de sua volumosa capa ondeavam na brisa.

Um momento! Não havia brisa, nem o mais leve indício de vento se agitava no beco, nem um cabelo de minha cabeça se movia. Lambi meu dedo e o mantive elevado. O ar estava estagnado.

Entretanto, o fantasma cujo manto ondulava por um vento inexistente, estava ali, como uma visão de minha própria derrota nuclear. Ora! Pura ilusão. Era provavelmente o resultado desta coisa a partir das imagens armazenadas em minha memória, recolhidas de centenas de filmes e histórias de fantasmas de minha infância, mas..... em minha opinião, embora nunca tinha visto seu rosto, o que não identificava de minha vasta filmografia de terror, era que sempre levava uma curvada e, marcadamente, letal folha montada sobre uma manga de madeira de ébano como a que se comportava agora. Era perfeita. Muito perfeita.

Por que me passava isto ?

-Não o entendo - disse.

É obvio, o fantasma não disse nada. Nunca o fez antes e nunca o faria, porque não era a Morte a que estava de pé neste beco comigo, em espera, com a paciência nascida da perpetuidade, do momento no que eu tirasse o ingresso premiado de seu sorteio. E se eu queria uma prova mais de que este fantasma era um clichê, uma aparição, uma invenção de minha transbordante imaginação, só tinha que pensar que nem Barrons, nem Jayne, nem Derek O'Bannion o tinham visto quando tinham estado perto dele. Jayne e O'Bannion não eram necessariamente uma prova concludente, mas Barrons, sim. Por Deus! Se esse homem podia cheirar até um beijo em mim! Ele não perdia nada.

- É porque mataram ao Rocky O'Bannion e a seus homens por minha culpa? É essa a razão pela que sigo te vendo? Porque escondemos sua roupa e a atiramos no lixo em lugar de entregá-lhe à polícia ou devolver-lhe a sua esposa?

Eu tinha minha cota de cursos de psicologia da universidade. Sabia, perfeitamente, que uma mente humana sã podia ter certas alucinações mentais, mas.... a minha não é que fosse muito saudável. Possivelmente, o peso dos pensamentos de vingança multiplicava rapidamente os pecados e a culpabilidade, e ele estava ali para me recordar isso.

- Sei que não é porque matei a todos os Unseelie no armazém ou apunhalei ao Mallucé. Não me sinto culpado por essas coisas

Durante um momento pensei, quão honesta devia ser para me desfazer dele.

- É porque fui de Ashford, quando estava mamãe de triste e temo que alguma vez consiga melhorar sem mim?

Ou havia outra escura concepção que tinha tido lugar muito tempo antes? Tinham sido as sementes que se plantaram em um quente dia ensolarado, em uma piscina, enquanto que eu tomava o sol e escutava feliz a música, enquanto que, a quatro mil quilômetros de distância, minha irmã se sangrava até a morte, estendida em um escuro beco?

- É porque eu falei com a Alina, cada semana, durante horas, durante meses, e alguma vez detectei nada em sua voz, alguma vez saí de meu pequeno mundo o suficiente, para sentir que algo andava mal em sua vida? Porque deixei meu estúpido telefone celular cair fundo na piscina, muito vaga para conseguir um novo e minha irmã estava morrendo, enquanto eu perdia sua chamada e minha última oportunidade de ouvir sua voz para o resto de minha vida? É porque eu não...? Eu não o que? Vejo-te porque estou envergonhada de ser eu a que vive?

A escuridão jazia debaixo da túnica do espectro, uma culpa sem nome, uma escuridão que prometia o esquecimento. Era esse esquecimento o que eu subconscientemente procurava? Minha vida se fez tão terrível que queria a morte, uma morte que pensava que merecia? Reconfortava-me realmente a promessa dela?

Isso não era muito complicado para mim. Não havia nenhum pingo de suicida em meu corpo. Eu acreditava nos vestidos rosa e arco íris, e nem todos os monstros nem toda a culpabilidade do mundo iriam mudar isso.

O que, pois? Não podia pensar em nada que me fizesse sentir tão mal, e francamente, não tinha o ânimo suficiente para manter a busca; psicoanalizarme a mim mesma era uma maneira segura de acabar com dor de cabeça.

Não tinha comido do café da manhã, meus pés estavam doloridos de caminhar durante todo o dia e estava cansada. Queria a comodidade dos mantimentos, um quente fogo e um bom livro para ler.

Como se supõe que ia ser capaz de desterrar meus próprios demônios? Senti-me como a maior das idiotas, mas lhe dava uma oportunidade.

- acabou-se, covarde espectro aterrador! - e dirigi para ele a luz de uma de minhas lanternas.

Navegou reta a seu através e ricocheteou na parede de tijolo detrás dele. No momento em que sapateei pela rua de paralelepípedos, meu Espectro partiu, queria pensar que para sempre.

Capítulo 10

- Por que já não me persegue o Lorde Master? Passaram duas semanas sem nenhum tropeço.

Quando Barrons entrou na livraria na segunda-feira de noite, uma hora antes do que era seu costume habitual, expressei a preocupação que tinha rondado por minha mente todo o dia.

Estava chovendo de novo. A diferença da rua, os clientes se secaram. Apesar da falta de usuários, sentia-me culpada por ter fechado logo a maioria das vezes desde que tinha começado meu novo trabalho, e estava decidida a não bloquear as portas das sete da manhã até a oito em ponto. Tinha-me entretido colocando prateleiras, repondo e limpando o pó.

- Suspeito, Srta. Lane - disse, fechando a porta detrás dele - que nosso indulto é uma questão de conveniência. Observe o "nossa" na frase, em caso de que lhe ocorra tratar de me enganar de novo saindo por sua conta

Ele nunca me ia deixar esquecer o feito de que teria morrido aquele dia em que tinha ido sozinha a Dark Zone, se ele não me tinha seguido. Não me importava. Ele podia me cravar tudo o que quisesse. Sua grande prepotência começava a me aborrecer.

- Conveniência?

Era sem dúvida conveniente para mim, mas não me parecia que isso fosse o que Barrons queria dizer.

- Dela. Ele está, provavelmente, ocupado com outras coisas nestes momento; se foi ao Reino Fae, quando desapareceu através do Portal, tenha em conta de que o tempo passa a um ritmo diferente.

- Isso é o V'lane me disse.

Esvaziei a gaveta do dinheiro e comecei a teclar os números da contabilidade na calculadora, enquanto ele me lançava um olhar assassino.

- Entre nós dois, há alguém que não está sendo muito comunicativo não, Srta. Lane? Quando foi a última vez que lhe viu? Que mais lhe disse?

- Sou eu a que faz as perguntas esta noite

Um dia eu ia escrever um livro: "Como Ditar a um Ditador e Evadir a um Evasor", subtítulo "Ou como dirigir a Jericó Barrons".

Ele soprou

- Se a ilusão de controle a reconforta, Srta. Lane, por todos os meios, afeire-se a ela!

- Disse a frigideira à chaleira..... - disse-lhe enquanto lançava um olhar, óbvio, de quem era meu modelo.

Ele riu e eu alucinei, pisquei e esperei a distância.

Terminei de fazer pacotes com o dinheiro, pus em uma maleta de couro e o fechei a murros. Por um momento, ali, em sua risada, não tinha visto nada escuro, nem alerta, nem frio, vale! Possivelmente se escuro e alerta, mais... quente. De fato, quando ele riu era uma risada do tipo, mais bem ... muito ...quente.

Não! Obviamente, eu tinha comido algo em mal estado no almoço.

Passei a lista de lucros ao livro maior, escondi-o na caixa forte detrás de mim, rodeei o balcão e pus o pôster de "Fechado" na porta. Saudei o Inspetor Jayne quando fechei a porta, não tinha sentido pretender que não existia; sinceramente, esperava que estivesse molhado, gelado e aborrecido até as lágrimas. Certamente, não precisava recordar a morte de O'Duffy, lhe olhando à cara durante todo o dia.

- O que acontece com Mallucé? - perguntei-lhe - Está definitivamente morto?

Tinha estado tão ocupada me preocupando com quão inimigos via regularmente, que tinha deixado de me preocupar com os que não tinham visto desde fazia um tempo.

Mallucé, nascido John Johnstone Jr, filho de um endinheirado mecenas britânico, tinha perdido, convenientemente, a seus dois pais em um acidente de carro que nunca se resolveu plenamente satisfação da companhia de seguros, e assim, tinha herdado milhares de milhões de dólares ao mesmo tempo, tudo isso à tenra idade de vinte e quatro anos. Ele, rapidamente, trocou seu redundante nome, assumiu o singular Mallucé, e se reintegrou à sociedade como um dos

recentemente Não-mortos. Isso tinha acontecido oito ou nove anos atrás. Após, ele tinha adquirido o culto de todo um mundo de verdadeiros crentes, que se deslocava em massa para a mansão gótica do vampiro de olhos cor limão, onde reinava. Que fora ou não realmente um vampiro, Barrons não parecia acreditá-lo, era difícil de vaticinar. Tudo o que eu sabia, com segurança, é que era algo mais que humano. Gélidamente pálido, alto e com o magro e musculoso corpo de um bailarino, tinha-lhe visto lançar pelo ar a um guarda-costas, de quase dois metros de puro músculo, com um único golpe de sua mão e matá-lo. Ainda não estava muito segura de como tinha sobrevivido eu ao golpe que me tinha dado, aquele dia na Dark Zone, quando lhe apunhalei com minha Lança.

- Houve um serviço comemorativo em sua mansão, a semana passada - respondeu.

Sim! Isto era o que eu estava esperando, que seus fiéis lhe chorassem.

- Assim que ele está morto... - animei-lhe. Apesar da forma em que me tinha contado a notícia, necessitava que Barrons me confirmasse verbalmente que havia um mau a menos detrás de mim agora. - OH!Porque isso é o que acaba de dizer, não? Se se celebrar um serviço em memória de alguém que é um Não-Morto, então ele perdeu o "não" e significa que está "morto". Correto? Em caso contrário, teriam celebrado uma horripilante festa de "bienvenido-de-regreso-a-la-vista" e não um lacrimogêneo "nós-lhe-recordaremos-sempre".

- Já o disse a você, Srta. Lane, nunca "acredito" que ninguém esteja morto

- Sei, sei, "Até que esteja queimado, pisoteado e pulverizadas suas cinzas e, continuando, ter esperado um dia ou dois mais, para ver se houve algo que se mova entre elas" - arremedei.

Segundo Barrons, algumas coisas não se podem dar por mortas. Ele acreditava, firmemente, que os vampiros entravam nessa categoria. Obviamente Barrons não tinha lido "Vampiros para Tolos". Segundo os autores do livro, quem, supostamente, entrevistaram a centenas de Não-Mortos em sua busca da verdade e inclusive a friki-vampiros (Mallucé era tão famoso que tinham dedicado todo um capítulo a ele), o vampiros podiam ser "estacados" e facilmente eliminados, estando sujeitos a toda classe de mundanas limitações e aflições.

- Seu advogado foi ao leilão, Srta. Lane, para puxar por vários objetos, principalmente pelo Amuleto.

Desinchei-me como um pneumático sobre pregos.

- Ele está vivo?

- Não seria prudente especular. Poderia ser que alguém mais esteja levando a cabo seus interesses, utilizando seu nome e utilizando-o como cobertura. Talvez o Lorde Master assumiu o controle das finanças do Mallucé e, então, temos ainda menos possibilidades de lhe deter.

Esse era um pensamento aterrador. Qualquer quantidade de fanáticos fiéis que o vampiro Mallucé tinha conseguido reunir, eu não tinha nenhuma dúvida de que o Lorde Master poderia aumentá-la dez vezes. Embora eu lhe tinha visto só uma vez, seu rosto estava gravado em minha memória, com todo detalhe. Tinha estudado as fotos que tinham sido tiradas dele e minha irmã nos arredores de Dublin, durante horas. Era inumanamente formoso, como um Fae, mas não era Fae. Para meus sentidos Shide-Seer tinha sido tão difícil classificá-lo, como o tinha sido classificar ao Mallucé... Humanos, mas não de tudo humanos. De uma coisa estava segura: em uma escala de carisma de um a dez, o ex-noivo de minha irmã era um onze. Os seguidores do Mallucé não teriam nenhuma possibilidade, cairiam de joelhos, suplicantes, em um batimento de coração. A noite que roubei o OOP's que Mallucé tinham escondido do Lorde Master, tinha visto o suficiente de seus

seguidores para saber que estavam tão desesperados por algo, que estavam dispostos a morrer para consegui-lo.

- Deveria ficar com isto.

Barrons me arrojou um pacote. Sujeitei-o com cautela. As eleições do Barrons com respeito à roupa, nunca tinham simpatizado com as minhas. Ele e eu poderíamos vagar de loja em loja todo o dia, e ao final jamais compraria o vestido que ele tinha eleito em primeiro lugar. Ele prefere o espartano frente aos acessórios, o negro ao brilhante, tons crusos em vez de pastel, o carnal antes que o flerte... Estranha vez me reconheço com seus vestidos, eu adoro ser o que meu pai chamava "uma-garota-de-rosa"

- Me deixe adivinhar, é de cor..... - burlei - negro?

Ele encolheu os ombros.

- Justo!

Ele riu. Duas vezes em uma mesma noite! Barrons estranha vez ria. Esgotei meus olhos.

- Quem é você? - perguntei suspeita.

- Quem você crê, Srta. Lane?

Aproximou-se mais, muito. Estava olhando de novo meus seios? Podia sentir o calor de seu enorme corpo, junto com a energia que sempre parecia emanar dele, como uma corrente elétrica que me arrepiava o pêlo, onipresente debaixo de sua pele. Havia algo diferente nele esta noite; seu segundo nome era "Controle-Barrons"... então... por que parecia ter esse sentimento... de natureza selvagem, de uma emoção que não podia identificar, mas com um certo ar violento. E havia algo mais... se ele tinha sido qualquer outro homem e eu qualquer outra garota, o nome disso que ardia em seus escuros olhos teria sido: Luxúria. Mas ele era Barrons e eu Mac, e que entre nós florescesse a luxúria era tão provável quanto as orquídeas florescessem na Antártida.

- Irei trocar-me - e me dava a volta.

Ele agarrou meu braço, eu joguei uma olhada detrás. Com a luz iluminando-o desde atrás, dos abajures da parede, não se parecia em nada ao Barrons habitual. A luz suavizava os agudos e escuros planos de seu rosto fundidos em uma feroz e brutal máscara. Embora ele me olhasse diretamente, eu sabia que estava a mil quilômetros de distância, olhava-me sem me ver absolutamente, ele não estava comigo. Para dissipar a profunda tensão do momento, disse-lhe:

- Aonde vamos esta noite, Jericó?

Ele se sacudiu, como despertando de um sonho.

- Jericó? Está flertando comigo, Srta. Lane?

Esclareci-me garganta.

- Hei dito Barrons e você sabe. - disse-lhe mal-humorada.

Não tinha nem idéia de por que lhe tinha chamado por seu nome de pilha. A única vez que o tinha feito, ignorando nossa estranha relação, por falta de uma definição melhor, direi em minha defesa que eu estava narcotizada e quase inconsciente nesse momento, foi lhe agradecer ter salvado minha vida. Ele se tinha burlado e me havia dito "Esqueça-se disso"

- Me solte o braço, Barrons. Estarei pronta em vinte minutos.

Seu olhar baixou ligeira para meus seios. Afastei-me.

Se ele tinha sido qualquer outro homem e eu qualquer outra garota, houvesse dito que Barrons, ia em busca de um pouco de "ação" esta noite. Talvez, apesar da diferença de idade, ele e

Fiona tinham sido amantes, e agora que ela se foi, ele estava brincalhão. Esse foi um pensamento arrepiante. O mais recalcitrante é que teria gostado de ser capaz de tirá-lo da cabeça.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, estávamos em um avião privado com destino ao Gales, para a comissão de outro delito grave. O Inspetor Jayne nos tinha seguido ao aeroporto e se havia posto furioso quando se deu conta de que estávamos tomando um avião privado e que ele não poderia nos acompanhar.

Levava um ajustadíssimo bonito macacão de licra negro, por debaixo de um impermeável que não tinha intenção de tirar: o traje revelava tanto de mim mesma que bem poderia ter ido nua. Barrons me tinha posto um cinturão com multidão de bolsos e bolsas nas que foram minha Lança, lanternas várias e uma meia dúzia de outros artefatos que não pude identificar. Pesava uma tonelada.

- O que é esse Amuleto?- perguntei de novo

Queria saber por que estava arriscando a vida, a integridade física e a legalidade, o que era o que íamos roubar.

Ele tomou assento frente a mim.

- Nunca sabe, realmente, o que é um objeto Fae até que põe suas mãos nele, e inclusive então, pode levar um tempo averiguar como usá-lo. Isso inclui as Relíquias. - arqueou uma sobancelha e olhou para minha Lança. Eu não tinha tido nenhum problema em deduzir isso. - Isso é o que a maioria da gente chamaria "uma obviedade", Srta. Lane. E não se pode garantir que não tenha outro fim em mãos Fae. Sua história é imprecisa, cheia de inexatidões, e deliberadamente, infestada de mentiras.

- Por que?

- Há vários motivos. Por uma parte, a ilusão lhes diverte. Dois, que com freqüência renascem de si mesmos e cada vez que o fazem, perdem toda a memória.

- Huh? Perdem a memória?

Poderia perder eu meu presente? Tinha algumas lembranças que eu gostaria de perder e não todos eram da morte de minha irmã.

- Um Fae nunca vai morrer de causas naturais. Alguns deles viveram durante mais tempo do que você poderia imaginar. A extrema longevidade tem um inevitável e lamentável produto: a loucura. Quando entendem que se aproxima, a maioria escolhe a beber de uma Relíquia Seelie, o Caldeirão, e apagar suas lembranças limpamente, assim podem recomeçar sua vida uma vez mais; eles não conservam nada de sua antiga existência e acreditam que nascem o dia em que bebem. Existe um registro, um no que os escribas anotam os nomes de cada encarnação que cada Fae teve e mantêm uma verdadeira história de sua raça.

- Não é a tarefa de registro tão larga que também enlouquecem ao final?

- Ele ou ela, antes que isso aconteça, bebem do Caldeirão e o dever troca de mãos.

- Como sabe tudo isto, Barrons?

- estive investigando durante anos aos Fae, Srta. Lane.

- Por que?

- O Amuleto - disse, fazendo caso omissivo de minha pergunta - é um dos presentes que o Rei dos Unseelie fez a sua concubina favorita do momento; ela não era de sua raça e não possuía magia. Criou-o para poder tecer ilusões, para sua diversão, como o resto de sua espécie.

- Mas o leiloeiro contou como o amuleto tinha feito algo mais que tecer ilusões, Barrons - protestei; eu queria que funcionasse, necessitava que funcionasse - Faz algo mais que alterar a realidade, basta olhando a lista dos anteriores proprietários. Se eram bons ou maus, não sei, mas todos foram incrivelmente poderosos.

- Outro problema com as relíquias Fae, é que freqüentemente se transmutam com o passar do tempo, especialmente se se utilizam perto ou se danificam por outras magias. Elas podem ter uma forma distinta do que deveriam ser. Por exemplo, quando os Espelhos se fizeram pela primeira vez, tinham um rebordo como a prata de um ensolarado mar. Eles eram puros, magníficos. Entretanto, agora estão

-enegrecidos pelo bordo - exclamei, encantada de ter alguns conhecimentos para contribuir à conversação - ao igual a vão piorando do exterior em....

Ele me olhou bruscamente.

- Como sabe isso?

- Vi-os, embora, então, não soube o que eram.

- Onde? - exigiu.

- No armazém do Lorde Master - olhei-lhe fixamente - Você também esteve no armazém, não os viu?

- Eu estava um pouco acelerado esse dia, Srta. Lane, estava "pondo ordem" no armazém.

Assim que essa era a forma em que o Lorde Master entrava e saía do reino Fae.

- Não siga - disse-me - quando um humano entra no reino Fae através do Espelho, é indetectável. Quantos disse que tinha ele?

- Não sei. Vi ao menos meia dúzia - fiz uma pausa antes de acrescentar - Vi coisas nos espelhos, Barrons - do tipo de coisas que estava acostumado a ver em meus pesadelos.

Para minha surpresa, Barrons não me perguntou que é que tinha visto neles.

- Ele... tentou abri-los?

- O que quer dizer?

- Terei que lhe dar óculos para que seja capaz de ver, Srta. Lane? - sacudi a cabeça - Viu algumas Runas ou símbolos nos espelhos, na superfície?

- Não, mas, realmente, não me fixei - depois de ter olhado no primeiro e ver o que vi, tinha-me negado a dedicar ao resto dos espelhos algo mais que um olhar periférico - portanto, você está dizendo que estes Espelhos são portais ao Reino Fae. Eu poderia ter entrado em um?

- Não é assim de singelo, mas, em determinadas circunstâncias, sim. O Espelho é uma Relíquia Unseelie. A maioria acredita que o Rei Escuro criou um único Espelho, uns poucos de nós sabemos que, em realidade, são uma vasta rede de Espelhos, que vincula as dimensões e as conecta. Os Espelhos foram o primeiro método de locomoção entre as dimensões dos Tuatha-dei, antes de que evoluíssem até o ponto no que podiam viajar sozinho com o pensamento, embora alguns dizem que foram criados para um propósito mais pessoal e escuro do rei, mas isso não está escrito. Em algum momento da história Fae, estes Espelhos foram amaldiçoados... - eu esperava espectador, ele sacudiu a cabeça. - ...Não sei que maldição, nem sei quem ou a razão pela que os amaldiçoou. Eu só sei que nem sequer os Fae se atreveram a entrar nos Espelhos, inclusive nas mais funestas circunstâncias, depois da maldição. Uma vez que desterraram aos Unseelie, a rainha Seelie tirou os Espelhos do Reino, por medo do que estava acontecendo.

Senti-me de novo assustada, ultimamente era o habitual. Nesse momento, não tinha nem idéia de como eram os Seelie, ainda. Mas, estranha vez, compreendemos o valor do que temos até que o perdemos. Sacudi-me o feitiço da história do Barrons. Necessitava alguns raios de sol em minha vida e logo. No ínterim, tocara um tema mais ligeiro.

- Voltemos para Amuleto.

- Em poucas palavras, Srta. Lane, a rumores que pode amplificar a vontade humana.

- Se tivermos a firme vontade de que ocorra algo, esse algo acontece? - disse.

- Algo assim.

- Bom, pois parece que funciona. Você viu a lista de proprietários.

- Eu também vi as amplas diferenças entre seus proprietários. Suspeito que só um punhado de pessoas possuem uma vontade o suficientemente forte para fazer que funcione.

- Quer dizer que terá que ser já "épico", para que ser ainda mais épico? Supõe-me você o suficientemente épica?

- Talvez. Vamos comprovar o muito em breve.

- Ele está moribundo

O ancião do leilão, queria o amuleto para viver e quando o roubássemos, teria o peso de outra morte em minha consciência.

- É melhor assim para ele.

Eu nem sempre conseguia entender o senso de humor do Barrons, e, às vezes, não me incomoda em tentá-lo. Desde que, voluntariamente, tornou-se tão informativo, procurei abrir outra linha de Investigação.

- Com quem lutava quando lhe chamei?

- Com o Ryodan.

- Por que?

- Por falar de mim com gente com quem não devia falar.

- Quem é Ryodan?

- O homem com o que lutava.

Dava um rodeio, procurando outra saída.

- Matou ao Inspetor O'Duffy?

- Se eu fosse o tipo de pessoa capaz de matar a O'Duffy, também seria o tipo de pessoa que lhe mentiria a respeito disso.

- Assim, isso é sim ou não?

- A resposta seria " não ", em ambos os casos. É absurdo que pergunte. Escute seus instintos Srta. Lane, algum dia podem salvar sua vida.

- Intirei-me que não há Shide-Seer varões.

- Quando se inteirou?

- Recentemente.

- E que é que dúvida, Srta. Lane?

- Sobre o que?

- Que vejo os Fae ou que sou um homem? Acredito que demonstrei o primeiro há algum tempo, devo aliviar sua segunda dúvida?

Ele começou a manipular o cinturão de sua calça.

- OH, por favor - pus os olhos em branco - você é um informal, Barrons.

- Touché, Srta. Lane - murmurou.

Esta noite não sabia o nome de quem era nossa vítima, e não queria sabê-lo. Se não sabia seu nome, não poderia escrevê-lo em minha lista de pecados, e talvez assim, lhe roubar a esperança de vida ao velho galês, desapareceria de minha memória e não me daria problemas de consciência.

Alugamos um carro no aeroporto, conduziu brandamente através de colinas ondulantes e estacionou em uma zona boscosa. Tirei-me a contra gosto meu impermeável e o deixei ali. Quando alcançamos a crista de uma cordilheira e consegui jogar uma olhada ao lugar que estávamos planejando roubar, ofeguei. Sabia que o velho era rico, mas outra coisa era ver quanto.

O aspecto da casa era palaciano, rodeado de elegantes jardins iluminados e dependências. Uma cidade dourada de marfim, por cima da escuridão da campina galesa, iluminada em todas as direções. Seu ponto mais alto era uma cúpula na entrada; o resto da casa se estendia a partir de ali, da asa à torre, terraço a terraço. Estava rematada por um brilhante terraço de mosaico, rodeada de esculturas com pedestais de mármore. Quatro andares de janelas, emolduradas brilhantemente por painéis de tecido aranha. No meio da exuberante folhagem dos cuidados jardins, fontes que salpicavam, uns fragrantes lagos de plantas tropicais, lançando vapor ao ar fresco da noite. Por um momento joguei com a fantasia de ser a princesa mimada que chegou a tomar o sol em um mundo de conto de fadas. Intercambiei, rapidamente, esta fantasia por outra: a da princesa que vai às compras com o cartão de crédito de um velho.

- Preço de venda: cento e trinta e dois milhões de dólares, Srta. Lane - disse Barrons - O imóvel foi construída originalmente para um príncipe árabe do petróleo que morreu antes de que se terminasse. Tem quarenta e oito mil pés quadrados, é maior que a Residência Privada do Palácio de Buckingham. Há treze suítes com quarto de banho; tem, além disso, um ginásio, quatro casas de convidados, cinco piscinas, o chão com incrustações de ouro, um estacionamento subterrâneo, garagem, e uma plataforma de heliporto....

- Quantas pessoas vivem aqui?

- Uma.

Que triste! Tudo isto e sem ninguém para compartilhá-lo, não tinha nenhuma graça

- um moderno sistema de segurança, duas dúzias de guardas e um refúgio em caso de ataque terrorista.

Soava perversamente agradado por estes feitos, como se gozasse do desafio.

- E como pensa que vamos entrar aí? - perguntei secamente.

- Devem-me um favor. Os guardas não serão problema. Mas não se equivoque, Srta. Lane, ainda assim, não será fácil. O sistema de segurança deve ser desarmado e há uma dúzia de amparos mais entre nós e o velho. Suspeito que ele terá posto o Amuleto. Poderemos estar muito pouco tempo.

Avançamos caminho abaixo da colina, e quase estávamos na casa quando divisei o primeiro corpo, parcialmente oculto por um espesso banco de arbustos. Por um momento, não pude me fazer à idéia do que era e logo, não podia acreditar o que estava vendo. Comecei a ter náuseas, ante o que ficava de um dos guardas; não só estava morto, mas também horrivelmente mutilado.

- Merda !!!! - amaldiçoou Barrons.

Em um suspiro, seu braço estava detrás de meus joelhos, eu estava em seu ombro e ele estava correndo, comigo nas costas, fora do recinto. Ele não se deteve até que não chegou a uma das casas de hóspedes periféricas. Ele me deixou de pé e me empurrou de novo entre as sombras, debaixo dos beirais.

- Não se mova até que eu retorne por você, Srta. Lane!

- Me diga que este não é o favor que lhe deviam, Barrons - disse muito baixinho. Se o fora, ele e eu teríamos terminado. Eu sabia que Barrons não era de tudo convencional, mas tinha que acreditar que tal açougue estava além dele.

- Supõe-se que deviam estar inconscientes, isso é tudo.

Seu rosto era sombrio na noite. Quando ia falar de novo, pressionou com seu dedo meus lábios e então saiu de novo, sozinho, de noite. Esperei entre as sombras da casa de hóspedes, no que me pareceu uma pequena eternidade até que retornou, embora por meu relógio não tinham passado nem dez minutos. Sua voz lhe precedeu.

- Quem quer que o fez se foi, Srta. Lane.

Suspirei de alívio ao lhe ver. A única coisa que odeio mais que a escuridão é estar sozinha nela. Eu não estava acostumado a ser assim, mas isto parece piorar cada vez mais.

- Os guardas levam mortos várias horas - disse-me - O sistema de segurança está desativado e a casa está aberta. Venha.

Fomos diretamente à porta de entrada, sem nos esconder já. Passamos por cima de quatro corpos mais estendidos sobre o caminho. As portas estavam abertas, e além delas, podia ver um grande hall de entrada, com uma dupla escada que graciosamente se desdobrava até cada uma das partes e se reunia em um corredor suspenso debaixo de uma cúpula com clarabóia, de que pendurava um brilhante candelabro. O chão de mármore que uma vez tinha sido de cor pérola, na atualidade, estava cheio de salpicaduras carmesim, cheio de corpos, alguns dos quais correspondiam a mulheres. O pessoal de "limpeza" não tinha regulado esforço.

- Sente o Amuleto, Srta. Lane? Está notando algo?

Eu tentava que meus olhos se fechassem ao açougue e estender meus sentidos Sidhe-Seer, mas com cuidado, com muito cuidado. Já não pensava que minha capacidade de sentir OOP's fosse um benigno talento. Ontem à noite, depois de terminar um livro "Experiências Paranormais: Realidade ou ficção?", tinha sido incapaz de dormir pelo que ali tinha lido, qual era seu significado, de onde provinham as capacidades? por que algumas pessoas as tinham e outras não? o que era diferente em mim? que tinha de diferente na Alina? Os autores sustentavam que os que têm habilidades extra-sensoriais, utilizam partes de seus cérebros que estão latentes em outras pessoas.

Não tinha sido difícil encontrar a parte de mim que era diferente, e agora que sabia que estava ali, não podia acreditar que não tinha sido consciente dela em vinte e dois anos. Era um lugar de minha mente que sentia tão antigo como a terra, tão velho como o tempo, sempre alerta, permanentemente observando. Quando algo Fae focalizava nela, sentia uns impulsos candentes, como brasas em meu cérebro. Curioso, tinha praticado um pouco com isso. Podia diminuir esse fogo e expulsá-lo para o exterior. Ao igual ao elemento ao que se assemelhava, que não conhece a moralidade nem entende a palavra, terra, fogo, vento e água são o que são, poder, no melhor dos casos, imparcial, e no pior, destrutivo. Formava parte de mim, e eu poderia controlá-lo. Ou não. O fogo não é nem bom nem mau, simplesmente queima.

Agora me sentia leve como uma pedra dando saltos na superfície de um mar aprazível, um profundo e escuro mar que eu tinha intenção de manter plácido. Não era hora de agitar as águas. Abri os olhos.

- Se, se encontra aqui, não posso senti-lo.

- Poderia estar em algum lugar da casa e que ao estar fechado não pudesse senti-lo?

Encolhi-me de ombros.

- Não sei, Barrons, é uma grande massa de pedra. Quantas habitações há? Como são as paredes de grosas?

- Cento e nove, e, muito grossas. - um músculo se contraía em sua mandíbula. - Preciso saber se ainda está aqui, Srta. Lane.

- Quais são as probabilidades de que esteja?

- Coisas mais estranhas ocorreram. Talvez a matança foi o resultado de um frustrado intento de roubo.

Certamente tinha uma expressão de raiva, de indignada e desumana fúria. Diria-lhe a verdade, embora eu sabia que com isso selava meu destino e a última coisa no mundo que eu queria fazer, era passar através dessas portas.

- Não pude sentir a Pedra do Mallucé até que estive na mesma habitação que ela; tampouco senti a Lança até que não a tive em cima e não senti o Amuleto enquanto estive detrás da porta no refúgio nuclear - disse fechando os olhos.

- Sinto muito, Srta. Lane, mas....

- Sei, necessita que examine a casa - terminei por ele.

Abri os olhos e encaixei a mandíbula. Se existia a menor possibilidade de que ainda estivesse ali o Amuleto, teríamos que buscá-lo. E eu que pensava que o cemitério tinha sido mau! Pelo menos, ali, os corpos tinham sido incruentamente embalsamados e enterrados.

Barrons fez as habitações mais suportável para mim, passando por diante, entrando primeiro, tampando os corpos com lençóis e mantas, e quando não havia nenhuma disponível, arrastando os corpos detrás dos móveis. Só depois de que tinha "garantido" uma habitação, saía e me enviava dentro só para que "centrasse-me melhor na busca". Embora apreciava seus esforços, tinha visto já muito e, francamente, era difícil não jogar uma olhada detrás de um sofá ou uma cadeira aos corpos que ele não tinha podido cobrir. Eles exerciam o mesmo controle sobre mim que as horripilante cascas vazias produto do ataque das Sombras, como se alguma parte totalmente irracional de meu pensamento me impedisse de passar de comprimento, me afundando no horror da mesma, como se pudesse aprender algo que me ajudasse a evitar o mesmo destino.

- Não têm defesas feridas, Barrons - disse ao sair de outra habitação.

Ele se inclinou contra a parede, umas poucas portas mais abaixo, os braços cruzados sobre seu peito, cheio do sangue produto de mover os corpos. Centrei-me em seu rosto, não nas manchas de suas mãos ou nas escuras manchas úmidas de sua roupa. Seus olhos brilhavam intensamente. Ele parecia mais duro, maior e mais elétrico que nunca. Podia cheirar o sangue nele, a tintura metálico dos antigos pences. Quando nossos olhares se cruzaram, ofeguei. Se havia um homem detrás desses olhos, eu era uma Fae; eram lagos sem fundo, como obsidianas de

superfície brilhante, com pequenas Mac refletidas no centro. Seu olhar se deslizou, escaneando cada palmo de meu macacão de lycra negro, como se me memorizasse, muito lentamente.

- Eles estavam inconscientes quando foram sacrificados - disse finalmente.
- Então, por que os mataram?
- Ao parecer, pelo prazer de matá-los, Srta. Lane.
- Que classe de monstros fariam algo assim?
- De todo tipo, Srta. Lane, de todo tipo.

Continuamos nossa busca. Seja qual for a fascinação que pudesse ter sentido pela casa, tinha desaparecido. Apressei-me através de uma galeria de arte, que teria feito ficar verde de inveja ao Museu Metropolitan e que era um produto mais da amargura de um homem, que lhe tinha impulsionado a adquirir a espetacular coleção só para pendurá-la em uma habitação onde ninguém poderia nunca vê-la. Pisei mais de um chão debruado em ouro e só vi o sangue.

Barrons me contou que o velho tinha pago mais de um bilhão de dólares pelo Amuleto, totalmente ignorante de que, com isso, não só não postergou sua morte, pagando uma obscena quantidade de dinheiro, mas também a acelerou para acabar morto em sua cama; sua cabeça tinha sido arrancada do pescoço, onde ainda persistiam as marcas da cadeia. Por tratar de enganar à morte, só conseguiu acelerá-la.

Nossa busca foi infrutífera. Sejam quem fosse os que tinham entrado ali, o Amuleto e possivelmente outros OOPs, já não estavam ali. Alguém nos tinha arrebatado isso. A Relíquia Unseelie estava de novo no mundo, ampliando a vontade de seu novo titular e nós estávamos de volta no ponto de partida. Eu realmente queria o Amuleto: se era capaz de mudar a realidade, eu adivinharia como utilizá-lo... assim, as possibilidades seriam memoráveis. Ao menos, poderia me proteger, ou no melhor dos casos, me ajudar a obter minha vingança.

- O que estamos fazendo aqui, Barrons? - perguntei-lhe

Estávamos baixando umas escadas. De repente, senti como se eu não pudesse sair do mausoléu de mármore com a suficiente rapidez.

- Há um porão, Srta. Lane.

Demos a volta na parte inferior da baixada e começamos a caminhar para um conjunto de portas na parede anterior da base da escada. Nesse mesmo momento, começamos a abrir pequenos hobistáculos.

Abruptamente, eu já não estava na casa absolutamente, mas sim de pé na areia branca de uma cálida praia, salgada brisa acariciava meu cabelo. O sol brilhava. Aves de alabastro voavam baixo, deslizando-se ao longo de ondas de lapis lázuli.

... E estava nua.

Capítulo 11

- V'lane! - gritei

Estava nu, perto.

- Chegou nossa hora, MacKayla - disse.

- Me deixe voltar, agora mesmo! Barrons me necessita!

Como tinha intercambiado, limpamente, uma realidade por outra? Tinha-me trasladado só eu ou os mundos? Tinha sido "peneirada"? Mas, se nem sequer tinha visto ele, não havia sentido sua chegada, nem nada!

- No momento de minha eleição foi nosso acordo. Não honrará sua palavra? Devo desfazer minha parte do trato também?

Poderia fazê-lo? Retroceder o tempo e me devolver à livraria infestada de Sombras, em cócoras ante meu inimigo com muito poucas possibilidades de vencê-lo? Ou queria dizer que quando queria retornar à casa do Gales, à atualidade, deveria fazê-lo sem sua ajuda? Não tinha nenhum desejo de que fora nenhuma destas possibilidades.

- Não a estou desonrando. Você sim. Dê-me minha roupa de novo!

-Não discutimos nada da vestimenta em nossa negociação. Estamos em igualdade de condições, você e eu - ronronou detrás de mim.

Olhei-lhe com fúria nos olhos e o assassinato em meu coração. Ele estava nu, também. Todo pensamento do Barrons, do porão e das portas que se abriam com possíveis perigos aparecendo detrás, desapareceram. Tampouco me importava já como tinha chegado aqui. Eu estava aqui, com meus joelhos convertidos em cinzas. Desabei-me na areia, meu olhar estava perdido, mas meus olhos não. Meu sistema nervoso central, na atualidade, servia a outro professor e não tinha nenhum interesse em minha vontade. O que? O que ia fazer? Assinariam papéis confirmando minha morte. Nada que ver com minha atual situação. Tudo o que precisa fazer agora era confiar meu corpo a um Professor, que desempenhava seu papel como nenhum outro, acariciando em inimagináveis crescendos que nunca tinham divulgado antes, ou que nunca soariam de novo.

Um príncipe Fae nu, é uma visão que faz que todos outros homens sejam eternamente insuficientes.

Aproximou-se.

Tremi.

Ele ia me tocar. OH, Deus, ia me tocar!

No curso de meus numerosos encontros com V'lane, tinha tentado, em repetidas ocasiões, descrevê-lo em meu diário. Tinha utilizado palavras como: aterradoramente formoso, adorável, sexualmente desumano.... erotismo letal. Queria lhe chamar letal, queria lhe chamar irresistível, queria lhe amaldiçoar... queria me deitar com ele. Queria dizer que seus olhos eram janelas de um brilhante céu, queria chamá-los portas do inferno. Queria escrever garranchos que não teriam nenhum significado para mim, compostos por colunas de antônimos: angélico-diabólico; criador-destruidor; fogo-gelo; sexo-morte, embora, estas últimas duas não me pareciam opostos, exceto, talvez, porque o sexo é de uma vez a celebração da vida e o processo pelo qual somos criados de um nada. Eu gostaria de fazer uma lista de cores, de todas as brilhantes tonalidades de bronze, ouro, cobre e âmbar, conhecidas pelo homem. Queria escrever sobre oleos e especiarias, perfumes de minha infância, sobre os aromas dos sonhos. Eu gostaria de escrever um dicionário de palavras similares, tratando de descrever a sobrecarga sensorial que foi o Príncipe V'lane dos Fae. Queria lhe deixar em cada momento. Ele era tão formoso que fazia a uma parte de minha alma chorar. Não entendo essas lágrimas. Não são como as que me provoca Alina. Elas não são feitas de água e sal, mas sim de sangue.

- Afaste-se! Fora! - gritei

- Não estou fazendo nada.

Cobri-me com areia, montões de areia. Necessitava-lhe; tinha essa necessidade que me queimava, perfeito, incrível, inumanamente luxurioso, ao alcance de minha mão e de meus miseráveis e traiçoeiros dedos. Nunca chegariam. Não a um Fae. Nunca.

- Mentiroso!

Ele riu, eu fechei os olhos, sentou-se, repentinamente, sobre a suave areia branca. Os grãos de areia sobre minha pele eram como as mãos de um amante, a brisa em meus mamilos sua quente língua. Rezei porque o oceano não lambesse qualquer parte de mim. Queria me quebrar? Minhas células perderiam a coesão necessária para manter minha forma humana? Queria me dispersar pelo universo, como flocos de pó resultado de um instável vento Fae?

Rodei sobre a areia, por isso meus mamilos pressionaram contra ela. Voltei-me, minhas coxas aceitando a oferta, dolorida a carne de meu sexo. Gozei, violentamente.

-Você bastardo... eu.... odeio-o. - gritei assustada.

Eu estava de pé de novo, completamente vestida com meu macacão de lycra negro, Lança em mão. Meu corpo estava frio, remoto; não ficava nenhuma onça da paixão que tinha inflamado meu sexo fazia um instante. Eu era proprietária, de novo, de minha vontade.

Avancei para ele sem vacilar.

Ele desapareceu.

- Só tentou de lhe mostrar o que você e eu poderíamos compartilhar, MacKayla - disse atrás de mim. - É extraordinário, não? Como corresponde a uma mulher extraordinária

Avancei de novo. Sabia que ele desapareceria uma vez mais, mas não podia fazer outra coisa para ajudar a mim mesma.

- Que parte do "NÃO" não entende você? A "N" ou a "ÃO" ? NÃO, não é talvez, nem significa que eu goste de me fazer "de difícil". Significa N-U-N-C-A. Jamais será um sim.

- me permita lhe apresentar minhas desculpas.

Estava, de novo, diante de mim, vestido com uma túnica que era de uma cor que nunca tinha visto antes e que não poderia descrever. Fez-me pensar em asas de mariposa contra um céu iridescente, iluminadas por mil sóis. Seus olhos brilhavam com uma tonalidade estranha. Não podia ser mais exótico.

- Não lhe permito nada - disse-lhe - Nossa hora se acabou, você não cumpriu sua palavra, prometeu-me que nada de sexo e tem quebrado essa promessa.

Ele me considerou um comprido momento e, continuando, seus olhos voltaram a ser de cor âmbar fundido e ele foi o príncipe Fae de sempre.

- Por favor - disse, e da forma em que ele disse, eu sabia que não existia tal palavra na língua Fae.

Para os Tuatha-dei não há nenhuma diferença entre a criação e a destruição, Barrons me havia dito isso. Só há quietude e mudança. Tampouco era muito freqüente que fossem por aí desculpando-se. Queria o oceano desculpar-se por cobrir a cabeça e encher os pulmões de um homem que caísse nele?

Ele utilizou essa palavra para mim. Talvez, aprendeu-a por mim. Tinha-a utilizado como súplica. Também fez uma pausa, como esperando que eu lhe dissesse que fazer.

- Por favor - disse de novo - Me perdoe, MacKayla. Uma vez mais errei. Trato de compreender suas maneiras, seus desejos.

Se houvesse sido humano, eu diria que estava envergonhado.

- Eu ...nunca antes tinha sido rechaçado. Acredito que não sofro isto muito bem.
- Você não lhes dá a oportunidade de lhe rechaçar. Você as viola a todas!
- Isso é falso. Não utilizei o Sidhba-JAI sobre uma mulher que não o queira em oitenta e dois mil anos.

Boqueé. V'lane tinha oitenta e dois mil anos de antigüidade?

- Vejo que hei dito algo curioso. Isso é bom. Tenho curiosidade por ti. Vêem. Se una a mim. Falemos de nós mesmos.

Ele retrocedeu e ondeou uma mão. Duas cadeiras largas apareceram ante nós, uma mesa de vime entre elas, oferecia uma bandeja com uma jarra de chá doce e dois copos cheios de gelo. Havia um pote de meu bronzeador favorito, entupido na areia junto à cadeira mais próxima a mim, perto de uma pilha de toalhas grossas de cor pastel. A brisa salgada acariciou minha pele. Olhei-me. Meu macacão de licra se foi. Estava quase em topless com um mini-biquíni rosa e uma corrente de ouro no ventre da que penduravam dois diamantes e um rubi.

Pisquei.

Um par de óculos de sol apareceu na ponte de meu nariz.

- Pare. - disse assustada.
- Estou simplesmente tratando de antecipar suas necessidades
- Não. É ofensivo.
- Me acompanhe durante uma hora no sol, MacKayla. Não tocarei você. Não vou a... como diz você... fazer sexo. Vamos falar, e em nosso próximo encontro, não vou cometer os mesmos enganos de novo.

- Disse o mesmo a última vez.

- Cometi novos enganos desta vez, não vou fazer de novo.

Sacudi a cabeça.

- Onde está minha Lança?
- Será-lhe devolvida quando sair.
- De verdade?

Por que teria que devolver uma Relíquia Fae, assassina de sua raça, sabendo que a uso para matar mais Fae?

- Considere-o um gesto de boa nossa vontade, MacKayla.

- Nossa?

- Da Rainha e minha.

- Barrons me necessita. - disse de novo.

- Se insistir em pôr fim, prematuramente, a nossa hora porque acredita que faltarei a minha palavra, não vou devolver a Gales, e você não lhe será de muita utilidade. Fique ou se vá, não irá com ele. E MacKayla ...acredito que seu Barrons lhe diria que ele não necessita a ninguém.

Que grande verdade! Perguntava-me como sabia tanto do Barrons. Perguntei-lhe, mas deve o ensinar o mesmo professor da evasão, porque ele só disse:

- Chove em Dublin, incessantemente. Olhe.

Um pequeno parque tropical se mostrou ante mim como uma janela aberta a meu mundo. Vi a livraria através dela. As ruas estavam escuras, úmidas. Queria estar ali.

- Está chovendo agora. Deseja voltar, MacKayla?

Olhei à pequena livraria, as escuras ruelas a ambos os lados da mesma, ao Inspetor Jayne, sentado rua abaixo olhando uma luz e tremi. Via o débil esboço de meu privado Espectro no bloco? Estava cansada da chuva, da escuridão e de ter inimigos em todo momento. O sol se sentia celestial em minha pele, quase tinha esquecido o que se sentia. Ao parecer, meu mundo tinha estado úmido e sombrio durante meses. Olhei longe da vista deprimente, até o céu. O sol sempre me tem feito sentir forte, como se seus raios alimentassem minha alma.

- É real? - Cabeceei para no sol.

- Tão verdadeiro como o seu.

- É o meu?

Ele sacudiu a cabeça.

- Estamos no Reino Fae?

Ele assentiu.

Pela primeira vez desde que cheguei, examinei, sem contemplações, meus arredores. A areia era branca, radiante e suave como a seda debaixo de meus nus pés; o mar azul e a água tão clara que pude ver todo um arco íris de cor de corais por debaixo dele, com diminutos peixes de ouro rosa e recifes. Uma sereia dançou sobre a crista de uma onda antes de desaparecer debaixo do mar. A maré jogou na areia da praia uma brilhante espuma. As palmeiras se balançavam com a brisa, caindo exuberantes floresça na borda. O ar cheirava a especiarias, a flores exóticas e ao sal do mar. Por pouco me escapa "é tão formoso estar aqui" ...mas, eu não quero seu mundo, seu mundo é um torniquete sobre o meu, seu mundo não pertence a nosso planeta... e, o meu, sim.

Ainda assim... o sol sempre foi minha droga de eleição. E se ele cumpria sua palavra, não tratar de me violar de novo, quem sabia o que eu poderia aprender?

- Se você me tocar ou tratar de me afetar de qualquer maneira, seu tempo se acabou, entendido?

- As suas ordens, minha comandante - seus lábios se curvaram com a vitória.

Deixei fora minhas sombras e olhei brevemente ao sol, com a esperança de apagar a devastadora beleza desse sorriso de minha retina, de queimar minha memória. Não tinha nem idéia de quem ou o que era V'lane, mas sabia isto: Era um Fae e imensamente poderoso. Nesta batalha onde o conhecimento é, tão evidentemente, Poder, onde a informação podia me manter viva, aonde virtualmente governava Barrons devido ao muito que ele sabia do mundo, não podia me dar o luxo de deixar passar a oportunidade de interrogar a um Fae, e parecia que V'lane, pela razão que seja, queria que o fizesse.

Possivelmente diria mentiras. Talvez não, sobre algumas coisas. Eu estava aprendendo a classificar o que a gente me dizia, estava aprendendo a reconhecer a verdade em suas mentiras e as mentiras em sua verdade.

- esteve, realmente, vivo durante oitenta e dois mil anos?

- Mais. Isto não é mais que a última vez que utilizei o encanto para seduzir a uma mulher. Senta-se e falaremos.

Depois de um momento de vacilação, recostei-me no bordo da cadeira.

- Relax, MacKayla. Desfrute do sol. Pode ser sua última oportunidade de vê-lo, por algum tempo.

Perguntava-me o que ele queria dizer com isso. Acaso prognosticava o clima? Ou podia gerar chuva? Contra minha melhor sentença, estendi minhas pernas e me sentei de novo.

- Assim, que idade tem?

- Isso - disse - é difícil de vaticinar. Nesta encarnação, vivi uns cento e quarenta e dois mil anos. É você consciente de nossas reencarnações? "

- Você bebeu do Caldeirão.

Ele assentiu.

Quanto tempo, perguntava-me, demora um em voltar-se louco? Meus curtos vinte e dois anos foram um banco de provas para mim. Parece que esquecer poderia ser uma comodidade. Examinei as ramificações da perda da memória, e, dava-me conta de por que um Fae poderia querer esquecer. Se ele passou cinquenta ou cem mil anos com a aprendizagem, a construção de alianças, fazendo inimigos... no momento em que se despojou de sua memória, já não saberia sequer quem era seus inimigos, mas eles saberiam quem era ele. Perguntava-me se algum Fae tinha sido obrigado a beber por outros de sua raça, alguma vez, a ser resgatado da imensa, desolada, estepe da loucura. Ou possivelmente por razões mais mal intencionadas.

Perguntava-me, se V'lane tinha sabido exatamente onde me encontrava e o que tinha estado fazendo, poderia ter detido ao responsável pela matança na casa.

- Tentava roubar o Amuleto.

Ele riu.

- Ah, assim, isso é o que fazia. Perguntava-me isso. O Amuleto amplifica, MacKayla.

- E para você?

- Eu não o uso. Minha vontade não necessita de amplificação. Minha vontade forma mundos. O Amuleto foi para uma como você, da que não se deve falar.

- Só porque não podemos manipular a realidade com nossos pensamentos, não quer dizer que não tenhamos uma forte vontade. Talvez, também trocamos a realidade, só que a uma escala diferente, e vocês não o vêem.

- Talvez. A rainha suspeita que pode ser assim.

- Ela o faz?

- Essa é a razão pela que me enviou a ajudá-la, de modo que você possa nos ajudar , juntos poderíamos garantir a sobrevivência de nossas duas raças. Aprendeu algo sobre o Sinsar Dubh?

Pensei um momento. Devia lhe dizer que sim? O que devo lhe dizer? Talvez pudesse utilizá-lo como alavanca.

- Sim.

As ondulantes palmeiras estavam agora quietas, congeladas as ondas, os pássaros detidos no meio do mergulho. A pesar do sol, tremi. Tinha que reiniciar de novo este mundo? As coisas voltaram a mover-se uma vez mais.

- O que aprendeu?

- Conhecia minha irmã?

- Não.

- Como pode ser? Você me conhecia.

- Soubemos de você porque estávamos vigiando ao Barrons. Sua irmã, que nós saibamos, nunca conheceu o Barrons. Seus caminhos nunca se cruzaram, portanto, não podíamos saber que existia. Agora, o que me diz do Sinsar Dubh.

- Por que estavam vigiando ao Barrons?

- Barrons precisa ser observado. O Livro, MacKayla.

Eu não estava preparada ainda. O livro era uma grande fonte de informação, certamente, valeria mas de um intercâmbio.

- Não sabem nada do Lorde Master?
- Quem?
- É uma brincadeira, verdade?
- Não quem é esse Lorde Master?
- Ele é o líder dos Unseelie.

V'lane me olhou surpreso, não mais do que eu me sentia. Ele sabia muito de Barrons, mas ainda lhe faltavam pedaços de informação essencial. Eles eram muito inteligentes em alguns aspectos, e cegos em outros.

- Ele é Fae? - exigiu.
- Não

Ele me olhou incrédulo.

- Como pode ser? Um Fae não segue a nenhum humano.

Confirmou-me que o mesmo não era humano. Foi algo mais que isso: a forma em que V'lane acabava de cuspir a palavra "humano", como se fora uma forma de vida inferior. Não me incomodei em lhe corrigir

- Você é o que se supõe que sabe de tudo.
- Onipotente não onisciente. Estamos freqüentemente cegados pelo muito que temos que ver.

- Isso é absurdo. Como se pode ser cego por causa da visão?

- Considera a possibilidade de poder ver a estrutura atômica de tudo o que te rodeia, MacKayla, o passado, presente e parte do futuro que existem dentro de uma meada. Considere a possibilidade de posuir a consciência de infinitas dimensões. Imagine poder compreender o infinito. Considere a possibilidade de ver as possíveis ramificações que cada minuto de ação poderiam ter, de sua mudança ante a mais mínima brisa, em todas as realidades, de tal maneira que não pode juntar as peças garantindo um final, porque cada coisa viva está em um fluxo constante. Só na morte está a quietude e ainda assim, não é absoluta.

Tive um tempo de funcionamento mental bastante difícil, devido a minha pequena miopia cerebral de nível humano.

- Assim, o que você está dizendo, em poucas palavras - disse - é que, com todo seu poder e superioridade, não é mais inteligente ou melhor que nós. Possivelmente pior.

Um batimento de coração se prolongou em uma meia dúzia mais. Então ele sorriu friamente.

- burla-se de mim, MacKayla. Sentarei-me em seu leito de morte e lhe perguntarei então se preferiria ser eu. Onde está esse humano fabricante de fantasias, professor de nada?

- 1247 LaRuhe, em um armazém detrás dela. Há um enorme Dólmén. Ele trouxe os Unseelie através dele. Poderia destruí-lo por mim?

- A suas ordens, minha comandante
- Ele se tinha ido.

Recostei-me de novo na cadeira realmente tinha ido destruir o Dólmén que trouxe os Unseelie? Mataria ao Lorde Master, também? Minha vingança se levaria a cabo sem mim, ali, como testemunha? Não queria isso.

- V'lane! - gritei

Mas não houve resposta. Ele se tinha ido. E lhe ia matar se ele matava ao assassino de minha irmã sem mim. A escura febre que me tinha apanhado a primeira noite que pus um pé em Dublin, converteu-se em uma febre de um tipo diferente: uma Febre de Sangue, como o sangue derramado de minha irmã, uma vingança de sangue derramado por minha mão.

A Mac selvagem, que ainda não tinha encontrado uma voz audível dentro de mim, ainda não falava através de minha língua, mas que falava meu mesmo idioma, e eu, estávamos de acordo nas coisas essenciais: mataríamos juntas ao assassino de minha irmã.

- Júnior? - disse uma suave e cantarina voz.

Uma voz que nunca tinha esperado escutar de novo. Estremeci-me. Chegava para mim com clareza. Não queria olhar. Estava no Reino Fae. Nada pode ser de confiança aqui.

- Júnior, vêem, estou aqui. - suplicou minha irmã e riu.

Eu morria de dor por ela. Era exatamente a risada da Alina: doce, pura, cheia de sóis e dos verões sem fim.... e do conhecimento de que sua vida tinha terminado.

Escutei a palmada que deu sobre uma bola de voleibol.

- Pequena Mac, vamos jogar. É um dia perfeito. Eu levo a cerveja. Pegou o suco de lima da mesa?

Meu nome é MacKayla Eveline Lane. O seu é Alina Mackenna Lane. Às vezes me chamava Júnior, às vezes, Pequena Mac. Estava acostumado a pôr suco de lima na bandeja do Brickyard, os sábados. Miserável, sei. Tinha sido uma cria.

As lágrimas queimaram meus olhos. Inspirei profundamente e me forcei a respirar. Minhas mãos tremiam miseravelmente. Sacudi a cabeça. Olhei fixamente o mar. Ela não estava aqui. Não tinha ouvido o "thud" do golpear de uma bola na areia. Não tinha cheirado seu perfume, Beautiful, na brisa.

- A areia é perfeita, Júnior. É como o pó. Vamos! Tommy está aqui - gracejou-me.

Tinha estado apaixonada pelo Tommy durante anos e Alina sabia.

Não olhar, não olhar.

Há fantasmas e há coisas piores que fantasmas.

Olhei.

Atrás da rede de voleibol, golpeada por uma suave brisa tropical, minha irmã estava, sorridente, esperando que fizesse. Ela levava seu biquíni favorito cor néon e seu cabelo loiro recolhido em um rabo e a boina da Taça Rum Juan que ela tinha ganhado no Key West na primavera há dois anos. Comecei a chorar.

Alina estava desolada

- Mac, coração, o que é o que está mau?

Ela se separou da rede de voleibol e se apressou através da areia para dirigir-se para mim

- O que é? Por que chora? Cobras-rãs-petúlias! Me diga quem te tem feito chorar? O que faço?

Minhas lágrimas se converteram em soluços. Apoiei-me em minha irmã, tremendo pela violência de minha dor. Ela caiu de joelhos junto a mim.

- Mac, está-me matando. me diga que te ocorre Que está mau?

Seus braços me rodearam e eu estava chorando contra seu pescoço, perdida em uma nuvem de xampu de pêssego, perfume Beautiful, bronzeador Hawaiian Tropic Petróleo, e a borbulha de

chiclete que ela sempre mastigava na praia para esconder o aroma da cerveja em seu fôlego a mamãe. Podia sentir seu calor, a seda de sua pele. Eu a estava tocando, enterrando os dedos em seu rabo de cabelo, acariciando-a.

perdi seu cabelo. Perdi-me mesma. Perdi-a a ela.

- me diga quem te fez isto - disse ela, estava chorando também.

Nós nunca tínhamos sido capazes de ver as lágrimas de outros, sempre terminávamos chorando com eles. Fizemos um pacto eterno: cuidar uma da outra, para sempre. Pactos que agora sabia que tinham começado quando eu tinha um ano e Alina três, e nos tinham deixado em um mundo que não era o nosso, tinha começado a suspeitar que para nos ocultar.

- É realmente você, Alina?

- Me olhe, Júnior.

Ela se afastou e utilizou uma das toalhas para secar minhas lágrimas e secar as suas

- Sou eu, está realmente comigo. Olhe, estou aqui. Deus, sei que está perdida!

Ela riu de novo e esta vez ri com ela.

Quando perde o amor de alguém, pede, ferventemente, a oportunidade de vê-lo, só uma vez mais, se Deus quiser, só uma vez mais.... Cada noite, depois de seu funeral, despertei-me sentada em minha habitação, sonhando estar na sua lide dizendo boa noite, embora sabendo que nunca me responderia de novo; fiquei-me ali passando fotografias, recreando seu rosto em minha mente, em detalhe, como se ao tê-la em meus sonhos, pudesse riscar um mapa que me conduziria de novo a ela. Algumas noites, não posso ver seu rosto e choro, rogando para que volte.

Ofereci-lhe todo tipo de negócios a Deus, Ele não os faz, por certo. Em meu desespero, os ofereci a qualquer pessoa ou algo que pudesse me escutar. Alguém me tinha escutado. Aqui estava minha oportunidade de vê-la de novo. Não me importava como. Não me importava o por que.

Absorvi cada detalhe: o lunar de sua bochecha esquerda, a sardas no nariz que a traziam louca, a pequena cicatriz em seu lábio superior, onde lhe dava acidentalmente um golpe com um violão quando éramos meninas, os olhos verdes, como meus, mas com mais mancha douradas, seu comprido cabelo loiro, tanto como eu estava acostumado a levá-lo. Ela levava o diminuto coração de prata e quão pendentos eu lhe tinha dado em seu vigésimo primeiro aniversário, tinha economizado durante seis meses para comprar os no Tiffany' S. Esta era minha Alina, as unhas dos pés pintadas de cor Cajun Shrimp, que chocavam com a cor de seu biquíni e assim o disse. Ela riu e se levantou da areia.

- Vamos, Júnior, vamos jogar.

Sentei-me, congelada por um comprido momento. Não posso dizer todos os pensamentos que passaram por minha cabeça então: Isto não é real, não pode sê-lo. Talvez o seja. Talvez seja perigoso. Poderia ser esta minha irmã em outra dimensão, outra versão dela, mas mim Alina de todos os modos?

Devia lhe perguntar rápido a respeito de seu diário e do Lorde Master? Sobre o que tinha ocorrido em Dublin? Se lhe perguntava poderia desaparecer? Todos estes pensamentos passaram de maneira rápida e deixaram uma única diretiva a seu passo: Joga com sua irmã, aqui, agora mesmo. Toma-a pelo que é.

Parei-me e corri através da areia, chutando o pó branco com meus calcanhares. Minhas pernas eram largas, meu corpo forte, meu coração completo. Joguei voleibol com minha irmã.

Bebemos Cerveja ao sol. Eu não tinha posto rodelas de limão, é obvio, mas encontramos um monte delas, encaixotado entre as garrafas.

Uma cerveja nunca me tinha feito sentir tão bem como este dia, com a Alina, no Reino Fae.

Finalmente, tombei-me sobre a areia banhada pelo sol, os dedos dos pés ao bordo das ondas. Falamos de mamãe e papai, falamos da escola, falamos sobre meninos. Falou-me de sua idéia de mudar-se a Atlanta, de como ia deixar meu trabalho e cuidar de mim. Falamos sobre mim, sobre tomar a vida a sério. Pensava cuidar de mim.

- É um sonho, Alina?

Ela se volteou para mim e sorriu.

- Não

- É real?

Ela sorriu uma vez mais.

- Não

- Então o que é isto?

Ela se mordeu o lábio

- Não me pergunte, só desfruta da jornada.

- Preciso sabê-lo.

- É um presente de V'lane. Um dia na praia comigo.

"Uma ilusão", disse-me, como a de um homem estando varado durante dias no meio do deserto sem uma bebida, que não a rechaça apesar de saber que estava envenenada.

- Assim, se eu te perguntar sobre Lorde Master ou sobre onde encontrar o Sinsar Dubh....

Ela se encolheu de ombros

- Eu não sei essas coisas.

Não me surpreendeu. V'lane deve ter pego essas lembranças de mim, o que significa que ela apenas sabe o que eu sei e fazer perguntas sobre tudo o que não sejam minhas experiências, ou minha situação atual, carece de sentido.

- Quanto tempo estive aqui? - se V'lane a tinha criado, ela devia sabê-lo. Ela se encolheu de novo - mais de uma hora humana?

- Sim.

- Posso ir?

- Sim.

- E se escolho ficar?

- Tudo o que queira MacKayla. Sempre.

Alina nunca me chamou MacKayla. De fato, nenhum de meus pais nem nenhum de meus amigos o fazia, só V'lane. Era ele quem estava atrás dos olhos de minha irmã? Ainda assim, eu queria ficar, me perder nesta praia, neste sol, viver este dia uma e outra vez o resto de minha vida, me esquecer da chuva, do medo, da dor e de meu futuro incerto. Poderia morrer feliz em uma rede sob o sol, dentro de setenta anos, rodeada dos sonhos perdidos.

- Quero-te, Alina. - sussurrei-lhe.

- Quero-te, MAC. - sussurrou ela.

- Sinto muito, sinto te haver falhado, sinto haver perdido sua chamada, sinto não ter sabido que algo ia mau.

- Você nunca me falhou, Mac. Nunca o faria e nunca fará.

Meus olhos se cheiaram de lágrimas. Quando tinham essas palavras de absolvição de meus pecados? O gelado príncipe Fae entendia mais a respeito das emoções humanas do que eu acreditava?

Alina me abraçou, inalei profunda, sensorialmente, memorizando cada detalhe que pude reunir com avidez. Então, fechei os olhos e dirigi a esse lugar em minha cabeça, tão estranho e alimentei seu fogo. Quando estive o suficientemente abastecido para queimar, murmurei

- Me mostre o que é certo - e abri os olhos.

Meus braços estavam vazios. Alina se tinha ido. V'lane estava ajoelhado na areia, diante de mim.

- Nunca volte a fazer isso de novo - disse em voz baixa.

- Não desfrutou de seu tempo com ela?

- Não era ela.

- Me diga que não desfrutou com ela.

Não podia.

- Então, me dê obrigado por isso.

Não podia fazer isso tampouco.

- Quanto tempo passou?

- Te teria avisado, mas era resistente a interquebrar seu prazer. Tem tão pouco dele ultimamente...

- Disse que não seria mais de uma hora de meu tempo.

- E era certo. Escolheu ficar no Reino quando a seguiu através da areia. Entendo que a liberdade de eleição dos seres humanos é um grande prêmio, assim, não podia limitar a tua.

Quando ia argumentar contra seus "duvidosos" métodos, pôs seu dedo sobre meus lábios. Era quente, forte, mas não havia absolutamente nada Fae em seu toque. Apagou-se a si mesmo por mim. Ele se sentia como um homem, um forte, sólido, atraente e sexy homem, nada mais.

- Alguns precisam limpar suas feridas para sarar. A ilusão serve para limpar. Me diga, diminuiu a dor por sua irmã ?

Examinei suas palavras e me surpreendi ao me dar conta de que era certo. Embora soubesse que não era Alina quando a tinha chamado, abraçado e suplicado seu perdão, meu dia com ela me tinha dado uma sensação de fechamento de feridas que eu não tinha tido antes. Embora eu sabia que não me tinha absolvido Alina, minha Alina, suas palavras me tinham confortados o mesmo.

- Nunca mais. - repeti.

Poderia ser uma ilusão curativa, mas também era perigosa e eu já tinha suficiente perigo em minha vida.

Ele cintilou com um sorriso

- Como deseja.

Fechei os olhos um momento, tratando de ver claramente a Alina em meus pensamentos; a vista, seu aroma, e seu som perduravam a meu redor. Desde seus abraços, sigo cheirando ao Beautiful em minha pele. Mais tarde voltaria a reviver cada momento, com facilidade. Abri os olhos.

- Lorde Master?

- O depósito estava abandonado. Destruí o Dólmen. Não parecia que ninguém tinha estado ali desde fazia semanas. Suspeito que não retornou a esse lugar, uma vez que foi descoberto. Me diga tudo o que sabe dele.

- Estou cansada - disse - Nossa hora acabou. Me faça voltar agora.

- Deve nos informar sobre o Sinsar Dubh, sabe que é assim.

Disse-lhe o que eu sabia, que eu pensava que esteve perto de mim nas ruas de Dublin, avançando rapidamente em um carro de algum tipo, além da livraria, um pouco mais de duas semanas atrás. Perguntou-me muitas coisas que não podia responder porque a mera cercania ao Livro Escuro me tinha golpeado, tão forte, que tinha perdido a consciencia, feito que pareceu encontrar divertido.

- Veremo-nos de novo, MacKayla - disse.

Então ele se foi e eu estava em outro lugar. Pisquei. Embora ainda não me atrevia a dar por finalizado nosso tempo, V'lane me havia "peneiração" de novo, mas não me havia devolvido a Gales, tinha-me deixado na Livraria... provavelmente só para irritar ao Barrons.

Tomou um momento me reajustar e me concentrar. Ter intercambiado realidades tão rápida e completamente, parecia exceder o que a mente humana era capaz de processar, como uma tela de ajuste antes de reiniciar. É um tempo de vulnerabilidade. Uma pessoa podia ser vítima de uma emboscada nesse momento.

Minha mão passou instantaneamente a minha Lança. Eu suspirei aliviada ao encontrar que estava, uma vez mais, no cinturão ao redor de meu biquí... (Vá com V'lane!)rosa. Em biquíni! Merda! Não era de sentir saudades que tinha frio.

Então meu cérebro processou o que estava vendo e me assustei. A Livraria tinha sido saqueada! Os quadros estavam arrasados e os livros arrancados das prateleiras jaziam semeados por toda parte, as curiosidades quebradas. Inclusive minha pequena TV atrás do balcão tinha sido destruída.

- Barrons? - perguntei com cautela.

Era de noite e as luzes estavam acesas. Minha ilusão da Alina me havia dito que tinha passado mais de uma hora. Era a mesma noite, quase ao amanhecer? Ou era a noite de depois de nosso intento de roubo? Barrons teria retornado de Gales? Ou ele seguia ali, me buscando, depois de que eu tinha sido tão rudemente arrancada da realidade através das portas do porão?

Ouvi passos de botas no chão de madeira e esperei à expectativa. Barrons estava emoldurado na soleira. Seus olhos eram de gelo negro. Escaneou-me da cabeça aos pés.

- Formoso bronzeado, Srta. Lane. Isto..... quando, caralho o adquiriu !! No último mês?

Capítulo 12

- Uma tarde - insisti - Passei seis horas, talvez, Barrons!

Tinha perdido um mês de minha vida, em uma praia sob o sol com a Alina. Era incompreensível. O que tinha passado se eu tinha decidido passar com a Alina uma semana? Teria perdido um ano? Dez? O que tinha mudado enquanto eu não estava? Olhei pela janela. Uma coisa era segura, ainda estava chovendo.

- ...no Reino Fae. Enganaram-na! - burlo-se - Você sabe que o tempo não corre à mesma velocidade! Falei-lhe disso!

- V'lane prometeu que seria só uma hora de meu tempo. Ele me enganou - disse acalorada.

-V'lane prometeuEle me enganou - burlou-se ele com voz de falsete. - O que esperava? Ele é um fodido sangrento Fae, Srta. Lane, e um dos... como os chamou... Morte-por-sexo? Seduziu-a e você caiu. Em que mais lhe fez cair? Por que você esteve de acordo em lhe dar uma hora no Reino, em primeiro lugar?

- Eu não estava de acordo em lhe dar uma hora no Reino! Acordamos passar uma hora no momento de sua eleição. Não disse nada a respeito de onde seria.

- Por que você esteve de acordo em passar uma hora com ele, de qualquer forma?

- Porque ele me ajudou a limpar as Sombras da livraria!

- Eu a teria ajudado!

- Você não estava!

Estávamos gritando.

- Os acordos com o diabo, Srta. Lane, nunca acabam bem. Isso é um feito. Você não deve fazê-lo de novo. Entende-me? Se tiver que encadear seus pulsos a uma fodida viga, para proteger a de sua própria estupidez, farei-o! - enfureceu-se comigo.

- Pulsos. Viga. Encadear...., Barrons. Venha com um nova ameaça - enfureci-me eu.

Tentou de me intimidar com o olhar e fazer que eu baixasse meus olhos, me escondendo como uma avestruz. Não o faria. Tinha os braços encadeados detrás de mim e só levava um mini-biquíni, mas estava perdendo a capacidade de me esconder igual avestruz: nunca voltaria a ser o tipo de garota que ele esperava que fora.

- Quem saqueou a livraria, Barrons? - exigi.

Tinha um montão de perguntas e até a data, não tinha tido oportunidade de lhe fazer nenhuma. No momento em que me tinha visto, tinha carregado comigo ao ombro, até a garagem, me despojando de meu cinturão de ferramentas e me encadeando a uma viga de apoio. Eu nem sequer tinha tentado lutar com ele, havia mais de aço dentro do Barrons do que o que tinha posto detrás de mim.

Um músculo em sua mandíbula se contraía. Ele se apartou, caminhou para uma pequena mesa de trabalho de metal com rodas e a fez rodar junto a mim. Então, agarrou uma caixa de madeira plaina de uma das muitas prateleiras.

- O que está fazendo? - disse com cautela.

Tirou alguns elementos da caixa e começou a pô-los sobre a mesa, junto a mim. Primeiro vieram duas pequenas garrafas que continham líquidos: um carmesim, o outro negro. Tratava-se de venenos? Drogas? Depois foi o turno de uma faca, muito forte, com uma larga e mortífera ponta.

- Vai você me torturar? - incrédula. Agarrou uma vela com uma larga mecha negra. - Ou emitir um feitiço sobre mim? - Poderia fazê-lo?

- O que vou fazer, Srta. Lane, é uma tatuagem.

Abriu as garrafas, desembulhou um conjunto de agulhas de uma capa de couro com relevos, e acendeu a vela. Começou a esquentar uma agulha na chama.

Traguei saliva

- Não, você não o fará. Minha mãe me mataria.

Os líquidos eram tintas, não drogas, e eu não estava segura de se isso era melhor ou pior. As drogas podiam desaparecer. As tintas são permanentes.

Ele me olhou duramente.

- Amadureça!

Eu não acreditava que fosse imaturo considerar os sentimentos de mãe. Em meu diário, fazia justo o contrário. Além disso, sentia que devia fazer o que minha mãe me disse a respeito das tatuagens. Herdeira de uma geração que se tatuava, colocava piercing e fazia a cirurgia estética como quem corta o cabelo, prometi a mim mesma, faz anos, que iria à tumba da mesma maneira que tinha nascido, só que muito mais enrugada

- Você não me tatuará- repeti. - Pare!

Seu sorriso era tão felino que senti brotar umas pequenas orelhas de camundongo da parte superior de minha cabeça. Isto ia a sério. Ele me tinha encadeado e agora me ia tatuar. ia estar perto de mim, muito perto, em um trabalho lento e metódico sobre minha pele nua, o que poderiam ser horas, dependendo da complexidade da tatuagem. O pensamento me fez sentir enjoada. Dizia a mim mesma que me acalmasse. Eu gostaria de chegar ao fundo disto. Falar, o distrair

- Por que me vai tatuar, Barrons? - pedi, da forma mais razoável, com a voz mais suave que podia emitir.

- O desenho inclui um feitiço pelo que serei capaz de encontrá-la na próxima vez que dita desfrutar de um capricho infantil.

- Um capricho? - fiz vibrar minhas cadeias de cólera. - Não é capricho. Você não esteve ali para me ajudar com as Sombras, assim, fiz-o o melhor que pude na negociação que estava disponível.

- Eu não estava falando de V'lane, estava falando de sua estadia no Reino Fae.

Meu temperamento estalou

- Você não têm idéia de como era! Minha irmã morreu sem prévio aviso e de repente, estava ali de novo, parada diante de mim. Cheguei a vê-la, a tocá-la, a escutar sua voz de novo! Sabe o que significa perder a alguém? Em realidade, provavelmente, a pergunta para você seria amou a alguém além da você mesmo? Amou-os tanto que não podia agüentar seguir vivendo sem eles? Sequer sabe o que é o amor? Eu não quero sua indulgência.

Tive uma debilidade e tinha aprendido algo da experiência: fazia desaparecer a ilusão com minha vontade. Tinha visto a realidade através dela. Eu estava muito orgulhosa de mim mesma por isso.

- Qualquer que tenha sentimentos, pode ter debilidades, mas quereria você saber o primeiro que se obtém com elas? Quê-lo? - disse-me amargamente - As únicas coisas que se obtém são avareza, brincadeira, e, de vez em quando, provavelmente, uma surra, mas arrumado a que não será uma mulher, nem mais dinheiro ou um artefato ou um livro. Não é você diferente a qualquer outro jogador neste jogo, não difere de V'lane. Ambos são mercenários.....

Sua mão estava em minha garganta e me esmagava com seu corpo na fria viga de aço detrás de mim.

- ...Sim, amei, Srta. Lane, e embora não seja de sua incumbência, também perdi. Muitas coisas. E não, eu não sou como outros jogadores neste jogo, nunca serei como V'lane e, sim, recebi surras mais freqüentemente que de vez em quando. - inclinou-se totalmente contra de mim

e ofeguei - Às vezes, não é mais que uma pequena menina malcriada, não uma mulher, absolutamente. Eu fui quem arrasou a livraria quando não pude encontrá-la. Terá que escolher um novo dormitório, também...e me sinto muito pouco culpado por chatear seu mundo, mas todo mundo o faz e você deve continuar. São seus atos os que a definem - sua mão se relaxou sobre minha garganta - vou tatuar , Srta. Lane, mas... deixarei-a escolher onde quer que o faça, assim, diga-me isso por favor.

Seu olhar descendeu sobre meu corpo bronzeado, ligeiramente engordurado, muita de minha pele nua. Os delicados triângulos rosas não cobriam grande coisa e embora na praia não me importava o mais mínimo, estar quase nua ao redor do Barrons era como ir a uma convenção de tubarões empapada em sangue.

Esta era uma linha que não podia deixar que cruzasse. Tinha que ganhar.

- Se o fizer, Barrons, vou sair deste lugar logo que você acabe e nunca procurarei mais OOP's para você. Se você o fizer, contra minha vontade, teremos acabado. Não estou brincando. Encontrarei a outra pessoa que me ajude. - disse, lhe olhando fixamente aos olhos

Não nomeei a V'lane, não tinha nenhum desejo de agitar uma capa vermelha ante o touro. Injetei minha voz de uma calma inquebrável, impregnando a de uma definitiva resolução.

- Não deve fazê-lo. Às vezes, você me empurra muito longe, muito forte, mas não esta vez. Não vou deixar que ponha sua.... - tomou um momento encontrar a palavra adequada - ...marca de feiticeiro sobre mim, de modo que possa me caçar onde e quando você queira. E, Jericó Barrons, isto não é negociável!

Há algumas linhas que não se pode deixar que outra pessoa cruze. Não sempre tem sentido, não sempre poderiam parecer ser as coisas mais importantes, mas só a gente mesmo sabe onde estão essas linhas e quando é o traseiro de um o que está em jogo, a gente mesmo tem que defendê-lo. Além disso, quem sabia que mais poderia fazer a tatuagem?

Olhamo-nos o um ao outro em silêncio.

Desta vez, se existiu uma de nossas conversações sem palavras, não pude ouvi-la, porque estava muito ocupada na radiodifusão de minhas ensurdecedoras palavras. No último momento, senti esse estranho lugar dentro de meu crânio, que se alimentava de fogo como um forno e tratei de canalizar sua energia em uma implacável negativa. Procurei um canal de energia mágica que transmitisse meu " Não !!", como ampliação do que tinha manifestado verbalmente.

Surpreendeu-me quando, de repente, Barrons sorriu, e, mais ainda quando começou a rir, brandamente ao princípio, para logo, crescer como uma corrente. Era uma risada profunda e expansiva. Suas mãos escorregaram de minha garganta a meus ombros, seus dentes cintilaram em seu rosto escuro. Era algo elétrico que se transmitia por meu corpo, cantarolando com vitalidade, me queimando com sua energia.

- Bem feito, Srta. Lane. Justo quando acredito que só amostra um pouco de espinhos e algumas unhas, mostra-me os dentes.

Não sabia se estava falando de minha vocalizada negação ou de meu primeiro esforço para usar meu Sidhe-Seer poder mental, que, parecia, tinha funcionado; ele se dedicou a manipular as correntes, depois de uns poucos momentos, tirou-me isso com um claqueteo de aço.

- Você ganha.... desta vez. Não vou tatuar , ao menos, não hoje. Mas em lugar disso, fará algo para mim, negue-se e a tatuarei, e... Srta. Lane, se a encadear de novo, não haverá mais palavras, amordaçarei-a.

Desabotoou-se sua manga, enrolou-a sobre seu antebraço e agarrando um bracelete de prata que levava, entregou-me isso. Tive uma visão retrospectiva de V'lane e a Cuff de Cruzamento, embora este era muito diferente do de Barrons: tinha-lhe visto com ele posto muitas vezes. Aceitei e o sustentei na mão, estava ainda quente pelo contato com sua pele. Era grosso, forjados em prata, com adornos em relevo de símbolos celtas e runas; estava ligeiramente enegrecido, parecia antigo, como algo de um Museu.

_Coloque isto e nunca--o-tire

Olhou-me. Estava muito perto. Necessitava distância. Saí de entre ele e a viga bordeando a pilha de correntes.

- Para que serve? - perguntei-lhe.

- Permitirá-me localizá-la se desaparecer de novo.

- Poderia me haver encontrado no Reino Fae se eu tinha estado tatuada?

Ele esperou longe, em silêncio. Então, disse brandamente

- Eu gostaria de poder ter sabido, ao menos, que você seguia viva, nem sequer estava seguro disso.

-Por que não me ofereceu primeiro o bracelete, em lugar de tratar de me tatuar?

- Porque, Srta. Lane, um bracelete pode ser esquecido ou podem tratar de arrebatá-lo, mas uma tatuagem, não. Sigo preferindo a tatuagem. O bracelete é uma concessão e uma que estou fazendo só porque estudou finalmente sua cabeça e começou a explorar seu talento.... - ele sorriu ligeiramente.

Estraguem! Assim que o que eu tinha tratado de fazer com esse estranho lugar de meu cérebro tinha tido algum efeito sobre ele! Isso era algo. Não era exatamente um ponto de inflexão, mas era um começo.

- Não poderia alguém cortar a tatuagem? Ou a tinta vai em capas muito profundas da pele?

- Seria arriscado e extremamente doloroso. Tinha intenção de fazer-lhe em algum lugar oculto.

Olhei para mim mesma.

- Onde planejava fazê-lo para ocultá-lo? - melhor não me jogar pelo escarpado - Deixe-o, não quero sabê-lo - examinei o bracelete - Para que mais serve?

- Nada pelo que precise preocupar-se. Coloque-o. Agora!

Vi uma expressão de "inegociável" em seus olhos, e eu sabia que ele me tatuaria, e que eu teria que lhe deixar fazê-lo, porque apesar de minha valentia, não estava disposta a seguir, sozinha, por minha conta, neste escuro mundo.

Deslizei-o em meu pulso. Era enorme. Empurrei-o para cima, mas escorregava para baixo e se deslizou por minha mão. Capturei-o antes que golpeasse o chão. Ele o pôs em cima de meus bíceps e apertou até que ficou fixo nele. Eu tinha músculo suficiente para mantê-lo em sua posição.

- O que fizeram você e V'lane no Reino? - perguntou casualmente.

Encolhi-me de ombros, não me sentia o suficientemente forte de ânimos para falar da Alina, e suspeitava que não gostaria que lhe dissesse que tinha tido o orgasmo mais intenso de minha vida, em uma praia sob um sol provavelmente não real.

Olhei ao chão. A garagem estava em silêncio esta noite. Perguntava-me se seu monstro estava dormido. Barrons me tinha visto irquebrar no lugar, graças a suas câmaras de vídeo e ele sabia que eu sabia.

-O que é o que tem em sua garagem, Barrons? - perguntei, sabia que com esta pergunta mudaríamos de tema.

- Nada do que precise preocupar-se. - disse-me friamente - Se já souber a resposta, Srta. Lane, não desperdice meu tempo. Você acaba de me fazer perder um mês do mesmo.

- Bom, Barrons, mantenha seus segredos, mas lhe direi uma coisa: só vou confiar em você na medida em que você confie em mim, se você me mantiver na escuridão, eu vou manter lhe igualmente sobre o que faço. me manter dando voltas às escuras, parece-me soberanamente estúpido.

- Minha visão "noturna" é muito boa. Tem queimaduras pelo sol, Srta. Lane - disse olhando meu biquíni - Nada confiável poderá obter dele - bufou e comprovou meu bracelete.

- Mas, em troca, sim posso confiar no que você me dá? Dê-me uma pausa, Barrons.

- Se acreditar que pode estar com V'lane e eu nos extremos e jogar no meio, acabará destruçãda em pedaços. Se eu fosse você, Srta. Lane, escolheria um lado e... rápido.

Comecei a restaurar a ordem da loja à manhã seguinte: varrer, tirar o pó, atirar coisas quebradas no lixo e reabastecer a de livros. Barrons tinha sugerido deixar a loja fechada, mas eu a necessitava. Foi uma ilusão limpar, o propósito: recuperar a rotina.

Não tinha quebrado meu iPod; felizmente o tinha escondido de forma segura, em um armário debaixo da caixa registradora, por isso tinha escutado aos velhos Beach Boys enquanto limpava. Cantei com "Sloop John B.": Eu quero voltar para casa, esta é a pior viagem que realizei.

Cada tanto, jogava uma olhada pela janela ao tempestuoso céu, enquanto tratava de fazer frente ao feito de que enquanto eu veraneava com minha pseudo-irmã, o verão se converteu em Outubro da noite para o dia, literalmente. Consolei-me mesma com o pensamento de que, seis horas de bom sol eram, provavelmente, mais das que tinha tido em um mês em Dublin em qualquer caso.

A loja estava quase apresentável na hora de almoçar, depois do qual, voltei minha atenção aos jornais que se acumularam em minha ausência, mas não tinham sido vendidos. Reuni um par de caixas de embalagem e comecei a atirar os jornais, para depois levá-los ao lixo. Depois de uns segundos, detive-me de repente, cravada em uns titulares.

Desde que me tinha ido, Dublin tinha sofrido uma alta sem precedentes da delinqüência e os meios de comunicação, crucificavam à Polícia por esse motivo. (A título pessoal, esperava que isso significasse que o Inspetor Jayne estaria muito ocupado com outros assuntos para seguir me perseguindo). A incidência de violações sem resolver cresceu até sessenta e quatro por cento e os homicídios em quase cento e quarenta e dois por cento, desde princípio de ano até a data; isto era só a metade da história; além disso, os documentos revelavam que a brutalidade dos crimes se intensificou também. Tenho lido papel depois de papel, digerido uma alarmante notícia depois de outra. Estes não eram simples assassinatos, eram perversos, sádicos assassinatos, como se a mais escura, mais profunda parte das pessoas estivesse saindo à superfície e estendendo-se cada vez mais. Cada poucos dias, os titulares da imprensa anunciavam novos, escandalosamente mais violentos e múltiplos, homicídio, junto com suicídios.

Era possível que os Unseelie que caminhavam entre os humanos, embora invisíveis, estivessem trocando às pessoas, desbloqueando os impulsos mais depravados de todos nós? Que mais tinha ocorrido enquanto tinha ido? Olhei inquieta a minha direita, como se pudesse ver, de algum jeito, através da parede, para saber se o câncer da Dark Zone havia metastatizado em minha ausência. Se procurasse nos mapas, encontraria que faltavam mais partes da cidade?

- Isto é terrível - disse ao Barrons, essa noite, quando íamos no único carro de marca desconhecida, o sedan negro que usamos a noite que roubamos ao Rocky O'Bannion. - Viu as notícias ultimamente?

Ele assentiu.

- E?

- Uma grande parte ocorreu enquanto "esteve fora", Srta. Lane. Possivelmente isso lhe fará pensar duas vezes antes de passar seu tempo com V'lane.

Passei por cima o sarcasmo

- Chamou-me meu pai hoje. Comportou-se como se tivéssemos falado só uns poucos dias atrás.

- Enviei-lhe algumas mensagens de correio eletrônico desde seu computador portátil. Chamou uma vez. Eu a cobri.

- Você hackeou meu portátil? É pessoal! - estava indignada. Também me alegrei de que meu pai não tinha estado preocupado em minha ausência, e curiosa de como ele tinha passado minhas medidas de segurança. - Como?

Ele me olhou secamente.

- Sua contra-senha geral, Srta. Lane, é "Alina", a de seu E-mail é "arco íris".

Bufei do assento do passageiro. Era duro e frio, já que não tinha aquecedores de assentos. Eu preferia o Viper, ou o Porsche ou o Lamborghini ou qualquer outro, mas ao parecer, "anonimato" era o nome da operação de esta noite.

-Onde vamos, Barrons? - perguntei-lhe irritada.

Embora parecesse incrível, Barrons não tinha especificado minha roupa, e me tinha deixado escolhê-la; eu levava calças jeans, um pulôver, botas e uma jaqueta.

- A uma antiga Abadia, Srta. Lane. Um simples passeio. Não há necessidade de caminhar por ela; não está muito longe, um par de horas em carro da cidade.

- O que pensa você que poderia ser? Estamos procurando algo específico?

- Só procurando.

- Está a Abadia construída sobre uma antiga zona Sidhe-Seer, como o cemitério?

Barrons nunca faz nada sem uma boa razão. Se algo a respeito da Abadia lhe fez pensar que poderia ser uma ocasião OOP's, queria saber o que era. Ele se encolheu de ombros.

- Bom, por que não vamos caminhar por ela?

- Está ocupada, Srta. Lane. Duvido que nos vissem com agrado.

- Os monges? - eu sabia que nos mosteiros, freqüentemente, havia normas estritas a respeito de permitir a entrada a mulheres - Ou monjas?

Pior, as monjas poderiam olhar ao Barrons e decidir que era o muito mesmo diabo quem tinha estado chamando. Ele não só emanava periculosidade para os religiosos, inclusive eu a sinto às vezes, e não sou religiosa. Vejo Deus em uma saída do sol, não em um ritual repetitivo. Fui a

uma igreja católica, uma vez: sentados, de pé, de joelhos, de joelhos, de pé, sentar-se de novo, e ocorreu que estava tão pendente de qual seria a seguinte posição que me perdi o que se estava dizendo.

Ele grunhiu dessa maneira que significava "sem comentários", , que se eu pretendia que respondesse a mais pergunta minhas, mais valia que não aguardasse contendo a respiração. Perguntava-me o que pensava que íamos conseguir conduzindo a essa misteriosa Abadia, sem passar, considerando que eu não sabia quão perto devia estar para detectar um OOP'S. Esse pensamento expôs outra muito tardia pergunta, que me golpeou na frente, não podia acreditar que a tinha esquecido até agora.

- Quem veio através da porta do porão essa noite em Gales, Barrons?

Ele não tinha mencionado nada sobre ela. Imediatamente, a tensão em seu corpo me disse que suas lembranças não eram agradáveis.

- O mais sangrento dos ladrões.

- Está brincando? Quer dizer que, além de nós e quem tinha o Amuleto houve alguém mais?

- Uma maldita convenção sangrenta.

- Bom, quem era? Alguém mais do leilão?

- Não tenho idéia de quem pudesse ser tão sangrento, Srta. Lane. Nunca o tinha visto antes. Nunca ouvi falar disso. Por isso eu sei, não havia nenhum sangrento escocês no leilão. É como se descesse do sangrento maldito céu - deteve-se e logo acrescentou - E eles eram muito sangrentos para meu gosto.

Todos esses "sangrentos" mostravam uma verdadeira cornucopia das emoções do Barrons. Quaisquer pessoa que os ladrões tinham sido, ou seja qual seja o que tinha ocorrido no tempo em que V'lane me tinha retido no Reino, tinha-lhe perturbado profundamente.

- Está seguro de que não foram ladrões?

- Se eles tinham sido responsáveis pelos assassinatos, não teria sido uma massacre.

- O que quer dizer?

- Ao menos, um dos homens era versado nas Artes Escuras e foi treinado por Druidas. A menos que o sangue seja necessário para um propósito específico, um Druida mata limpamente. Quem fora quem matou aos guardas e ao pessoal essa noite, fez-o com o sadismo de um puro psicopata ou uma imensa raiva.

Eu tinha tirado o tema dos ladrões para evitar a lembrança dos corpos mutilados.

- Existem Druidas hoje? Pensei que morreram faz muito tempo.

- Isso é o que todo mundo pensa a respeito das Sidhe-Seer - disse zombador - Precisa desfazer-se de seus prejuízos.

- Como pode saber que um deles usava Magia Negra?

Ele me olhou de lado e eu sabia que ele estava a ponto de deixar de responder a minhas perguntas. Surpreendeu-me que o fizesse.

- Por muito tatuado que alguém esteja, a Magia Negra sempre se cobra um preço, Srta. Lane, que pode ser diminuído pelo trabalho... das Runas de amparo na pele.

Eu pensei um momento e cheguei a seguinte conclusão lógica.

- Uma demanda que exige um pagamento sobre sua pele?

- Precisamente. Alguns pagamentos só podem postergar-se, não denegar-se. Não está de mais lhe dizer que por nós mesmos, quão único fazemos são "pequenos feitiços ". É uma droga, como qualquer outra.

Eu lhe olhei, me perguntando o que seu elegante traje italiano e rangente camisa branca poderia ocultar. Provavelmente uma bateria de tatuagens. Como seria Barrons sem sua roupa?

- Bom, se estes não forem os ladrões do leilão - disse rapidamente para dissipar a imagem - Como posso aprender essa Magia?

- Você pensa que está ao redor de nós enquanto conversamos, Srta. Lane? Você desapareceu e eu não tinha nem idéia de onde tinha ido. Cada um fará nosso trabalho pouco a pouco, um passo adiante cada vez.

Me perguntando o que constituía "trabalhar pouco a pouco" para o Barrons, olhei através da janela. Estávamos passando pelo Distrito de Têmpera Bar. O aumento da delinqüência tinha impactado nas zonas de diversão, tão ruidosas como de costume... e repletas de Unseelie. Havia, ao menos, um por cada vinte pessoas. Esperava que esta maciça presença fora só na zona turística, que não toda Dublin estivesse infestado na mesma proporção, já que esta era significativamente maior da que eu tinha visto faz uns dias, ou, mais exatamente, um mês, quando caminhava por estas buliçosas ruas pavimentadas.

- OH, Deus, Lorde Master trouxe mais deles desde que fui! Não? A muitos mais.

Barrons assentiu.

- Desde algum Portal, mas não o do LaRuhe; deve ter construído um novo Portal em algum outro lugar. O Dólmen e o armazém foram destruídos. Parecia como se alguém tinha arrojado uma bomba sobre eles.

Fixei meus olhos: acabava de detectar ao diáfano Fae que tinha visto refrescar-se na fonte, o dia que eu tinha tropeçado com o Dani. Estava em meio de um grupo de jovens. Enquanto olhava, pareceu fazer-se ainda mais transparente e caminhou com um ondulante passo para uma sorridente moréna, e se introduziu diretamente na pele da moça, como se fora um casaco. Os olhos da moréna se ampliaram por uma fração de segundo e ela sacudiu a cabeça, como se tratasse de expulsar algo de seu ouvido. O Fae não saiu de seu corpo. Segui olhando pela janela traseira, mas nada saiu. Tratei de usar meu sentido Sidhe-Seer para detectar ao Fae em seu interior. Não pude, não podia vê-lo e não podia senti-lo. Podia ser capaz de penetrar um encanto Fae, mas não podia detectar um Fae dentro de uma pele humana. Até este momento, eu não sabia que fora possível a um Fae fazer tal coisa. Olhei até que a moréna desapareceu da vista. Ela já não estava sorrindo. Perguntei-me que coisa terrível tinha visto, perguntei-me, inclusive, se, realmente, queria sabê-lo.

Não posso saltar fora do carro, correr entre os blocos e tentar exorcizar à moça: toda a rua poderia pensar que tinha enlouquecido e dentro da moça, o Fae saberia que eu sabia.

- Sei, V'lane o fez por mim - disse ao Barrons ausente.

Houve um momento de silêncio. Olhou-me e juro que vi vapor saindo de suas orelhas.

- Má sorte, ele não estava ali para lhe economizar o dia que quase morreu, Srta. Lane - disse friamente.

- Ele estava ali para desfazer-se das Sombras. Onde estava você?

- Exigiu um preço. Eu não peço um pagamento a você, nem tampouco trato de fodê-la cada vez que a vejo.

- Sim, faze-o... me pedir um pagamento, refiro-me: Faz-me detectar OOP's, me vestir como você quer que vista, manda continuamente ao redor de mim e me conta o menos que pode, unicamente o justo para conseguir o que necessita. Ambos trataram de me pôr um bracelete de amparo: você o obteve. Não é diferente dele, está-me utilizando, desde meu ponto de vista, desde que me salvou a vida a primeira vez... Até o tenho escrito em meu diário.

Freou o carro tão abruptamente, que meu cinto de segurança se incrustou entre meus seios, se tinha sido um carro último modelo, tinha-me tragado o airbag. Cruzou o carro até chegar a meu lado e abriu, quase arrancando minha porta

- Se de verdade crê assim, Srta. Lane, saia!

Olhei para a noite, tínhamos saído da zona de Têmpera Bar e estávamos em uma zona mista, entre comercial e residencial, pela que, inclusive armada com minha Lança e minhas lanternas, eu não tinha nenhum desejo de passear, com suas escuras ruas desertas, eu sozinha.

- OH, não seja tão melodram..... AHHGGG! - aferrei minha cabeça com ambas as mãos, como se meu crânio estivesse sendo perfurado por um milho de pontas agudas ao vermelho vivo.

A Abadia ia ter que esperar. A bÍlis explodiu na parte de trás de minha garganta, a estranha parte dentro de minha cabeça se converteu em um crematório de meu cérebro e o inferno se estendeu por cada célula de meu corpo como se alguém me orvalhasse com gasolina, por dentro e por fora. Podia sentir a pele de meu corpo fazendo bolhas, carbonizar-se. Eu mesma pude cheirar a queimado.

Graças a Deus, felizmente, perdi a consciência.

- Foi o Sinsar Dubh de novo, não? - Barrons exigiu, no momento em que abri meus olhos.

Tinha assentido com a cabeça, mas doía só pensar no risco.

- S... Sim - sussurrei.

Cuidadosamente, passei uma mão por meu rosto, sentia meus lábios, minhas bochechas, meu cabelo. Contrariamente ao que eu esperava, minha pele não estava coberta de ampolas e embora meu cabelo fosse curto e da cor equivocada, pelo menos, seguia ali.

- O... onde estamos? - não sentia nenhum assento debaixo de mim.

- Na loja. Você não recuperou a consciência até agora, Srta. Lane. Eu supus que o Livro se encontrava perto e que não se estava movendo, assim tentei caçá-lo - fez uma pausa - Tive que parar, não estava seguro de que não a matasse se seguia.

- O que quer dizer? - tinha estado indefesa, inconsciente.

- Você tinha... espasmos, como ... convulsões.

- O que fez você? Jogou-me em cima de seu ombro e me usou como uma vara de zahorí enquanto estava inconsciente?

- O que é o que esperava que fizesse? A última vez que encontrou o Sinsar Dubh ficou doente, mas conforme se afastou, recuperou a consciencia. Era lógico concluir que se não se recuperava, era porque o Livro não se afastava, sabia que se nos aproximávamos, iria piorando, inclusive embora estivesse inconsciente. Feze-o, muito, e me vi obrigado a retroceder. por que sangrento inferno é incapaz de permanecer consciente? Se não o estiver não poderemos segui-lo.

- Eu me perguntei o mesmo. Eu não escolhi isto, como tampouco os estúpidos parâmetros que o acompanham. - tremi.

Agora, o fogo de meu interior tinha desaparecido. A última vez que tinha estado perto do Livro tinha sentido o mesmo, uma adaga gelada no centro de minha alma pelo grande mal que emanava essa coisa.

Foi para a chaminé, acendeu a chama do gás, e voltou com uma manta. Envolvi-me nela e me sentei cuidadosamente.

- Me diga que sente quando está perto - perguntou-me.

Olhei-lhe. Toda sua solicitude com o fogo e a manta, tinha sido fria, remota, devida a necessidades profissionais. Perguntava-me até que ponto ele tinha permitido meu "perigo" intensificar-se, antes de retroceder. Que dilema devia ter sido para ele, estar tão perto do Sinsar Dubh, mas temendo que se me utilizava para localizá-lo podia me matar, perdendo seu detector OOP'S de forma permanente e perdendo sua vantagem no jogo! Se ele tinha tido algum tipo de garantia de poder me manter viva até o último momento, me teria sacrificado por obter o Livro? Tinha poucas dúvidas a respeito. Havia violência nele esta noite, podia senti-lo. Não tinha nem idéia da razão pela que ele queria esse Livro, mas havia algo que sim sabia: o Livro Escuro era o princípio e o final de tudo para o Barrons, era uma obsessão, e, a obsessão de um homem faz perigoso a esse homem

- Você não esteve alguma vez tão perto dele antes, verdade? - adivinhei.

- Não de maneira que eu fosse consciente disso - disse hermeticamente.

Ele se deu a volta de repente e lançou um murro ao muro, duro, cuidadoso, um golpe de liberação controlada de fúria; escamas de gesso e pó se desintegraram ao redor de seu punho, deixando ao descoberto o interior de tijolo. Ele se inclinou contra o muro e respirou fortemente.

- Você não têm idéia de quanto tempo levo a caça dessa maldita coisa!

- Por que não me diz isso você? - o que me podia dizer Dez anos?Dez mil?

Sua risada era dura, como o som de correias de arrasto através dos ossos.

- Assim, Srta. Lane - pediu -que lhe acontece quando está perto dele?

Sacudi a cabeça e imediatamente o lamentei. Punham-me doente as evasivas do Barrons, mas minha dor de cabeça ocupava cada polegada de meu crânio e não tinha lugar para uma nova ocupação hostil, ferroadas brancas rompiam atrás de meus olhos e os fechei. Chegaria o dia em que se vissem respondidas minhas perguntas, de uma maneira ou outra. por agora, as daria eu a ele, em espera de que ele fora capaz de arrojear luz sobre o problema de minha patente incapacidade para conseguir o Livro que minha irmã me tinha exigido que encontrasse em sua última mensagem antes de morrer.

- Golpeia-me tão de repente e com tal força, que não tenho tempo para pensar nisso. Tudo o que sei é que um segundo estou bem e ao seguinte tenho tão intensa dor, que não posso fazer nada para escapar dele. Se durasse muito tempo e não pudesse sair, acredito que rogaria que me matasse - abri os olhos - Mas é ainda mais complexo que isso: é como se tudo o que tenho de poder de detecção fosse um anátema de tudo o que sou, como se juntássemos ponto e contraponto, a antítese de um e outro, como se não pudéssemos ocupar o mesmo espaço... como se fôssemos dois ímãs que se repelem, só que me repele com tal força que quase me esmaga.

- Pólos opostos..... - murmurava - Pergunto-me se...

- se o que?

- ... diluíramos os contrários ainda lhe repeliria?

- Não vejo nenhuma maneira de diluir o poder do Livro, Barrons, simplesmente, não vejo que me esteja fazendo mais forte cada dia. - esperei, cada momento, que meu cérebro decidisse ficar ao dia. - Quer dizer me diluir a mim? me fazer um pouco mais má para suportar que o Livro esteja perto? O que tiraria eu de bom nisso? Se eu me voltasse malvada, conseguiria um Livro malvado e, provavelmente, queria fazer coisas malvadas com ele. Isso seria ganhar a batalha, para perder a guerra.

- Possivelmente, Srta. Lane, você e eu estejamos lutando em diferentes guerras.

Se o pensava que me voltar malvada era a solução e não um problema, e que isso era o apropriado, era.

Capítulo 13

- Que merda ocorre no beco traseiro?

Olhei. Dani estava na porta da livraria com as primeiras luzes da tarde banhando de dourado seus cachos castanho-avermelhados. Levava um uniforme com uma calça branca, uma camisa de popelín verde, com um Shamrock (N. de T: trevo de três folhas, símbolo da Irlanda) e as letras PHI, serigrafadas no bolso. Ela esperava, linda, doce e inocente, mas eu a conhecia melhor. Não sabia que me assombrava mais: se sua presença ou a luz do sol. Ambas se tinham dado procuração de mim enquanto eu tinha estado imersa na leitura das notícias do dia.

Voltei minha atenção a horripilante historia: um homem tinha matado a toda sua família, esposa, filhos, babá e cão, depois tinha estampado contra um pilar de uma ponte, com seu carro, a uma velocidade de oitenta milhas por hora, não muito longe de onde Barrons e eu tínhamos estado ontem à noite. Seus amigos, vizinhos e colegas de trabalho, não podiam explicar-lhe Tinha sido um amante, marido, um excelente empregado no local da União de Crédito e um modelo de pai, que tinha feito regularmente tempo para seus filhos em atos esportivos e acadêmicos.

- Se quer dizer palavrões, Dani, - disse-lhe - faze-o em torno de outra pessoa.

- Merda para você! - replicou.

- Realmente amadurecido... - disse enquanto a olhava - ...tratar de parecer maior amaldiçoando, você e uns quantos milhões de adolescentes. Poderia ser mais original.

Eu gostaria de voltar para casa, ali, estranha vez, no domingo se lê algo mais que fofocas sobre o estilo de vida e as seções de moda. Estes crimes tinham estado acontecendo sempre e eu alguma vez me tinha dado conta?

Dani deixou sua bicicleta na porta

- Não tenho que fazer nada original, eu sou original. - duvidou - Então... o que está acontecendo fora, no beco?

Encolhi-me de ombros.

- Refere aos carros? Nem idéia.

Não queria admitir que quando ingressei na comunidade Sidhe-Seer, tinha roubado uma Relíquia Fae, processo que havia flanco que dezesseis seres humanos fossem assassinados. Não terei que ter poderes paranormais, para saber que existe uma regra de ouro: não danificar

inocentes, e os seres humanos, de algum jeito, pareciam haver-se outorgado, unilateralmente, essa condição, uma ironia que ficava bem patente no jornal que estava lendo.

- Não, referia aos rastros méio apagados do Grug.

- Grug?

Ela o descreveu, o que ficava dele.

- Eu os chamo Rhino-Boy. - deixei o jornal - É que há um atrás? Meio comido?

Ela assentiu.

- Rhino-Boy, eu gosto. São cinzas, como barris e fazem um ruído divertido com a parte posterior da garganta.

- Grug são seus nomes de casta Unseelie?

tratava-se de um conhecimento Sidhe-Seer? Tinha fome de conhecimentos verdadeiros, queria explicações, regras. Alguém que fizesse que minha vida tinha sentido. Eu queria um Compêndio de Conhecimento Sidhe-Seer.

Ela se encolheu.

- Nós não sabemos o nome dos Unseelie-que-vão-em-cócoras. Chamamo-los assim. Eu gosto mais do seu nome. assim, vais acabar com essa criatura ou vais torturar a? O que vais fazer com as outras partes? as guardar em um frasco ou algo assim? - Ela olhou ao redor, em busca dos frascos, com uma expressão que podia dizer simultaneamente "Estou aborrecida" ou "Hey, te acalme".

- OH, Deus, você crie que eu..... Não, Dani, eu não lhe torturei! De fato, não sei por que está aí.

Incomodava-me, enormemente, que algo o suficientemente grande e mau para comer um Unseelie, tinha estado perto, e nem sequer o tinha sabido, e, ainda me incomodava mais, que Dani pensasse que eu era tão retorcida. Quem era esta garota para fazer o papel de modelo? Desde onde tinha tirado essas idéias? Da televisão? dos jogos de vídeo? Os meninos, estes dias, parecem perigosamente impressionáveis e, ao mesmo tempo, perigosamente insensibilizados, como se de algum jeito sua vida tinha assumido as proporções de um gibi. Estava cansada de ler a respeito de um grupo de adolescentes que mata a uma pessoa sem lar, diziam: "Não sei por que o fizemos, era como... bom, você já sabe... como um jogo de Internet que jogamos "

- Você os mata? - perguntei-lhe.

- Com o que? - mostrou-me seus escassos quadris - Vê que uma Espada caiba dentro deste uniforme? ou que possa levá-la escondida em alguma parte de minha bicicleta?

- Uma Espada? - pisquei. Certamente ela não se referia a "essa" espada - Quer dizer a Relíquia Seelie, a Espada da Luz? - tinha lido a respeito dela em minha investigação, era a única outra arma capaz de matar aos Fae. - Isso é com o que estiveste matando aos quarenta e sete? Tem-na?

Ela me lançou um olhar de presunção.

- Como...? Por todos os deuses! Como pode tê-la?

De acordo com o último livro que tinha lido, acreditava-se que estava sob a custódia da muito mesmo Rainha Seelie. A presunção de seu olhar se perdeu um pouco. Esgotei meus olhos

- Rowena lhe deu isso - e ao ver sua expressão, adivinhei - e ela a guarda e não te permite levá-la muito, não?

Dani franziu o cenho e lançou sua bicicleta contra a parede.

- Ela pensa que sou "fodidamente" jovem. Matei mais Fae que todas suas outras acólitas puxa sacos, que ela envia em grupos e ainda me trata como a uma menina! - passeava acima e abaixo. - Arrumado a que você não pode matar aos Grug. Arrumado a que Rowena se equivoca a respeito de você. Que tipo de poderes especiais tem? Não vejo nada especial em você.

Sem dizer uma palavra, rodeei a caixa registradora, passei através das portas de comunicação e me dirigi para a parte posterior da loja. Quem tinha comido ao Unseelie fora da janela de minha habitação? Eu não gostava absolutamente. Se não era bastante mau ter que me preocupar com as Sombras e pelo que seja que houvesse debaixo da garagem, agora tinha que me preocupar com outro-fodido-monstro. Tampouco eu gostava que tal coisa tinha passado, duas vezes agora, comigo na imediata vizinhança. Tais macabras festas estavam tendo lugar em toda a cidade e eu não sabia delas porque não estava acostumada a sair muito? Ou se tratava, especificamente, de algo que só passava a meu redor? Era casualidade, ou algo mais?

Empurrei-me a abrir a porta de atrás e examinar o beco, a esquerda e direita. Tomou um momento reconhecer o que via, quase dois terços dos que tinha sido já não estavam, mantinha a cabeça, ombros e o coto de um tronco, e tinha sido arrojado em um transbordante contêiner. Ao igual ao Fae do cemitério, estava em evidente agonia. Apressei-me pela escada, rapidamente até a pequena montanha de lixo e me agachei sobre ele.

- Quer que faça isto por você? - exigiu.

Não tinha tempo para uma morte misericordiosa. Eu queria informação em troca. Abriu sua boca, disse uma palavra, sibilantes sons e retrocedi. além de não ter mãos ou braços, não tinha língua. Fora quem fosse quem havia lhe meio-devorado, não lhe tinha deixado, nem sequer, um meio de falar ou de comunicar-se de qualquer maneira. Tirei a Lança da capa, que tinha colocado debaixo de minha jaqueta esta manhã e lhe apunhalei. Morreu com uma rajada de gelado fôlego. Quando retrocedi, dando tropicções para o montão de lixo, Dani me estava esperando, com os olhos como pratos

- Você tem a Lança? - disse reverentemente. - E é uma arma impressionante! É tão compacta que pode levá-la em cima todo o tempo, em todas partes. Poderia matar oitenta e sete! É anormalmente super rápida? - exigiu. - Se não, provavelmente deveria ser eu quem tinha a Lança.

Ela se aproximou. A coloquei a minhas costas

- Neném, se tenta, tocar minha Lança, farei-te coisas piores das que jamais haja, nem sequer, imaginado.

Não tinha nem idéia do que estava dizendo, mas suspeitava que se alguém tratava de me tirar a Lança, Selvagem Mac, a outra que vivia dentro de mim, a que odiava o rosa e não pensava especialmente em aliviar a dor de nenhum Rhino-Boy, poderia fazer algo que todos lamentaríamos. Bom, pelo menos uma de nós lamentaria. Eu me estava voltando muito complicada para minha própria paz mental.

Dani trataria de me tirar isso com sua "súper-velocidade"? Poderia usar o poder do estranho lugar de minha cabeça para evitá-lo?

- Não sou uma menina. Quando vão dar conta os "fodidos" adultos? - choramingou Dani, me dando as costas.

- Quando deixar de atuar como tal. Por que vieste aqui?

- Está em apuros - jogou sobre seu ombro - Rowena quer ver-te.

Resultou que PHI não era a vigésimo terceira letra do alfabeto grego, a não ser as siglas de uma empresa de entrega rápida de cartas e pacotes e que Dani era uma das empregadas, o que explicava o uniforme e a bicicleta.

Eram as duas da tarde da quinta-feira, quando pendurei meu pôster de "Fechado" na porta da livraria e joguei a chave.

-Por que não está na escola, Dani?

- A escola é minha casa. A maioria de nós o fazemos assim.

- O que pensa sua mãe de que ande por aí assassinando Fae?

Não podia imaginar que nenhuma mãe de uma menina de curta idade estivesse de acordo com isso. Mas quando penso que estamos em uma guerra e que nascemos soldados, acredito que não há eleição.

- Ela está morta - disse tristemente - Morreu faz seis anos.

Não lhe hei dito que o sinto. Não lhe hei dito nada do que dizem as outras pessoas, recorrendo a tópicos, nos momentos de dor. Isso não ajuda, mas sim, de fato, chateia. Senti comiseração, tínhamos vivido o mesmo.

- É fodido, verdade? - disse com veemência.

Ela me lançou um olhar de surpresa e a indiferença se derreteu.

- S... sim. Odeio-o.

- O que aconteceu?

Sua boca se torceu

- Um deles a apanhou. Um dia vou descobrir, ou seja, quem foi e matar ao fodido bode.

Irmã na vingança. Toquei seu ombro e sorri. Ela olhou com assombro minha amostra de simpatia. Faz seis anos, Dani teria tido sete ou oito.

- Eu não sabia que levassem aqui tanto tempo - disse, referindome aos Unseelie - Pensava que tinham sido liberados recentemente.

Ela sacudiu a cabeça.

- Não se tratava de um Unseelie.... quem a matou a ela

- Mas eu pensava que... os outros... - falava baixinho, tendo em conta o vento - não nos matavam devido a nosso... você sabe.

- Utilidade? Isso é uma merda sangrenta. Eles nunca deixaram de nos matar, bom, talvez alguns deles o fizessem, mas a maioria deles, não.

Caminhamos o resto do trajeto em silêncio, com Dani empurrando sua bicicleta. Ela não estava cômoda falando na rua. Rodeamos a Têmpera Bar e cruzamos o rio Liffey.

O serviço de entregas ISP, ocupava um edifício de três andares pintado da mesma cor verde que as calças da Dani, adornado por janelas arqueadas de cerejeira. O logotipo da entrada, era o mesmo que o de sua camiseta, mas a Shamrock era disforme, fora de proporção. Algo no sinal me deixou perplexa: se tinha passado por esta rua ,eu sozinha, de moto própria, teria caminhado diretamente para o edifício sem vacilação, atendida por uma irresistível compulsão.

- Está enfeitado, - explicou Dani, que olhava como o estudava - para atrair a gente como nós. Para isso se fez, ela leva nos concentrando, nos atraindo, a muito tempo tempo.

- Você crê, realmente, que me está contando coisas que ela não quer que eu saiba?

Quando se converteram suas lealdades em mentira? Não era ela uma criação da Rowena?

Dani ficou pensativa durante um minuto e teve uma repentina idéia de como era seu caráter: como eu, ela não confiava em ninguém, ao menos, não completamente e eu me perguntava por que.

- Vá à parte de trás - a menina ruiva subia já a sua bicicleta.- Vou tarde para as entregas. Vemo-nos em outra, Mac.

Várias dúzias de bicicletas verde e branco, quatro motos e dez caminhões de entrega, todos com o mesmo logotipo de Shamrock disforme. Se a ISP era um negócio "coberto", não se podia negar, entretanto, que era um negócio próspero.

Caminhei até a parte posterior e chamei. Uma mulher em torno dos quarenta, com óculos de araios ao ar e um brilhante cabelo castanho, abriu a porta e me indicou que entrasse; conduziu-me através de dois andares de escadas até uma habitação ao final de um corredor e me deixou na porta sem dizer uma palavra. Meus sentidos Sidhe-Seer formigaram: havia um Fae ou um OOP'S ao outro lado da porta, e, eu, duvidava muito que fosse um Fae. Rowena, provavelmente, mantinha a Espada perto dela e, possivelmente, outras relíquias.

Entrei em um formoso estúdio com paredes de painéis forrados em madeira, cheio de plantas e uma enorme chaminé. A luz do sol entrava, do alto, através de janelas emolduradas em veludo. Abajures de pé e de mesa iluminavam cada rincão. Encontrei que este era um rasgo comum entre todas as Sidhe-Seer: acendíamos todas as luzes que podíamos, nós odiávamos a escuridão.

A anciã estava sentada detrás de um escritório antigo, mas ela não me parecia tão velha agora. Nas duas ocasiões anteriores que a tinha visto, tinha levado monótonos vestidos, mas hoje levava um traje turquesa de linhas clássicas e uma camisa branca, parecendo vinte anos mais jovem, mais perto dos sessenta, que dos oitenta e algo. Seu prateado cabelo luzia retirado de seu rosto em um coque que rodeava sua cabeça como uma coroa. Levava pérolas, que brilhavam em suas orelhas, garganta e pulso, da mesma cor brilhante que seu cabelo. Esperava elegante, autoritária, e, como meu pai houvesse dito, "como se mijasse vinagre". Adivinhei que sua sombria presença, de idade indeterminável, era a aparência que ela pretendia mostrar em público, de maneira deliberada e... útil: a gente tende a conceder um status especial de invisibilidade às pessoas da terceira idade, como se as ignorar supusesse que essa criatura não estava mais perto deles com cada minuto que passava de seu relógio vital. Uns óculos com correntes descansavam sobre seu peito. Ela as pôs, as deslizando finamente sobre seu nariz. O tamanho, a cor e a feroz inteligência desses olhos de cor azul forte, os fazia magníficos.

- MacKayla. Tem aí mesmo uma cadeira - disse ela rapidamente.

Lancei-lhe um lacônico olhar e entrei na habitação. Olhei a meu redor, me perguntando onde estava a Espada, algo Fae estava nesta sala.

- Rowena.

Seus olhos faiscaram e eu sabia que nenhuma apreciávamos tal familiaridade. Bem!, eu pretendia estabelecer um status de igualdade entre ambas, não um trato de professora a aluna. Ela tinha perdido sua oportunidade de ser minha professora quando abandonou a minha sorte. Buscamos-nos a uma à outra em silêncio, um comprido, comprido silêncio. Não seria eu a primeira em falar. Esta foi nossa primeira batalha de vontades e, não seria a última.

- Senta-se! - disse de novo, gesticulando para uma cadeira frente ao escritório.

Eu não me sentei.

- Och, pelo amor da María, baixe sua coluna vertebral, agora! - ladrou - Estamos em família aqui.

- De verdade? - inclinei-me de novo contra a porta, com meus braços dobrados - porque de onde eu venho, a família não abandona a um de seus membros em momentos de necessidade, como você tem feito comigo... duas vezes. por que você me disse que me fora a morrer a outro lugar aquela noite no Pub? Você reúne às Sidhe-Seer, por que não a mim?

Ela inclinou sua cabeça para trás e levantou a ponta do nariz, me avaliando, me medindo

- Foi um dia difícil, tinha perdido a três das minhas, e não só te tinha destruído, mas também, os Santos sabem, a outras muitas de nós se não me tinha detido

- Era bastante óbvio que, então, eu não tinha nem idéia do que era.

- O que era evidente é que estava fascinada por um Fae. Disse-lhe isso então, acreditava que foi uma Pri-JÁ, uma de suas viciadas. Não tinha forma de saber que era o primeiro Fae que tinha visto nunca, ou que não tinha conhecimento do que eram. As que são Pri-JÁ estão além de nossa ajuda, é um tipo de machuco na vontade e na mente que as destrói, fazendo que desapareçam. Eu nunca sacrifico a dez por uma.

- Via-me como se minha mente se foi? - exigi.

- Em realidade, sim - disse rotundamente - Parecia-o.

Retrocedi a aquela noite, minha primeira noite em Dublin. Tinha estado fortemente chocada pela dor, com uma imensa sensação de amargura e tinha visto algo que não podia estar ali. Talvez a expressão de meu rosto tinha sido um pouco... estupefata, talvez inclusive em branco. Ainda...

- E que me conta do Museu? Você me abandonou ali também - acusei-lhe.

Ela dobrou seus braços e se inclinou de novo em sua cadeira.

- Você parecia estar ligando com um príncipe Fae, e uma vez mais, Pri-JÁ. Você se estava despindo. O que esperava que eu acreditasse? Não foi até que a vi lhe ameaçar com a Lança, que comecei a compreender. E falando disto, tenho que ver a Lança.

Ela passou, rodeando a mesa de trabalho, com a agilidade de uma mulher muito mais jovem e estendeu sua mão. Eu ri: estava louca se acreditava que eu lhe ia entregar minha arma, antes a cravaria no coração

- Eu não acredito.

- MacKayla - disse severamente - me deixe ver essa Lança. Somos seu povo. Somos Irmãs nesta guerra.

- Minha irmã está morta. Viu-a ela também? Fez com ela quão mesmo comigo? Disse-lhe você mesma que ia morrer? Porque ela - disse amargamente - morreu destroçada por um Fae.

Rowena me olhou com assombro.

- O que é isto de uma irmã?

- OH, por favor...

Aqui estava: a verdadeira razão pela que a tinha odiado, não só por me abandonar e destroçar minhas crenças a respeito da família, a não ser por que não tinha encontrado a minha irmã? Com seus enfeitados sinais, sua publicidade, e suas bicicletas espíões, por que não tinham localizado a Alina? A teriam ensinado? Tinham-na protegido, acaso?

- Esteve em Dublin durante meses, pelos pubs todo o tempo. Como não tropeçaram com ela?

- Você esperaria encontrar uma pessoa em Chicago durante uma visita? - sua voz se quebrou. - Dublin é uma cidade muito grande e muito recentemente que estamos organizadas. Até recentemente, eu estava ocupada em outro lugar. Quanto esteve aqui sua irmã? Como era?

- Ela esteve aqui durante oito meses. Ela era loira como... como eu o era a primeira vez que me viu. Mesma cor de olhos. Físico mas atlético que o meu. um pouco mais alta.

Rowena procurava em meu rosto, como se mediante a absorção das características de minha pessoa, estas pudessem ser colocados com acertos aleatórios sobre outra mulher. Finalmente, sacudiu a cabeça.

- Sinto muito, MacKayla, mas não. Eu nunca soube de sua irmã. Deve me dizer o que aconteceu. Você e eu somos irmãs na vidência e na causa, mas também na perda. me conte tudo.

- Nós não somos irmãs de nada, e não lhe vou entregar minha Lança, velha

Ela não ia conseguir minha simpatia. Lançou-me um duro olhar

- Abandonei-a a primeira vez, mas a segunda, tratei de conseguir que viesse aqui comigo e foi você quem se negou. Abandonamo-nos a uma à outra, uma vez. Não vou cometer o mesmo engano de novo. E você?

- Deveria ter encontrado a minha irmã. Deveria havê-la protegido.

- Você não têm nem idéia do muito que me teria gostado. Me permita fazê-lo agora, com você.

- Eu não necessito amparo.

- Você está trabalhando com o Jericó Barrons, não é certo?

- O que sabe a respeito do Barrons?

- Sei que não há, nem nunca os houve, Shide-Seer de sexo masculino, MacKayla. É um dom do matriarcado.

Burlei-me

- Um dom? Um presente? Matou a minha irmã e arruinou minha vida. Quanto ao Barrons, que é ele, então? Porque ele pode ver os Fae e me ajuda a matá-los, que, por certo, é bastante mais do que você tem feito.

- Isso é tudo o que alguém deve fazer para ganhar sua confiança, MacKayla? Batalhar junto a você? Bem, vamos e matemos um Fae juntas, agora, neste momento. Sabe o que habita em seu coração? Sua razão? por que o faz? O que fará depois?

Não disse nada porque não havia nada que dizer a respeito. A maioria das vezes, nem sequer estava segura de ter um coração, e qualquer pensamento a respeito disso, estava fortemente guardado, sob chave.

- Eu não acredito. Não lhe conta nada não?

- Ele me disse mais a respeito do que sou do que você me há dito.

- Você não me deu uma oportunidade.

- Dei-lhe duas.

- Tente-o de novo, MacKayla. Estou preparada para falar. Está você disposta a escutar?

- Sabe o que ele é? - pulsei.

- Eu sei o que não é, e isso é tudo o que preciso saber. Ele não é um de nós. Somos puras de coração e puro é nosso propósito. Vê o Shamrock? - Rowena assinalou uma imagem de seu

escritório, de um grande trevo verde em relevo sobre um fundo de ouro - Tem que vê-lo. Sabe por que se considera um símbolo de fortuna e que o foi por mais tempo do que qualquer pessoa pode recordar?

Neguei.

- Antes era o trevo da Trindade de São Patrício. É o emblema de nossa Ordem. É o símbolo que nossas antigas irmãs utilizavam para esculpir em suas portas e pintar em brasões milênios atrás, quando se mudavam a uma nova aldeia. Essa era sua maneira de mostrar aos habitantes quem era e o que faziam. Quando a gente via nosso sinal, declarava-se um momento de grande banquete e celebração durante uma quinzena. Eles nos davam a bem-vinda com presentes de seus melhores mantimentos, velhos e homens. celebravam-se torneios e o ganhador compartilhava a cama conosco. - acariciou a imagem - Não se trata de um trevo absolutamente, mas sim de um voto. - riscou as linhas das duas folhas de acima, esquerda e direita, com uma borracha. - Você vê como estes dois lados formam uma cifra, como um oito, como o infinito do Möbius? São dois "S", uma de barriga para cima e outra de barriga para baixo, unidas. A terceira folha e o caule reto formam uma "P".

Assim que essa era a razão pela que o Shamrock parecia disforme!. A folha inferior estava em posição vertical, mas horizontais as de esquerda e direita, e o caule reto.

- Durante milhares de anos se esqueceram de nós, às vezes se adiciona uma quarta folha, parecendo uma espécie de trevo - burlou-se - mas não o esquecemos. Nunca o esqueceremos. O primeiro "S" é para ver (N. de T: Seer), a segunda "S" para Servir, a "P" para Proteger. O Shamrock em si mesmo é o símbolo do Eire, a grande Irlanda. O infinito do Möbius é nossa promessa de tutela eterna. Somos Sidhe-Seer e velamos pela humanidade, estamos para proteger os dos imortais, estamos entre este mundo e todos outros. Lutamos contra a Morte, em seus múltiplos disfarces e agora, mais que nunca, somos as pessoas mais importantes nesta terra.

Quase entoei um comovedor e emocional "Danny Boy", e eu nem sequer sabia a letra. Ela me fez sentir parte de algo grande, mas que, ao mesmo tempo, dava-me calafrios e me incomodava. Nunca tinha sido muito altruísta, e, agora, resultava-me ainda mais difícil me unir a um Clube quando este tinha deixado jogada, duas vezes. Sim, tenho memória e sou rancorosa. Faria com ela o que fiz com todos outros: Mac Lane, Detetive Privada: surrupiaria-lhe toda a informação que pudesse ter para, mais adiante, agarrar meu diário, tranqüilamente, tomar notas e decidir em quem confiar... mais ou menos, o suficiente para atirar durante um tempo.

- Suponho que você tem uma coleção de histórias e registros em alguma parte... se for assim, eu adoraria vê-los.

Ela assentiu.

- Temo-los. Temos mais informação sobre os Fae da que uma pessoa poderia reunir em uma dúzia de vidas. Alguns de nossas... menos... fisicamente dotadas membros, estão tentando nos introduzir no século XXI. iniciou-se a laboriosa tarefa de converter tudo em arquivos eletrônicos. Nossa biblioteca, embora imensa, vem além com espinhos.

- Onde está essa biblioteca?

Ela me mediu

- Em um antigo monastério, a poucas horas de Dublin.

Um antigo monastério. Merda!! ia matar ao Barrons a próxima vez que lhe visse.

- Você gostaria de vê-la?

Com cada onça de meu ser. O que queria-lhe me dizer é "mostre isso agora mesmo", percorrer acima e abaixo os corredores que me ensinassem o que eu era. Mas não. E se ela me retinha ali, entre colinas, ovelhas e ruínas, submetida por suas adeptas e tentava me roubar a Lança? Tinha entendido o valor de minha arma: só havia dois capazes de matar aos Fae; ela tinha um sem número de seguidoras, que se encontravam sem armas e só tinham uma; eu, sozinha, tinha a outra. Não parecia justo, nem sequer para mim, mas não estava interessada em ser justa, de fato, só estava interessada em minha própria sobrevivência.

- Talvez em outro momento - Disse com meu tom "sem-comentários"

- Vou dar uma amostra do que está perdendo. - trasladou-se à mesa de trabalho, abriu uma gaveta, e tirou um grosso volume de couro, amarrado com uma corda - Vêem - ela o pôs sobre a mesa, aproximando-me disso mais, e o abriu, manipulando as manchadas páginas com cuidado. - Acredito que esta entrada te interessa

Ela rastreou com seu dedo pela página. tratava-se de um registro alfabético de algum tipo, léxico Sidhe-Seer, e nos encontrávamos na "V 'art"

Traguei.

"V'lane: Príncipe da Corte da Luz, Seelie. Membro do Conselho Superior da Rainha Aoibheal, e, às vezes, seu Consorte. Fundador da Caça Selvagem³, muito elitista, muito sexy. Nosso primeiro encontro com este príncipe teve lugar em....."

Fechou o livro e o devolveu à gaveta do escritório.

- Hey! - protestei - Não acabei que ler. Quando foi e no que consistiu esse primeiro encontro? Como está você segura dessas notas? Está você segura de que é Seelie?

- O príncipe Fae que a seduziu no Museu, nasceu na Corte da Luz e ali permaneceu com sua Rainha do começo dos tempos. Uma de nós, MacKayla e compartilharei com você tudo o que temos!

- E que demanda em troca?

- Lealdade, obediência e compromisso. Por isso, daremo-lhe um lar, uma família, um santuário, uma causa nobre e pôr ao seu dispor toda a sabedoria dos séculos.

- Quem era Patrã?

Ela sorriu ligeiramente

- Uma mulher para quem uma vez houve enormes esperanças, morta por um Fae. Você tem seu olhar.

- Você disse que olhava como uma O'Connor. O'Connor... existem em sua organização pessoas com as que poderia estar aparentada?

Ela inclinou a cabeça e me olhou por debaixo de seu nariz, com uma vaga aprovação flutuando no ar.

- Você falou com sua mãe. Muito bem, eu não estava segura de que o fizesse. E?

Minha mandíbula se bloqueou. Não podia lhe reconhecer que tinha tido razão

- Quero saber quem sou, de onde procedo. você pode me dar isso?

- Posso ajudá-la em sua busca da verdade.

- Há ou não há O'Connor em sua organização?

por que ninguém alguma vez me dava uma resposta direta?

³ Os caçadores

Uma sombra cruzou a cara. Ela sacudiu a cabeça.

- O sangue se extinguiu, MacKayla. Se você for uma O'Connor ou um ramo desse ramo, é a última.

Retrocedi, profundamente afetada. Não me tinha dado conta do que tinha sido alimentar a esperança de ter parentes, até que essa esperança tinha sido executada sumariamente com umas poucas palavras.

Sua mão era suave sobre meu ombro, embora eu sabia que era de ferro.

- Somos seus parentes, MacKayla.

- Os O'Connor mortos pelos Fae também?

- Você está na soleira, menina, um pé dentro e o outro fora. Analisa sua mente. A porta poderia fechar-se.

Voltei-me para ela.

- Onde está o Sinsar Dubh?

- Och, essa agora não é a questão.

- Tem-no você?

- Você está fazendo perguntas que só o Conselho (The Haven) tem direito ou seja. Não vou responder a elas.

- Quais são o Conselho?

- Nosso conselho, que uma vez presidiu Patrã. É você uma Null?

- Sim.

Ela tinha passado com tanta rapidez de uma pergunta a outra, que respondi sem vacilação. Utilizei a mesma tática e disparei

- O que são os Fae que se introduzem sob a pele das pessoas e já não saem?

Ela aspirou

- Você viu uma dessas criaturas?

Assenti.

- O que lhe parece? - disse-lhe e ela respondeu

- Por todos os Santos! É o que Dani me descreveu o dia que se encontrou com você!Assim que isso é o que faz. ouvi rumores de que tais Unseelie existem, mas não sabemos o que são e não temos nome para eles.

- Eu não pude senti-lo quando estava dentro dela.

- Foi além da visão Sidhe-Seer? O pior para o humano é o Glamoure, você não pudeste reconhecê-lo nela? - olhou-me como se eu tinha um problema - Matou-lhe?

- Como poderia fazê-lo sem matar à garota?

Seus olhos jogavam faíscas

- Assim, deixou-lhe caminhando por aí, procurando outro ser humano? Quantos seres humanos vão morrer agora porque foi muito "boa" para sacrificar uma única vida? vais levar essas mortes sobre sua consciência, Sidhe-Seer? Ou crie que ela já não era de sua propriedade? Ela deixou de ser humano no mesmo momento no que esse Fae se introduziu dentro dela.

Eu entendia seu argumento e o encontrei abominável.

- Em primeiro lugar, você não sabe, e, em segundo lugar, não posso caminhar até uma garota inocente e matá-la, como se nada.

- Bem! então lhe dê sua arma a alguém que possa fazê-lo! Quando lhe deixou continuar, não rechaçou te manchar as mãos com o sangue de uma única vida, mas sim aceitou o sangue de dúzias de vidas. Deve lhe matar, isso é o que terá que fazer com os Unseelie.

- Para você tudo é branco ou negro, não?

- Cinza não é mais que outra palavra para nomear um matiz de negro. O cinza nunca é branco, só o Branco, é Branco: não existem matizes.

- Você me assusta, velha.

- Você me assusta, menina - replicou. Fechou os olhos e tomou ar com uma inspiração profunda, quando voltou a abri-los, a repreensão se foi. - Vêem a Abadia, já conhecestes a Dani, conhece o resto de suas irmãs. Aprende a respeito de nós, olhe o que fazemos e o por que. Nós não somos monstros, os Fae o são. Esta é uma guerra que só vai piorar. Se não igualarmos sua crueldade com inquebrável determinação, vamos perder. É o princípio de ação-reação: se não atuar, morre rápido.

- Sabe algo do Lorde Master e seus planos para liberar a todos os Unseelie?

- Não vou responder a nenhuma de suas perguntas, até que faça uma eleição. Não temos traidoras entre nós, eu não permito nenhuma. Está conosco ou contra nós.

- Há tons de cinza, Rowena: não estou nem a favor nem contra vocês, só estou aprendendo e decidindo em quem confiar. Em lugar de me intimidar, me convença.

- Estou-o tentando. Vêem a Abadia.

Queria. Mas em meus termos, quando me sentisse segura e na atualidade não podia imaginar que essa situação se desse.

- Estaremos em contato.

- Cada momento que se atrase, é um momento no que existe a possibilidade de que possa morrer sozinha, por aí, em lugar de aliar-se com suas irmãs em um lugar seguro, MacKayla.

- Agarrarei a essa possibilidade.

Antes que saísse, perguntou-me

- por que não pôde Dani encontrá-la durante um mês?

Pensei em mentir, mas decidi pôr as fichas sobre a mesa

- Porque estava no Reino Fae com V'lane. - disse, enquanto saía pela porta.

Ela estava assustada

- Se for uma Pri-JÁ e se está infiltrando, nós.....

- Eu não sou uma boneca, Rowena - disse sem olhar atrás - nem de V'lane, nem do Barrons, nem de você.

Capítulo 14

Estava sentada em uma poltrona , de respaldo alto, de couro, extremamente acolhedor, tomando uma cerveja e fazendo um "plano" de situação.

Pela primeira vez desde que tinha chegado a Dublin, curiosamente, sentia-me em paz, como se uma peça fundamental do jogo se colocou depois da reunião de hoje e a partida estivesse, finalmente, em marcha.

Em um lado do plano estava Lorde Master: ele era o Mal, era o que havia trazido os Unseelie; seu plano: destruir nosso mundo.

No outro lado do plano, estava eu: um pontinho na imensidão do planeta. Meu plano: vingar a minha irmã e além disso, jogar aos Fae de nosso mundo, fodelos, como diria Dani. Eu era o Bem.

Havia outros três jogadores nesta partida: V'lane, Barrons e Rowena; eles tinham uma coisa em comum: todos me necessitavam. Um era um Fae, outro um desconhecido e outra, estava segura apesar de que ela não me havia dito, a Grande Professora das Sidhe-Seer. Todos eles me tinham privado de seus planos e de seus segredos... e não tinha dúvida de que qualquer dos três poderia apunhalar pelas costas a outros, se com isso conseguia a seu lado.

Tirei meu diário e comecei a escrever.

Comecei com V'lane; segundo Rowena, ele me disse a verdade. Ele era um príncipe Seelie, um membro do Conselho Superior da Rainha; seu plano: pôr fim à entrada dos Unseelie em nosso mundo e apanhá-los. Isso parecia lhe situar em meu lado, o lado bom, embora era um pouco difícil de tragar, porque sabia que ele era desumano e me tinha manipulado até o bordo da morte, com tal de obter seus fins, além de tratar de ter sexo potencialmente letal comigo enquanto isso. Tinha, ao menos, cento e quarenta e dois mil anos de idade, provavelmente, muitos mais. Eu não estava segura de que fosse possível me compreender e me considerar humana (nem a mim nem a qualquer outra coisa), portanto, o dano que poderia me fazer, inclusive sem querer o deliberadamente, era imenso.

Barrons era o seguinte. Indiscutivelmente egoísta, poderia ser o mais traiçoeiro dos três? Rowena tinha mencionado a Abadia, a poucas horas da cidade, e logo, disse que Dani me tinha estado procurando na livraria durante o último mês.... eu gostaria de saber quanto tinha demorado ele em seguir à garota para a Rowena, e a esta até a Abadia. Minha Abadia. Então ele teve o descaramento de me propor uma "excursão", sem dúvida, para ver se o Sinsar Dubh estava, secretamente, escondido nela. Motivos de crédito não lhe faltavam: que melhor maneira de montar guarda em torno de um livro de Magia Negra Fae que mediante uma horda do Sidhe-Seer, que poderiam ver todos e cada um dos monstros que pudessem tratar de levar-lhe Claro, que jamais lhe ocorreu dizer: "Por certo, acredito que é a sede das Shide-Seer e te aposto a que elas poderiam ser capazes de te dizer algo sobre você mesma" ! Não, não havia intercâmbio voluntário de informação útil entre nós. Barrons tinha caminhado entre as Sombras e não lhe tinham feito nenhum dano; podia ver os Fae; sabia sobre Druidas; tinha uma sobrenatural força e velocidade e embora me havia flanco algum tempo admiti-lo, o que brilhava atrás desses profundos olhos não eram trinta anos de idade. Era um ser humano que tinha aprendido a enganar, de algum jeito, ao tempo? Era um Fae e eu não podia senti-lo? Se era assim, era um Fae tão capitalista que podia evitar a visão de seu Glamour por uma Shide-Seer? Era possível que um desses diáfanos Fae se deslizou dentro dele e Barrons fosse algo mais do que parecia?

Descartei esse pensamento no instante em que o tive: eu não acredito que nada nem ninguém, nem sequer um Fae, possa dominar ao Jericó Barrons.

Fiona tinha desaparecido depois de tentar fazer mal a seu detector do OOP'S. Um inspetor que tinha bisbilhotado em sua empresa resultou morto. As pessoas que interferiam com o Jericó Barrons tinham uma maneira, do mais conveniente, de desaparecer ou de morrer. ... Ainda não tinha provas de tão nefasto feito, em nenhum dos casos. Ele parecia não querer Unseelie em nosso mundo, embora tampouco me parecia que tinha nenhum interesse em tratar de salvá-lo.

Era, realmente, tão mercenário e tão ambivalente? Realmente queria o Livro para vendê-lo ao melhor posto? Logo estava a questão do meio que usaria para tomá-lo, no suposto de que o encontrássemos. O Sinsar Dubh é tão malvado que corrompe a qualquer que entre em contato com ele. Ele acreditava que podia tatuar-se algum amparo que lhe permitisse tocá-lo sem que lhe corrompesse? Poderia?

Esfreguei-me a frente: quão único sabia seguro a respeito do Jericó Barrons é que não sabia nada determinado. Com mais pergunta que respostas, não podia lhe situar no lado do Bem.

Com V'lane provisoriamente no lado bom, e Barrons na margem, a seguinte era Rowena. Por seu trabalho, Rowena deveria ter sido alguém que tinha colocado, firmemente, em meu lado do jogo, e, em termos gerais, só por opor-se aos Unseelie e, em geral, aos Fae, podia fazê-lo. O problema é que não podia, se tínhamos é conta os termos referentes a meu bem-estar. Eu sabia que tanto V'lane, como Barrons me queriam viva, e ambos tinham a capacidade para me manter nessa condição. Entretanto, não estava tão segura a respeito da Rowena. Se ela acreditasse que existia alguém mais qualificado, e mais maleável que eu, em honra a seu santo triunvirato de Ver-Servir-Proteger com minha Lança, o que faria comigo? Se os seres humanos pagavam a crueldade dos Fae com a mesma crueldade, o que lhes faria diferentes? Não deveria haver alguma definição dos condicionantes? Realmente se supunha, que devia caminhar até um ser humano e matar a essa mulher porque um Fae se introduziu dentro dela, sem antes tratar de ver se existia alguma maneira de expulsá-lo?

Esta noite, quando fui dormir, pensando nas mortes causadas por ter deixado ao Fae partir... pensando na Rowena, acrescentei uma pequena nota com um asterisco: se ela não for a Grande Professora, quem é?

Comecei a tomar notas sobre o menor dos jogadores, Mallucé, que tinha trabalhado para o Lorde Master. Segundo Barrons, não lhe tinha visto, nem ouvido nada dele, no mês posterior a seu desaparecimento, por isso tinha decidido que o funeral tinha sido real e o vampiro estava realmente morto. Se tinha sobrevivido ao que Barrons e eu mesma lhe tínhamos feito, ainda teria tido muitos mais fiéis que antes. Perguntava-me se o Lorde Master tinha conseguido alguém novo a seu serviço. Tirei o Mallucé de meu "mapa". Um a menos!

Decidi que McCabes, O'Bannion e vários colecionadores de artefatos Fae não eram parte do jogo, só os que procuravam o Sinsar Dubh ou trabalhavam para alguém que estivesse no lado "mau", mereciam um alinhamento em meu "mapa".

Outorguei a condição de peão, a todos os Unseelie de nosso mundo. Ao parecer, seu principal objetivo era satisfazer seus apetites retorcidos, espiar aos seres humanos, e criar caos generalizado. Enquanto o Lorde Master seguia seu próprio programa privado, eles lhe tinham seguido para obter seus próprios objetivos. Não havia um só Unseelie mais importante que outro, já seja porque ainda não tinha tropeçado com ele ou era muito capitalista para poder vê-lo.

Detive minha caneta sobre o papel, me perguntando a respeito dos jogadores detrás da cena, que, até agora, nunca tinha visto: a rainha Seelie, escrevi. Segundo V'lane, queria o Sinsar Dubh, mas por que? Necessitava-o para encerrar de novo aos Unseelie? Houve um tempo no que governou a seus irmãos mais escuros mediante os feitiços do Livro? O que era o Sinsar Dubh, em realidade? Eu sabia que era um Livro de Magia Escura, escrito pelo Rei Unseelie, mas o que era o que fazia? Fazia o que alguém queria? Cada jogador conseguiria um desejo ou um uso diferente mediante o Livro? Que feitiços e encantamentos foram escritos em suas páginas, que eram tão

atrozes que podia machucar a qualquer que entrasse em contato com ele? Poderiam palavras e símbolos exercer esse poder? Poderiam meros garranchos escritos sobre pergaminho desfazer a moral de uma pessoa? nós poderíamos ser de uma natureza mas resistente?

Não tinha nenhuma pressa em averiguá-lo. Meus dois encontros com o Livro Escuro me tinham empurrado mais à frente da dor, à inconsciência, tinham-me deixado tão fraco como um bebê e com o desejo desesperado de não ter entrado nunca neste tabuleiro de jogo.

Onde encaixava o Rei Unseelie, em tudo isto? Era um personagem significativo na partida ou um personagem não jogador? Não sei, se fosse meu Livro o que houvesse desaparecido, poderia apostar sua "petunia" a que estaria buscando-o ativamente. Estava-o procurando ele? Se assim era, por que eu não tinha podido localizá-lo?, tinha sido capaz de localizar a todos outros jogadores. Em primeiro lugar Como tinha perdido o Livro? O motivo era, colocada totalmente em minha própria paranóia, que em um mundo tão desumano como o seu podia ser razoável perder algo tão importante? O que passaria se não era mais que uma ceva ao final de uma larga linha da pesca? Se assim fora, quem era o pescador? Era o mesmo Lorde Master tão somente um peão, movido por uma indescritivelmente muito mais escura mão? Era o tabuleiro de jogo muito maior do que tinha podido ver? eram os peões muito mais importantes do que eu acreditava?

Em algum ponto, por aí, sobre o tabuleiro, o Sinsar Dubh se movia. Quem o movia? Como o trasladava?, e, por que?

Que tipo de super vilão benevolente tinha sido (isso era, realmente, o único do que eu desejava saber) quem criou a alguém como eu, capaz de sentir a mais perigosa das Relíquias, para logo me dotar do "defeito" de quase morrer cada vez que estava perto do Livro?

Anotei-o como arremate, e, voltei a cair no que se estava convertendo já em todo um ritual: um gole de bebida, me estremecer e respirar.

- Importa-lhe se me uno a você?

Olhei-lhe. Era o cara com acento escocês do departamento de Idiomas Antigos de Trinity : "Scotty", que me tinha dado o envelope do leilão ilegal. Que pequeno era o mundo! E todo mundo me dizia, persistentemente, quão grande era a cidade de Dublin!

Encolhi-me de ombros.

- Seguro, por que não?

- Gee, obrigado. - disse secamente.

Suspeitava que não estava acostumado a receber uma resposta tão indiferente de uma mulher. Era, aproximadamente, da mesma idade que o homem de olhos de sonho, trabalhava com ele, mas a semelhança terminava ali. Seu colega de trabalho era de pele aveludada, um atraente menino; Scotty, era mais amplo, seu corpo mais cheio e destilava maturidade, na forma em que caminhava e se aproximava, uma tranquilidade segura, como se, inclusive a sua idade, ele já se provou a si mesmo. Um metro noventa, mais ou menos, cabelo comprido e escuro retirado na nuca; dourados olhos, semelhantes aos de um tigre, olharam-me com avaliação. Meus estrogênios responderam a sua testosterona. Era um homem jovem e me ergui em meu assento.

- Pelo uísque escocês e as moças encantadoras - brindou com seu copo de uísque contra meu copo de cerveja.

Bebi um terceiro tiro: tragar-estremecer e -respirar.

Esse lugar frio no estômago, que aparecia quando me sentia sozinha e perdida, estava, finalmente, começando a esquentar-se.

Estendeu sua mão.

- Sou Christian.

Eu tomei. Sua mão engoliu a minha

- Mac.

Ele riu.

- Você não me parece um Mac.

- Está bem, rendo-me! Por que todo mundo diz isso? Que aspecto tem um Mac?

- Em muitos lugares, Mac é um nome de varão e você, moça, não tem nada de homem; de onde eu venho, Mac significa " do clã de" e ainda estou esperando o resto de seu nome.

- Você é da Escócia.

Ele assentiu.

- Do clã dos Keltar.

Christian MacKeltar.

- Formoso nome.

- Obrigado. Estive-a observando desde que entrou... parece pensativa... e se não me equivoco, é sua terceira taça. Quando uma encantadora moça bebe tanto, é porque tem muitas preocupações. Tudo vai bem?

- Só foi um mau dia. Obrigado por perguntar.

Tinha sido muito tenro que perguntasse; necessitava que me recordassem que existia gente boa no mundo, embora eu não me tropeçasse com ela muito freqüentemente.

- Estava escrevendo? - gesticulou assinalando meu diário, que eu tinha fechado conforme se sentou.

- Levo um diário.

- De verdade? - seu olhar dourado brilhou com interesse.

Quase ri. Não tinha nenhuma dúvida de que ele pensava que escrevia a respeito de meninos bonitos, roupa e a última novidade rosa da televisão, essas coisas que se usam para distrair-se. Estive tentada de empurrar o diário, através da mesa, para ele, lhe dizer que lesse uma página ou duas e logo ver se ainda queria sentar-se comigo; depois de três goles, estava bastante irritada para fazê-lo.

Estava muito cansada de mentiras, cansada de estar sozinha, de me sentir desconectada, de estar com gente em que não podia confiar e eu queria poder confiar nas pessoas, gente como este menino, por exemplo, ou seu colega de trabalho, o dos olhos de sonho. Estava faminta de normalidade e, suficientemente, zangada para querer destruir toda possibilidade... e, isso, justamente, é o que devia fazer.

- Não lhe perca isso - disse-lhe e empurrei o diário sobre a mesa.

Ele me olhou com assombro, em conflito. Podia jurar, que queria saber meus mais íntimos pensamentos, ser o único homem que tinha a oportunidade de ler o que uma mulher realmente pensa, sem censura? Tentou preservar minha dignidade, acreditando que eu estava muito bêbada para fazê-lo e empurrou de novo o diário para mim. Devolvi-o. Quem ganharia: o homem ou o cavalheiro?

O homem abriu meu diário pela primeira página, uma página com uma descrição do último Unseelie que tinha visto, seguida de uma página com especulações a respeito da melhor forma para matá-los. Deixei-lhe terminar de ler as duas páginas, antes de recuperar meu diário.

- Assim.... - disse-lhe - ... agora você acreditará que estou como uma cabra, porque você acredita que estou como uma cabra não?

Havia algo muito equivoco na maneira em que ele me estava olhando.

- MacKayla - disse brandamente - venha comigo a alguma parte, em algum lugar mais seguro que este... temos que falar.

Aspirei em um sopro.

- Não lhe disse que meu nome era MacKayla. – me recostei, um pouco muito "torrada" para fazer frente ao pânico que sentia por esta inesperada mudança de paradigma: tinha estado tratando de destruir minhas oportunidades de normalidade, só para me encontrar com que não tinha nenhuma oportunidade de normalidade, porque o menino normal, não era tão normal.

- Sei quem é... e o que é - disse tranqüilamente - conheci a outras como você antes.

- Onde? - perguntei surpreendida - Aqui, em Dublin?

Ele assentiu.

- E em outras partes.

É obvio! Como era possível? Ele sabia meu nome. Que mais sabia de mim?

- Conhecia minha irmã? - de repente, estava sem fôlego.

- Ei - disse - eu sabia da Alina.

Minha boca se contraiu

- Você sabia de minha irmã?

Eu virtualmente chiava. Como podia saber de nós? Quem era este homem?

- Ei. Vai vir comigo, a algum lugar privado, onde possamos falar?

Quando meu telefone celular soou, inclusive enterrado como estava em minha bolsa, fez-o tão alto que quase sai fora de minha pele, e os paroquianos do Pub, três mesas mais à frente, giraram-se para me olhar indignados pelo estrondo. Não lhes culpei, era um odioso tom, uma retumbante banda de trompetistas celestiais soando a pleno volume. Obviamente, Barrons não queria que me perdesse nenhuma de suas chamadas.

Tirei-o torpemente, abri-o e agarrei a chamada. Barrons soava bêbado.

- O que você está fazendo?- exigiu.

- Nada que seja de sua incumbência - disse friamente.

- Vi dois caçadores na cidade esta noite, Srta. Lane, e acredito que há mais a caminho.

Muitos mais. Arraste seu traseiro a casa!

Fiquei ali congelada, com uma linha morta: ele havia dito o que tinha que dizer e tinha pendurado. Não posso explicar o que a palavra "Caçadores" significou para mim, ali, no lugar onde vivia, no lugar mais sagrado para mim, aquele no que eu estava acostumada a me sentir segura... mas estava claro que nunca mais o seria, não enquanto os Fae seguissem estando em meu mundo. É como se certas coisas estivessem programadas em meu DNA do Sidhe-Seer, e tinha reações viscerais que não podiam ser diminuídas, controladas ou superadas.

- Você ficou branca como o papel, moça. Qual é o problema?

Examinei minhas opções: não havia nenhuma, o Pub fechava nas primeiras horas da noite, ou ia agora à livraria ou podia esperar, como muito, um par de horas para fazê-lo, e com os Caçadores em caminho, um par de horas só o faria ainda mais perigoso.

- Nada.

Sentia saudades a mudança. por que não tinha vindo Barrons por mim? Meu telefone soou de novo. Respondi.

- Eu gostaria de poder protegê-la, mas tenho as mãos muito ocupadas neste momento - disse - Permaneça perto dos edifícios, por debaixo de qualquer saliente, sempre que lhe seja possível. Rodeie-se da multidão sempre que puder.

Mas bom! Desde quando podia me ler a mente?

- Poderia tomar um táxi.

- Viu quem os conduz ultimamente?

Não, mas seguro que agora se que ia fixar-me.

- Onde está? - disse-lhe.

- Agora não é o momento. Apresse-se, Srta. Lane, deve chegar aqui tão rápido como posso, antes de que venham mais Caçadores.

Pendurou de novo. Coloquei o diário e o telefone em minha bolsa e me pude de pé.

- Aonde vai? - perguntou Christian.

- Tenho que ir. Alguém me necessita

Sejam quais forem os crimes dos que poderia acusar ao Barrons, entre eles não estava que não queria me proteger. Se havia Caçadores na cidade esta noite, eu queria estar ao lado do homem mais perigoso, não de um menino escocês que tinha conhecido a minha irmã, que, triste exemplo, com sua presença não tinha podido proteger a minha irmã, pois, ao fim e ao final, ela estava morta

- Quero saber tudo. Posso ir vê-lo em Trinity?

Ele assentiu

- Tudo o que está passando..., Mac, ... me permita ajudá-la nisto.

- Você só me entorpeceria.

- Não sabe, poderia lhe ser útil.

- Não me curve. - disse friamente.- Estou farta de que me curvem.

Avaliou-me um momento, logo assentiu.

- Venha para ver-me em Trinity. Falaremos.

- Logo - prometi.

Enquanto saía do Pub, maravilhava-me de minha ignorância : tinha acreditado que Rowena, finalmente, era a peça final. Embora me tinha ocupado de analisar minha situação, emitido julgamentos e decisões, e tido a sensação de ser o bastante inteligente, um jogador desconhecido se sentou comigo, e como todos outros, ele sabia muito mais de mim do que eu sabia a respeito dele.

Estava de novo, muda.

Em que lado do tabuleiro de jogo ia colocar ao Christian MacKeltar?

Tomei uma nota mental de analisá-lo, tentar localizá-lo como ao resto das peças, e entrei na noite e em seus demônios. Agora o único que precisava era voltar para a livraria, e não ser detectada por meu inimigo mortal, um monstro cujo único objetivo consistia em caçar e destruir a pessoas como eu.

Meu pai estava acostumado a me dizer uma coisa, quando tentava lhe convencer de que um suspense era um aprovado em um exame: "Mac, neném, estão tão próximos como uma granada de mão e uma ferradura".

Eu estava muito perto, de fato, estava quase em casa, quando o Caçador me encontrou.

Capítulo 15

É como se um novo Dublin tinha nascido enquanto estava no interior do bar; certamente, se excetuava o curto passeio em carro pela Têmpera Bar aquela noite, eu não tinha caminhado pelo distrito desde, fazia mais de um mês. Fazia muito tempo que não jogava uma boa olhada a meu mundo: a noite era seu tempo e saíam em manadas. Os Rhino-Boy conduziam os táxis. Uma nova casta dos Unseelie, horrivelmente pálidos e dolorosamente magros, com enormes e úmidos olhos famintos e sem bocas, dirigiam os postos ambulantes. Onde tinham ido os proprietários originais? Estava bastante segura de não querer sabê-lo.

Havia um Unseelie por cada dez pessoas na rua. Muitos deles, levavam um Glamour atraente e se emparelhavam com pessoas reais, e eu sabia que usavam o rol de turista-atrativa-caça-turista-real. O que faziam depois com eles?

Não queria sabê-lo, em qualquer caso, não poderia matá-los a todos. Nesse número, eu sozinha era inútil contra eles. Eu mesma me obriguei a olhar em frente, havia muitos Unseelie a meu redor e já tinha muito que digerir. Meu estômago era uma borbulhante e dolorosa confusão de retoções. Tinha que sair dali, quase não podia nem respirar, só queria vomitar.

Comecei a ver a coalizão Shide-Seer com outros olhos: seríamos centenas de nós para lutar contra o que estava acontecendo nesta cidade, mas só tínhamos duas Armas. Era uma loucura; tínhamos que encontrar mais forma de matá-los.

Segui com a cabeça encurvada, apressadamente pelas ruas, mesclada com outros turistas, me mantendo debaixo dos beirais, sempre que era possível, me perguntando por que Barrons tinha suas mãos tão ocupadas esta noite.

A noite transbordava de Fae e me senti como um diapasão, que vibrava com seu número e cercania. Tive um entristecedor desejo de gritar a todo mundo que corresse, saísse, fizesse algo..... não pude ... recordar algo que se escondia em alguma parte de minha memória genética... uma coisa que tínhamos... aprendido a fazer faz muito tempo... um ritual, algo escuro... que nos custou um preço terrível, que tinha... sido nossa maior vergonha... nós mesmas nos tínhamos obrigado a esquecê-lo.

Soaram passos detrás de mim, na escuridão, quando torci pelo Dreary Lane e entrava no Butterfield, sólidos, intencionados passos, como os de uma tropa de soldados. Não me atrevia a olhar para trás. Se o fazia, o que visse me causaria surpresa, meu rosto me trairia, e mostraria que era uma Shide-Seer, a alguém que provavelmente não soubesse. Quão único tinha que fazer era seguir pondo distância entre "isso" e eu, seguir caminhando, como se nada. Equivoquei-me, de cheio.

- Humana - grunhiu algo detrás de mim - corra!; corra como a miséria que é. Corra... agora!. Nós gostamos de caçar. - a voz estava saindo de um pesadelo, e não me cabia dúvida de que não se tratava da minha. - Sidhe-Seer. Exterminar!

Tinha-me chamado Sidhe-Seer, sabia que eu era uma vidente. Os únicos Unseelie que conheciam meu rosto eram os serventes do Lorde Master, o que significava tanto que ele estava de volta de em qualquer lugar que se encontrasse e que me buscava .

Eu tinha acreditado que qualquer Caçador que estivesse esta noite na cidade, encontrava-se ali por acaso, não premeditadamente. Tinha sido um engano. Eles estavam ali para me capturar. Poderia lutar, tinha a Lança firmemente assegurada em minha coxa, mas com o número de obscuros Fae que tinha visto, não necessitava nenhum estímulo para me comportar como uma covarde. Olhei por cima de meu ombro: a rua estava cheia de Rhino-Boy, tinha dois justo em frente, e alguns mais até onde podia ver.

Há momentos em que ser valente é só uma estupidez: corri. Baixei uma rua, até a próxima. Através de um beco, de um parque, com bancos, entre suas fontes. Corri até que meus pulmões queimaram e meus pés jogaram fumaça. Consegui girar pela antiga fábrica de cerveja e atalhar uma seis ruas de minha viagem.

Corri.

Corri como se meus pés fossem os pés alados da Dani, e, por último, os som de pegadas detrás de mim se perderam e houve silêncio, quebrado só pelo golpear de meus sapatos no cimento.

Joguei uma só olhada sobre meu ombro. Tinha-os perdido: eu gostaria, realmente, de havê-lo feito. Os Rhino-Boy podiam ser fortes, mas com seus curtos e disformes braços e pernas, não eram nem rápidos nem ágeis.

Dirigi a uma esquina: upssss! beco sem saída, tinha que sair dali antes de que os soldados me encontrassem. Não havia maneira de que pudesse escalar a parede, eram três ou quatro metros de puro tijolo e não havia, convenientemente, gavetas ou contêineres amontoados frente à mesma.

Estava, só, a três ruas da Livraria Barrons: este muro e duas ruas mais. Perto.. tão perto...

Girei-me... e fiquei congelada. Era como se um gigantesco congelador se abriu no céu, por cima de mim. A temperatura baixou drasticamente. Pequenas partes de gelo reluziram sobre minha pele. Estava ali!!!!. Sabia o que era, cada célula de meu ser sabia e não porque tinha lido sobre eles, ou Barrons me tinha contado nada, ou tinha visto algum desenho ou esboço.

A besta escura rondava por cima de mim. Podia sentir um grande "whuf-whuf" de gigantescas asas golpeando o ar. O aroma de enxofre encheu minhas fossas nasais. Se no Inferno havia dragões e cheiravam, este era seu aroma.

- "Sidhe-Seer - disse, sem falar absolutamente. A voz estava dentro de minha cabeça, quente, exótica, escravizante - Estamos aqui".

- Saia! - gritei e ataquei ao ser com o calor, o estranho fogo, de minha cabeça.

Foi-se de minha mente, mas não de cima de mim, podia sentir o ar ainda em movimento e podia poderia cheirar seu fedor acre. Medi a distância até o final do beco, calculado mentalmente quanto ficava por correr a partir de ali. Quão rápido era? ...e, quão grande? As descrições que tinha lido variavam amplamente. Poderia caber entre os edifícios? Poderia baixar e me arrancar da calçada entre suas garras? Rasgar o teto da livraria, as vigas, em minha busca? Citar a todos seus irmãos escuros para demolir o edifício? Haveria alguém de sobre aviso, ou tinham a mesma capacidade de "encobrimento" que as Sombras e as Dark Zone? Chegaria Barrons? Ou não?

Se me levava a alguma parte, em qualquer lugar, deixariam-me sozinha ou viveria em uma escuridão eterna, como o conto do corvo do Poe,(tem um grupo de musica com esse nome) só que muito mais macabro e mortal? Poderia passar? Simplesmente me materializar ali?

- Merda!! - disse enfaticamente, às vezes, não há nenhuma outra palavra para isso.

Tinha que saber do que estava tratando de escapar. O conhecimento é poder. Essa é uma verdade que aprendi, muito duramente.

Flocos de gelo queimavam meu rosto, olhei, diretamente a uns olhos que brilhavam como dois fogos do Inferno, com malevolência supina, detrás de mim, de um redemoinho negro de que caía gelo.

Os livros que eu tinha lido sobre os Caçadores, comparavam a estes com a clássica representação humana do Diabo... estavam no certo. Em algum lugar, em algum momento de nossa história antiga, alguma ou algumas Shide-Seer tinham tido algo que ver com a geração dos mitos religiosos e a Bíblia. Tinham visto os Caçadores, e tinham utilizado suas lembranças para assustar com o Inferno, literalmente, à humanidade.

Por um momento, foi difícil separar a essa coisa da noite, pois pareciam igualmente fundidos no negrume. Então minha visão se limpou e algo em meus gens começou a dar patadas, voltando-se claramente visível. Grande, escuro, suas asas coriáceas saindo de um grande corpo escuro e flexível, com uma grande cabeça de sátiro, patas fendidas e uma cauda bifurcada. Sua língua era larga e bífida. Tinha largos chifres, cheios de ensangüentados conselhos. Era negro, ainda mais que negro, era a absoluta, total e completa ausência de luz. Absorvia a luz em torno dele, tragando-a, retendo-a em seu corpo, consumindo-a e cuspidando-a de novo como um miasma de escuridão e desolação. E de frio. O ar dançava com um movimento lento, agitado por suas asas negras, brilhante de flocos de gelo, debaixo dos grandes redemoinhos de suas asas de couro.

Era o único Fae, além de V'lane, cuja presença em nosso mundo, alterava nosso mundo em torno dele. V'lane, também, tinha gerado um ar gelado, embora não de maneira aberta ou de maneira espetacular. Isto era importante.

Sentia-me tão doente, que quase não podia nem respirar.

Riu, de novo, dentro de minha cabeça. Eu fechei os olhos e lhei obriguei a sair novamente; esta vez não foi tão fácil. Não sabia onde encontrá-lo dentro de mim mesma. Era essa a razão pela que lhes temíamos tão profundamente? Porque estes Fae podiam mesclar-se com nossas mentes? Acaso uma Sidhe-Seer que não fora tão forte como eu, seria capaz de suportá-lo? Possivelmente, a mente se rasgaria em tiras, uma memória, um rasgo de sua personalidade, ou um sonho cada vez, peneiração por suas garras, até que seu corpo fora destruído em um último e último momento.

Abri os olhos.

Meu Espectro pessoal estava no beco, diretamente diante de mim, a uma dúzia de passos de distância, sua escura túnica ondulava brandamente no antinaturalmente gerado vento

O campeão da Besta.

Estava em silêncio, como sempre, me olhando desde seu negro embuço; apesar de que não tinha cara, nem olhos, que não podia discernir nada sob o capuz, sabia que me queria. Era tão escuro como a noite, como ao Caçador que estava por cima de mim, só que meu Espectro não estava "realmente" ali e o Caçador, sim. Que absurdo momento era agora? Para me torturar por meus pecados!

Fazendo caso omissis, retirei minha jaqueta, tirei a Lança de sua capa, e a empunhei com trememente mão: ele não era o problema agora, o "Dragão-Boy Infernal" sim que o era.

Negro granizo começou a cair, golpeando e ferroando sobre minha pele. O Caçador estava indignado; seu desgosto gelava a noite.

- "Como se atreve a tocar nossas Relíquias?" - rugiu em minha cabeça.

- Né, bode - respondi - Estava-me procurando? Vêem por mim!

Concentrei-me sobre a estranha zona dentro de minha mente, avivado seu ainda mais estranho fogo e blindando o resto de minha mente tanto como pude. O rugido da coisa quase tinha partido em duas minha cabeça.

Poderia o Caçador embutir-se no estreito beco? Poderia mudar seu tamanho ou peneirar-se? Eu gostaria de vê-lo, e se o fazia, no momento em que encolhesse, apunhalaria-o. Esperei, imóvel, o olhando e.... sorri.

A fúria brilhava em seus olhos ardentes, e entretanto, não avançou para mim. Não queria arriscar-se a estar frente à ponta de minha Lança, e ambos sabíamos. Poderia acabar com ele. Poderia ter um final eterno frente a ela, e uma coisa era ser a arrogância personificada, montada sobre umas asas imensas, e outra, escolher se o professor era suficientemente digno para morrer por sua causa.

Dava-me conta então, ou possivelmente era um resto de uma mínima memória coletiva, que os Caçadores são temidos inclusive entre os de sua própria espécie. Tinham algo... eu não estava segura do que... mas era algo tão real, que inclusive seus irmãos, não queriam enfrentá-los. Eram Fae... mas possivelmente não completamente. Serviam a quem quer que lhes pagasse, sempre e quando, esse alguém tinha algo que eles desejavam, e deixavam de servir quando o conseguiam. Eram mercenários, no mais puro sentido da palavra.

Ele temia a Lança: não queria morrer. Era minha oportunidade: irrompi em uma nova carreira. Enquanto os soldados não me encontrassem, sempre e quando não aparecessem mais caçadores, poderia sobreviver esta noite. Chegaria à livraria e Barrons faria um de seus planos desses que sempre fazia. Talvez, poderia sair da cidade por uns dias, talvez, embora eu fosse reacia a considerá-lo, nós poderíamos conectar com as outras Sidhe-Seer: existe segurança no número, sobre tudo, quanto mais grande seja.

Conforme passava ao lado de meu Espectro pessoal, este fez algo totalmente inesperado e incompreensível, que minha mente não pude processar. Moveu sua foice e a manga de madeira me golpeou no corpo.

Acredito que gritei: "...mas você não é real", com todo o fôlego e o ar de meus pulmões.

Real ou não, essa era sua foice. Pela segunda vez, esta noite, meu paradigma foi brutalmente deslocado: meu Espectro pessoal era corpóreo... mas isso era.... Impossível! Tinha arrojado uma lanterna através dele, tinha-a visto cair, em parábola, antes de estelar se contra uma parede. Não tinha substância!

Rindo, deslocou-se para mim. Agora que sabia que era real, podia sentir sua malevolência, um escuro e palpitante ódio, logo que escondido debaixo da volumosa túnica negra, dirigido a mim, tudo para mim.

Gemi com incredulidade, trabalhando por introduzir ar em meus pulmões, exalando com grande dor, meu peito estava bloqueado, oprimido, meus pulmões desinflados. Tinha estado jogando comigo, me adormecendo com a crença de que meu inimigo não era um inimigo, até que

estive preparado para fazer seu movimento. Tinha-me estado espiando todo o tempo? Controlando e esperando o momento adequado? Tinha falado com ele! Tinha-lhe confessado todos meus pecados! Quem era?

Exaltei violentamente. Aproximou-se. Era um Fae-não-do-todo-Fae. Talvez pudesse matá-lo ou talvez não.

Agarrou sua foice e saltou para mim. Esquivei e rechacei, parei e saltou. A manga de madeira ziguezagueava pelo ar, golpeando a brisa; sabia que se um desses golpes da manga me encontrava, faria pó meus ossos. Não estava tratando de me atacar com a folha curvada: queria me pulverizar, não me mutilar. por que? Tinha previsto algum outro tipo de morte para mim?

Enquanto dançávamos nossa macabra valsa, a rua se encheu de Rhino-Boy; a tropa de soldados nos tinham encontrado. Nesse momento, estava rodeada de dúzias de Unseelie, agora sim que estava condenada. Podia tentar congelá-los, mas havia muitos. Estava afligida: necessitava a Dani, necessitava ao Barrons... ia ser absorvida por uma horda de soldados, levada para uma onda de escuridão, entregue a seu Professor.

Fiz a única coisa que pude pensar: quando todo o resto enguiço, trata de te enfrentar ao cão mas grande, e neste momento, estava segura de que o Senhor Espectro, totalmente subestimado por mim, era o cão maior; desprezei aos Rhino-Boy, de momento, até que me pagasse isso o espectro.

Sua foice rechaçou minha Lança com uma velocidade sobre-humana e o bordo de sua foice me golpeou; senti fazer-se pó os ossos de meu pulso; embora caí de joelhos, cegada pela dor, consegui golpear com a palma de minha outra mão através de seu escuro manto. Não se congelou, de fato, com o que minha mão se tropeçou não era... muito... sólido.

Quando tinha cinco anos, encontrei um coelho morto que tinha ficado apanhado, de algum jeito, em nossa casinha de brinquedo. Imagino que morreria de fome. Era primavera, mas não fazia muito calor e o animal não tinha começado a cheirar ou a mostrar sinais visíveis de deterioração. Deitei-o em uma manta, com suas sedosas orelhinhas, seu rabinho como um pompom e o nariz de cor rosa. Eu pensei que estava dormindo. Tinha tentado que mamãe nos deixasse o ter em casa e mantê-lo, mas, de repente minhas mãos notaram a amarelada e branda carne em decomposição do bichinho. Tinha esperado não voltar a sentir nunca nem um tato nem um aroma... como os que voltava a sentir e cheirar agora.

Minha mão esquerda entrou diretamente em seu abdômen, enterrando-se em sua carne, mas essa coisa não estava totalmente chateada. Seu braço não era suave quando serpenteou ao redor de minha garganta, a não ser inflexível e duro como um cabo de aço. Eu dava patadas e gritava, lutando, mas a coisa tinha uma força incrível. O que era? Contra o que estava combatendo? Como me fez acreditar tão facilmente... o que eu tinha querido acreditar? Como devia ter estado renda-se quando lhe tinha relatado meus pecados e minha má consciência por eles! Onde estava minha Lança?

Pela segunda vez, nos últimos minutos, não podia respirar. Estava-me afogando. Olhei acima, para o abdômen coriáceo do Caçador antes de morrer.

Capítulo 16

Como terão podido supor, em realidade, não tinha morrido, ao contrário da sorte que tinha deslocado minha irmã, só em um beco, depois de combater com monstros, na escuridão no coração de Dublin. Meus pais não teriam que reclamar outro cadáver aos funcionários do aeroporto. Pelo menos, ainda não.

Entretanto, pensei que estava morrendo. Quando o passo do sangue está sendo cortado para seu cérebro, por um estrangulador, a gente não sabe se seu agressor tem planos para manter a pressão sobre suas carótidas durante dez segundos, o tempo suficiente como para que te golpeie mais ou fique inconsciente, ou, até que seu coração se detenha e seu cérebro morra: eu tinha assumido que o Espectro me queria morta. Esperava que fosse mais tarde, muito mais tarde, pelo que ele tinha desejado.

Notei um sabor azedo em minha boca, um gosto químico que me fez suspeitar que tinha sido drogada; uma dor queimava em meu pulso, acompanhado de uma peculiar imobilidade e pesadez; o aroma da úmida e mofada pedra em meu nariz... Mantive meus olhos fechados e minha respiração tênue, tratando de obter a maior quantidade de informação de mim mesma e do ambiente, o antes possível, antes de trair a qualquer que pudesse estar me olhando, que estava, de novo, consciente.

Estava descalça e gelada, vestida só com minhas calças jeans e minha camiseta. Minhas botas, suéter e jaqueta tinham desaparecido. Acreditei recordar ter perdido minha bolsa no beco, junto com o telefone celular que Barrons me tinha dado. Falando do Barrons, Tinha que me encontrar! tinha-me colocado o Bracelete localizador!

Meu coração se afundou: não podia sentir o Bracelete em meu braço, de fato, a única coisa que sentia, era algo rígido e pesado ao redor de meu pulso. Perguntava-me quando e onde tinha sido retirado meu bracelete, onde estava agora e quanto tempo teria transcorrido. Perguntava-me quem, ou o que, era o Espectro. Embora o Lorde Master tinha levado a mesma túnica com capuz, era de cor carmesim e não acreditava que ambos os vilões fossem uma só pessoa. Tinham algum aspecto de sua natureza em comum, mas havia algo muito diferente no Espectro.

Escutei atentamente, se alguém se escondia perto, estava tentando não trair sua presença.

Abri os olhos e me encontrei olhando uma parede de pedra. Ninguém exclamou: " Ah ha, está acordada, que comece a tortura! ", de maneira que arrisquei um olhar para meu pulso. Levava um gesso.

- Quase destrocei sua mão – disse uma voz, como conversando e eu quase me saí de minha pele - Tinha uma hemorragia mortal e lhe fiz as reparações necessárias.

Sentei-me lenta e cuidadosamente. Minha cabeça girava e sentia a língua espessa. Meu pulso era uma massa de nervos gritando, queimando todo o caminho até meu ombro. Olhei ao redor: estava em uma cela de pedra, em uma antiga gruta, detrás de uns barrotes de ferro, em uma fino pano sobre o chão. além dos barrotes estava meu Espectro.

- Onde estou?

- No Burren. Debaixo dele, para ser precisos. Sabe o que é o Burren?

Sua voz rememorava um sorriso. Quando tinha ouvido eu antes essa voz? Sibilante, sedosa, parecidos... mas diferentes... tons líquidos, palavras vagamente formadas.

Sim, eu sabia o que era o Burren. Tinha-o visto em meus mapas e lido sobre o lugar, durante minha recente fase de aprendizagem, em um intento por dissipar meu provincialismo. Derivava do

irlandês Boireann, o que significa uma grande rocha ou lugar de rocha, trata-se de uma paisagem do Karst no County Clare, Irlanda, uma zona de pedra calcária de aproximadamente trezentos quilômetros quadrados, com os famosos escarpados do Moher, no extremo sudoeste. Pavimentos de pedra calcária gretada cinzelados por grykes, ou fissuras na pedra, a gente poderia encontrar tumbas do Neolítico, dólmenes, grandes megalitos e até quinhentos fortes. O Burren, tem debaixo quilômetros de covas, labirínticas passagens e cavernas, algumas abertas aos turistas, a maioria sem explorar e é muito perigoso para os ocasionais espeleólogos.... e.... eu estava nesse” Burren.

Isso era cem vezes pior que estar em uma prisão, era como ter sido enterrada viva. Odeio estes lugares tanto como odeio a escuridão. O conhecimento de que há toneladas e toneladas de rocha por cima de minha cabeça, densas e impenetráveis, que me separam do ar, de grandes espaços abertos e a incapacidade de me mover livremente, fez-me sentir violentamente claustrofóbica. Meu rosto deveu trair meu horror.

- Vejo que sabe.

- Onde estão minhas coisas?

Não queria pensar no que poderia me ocorrer ou teria uma depressão. Tinha que me centrar em sair. Em concreto, quando me tinha tirado meu Bracelete? aqui? no beco? Não podia recordá-lo, e necessitava, desesperadamente, sabê-lo.

- Por que?

- Tenho frio.

- O frio é o menor de seus problemas.

Sem dúvida isso era certo. Inclusive se me arrumasse isso para me soltar, como encontrar uma forma de sair deste lugar? Desceu escuros túneis, através de cavernas alagadas, sem bússola, sem sentido da orientação. Desesperadamente, necessitava mais informação de minha roupa, do Bracelete e da Lança; tinha medo de que meu sequestrador suspeitasse de meu excessivo interesse e quão último queria fazer, era fazer que o Espectro dispusesse de algo que, de outro modo, poderia ter deixado em casa, uma coisa que poderia salvar minha vida. Como trabalhava o Bracelete? Barrons poderia seguir sua pista por debaixo da superfície?

- Quem é você? O que quer? - exigi.

- Recuperar minha vida de novo – disse – mas, em lugar disso, vou ter a sua... da mesma forma que você dispôs da minha: um pouco cada vez.

- Quem é você? - repeti - Do que está falando?

Plantou-se diante de mim e retirou seu capuz. Deixei escapar o ar violentamente. Por um momento estive muito horrorizada para fazer nada mais que olhar, procurando em seu rosto algum rasgo que pudesse reconhecer. Tomou vários segundos encontrá-lo: nos olhos. Eram uns olhos mortos, desumanos, de cor limão.

Mallucé!

Claramente, tinha sido prematuro, tirá-lo fora de meu tabuleiro de jogo, mais que isso, tinha sido um engano! O vampiro não estava morto... estava pior que morto.

Todas essas vezes que tinha visto o fantasma, de uma janela, na tarde ou na noite, no beco ou no cemitério com o Barrons, tentou-se do Mallucé, me olhando; todas essas vezes que tinha acreditado que meu Espectro era um produto de minha imaginação, o vampiro tinha existido, realmente, de algum jeito. Estremeci-me... tinha estado tão perto dele, sem ser consciente do perigo que espreitava a tão só umas polegadas. Ele tinha estado detrás de mim a noite que tinha

invadido a garagem do Barrons, tinha estado me vigiando desde pouco depois de que lhe apunhalasse com minha Lança. Perguntava-me por que tinha esperado tanto tempo para tomar medidas.

Lutei por manter seu olhar, embora só fosse tentar absorver o grotesco resto no que se converteu: não era de sentir saudades que mantinha posto seu capuz, que escondesse seu rosto.

Olhei ao longe: não podia tolerá-lo.

- Me olhe, cadela! Contemple sua obra! Isto é o que me fez! - vaiou.

- Não, eu não... - disse imediatamente.

Às vezes não sei muitas coisas, mas sei que não lhe faria nada pelo estilo a ninguém, nem sequer a meu pior inimigo.

- Sim, fez-o! E vou fazer lhe piores coisas que esta antes de terminar com você. Você desejará morrer, desejará que eu a mate... mas poderia demorar semanas, possivelmente meses.

Olhei-lhe de novo e tratei de falar, mas não podia. Seu rosto, uma vez bonito e pálido, como um Byron gótico, agora era monstruoso.

- Eu não o fiz - insisti. - Não sei de que forma. Tudo o que fiz foi lhe apunhalar. Não sei que pôde ocorrer para... - deixei que a frase finalizasse ali, era o mais amável para os dois - Está seguro que não foi Barrons?

Não era muito digno tratar de culpar ao Barrons, mas, no momento e dadas as circunstâncias, não me sentia muito dada a manter a dignidade. Sentia-me pequena e aterrorizada. Mallucé era o responsável pelo que me estava acontecendo; aquilo no que se converteu, era o pior que tinha visto em qualquer filme de terror, ou em qualquer pesadelo que pudesse ter tido nunca.

- Você me apunhalou, para me matar, com uma Lança Fae, puta!

- Mas você não é Fae - protestei - você é um vampiro.

- Partes de mim eram Fae! - disse assustado.

Sua boca não fechava completamente e gotas de saliva voaram através das barras, aterrissando em minha pele. Queimaram como ácido. Tentei limpar meus braços com a camiseta.

- Como?

Como podia alguém ter partes Fae? Entretanto, isso era exatamente o que estava vendo: como se a Lança tinha matado apenas algumas partes dele. A cara do Mallucé, de mármore branco, seguia sendo formosa, à maneira vampírica, enquanto outras partes tinham sido devastadas por uma espécie de lepra: uma enegrecida veia percorria sua bochecha direita, descia por sua mandíbula e chegava até a metade de seu pescoço, ao igual a uma parte podre de marmórea carne, um pedaço em cima de seu olho esquerdo era cinza e úmido, e a maior parte do queixo e do lábio superior, afundaram-se em uma úmida e séptica decadência. Era horrível. Não podia deixar de lhe olhar. Seu comprido cabelo loiro lhe tinha caído em mechas, deixando partes de crânio nu e calvo que mostravam uma meada de enegrecidas veias.

Dava-me conta que devia ser quando minha mão, com a Lança, afundou-se em seu abdômen, quando aquelas porções de seu corpo tinham começado a decompor-se, o que explicava sua estranha maneira de andar e a mudança em sua voz, por não falar de uma boca que não se fechava de tudo e que devia fazer a dicção de fato difícil. Estava apodrecendo-se do interior, também? Enojada, voltei a me limpar a mão nas calças jeans.

- Me olhe - disse, seus olhos de cor amarela queimando como lanternas em seu crânio disforme. - me estude. Logo terá, você também, esta cara. Vamos trabalhar, de maneira muito íntima. Nós vamos morrer juntos. - seus olhos se reduziram a fendas. - Sabe o que é o pior? - ele não esperava nenhuma resposta - O pior é olhar como partes de você mesmo apodrecem, se olhando ao espelho, empurrar com seus dedos e notar como sua própria carne se funde entre eles; é te perguntar se deve raspar a podridão ou deixá-la avançar; é usar um braguero, ser consciente de que sua bochecha ou uma orelha ou uma parte de seu estômago estão além de toda reparação. Chega um momento que se perde a conta. A gente pensa que se pode viver com isso, mas logo, ao dia seguinte, ao despertar, descobre que outra parte de você mesmo já não está com vida, e, de noite, ao te deitar, acorda com os pesadelos do que é o que descobrirá na madrugada. Será minha mão a que se apodreça depois? Um olho? vou ficar cego antes de morrer? Será minha língua? Meu membro? Meus ovos? Não é a realidade o que te destrói, a não ser as infinitas possibilidades; é a espera, as horas que passas acordado te perguntando qual será a próxima. Não é a dor do momento, a não ser a previsão da próxima dor. Não é o morrer em si, que seria um alívio, a não ser o desespero de viver, a foddidamente estúpida necessidade de seguir, ainda muito depois do ódio, muito depois de que já não seja capaz nem de olhar a você mesmo. Vais viver o antes de que eu acabe contigo! - seus lábios, esculpidos em rosa, afundados, seus dentes podres, sem presas - Me olhe! Vivi como a Morte durante anos e joguei com ela. A morte entregou a meu seguidores, vestidos de gótica sedução. Deu-me isso entre veludo, encaixe e aroma de sexo. Tirei deles mais do que me tinha dado nunca nenhuma droga. dancei com a morte. Rasgava-lhes a garganta e bebia seu sangue e caíam sob meu corpo quando morriam. Ninguém vai fazer o mesmo por mim? Ninguém dançará comigo na escuridão?

Não pude encontrar nenhuma palavra.

Seu sorriso era terrível, sua risada ainda pior: o úmido som do Mal. Balançou seus braços, como dançando uma valsa

- Bem-vinda ao baile! Bem-vinda a minha festa, aqui, na gruta do Inferno. A morte não é sedutora, assim não temos vestidos de seda nem doces perfumes em minha honra, mas sim é solitária, fria e desumana. Isso é tudo o que obterá de mim, até que eu acabe contigo - ele baixou os braços - Tive de tudo, tive ao mundo pego pelas Pelotas.. e você me fodeste. Tomava o que queria, em qualquer momento; era adorado, era rico e ia ser um dos novos capitalistas do mundo. Era a mão direita do Lorde Master e, agora, não sou nada.... por sua culpa.

Levantou-se de novo seu capuz, a ajustou e voltando-se, começou a afastar-se

- Assim que me consolo pensando, formosa cadela... - disse-me por cima de seu ombro - ...o logo que vais deixar de ser formosa. Pensa no amanhã e nos horrores que ali a aguardam. Trata de dormir, te pergunte se despertará, sonha com tudo o que ficará atrás. Te vou tirar sua realidade. Bem-vinda à minha!

Deitei-me na laje, com o olhar perdido no teto de pedra. Introduzi-me nesse lugar estranho de minha cabeça e descobri algo: era capaz de gerar uma ilusão, não do tipo das dos Fae, que afetavam a outros, mas sim de uma espécie que só eu podia ver. Era suficiente. Em minha mente, pintei nuvens e um céu azul no teto de pedra da gruta e pude respirar de novo.

Realmente só tinham passado três meses desde que tinha estado recostada na piscina da casa de meus pais, com meu biquíni rosa favorito, sorvendo chá gelado doce e escutando ao Louis

Armstrong cantar sobre quão maravilhoso era o mundo? A canção que atualmente soava em meu iPod mental era "Auto-estrada ao Inferno". Desejaria não havê-la conhecido. Tinha sido uma rota rápida, fazia que uma Autobn parecesse um caracol: três meses em total, da vida à tumba, com um mês que tinha desperdiçado em uma só tarde, jogando voleibol com um clone de minha irmã no reino Fae.

- V'lane? - disse com suave urgência. Conjurei um ligeiro vento em meu céu esponjoso de nuvens do teto. - Está aí? Em qualquer parte? Poderia vir? Realmente, necessito um pouquinho de sua ajuda neste preciso momento.

Nos seguintes instantes, não sei durante quantos, não tinha conceito de tempo aqui, cheguei a invocar ao Fae Morte-por-sexo ferventemente, prometi-lhe coisas que sabia que lamentaria... mas, possivelmente, lamentaria muito mais, morrer. Não acudiu, em qualquer lugar que estivesse, não estava escutando.

Por todos os Santos! O que lhe tinha ocorrido ao Mallucé? O que foi o que quis dizer quando afirmou que partes dele eram Fae? Como é possível que algumas parte de uma pessoa, ou vampiro neste caso, pudessem ser Fae? Eu acreditava que alguém era Fae ou não o era. Poderiam os Fae e os humanos reproduzir-se e a conseguinte descendência ser meio-fae? Não me parecia que esse pudesse ser o caso do Mallucé.

Cada vez que tinha tropeçado com ele, tinha-me centrado diretamente nele, tratando de ter uma idéia do que era, sempre tinha tido alguma coisa confuso e agora o era ainda mais. Entretanto, ele tinha passado a formar parte dos Fae, mas ele não tinha nascido Fae. Era algo que lhe tinha passado depois... Mas, como? Era como o vampirismo? Com uma dentada? Tendo relações sexuais? Como?

Minhas nuvens se foram. Manter uma ilusão é um duro trabalho e entre a dor de meu pulso e os efeitos posteriores das drogas, seja quais fossem as que ele me tinha dado para me manter inconsciente enquanto me transportava até Burren, tinha muito pouca energia útil. Tinha fome, estava gelada e aterrada.

Recostei-me de lado e escrutinei fora de minha cela.

Estava encarcerada em um extremo de um comprido ovalóide de pedra da caverna, iluminada por tochas nas paredes. No outro extremo, uma só porta de metal com dobradiças na parede. No centro da caverna, uma laje de pedra que se assemelhava a um grande altar de sacrifício mais que a qualquer outra coisa. Havia facas, garrafas e correntes, para demonstrá-lo. Três opulentas cadeiras de brocado de estilo vitoriano, rodeavam-na. Mallucé havia trazido farrapos góticos de seu passado com ele, à gruta. As paredes da úmida caverna, comunicavam com outras celas, algumas tão estreitas e pequenas, que logo que tinha cabido uma pessoa, outras, o suficientemente grandes para acolher a uma dúzia de homens. Minha cela estava situada entre outras a ambos os lados, com barras de separação, mas estavam vazias. Em algumas dessas celas, de vez em quando, algo se movia. Chamei os outros ocupantes, mas nada respondeu.

Tinha criado Mallucé este lugar ou era alguma antiga masmorra, vestígio de uma época mais Bárbara, enterrada tão profundamente na terra, que tinha sido esquecida?

Nuvens. Arrastei-me e pinteí o teto de novo. Estava tremendo.

Frases como "profundo na terra" não estavam feitas para mim. Tive alguns amigos que faziam espeleología, e sempre pensei que estavam como cabras. por que íamos enterrar nos antes de tempo?

Acrescentei um sol e uma praia deslumbrantemente branca a minha ilusão; vesti-me com um biquíni rosa e acrescentei a minha irmã na imagem.

Finalmente dormi.

Soube que ele estava na caverna, comigo, no momento em que despertei. Fae-não-do-todo-Fae: podia senti-lo ali: um escuro câncer, um pouco equivocado.

Me doía a cabeça de dormir com um travesseiro de pedra. A dor de meu pulso se aliviou um pouco, a tortura de nervos, carne e ossos gritando era algo mais suportável. Tinha tanta fome que estava muito fraca para me levantar. Seu plano era me matar de fome e sede? Tinha escutado que levava algo assim como três dias morrer de desidratação. Quanto tempo levava já? Não tinha sentido do tempo neste lugar: as horas pareciam dias, e, os dias, meses Quanto tempo tinha estado inconsciente? Quanto tempo tinha dormido? A julgar pela fome que tinha, acreditava que, pelo menos, tinha passado um dia, talvez dois. Tinha um metabolismo muito rápido e precisava comer freqüentemente. Caso que me alimentasse e me desse de beber, quanto tempo pensava me manter aqui? uma semana? um mês?

Arrastei-me penosamente. Havia pão e uma pequena cubeta de água dentro de minha cela. Equilibrei-me sobre eles como um animal, rasgando as partes secas como se fosse pão rangente, degustando-os.

Vi o Mallucé através dos barrotes. voltou-se para mim, seu capuz baixada, o cabelo jogado atrás, sua cabeça torcida e gangrenosa. Partes de renda recarregado apareceram em seu pescoço negro e nos punhos de sua camisa quando retirou seu manto: inclusive em decomposição, ele ainda mantinha sua atitude gótica. Estava sentado em uma baixa laje de pedra e, se não me equivocava, estava comendo algo também, fazendo uns ruídos repugnantes enquanto o fazia. Vi a faca de prata cortando, o som do fio contra a pedra. Perguntei-me o que era o que jantava este vampiro em decadência; de acordo com o livro "Vampiros para tolos", os vampiros não comem, só bebem sangue. Seu corpo e seus membros bloqueavam a visão do que havia sobre a laje.

Terminei o pão com muita rapidez e se assentou em meu estômago como uma azeda parte de plastelina. Apesar de que me assolava a sede, degustei cuidadosamente umas gotas de água. Não havia quarto de banho em minha cela do Inferno. Irônico, as humilhações, às vezes, são significativamente de maior importância para nós que os problemas reais, como ser assassinada por um inimigo não fosse tão terrível como ver-se obrigada a urinar diante dele.

Onde estava Barrons? Que teria feito quando eu não apareci na livraria essa noite? Estaria me rastreando? Seguiria me buscando por aí? O teriam capturado Mallucé ou os Caçadores? Neguei-me a acreditá-lo. Necessitava-o. Certamente, se Mallucé tinha capturado ao Barrons, gabaria-se disso, se lhe tinha encarcerado em algum lugar, me quereria mostrar isso Estava na livraria, furioso comigo, com o pensamento de que tinha ido com V'lane de novo e não apareceria até dentro de um mês, bronzeada e em biquíni? Onde estava o Bracelete?

Por que...? OH! ...por que caralho não lhe tinha deixado me tatuar? Qual era meu problema? Poderia ter posto sua ditosa marca entre os pedaços de minha petunia com tal de que isso me tirasse daqui! Em que tinha estado pensando? Eu era imbecil!

"Um bracelete se pode tirar, Srta. Lane; uma tatuagem não". Estava aprendendo essa lição da maneira mais dura.

A pergunta agora era ia sobreviver?

- Onde está minha Lança? - perguntei ao Mallucé.

Se estava aqui, talvez, o Bracete também.

- Não é sua Lança, cadela - disse o vampiro, levantando um braço, enquanto se levava outro bocado à boca.

Tive uma vista fugaz de sua mão, que levava uma brilhante e rígida luva negra. Perguntei-me se sua mão tinha começado a apodrecer-se e levava essa luva para manter sua forma. Mastigou um momento.

- Nunca foi digna dela, era um trabalho fora de seu alcance. Agora me restabelecerá .

- Você crê que pode ser restaurado?

Ele se via como algo que tinha ressuscitado de uma tumba. Não podia ver outros danos ocultos. Não me respondeu, mas senti sua ira: a sala se congelou.

- Se você era a mão direita do Lorde Master, por que não o curou ele? Ele é o chefe dos Unseelie, deve ser muito poderoso - medi.

Ele cuspiu algo de sua boca. Tive uma fugaz visão de uma coisa vermelha, antes que me respondesse. Comia carne crua?

- Ele não é nada comparado com um Fae. É um verdadeiro Fae o que necessito agora, um sangue puro ! Talvez a rainha mesma viria a me dar o elixir da vida em troca de sua Lança, faria-me verdadeiramente imortal!

- Por que teria que fazê-lo, quando ela poderia lhe matar e tomar a Lança?

Cravou em mim seus olhos de cor limão com fúria. As nuvens eram minha ilusão, que a rainha Seelie lhe concedesse a vida eterna era a sua...

...e só pensei em meu destroçado corpo, antes que meu cérebro processasse o que estava vendo. Algumas coisas não têm que ser analisadas com o cérebro a não ser com as tripas: uma parte de carne de cor cinza rosado estava escorrendo-se entre seus dedos, com reluzentes pústulas brancas. Pude ver além de seu corpo, agora sabia o que estava comendo: um Rhino-Boy estava encadeado à laje. Vivo! O que ficava dele se retorcia em agonia. Mallucé era quem comia aos Unseelie!

Meu pão se transformou instantaneamente em uma parte de levedura em mal estado, que cresceu e ameaçou transbordando-se. Neguei-me a vomitar, necessitava toda minha energia. Quem sabia quando ele se incomodaria em me alimentar de novo?

- Você Você era o que os comia? Mas, por que?

É obvio. Não era casual a presença de corpos do Rhino-Boy méio comidos naqueles lugares onde tinha visto o Espectro; tinha sido Mallucé o que comeu ao do cemitério e ao outro que tinha abandonado no contêiner de lixo detrás da livraria, méio devorado, quando veio para ver-me Dani. Tão perto de mim e nunca o tinha sabido!

Ele empurrou a carne para sua boca com os dedos. Fixei a vista nele, mantendo-a todo o tempo. Pude ver sua "alimentação" em movimento detrás de suas bochechas. A carne, não só é que a comesse crua, é que o Rhino-Boy pacote na laje, seguia vivo enquanto que ia rasgando as partes.

- faz-se perguntas sobre mim, cadela? Eu as fazia a respeito de você. Depois de que me apunhalasse, adoeci imediatamente. Não sabia o que estava indo mal em mim; estava em minha guarida, envenenado, vendo o lento processo do que a Lança tinha feito em meu corpo. Foi então quando comecei a planejar isto e a te espiar; ao princípio, estava muito fraco para fazer nada mais

que um plano de vigilância, mas a vingança me fez forte... isso, e começar a comer a meus seguidores - ele riu - Enquanto estava nessa habitação, que emprestava a inferno, olhando minha própria podridão, tive tantas conversações contigo, tão íntimos encontros enquanto esperava este momento... Em todos eles você me adorava antes de morrer. Quer me conhecer? Logo saberá tudo. Perguntou-me pelo Lorde Master... - disse mastigando outro bocado - ...Ele é o quem me ensinou a comer isso .

- Por que? Para que? - Aqui estava, por fim, uma informação a respeito de meu inimigo

- Assim pude ver.

- A quem? Refere-se aos Fae? - disse incrédula. Ele assentiu - Está você dizendo que se uma pessoa comer carne Unseelie, desenvolve a habilidade de ver os Fae? Vale para qualquer pessoa normal ou tem que ser um vampiro?

Ele se encolheu de ombros.

- Fez-me comer a dois de meu guarda. Comecei com eles.

Perguntava-me que era o que lhe teria feito aos guarda-costas, mas não o expressei em voz alta. Não podia imaginar que qualquer forma de vida pudesse aspirar a viver assim. Se Mallucé realmente era um vampiro, eu duvidava muito que ele nunca "servisse" a ninguém.

-por que o Lorde Master queria a você?

- Queria me anexar a sua causa, queria meu dinheiro e minhas conexões. Eu queria seu Poder... e estava a ponto de consegui-lo, até que apareceu. Tinha-me ganho muitos de seus serventes para minha causa: ainda me servem. - encheu sua boca com outro bocado e fechou os olhos. Por um momento, houve uma expressão de obsceno prazer sensual em seu rosto. - Não pode imaginar o que se sente... - disse mastigando lentamente, sorrindo pela metade. Logo abriu seus olhos com febril horror - ...ou o que estava acostumado a sentir antes de que me danificasse. Foi o máximo; ensinou-me o poder das artes escuras: davam-me a força de dez homens, aumentavam meus sentidos e sanavam minhas feridas, embora fossem mortais, tão rapidamente como me eram inflingidas. Era invencível. Agora nenhum desses lucros permanece; sim, eles me dão força e me mantêm vivo, se se comerem constantemente, mas nada mais. E tudo graças a você!

Uma razão mais para me odiar: eu lhe tinha tirado sua droga. por cima disto, havia-lhe inflingido uma ferida, que inclusive o feito de comer Unseelie, obviamente, não podia curar. Uma ferida que o estava matando lentamente, uma parte Fae cada vez. Não entendia muito bem alguns aspectos disso.

- Comendo Unseelie se fará totalmente Fae? É isso o que você e Lorde Master estavam fazendo? Comer Fae para converter-se no Fae?

- Que se foda seu Lorde Master! - gritou - Eu sou seu mundo agora!

- Lhe abandonou, não? - adivinhei - Ao ver o que era, jogou-lhe para morrer. Você já não servia para seus propósitos.

Sua fúria fumegou no ar. O vampiro se voltou e cortou outra parte de carne. Ao girar-se, sua escura túnica se apartou e pude vislumbrar um pouco de ouro e prata, encravado com ônix e safiras, pendurando ao redor de seu pescoço. Mallucé tinha o Amuleto! Ele foi o que o tinha roubado da casa do homem inválido aquela noite! Mas... se tinha o Amuleto, por que não o tinha utilizado para curar-se? A resposta veio rapidamente: Barrons me havia dito que o Rei Unseelie o tinha criado para sua concubina favorita, que não era Fae, e que os seres humanos tinham que ser

“épicos” para invocar seu poder. Mallucé era em parte Fae agora, o que significa que ou a parte Fae impedia o acesso ao poder do Amuleto, ou, que apesar de suas maquinações para elevar-se a si mesmo a tal condição, John Johnstone Jr, não era “épico”.

Possivelmente eu sim o fora.

Precisava pôr minhas mãos nesse Amuleto.

Um grimoso pensamento seguiu ao primeiro: tinha sido Mallucé quem, com tanta brutalidade, tinha matado a todas as pessoas.... Como o tinha definido Barrons?... "que lhe fez isto aos guardas e ao pessoal esta noite, fez-o, bem por puro sadismo, porque era um psicopata ou guiado por uma imensa raiva"... assim, que era o que sentia por mim? Era um psicopata ou tinha perdido a razão? Nenhuma das duas opções, augurava um bom presságio para mim. Poderia ser capaz de dirigir um pouco de loucura, mas estava segura de que ninguém sobrevivia a um psicopata.

O Mallucé atual, convertido, retirou delicadamente um bordado lenço das volumosas dobras de seu manto, e o passou finamente pelo queixo. Então sorriu, mostrando suas presas.

- Como sente seu pulso, cadela?

Havia-a sentido melhor.... até que ele me quebrou isso de novo.

Vou deixar descansar um pouco sua imaginação.

Embora possa não parecê-lo, esta não é uma história a respeito da escuridão. Trata-se de uma história de Luz. Kahlil Gibran diz que sua alegria pode te encher tanto como profundamente sua dor tenha sido esculpido. Se nunca provaste a amargura, o doce é só outro agradável sabor na língua.

Um dia vou ter uma grande, enorme, quantidade de alegria.

No fundo, Mallucé, não me queria morta.... ainda. Ele conhecia muitas maneiras imaginativas de me causar dor de forma permanente, lesão debilitantes, mas.... sem me matar. Queria que eu antecipasse os horrores que ele tinha planejado para mim, mais do que queria começar a infligir-los, quão mesmo ele tinha temido, indefeso, a seu próprio terror. Todas as semanas que tinha permanecido em sua guarida, lutando contra o veneno de seu corpo, tinha desenhado a minha morte com exigente detalhe, e agora, pretendia levá-lo a cabo muito lentamente.

Só depois de que cada milímetro de meu corpo sofresse a máxima dor, começou o processo de mutilação. Por cada peça que ele tinha perdido, disse-me, eu ia perder outra parte.

Tinha um médico a mão para pôr um pouco de ordem depois de suas barbáricas cirurgias, para me manter viva.

Ia acabar estando tão louca como ele antes de morrer.

Tinha dois Unseelie me vigiando ao princípio. Eventualmente, ele os enviava fora, entrava em minha cela e começava um assalto mais pessoal. Parecia sentir que tinha um especial e íntimo vínculo comigo. Falava incessantemente enquanto me torturava, disse-me coisas que não penetraram em minha dor, mudas de momento, mas que talvez mais tarde, nas águas claras, ressurgissem, e me dava conta de que, realmente, tinha passado muito tempo tendo conversações comigo em sua cabeça. Suas palavras eram ensaiadas e eram pronunciadas, com impecável e horrível precisão, no momento de máximo impacto. O vampiro Mallucé, com sua mansão de Família Adams gótica, sua roupa steampunk e sua sedutora e presas imagem da morte,

sempre tinha adorado o espetáculo e eu era sua culminação, seu público cativo. Ele determinou que seu último espetáculo seria o maior. Antes que ele acabasse comigo, disse-me, eu aferraria a ele, procuraria socorro nele, pediria-lhe que me libertasse o tempo que me destruíra.

Se existir a tortura e há tortura psicológica, Mallucé era um professor de ambas.

Fui até o topo. Não estava gritando muito; aferrava-me, tenazmente, ao pequeno bote salva-vidas de meu otimismo naquele mar de dor, dizia a mim mesma que tudo iria bem, que Mallucé tinha roubado meu Bracelete, mas que não o tinha atirado se por acaso podia lhe ser de alguma utilidade, sobre tudo por sua antigüidade, por seu valor em dinheiro. Eu mesma me assegurei que ele o tinha arrojado a uma cela próxima e que Barrons o seguiria e me encontraria. A dor devia deter-se, não queria morrer aqui. Minha vida não tinha terminado.

Então ele lançou uma bomba sobre mim.

Com um sorriso leproso, seu rosto tão próximo ao meu que o pútrido aroma da podridão de sua carne quase me afogava, ele afundou meu salva-vidas, precipitando-o ao abismo: disse-me que tinha que esquecer ao Barrons, se essa era minha esperança, em caso de que isso fosse o que me impedia de sucumbir ao pânico, já que Barrons não viria nunca a me resgatar. Mallucé lhe tinha visto, enquanto me despojava de meu Bracelete, minha roupa e minha bolsa, deixando-os atirados no chão, no beco traseiro, entre refugos e garrafas quebradas. Os Caçadores haviam nos trazido até aqui voando, não tínhamos deixado nenhuma pista sobre o terreno para seguir; como eram mercenários, Mallucé tinha contratado temporalmente seus serviços. Não havia nenhuma possibilidade de que Jericó Barrons ou qualquer outra pessoa nunca pudesse me encontrar ou me resgatar. Eu estava esquecida, perdida para o mundo. Só existíamos ele e eu, no ventre da terra, até o amargo final.

Frases como "ventre da terra" realmente chegaram para mim. O pensamento de que meu Bracelete jazia inútil no beco, pôs-me ainda pior. Estava a horas de Dublin, debaixo de toneladas de pedra. Mallucé tinha razão: sem o Bracelete, nunca seria encontrada, nem viva nem morta. Ao menos, mamãe e papai tinham encontrado o corpo da Alina; o meu nunca apareceria.

O que fariam eles depois de perder a sua segunda filha sem deixar rastro? Não podia suportar este pensamento.

Barrons estava fora. Não podia contar com V'lane: se o tinha estado "aparecendo" a esta realidade, não teria permitido que Mallucé me fizesse estas coisas, o que significava que estava em algum lugar, provavelmente, em uma missão de sua Rainha e poderiam passar meses humanos de tempo real antes de que ele retornasse de novo. Rowena e sua coorte do Sidhe-Seer... ela tinha deixado muito claros seus princípios: nunca arriscaria a dez para salvar a uma.

Mallucé tinha razão. Ninguém viria por mim. ia morrer aqui, neste triste e escuro Inferno gelado com uma podridão de monstro por companhia. Nunca voltaria a ver o sol de novo, nunca sentiria a erva ou a areia sob meus pés, nunca escutaria outra canção, nunca aspiraria outro sopro da doce Georgia, com aroma de flores banhando o ar, nunca mais degustaria o bolo de frango de minha mãe....

Ele me ia converter em uma tetraplégica, disse-me, lentamente, avançando infinitesimais graus. O sofrimento que previa ia a inflingir, era muito horrível para meu cérebro e para que o escutassem meus ouvidos. Desmaiei. Não ouvi nada mais.

A esperança é uma coisa fundamental, sem ela, a gente não é nada. A esperança dá forma à vontade, configura o mundo. Eu poderia ter tido escassez de esperança, mas tinha algo a meu

favor: vontade, desespero e uma oportunidade: uma brilhante oportunidade, em ouro e prata, incrustada com safiras e ônix.

Tinha comido hoje e não estava muito golpeada ainda... um de meus braços ainda funcionava.

Quem sabe o que me proporcionaria o futuro? Ou ao dia seguinte? Não podia pensar em um futuro neste lugar. Nunca voltaria a estar tão forte como o estava agora. Realmente começaria a me torturar com drogas psicotropas, como ele dizia? A idéia de que me despojasse do controle de minha mente era o pior dos pensamentos, causava mais dor: já nem sequer posuiria o engenho para tratar de lutar. Não podia deixar que isso acontecesse.

Era agora ou nunca.

Precisava saber: Era eu o suficientemente “épica”? Mais vale, porque nunca teria outra oportunidade para averiguá-lo. Ele me encadearia até a próxima vez. Ou pior.

Estava falando, não queria chamar sua atenção sobre mim, não me fazia a surda e inclusive respondia com suspiros ao que estava dizendo. Este era o prêmio para o que ele vivia. Seus doentios olhos amarelos queimavam com psicótico zelo.

Quando se aproximou de novo a mim, eu mesma me equilibrei sobre ele, como se procurasse seu abraço. Estava surpreso. Afundei minha mão boa debaixo de sua túnica e medi procurando o Amuleto fechando minha mão, como uma garra sobre ele quando o encontrei. Foi como fechar a mão ao redor de gelo seco. O metal estava tão frio que queimava, sentia como corroía minha carne até o osso. Empurrei-me através da dor. Por um momento, não aconteceu nada; logo surgiu um escuro fogo, uma luz negro-azulada começou a pulsar das dobras de sua túnica, de entre meus dedos.

Tive minha resposta: MacKayla Lane tinha possibilidades de grandeza! ...conformaria-me com um pouco de supervelocidade e um mapa que me tirasse daqui. Atirei do Amuleto, mas a corrente forjada era grossa. Não poderia desprendê-lo. Lembrei-me de como a cabeça do homem inválido tinha sido quase cerceada. Reforçaria-se o vínculo se usava minha magia? Centrei-me em minha vontade, tratando de dar puxões através de seu pescoço podre. O interior da pedra translúcida do Amuleto, emitiu uma luz radiante que banhou a escura gruta.

- Filha de puta! - o vampiro olhou incrédulo.

Certo! Não tinha sido capaz de fazer que funcionasse. Burlei-me

- Adivinha quem tem poder sobre o Amuleto

- Impossível! Não é ninguém, não é nada!

- Isto não quer a um fodido vampiro!

Bluff, engano, farol. Rezaria por que houvesse algo de verdade nisso. Quando a corrente se quebrou abruptamente, caí para trás, para a parede, estreitando contra mim o Amuleto. Por um momento, ele duvidou; sua mão enluvada foi a seu pescoço; sabia que se perguntava como tinha podido tirar-lhe quando ele tinha tido que quase decapitar ao último proprietário para deixá-lo livre. Logo, seu rosto se contraiu com raiva e caiu sobre mim, presas a ponto, lacrimejando, a murros, tratando de recuperar o Amuleto antes que eu fosse capaz de usá-lo.

Preguei-me sobre mim mesma, me protegendo, me concentrando ferozmente no Amuleto. Não passou nada. Retraí-me para o estranho lugar de meu cérebro e tratei de impor minha vontade a respeito.

"Destrói-o", disse-lhe. "Mata-o! Mata-o! Me proteja! Faz que morra! Me deixe viver! Faz que deixe de me pegar! Faz o que seja para lhe deter!"

Embora os golpes seguissem chovendo, não me impactavam o mais mínimo. O Amuleto estava mais frio que a morte em minha mão, filtrando-se até meu braço. Radiava sua escura Luz, oferecia-me, em sua gelidez, um poder imenso. Senti algum tipo de sombra de vida nesta gelada coisa de minha mão, podia sentir que palpitava, o batimento do coração impaciente de um escuro coração. Podia sentir que queria ser utilizado por mim, estava faminto, mas havia algo que não entendia sobre ele, algo que tinha que fazer para que fosse meu. Então me dava conta de que não tinha quebrado a corrente forjada, era ele quem tinha eleito vir para mim porque cria que poderia utilizá-lo... Mas parou. Tinha que averiguar como fazer que funcionasse.

O que tinha que fazer?

Os dentes do Mallucé estavam em meu pescoço, lacrimejei de dor. Sua rígida luva dava murros a cem Km/hora em meu abdômen, tratando de me forçar a soltá-lo, para que o pudesse tomá-lo de novo. A dor crescia a mais velocidade do que eu jamais poderia ter pensado.

A Relíquia Escura foi inútil. Se tinha tido tempo de aprender a fazer que funcionasse para mim, teria tido uma oportunidade. Ainda assim, eu gostava do feito de ter mijado ao Mallucé: tinha-lhe demonstrado que eu era suficientemente "épica" quando ele não o tinha sido.

Como fora que ele seguiu descarregando quilogramas de dor sobre mim, tive uma repentina idéia de seu caráter: no núcleo do mesmo, sob sua monstruosa vilania, o vampiro era um valentão estragado. Não era um psicopata absolutamente, a não ser um ser descontrolado, um petulante menino que não podia tolerar que alguém tinha melhores brinquedos, mais riqueza, maior poder, ou, em meu caso, mais valor que ele. Se não podia apropriar-lhe comprá-lo ou possuir, destruiria-o.

Minha mente voltou a examinar o corpo na laje, mutilado da mesma horrível maneira que os corpos da casa do Gales.

Ninguém viria a por mim.

Não podia fazer funcionar o amuleto.

Não estava podre, ainda, e nunca seria um banquete para o Mallucé. Não havia forma de que me fizesse isso.

Isso era uma verdade em si mesmo.

Quando todo o controle que tem sobre seu mundo, é-te despojado a distância, não te deixando outra opção que a de morrer, com a única diferença de como fazê-lo: rápida ou lentamente, a vida te faz tragar uma pílula muito, muito, amarga. A dor resultava mais fácil de tragar: não lhe permitiria me deixar tetrapléjica nem me despojar de minha mente, algumas coisas eram piores que a morte.

Senti uma raiva cega, mais intensa quanto mais perto me sentia do fim. Estava ao bordo da perda total de controle. Joguei a mim mesma mais combustível, para me aproximar ainda mais ao abismo.

Recordei o que Barrons me havia dito a respeito do John Johnstone Jr. , de seu passado. O misterioso "acidente" que causou a morte de seus pais, a rapidez com a que ele esbanjou tudo o que tinha sido ganho. Lembrei-me de como Barrons tinha provocado ao Mallucé com referências a suas raízes, como o vampiro tinha reagido imediatamente, lívido de fúria, com um ódio irracional ante a menção de seu próprio nome.

- Quanto tempo leva enlouquecendo, Jr.? - vaiei entre golpes.- Desde antes de matar a seus pais?

- Meu nome é Mallucé, puta! Professor, para você... e meu pai merecia morrer, ele dizia ser humanitário, queria esbanjar minha herança. Disse-lhe que se detinha, mas não o fez.

Barrons tinham provocado Mallucé chamando-o Júnior. Esse era o nome que me dava Alina: eu não o perverteria usando-o nele

- Você é o que merece morrer. Há gente que não nasceu boa, Johnny.

- Nunca me chame disso! NUNCA! - gritou.

Tinha dado no prego: um nome que o vampiro odiava inclusive mais que o do Júnior. Era o nome especial que sua mãe lhe dava?

- Não sou eu a que te fez um monstro. Nasceu assim, Johnny. - estava quase enlouquecida de dor, não podia sentir um de meus braços e meu rosto e pescoço gotejavam sangue. - Johnny, Johnny, Johnny... - cantarolei - ...Johnny, pequeno Johnny, nunca deveria ser um....

O seguinte golpe converteu minha maçã do rosto em uma flor de fogo. Deixei frouxos meus joelhos. O Amuleto se deslizou de minha mão.

Johnny, Johnny... - dizia, ao menos isso acreditei.

"Me mate", rezava. "Me mate agora".

Seu seguinte golpe me fez me estampar contra a parede traseira da gruta. Os ossos de minhas pernas se quebraram... e, felizmente, afundei-me no esquecimento.

Capítulo 17

Não sei de onde provêm os sonhos.

Às vezes me pergunto se forem memórias genéticas ou mensagens de algo divino. Advertências possivelmente?. Talvez, vinham com um folheto de instruções, mas estávamos muito ocupados para entendê-lo, porque tínhamos desprezado à irracionalidade como um produto residual da "mente racional".

Às vezes, penso que todas as respostas que precisamos estão enterradas em nosso subconsciente, nos sonhos. O folheto de fato existe, e todas as noites quando apóiam a cabeça no travesseiro, abre-se. Os sábios o lêem e escutam, o resto de nós tentamos esquecer, com esforço, qualquer inquietante revelação que tenhamos podido ter.

Estava acostumado a ter um pesadelo recorrente quando era uma menina, um sonho de quatro distintos e sutilmente variados gostos. Dois deles não eram totalmente desagradáveis, mas os outros dois eram tão vis que preferiria me afogar com minha língua antes de prová-los.

Estava provando um desses gostos agora mesmo. Saturava minhas bochechas e minha língua, os lábios tentavam retraindo-se atrás de meus dentes, e, finalmente, entendi a razão pela que nunca tinha sido capaz de pôr um nome ao mesmo: não era o sabor de um alimento ou uma bebida, era o sabor de uma emoção: arrependimento, o profundo e delicioso pesar que flui como borbulhas da fonte da alma, pelos enganos cometidos ou por ações que fizemos ou omitimos, muito depois de que nada se pode fazer ou desfazer, quando já é muito tarde.

Estava viva.

Mas essa não era a causa de meu lamento.

Barrons estava dobrado sobre mim.

Tampouco ele era a causa.

Era o olhar em seu rosto o que me disse, com mais franqueza que um prognóstico médico, que não ia sobreviver. Estava viva, mas não por muito tempo. Meu salvador, meu Cavalheiro Andante estava aqui, tinha chegado para me salvar, mas era muito tarde para mim. Poderia ter sobrevivido, se não tinha renunciado à esperança.

Essa era a causa!

Chorei. Acredito. Não podia sentir meu rosto.

O que foi o que ele me disse, a noite que roubamos ao Rocky O'Bannion? Eu gostaria de o haver escutado. Inclusive pensei que tinha divulgado terrivelmente sábio, mas não o tinha entendido.

“Uma Sidhe-Seer sem esperança, sem uma vontade inquebrável de sobreviver, é uma Shide-Seer morta. Uma Sidhe-Seer que se crê desarmada, desmotivada pode duvidar de sua finalidade, puxar o gatilho e voar seu próprio cérebro com ele”.

Em realidade, só duas posições pode um adotar na vida: a esperança ou o medo. A esperança fortalece, o medo mata.

Agora tenho medo.

- É você... R... real?

Minha boca se rasgou ainda mais contra meus dentes. Minha língua se engrossou com o sangue e o pesar. Eu sabia o que estava tratando de dizer, mas não estava segura de que resultasse inteligível.

Ele assentiu tristemente.

- ... Mallucé... não morreu - disse-lhe.

Aspirou pelo nariz, reduziu seus olhos assustado

- Sei, por este aroma, está em todas as partes. Este lugar fede a ele. Não fale. Sangrento inferno! O que fez ele a você? O que fez você a ele? O provocou de propósito?

Barrons me conhecia muito bem.

- Ele me disse que... você não ... viria...nunca

Eu estava fria, gelada. Além disto, sentia, estranhamente, muito pouca dor. Perguntava-me se isso significava que minha medula espinhal estava danificada. Ele me olhou, grosseiramente, como se procurasse algo, e se tinha sido qualquer outro homem, eu tinha chamado a seu estado emocional "frenético"

- E você acreditou? Não, não responda, hei-lhe dito que não fale. Ainda há tempo. Merda! Mac Merda!

Ele me tinha chamado Mac. Meu rosto machucado doía muito para sorrir, mas o fiz por dentro.

- B... Barrons?

- Hei-lhe dito que não fale! - vaiou

Pus toda minha energia em conseguir isto.

- Não... não quero morrer..... aqui embaixo. Por favor. Me leve ao..... sol - em biquíni, pensei, junto a minha irmã.

- Merda! - explorou de novo - Necessito coisas!

Estava de pé, olhando ao redor da caverna de novo, com esse frenético ar. Pergunta-me que coisas pensava que podia encontrar aqui. Gesso não ajudariam neste momento. Tratei de lhe dizer que nada podia fazer, mas não saiu nem um som; também tratei de lhe dizer que o sentia, que não tinha saído bem. Devia ter piscado, seu rosto estava muito perto do meu, sua mão em meu cabelo e seu quente fôlego em minha bochecha.

- Não há nada aqui que possa usar, Mac - disse sombrio - Se estivéssemos em algum outro lugar, haveria certas coisas, há... feitiços que eu poderia fazer... Mas não viveria o suficiente para isso, para chegar até ali.

Um longo silêncio, ou ele não estava falando ou eu não o estava escutando. Não tinha relevância. Estava flutuando ou seu rosto esteve de novo sobre mim, um anjo escuro, basco e picto, havia-me dito, criminal e bárbaro, burlou-se. Um belo rosto selvagem.

- Você não pode morrer, Mac - sua voz era plaina, implacável - Não o permitirei.

- Bem... faça-o! ...Me para! - consegui dizer, embora não estava segura de que a ironia lhe chegasse através de meu tom.

Minha voz era débil, mas, ao menos, meu senso de humor não se evaporou. E, pelo menos, Mallucé não tinha conseguido fazer de mim um monstro antes de morrer. Meus pensamentos fulguraram: esperava que meu pai cuidasse de mamãe, esperava que alguém se ocupasse da Dani, queria conhecer o que era uma irmã de alma... não tinha vingado a Alina. E agora que?

- Isto não é o que eu queria - dizia Barrons - Isto não é o que eu teria eleito. Você deve saber que... é importante que você saiba....

Não tinha nem idéia do que estava falando. Havia um núcleo de algo pugnando na parte traseira de minha mente. Algo que precisava pensar. Uma eleição que se fez. Senti seus dedos sobre minhas pálpebras. Ele lhes facilitou fechar-se.

"Mas não estou morta ainda", queria lhe dizer.

Sua mão era uma cálida pressão sobre meu pescoço. Minha cabeça caiu para um lado.

- Não... não....quero morrer..... aqui embaixo - surpreendeu-me a forma débil e estúpida em que soava.

Como estava indefesa? Só tinha fiapo e nada de aço? Deus! Era patética com P maiúsculo. Acabava de provar o segundo vil sabor em minha boca. Examinei o sabor, movendo-o em minha língua, como um vinho estragado. Neste momento, reconheci o veneno antes de bebê-lo: Covardia.

Estava cometendo o mesmo engano: renunciar à esperança antes que a luta tenha acabado. Minha luta não tinha terminado. Eu talvez não teria muitas eleições, mas, de fato, não podia desprezar minhas opções, minha luta não terminou!

"Deu-me poder com as Artes Escuras", havia dito Mallucé, "Comer carne Unseelie, deu-me a força de dez homens, aumentou meus sentidos, sanava feridas, embora fossem mortais com maior rapidez do que me eram inflingidas".

Poderia ser as Artes Escuras. Eu gostaria de ter a força de dez homens e o aumento dos sentidos.... mas, estava especialmente interessada nisso de "curar as feridas mortais". Pode que tinha perdido uma oportunidade de viver esta noite, mas agora tinha outra: Barrons estava aqui e agora, a porta da cela estava aberta, poderia aproximar-se do Fae sobre a laje....

- Barrons... - obriguei-me a abrir os olhos.

No meu entender, e apostaria um montão de moedas por ele, seu rosto estava em meu pescoço, resultava-lhe difícil respirar... estava ele em duelo? Já? Rendeu-se? Teria conseguido penetrar no enigmático, duro, brilhante e obssecado homem? Dava-me conta de que tinha chegado à essência da questão, anjo ou demônio, bom ou mau, era importante para mim.

- Barrons... - disse de novo, esta vez com mais força, dando tudo o que ficasse, que não eram muito, mas o suficiente para chamar sua atenção.

Girou a cabeça. Seu rosto era duro, cheio de ângulos acerados, sua expressão sombria. Seus olhos eram escuras janelas a um abismo sem fundo.

- Sinto muito, Mac.

- Não é culpa dela... - consegui dizer.

- Falhei-lhe de mais formas das que jamais chegará a saber, mulher.

Mulher, ele me tinha chamado mulher, tinha crescido ante seus olhos. Perguntava-me o que ele ia pensar de mim dentro de um momento.

- Sinto muito, não fui procurar a.... não deveria lhe haver permitido voltar sozinha a casa.

- Esc..... Escuta - disse. Tinha-me obstinado com urgência a sua manga, mas não podia mover nem o braço.

Aproximou-se mais a mim.

- Unseelie... laje? - perguntei.

Suas sobrancelhas formaram uma linha. Ele olhou sobre seu ombro, olhando detrás de mim.

-Está ali... mas isso que significa...?

Minha voz soou terrível quando disse

- Traga...me...o

Ele arqueou uma sobrancelha e piscou. Ele olhou ao Unseelie e eu podia sentir sua mente trabalhando.

- Você... o que Mallucé..... - quebrou - Exatamente, que é o que está você dizendo, Mac? Está-me dizendo que quer comer isso? Inferno sangrento! No que esta pensando! Você tem alguma idéia do que poderia fazer isso com você?

Comecei a usar nossa conversa sem palavras.

"Bastante boa" , disse, "ao melhor faz viver".

"Eu falo do pagamento, sempre há um lado negativo."

"Um maior que estar morta?"

"Há coisas piores que a morte."

"Esta não é uma. Sei o que estou fazendo."

"Nem eu sei o que está fazendo, e eu sei tudo"

Tinha-me rido se me tinha sido capaz disso. Sua arrogância não conhecia limites.

"É um Fae escuro, Mac. Quer comer um Unseelie. Que conseguirá com isso?"

"Morro, Barrons."

"Eu não gosto desta idéia."

"Tem uma melhor?"

Inalou profundamente. Não entendi as coisas que passaram por seu rosto, pensamentos muito complexos, além de minha compreensão, mas tinha duvidado uns segundos muito compridos, antes de mover sua cabeça em uma só e violenta negação; deduzi que ele tinha outra idéia, mas a tinha considerado pior que esta.

"Não tenho nenhuma idéia melhor."

Tinha uma faca na mão. Lançou-me um sorriso zombador enquanto se transladava para a laje

- Anda, peito ou coxa? Upss, temo que não fica coxa esquerda - disse, enquanto cortava ao Fae.

Eles não tinham asas, mas apreciei seu intento de humor negro: estava tratando de diminuir a terrível realidade de minha próxima comida. Não queria saber que partes do Fae me estaria comendo, assim, fechei os olhos quando ele me aproximou a primeira fatia de carne Unseelie a meus lábios. Não podia olhá-lo, já era bastante mau, morder algumas zonas, mastigar um bom momento, tragar e notar as pequenas peças flutuando em meu estômago.

A carne Unseelie era pior que os quatro sabores de meus pesadelos juntos. Possivelmente o folheto de instruções só cobria nosso mundo, não o reino Fae... e olhe que odiava ter que sonhar todos os maus gostos de seu mundo, também.

Mastiguei e traguei, traguei e mastiguei.

MacKayla Lane, sexy garçõete, estava gritando para me deter, antes que fosse muito tarde, antes que nunca pudesse voltar a ser a singela e feliz jovem sulina. Já era muito tarde para isso. Selvagem Mac ocupava a terra, apunhalando com sua Lança o terreno, olhando e dizendo "Siiiiiiii, por fim, um poder real! Que comece a ação!", aquela que mediava entre as duas, perguntava-se que preço ia ter que pagar por isso.

As preocupações do Barrons eram fundadas? Comer Fae escuros me faria algo terrível, fariam-me escura? Ou só se um tinha sementes de escuridão em si mesmo, tornava-se escuro? Talvez comer uma só vez, não suportaria uma mudança. Mallucé tinha comido constantemente. Talvez a frequência lhe fez um assassino. Há muitas drogas que uma pessoa pode tomar um par de vezes sem pagar um preço muito alto. Talvez a carne obscura Fae me curasse, fizesse-me forte, e pouco mais.

Talvez não tinha importância, porque o resultado final, hoje ou esta noite, tinha sido que cometi o engano de renunciar à esperança muito cedo, e não queria fazê-lo de novo, queria lutar por minha vida, com todos quão méios tinha a meu alcance e pagar o preço, qualquer que for o que tinha que pagar, sem queixa. Nunca voltaria a aceitar a morte, batalharia até o último segundo, sem importar os horrores aos que tinha que me enfrentar. Envergonhei-me de mim mesma por renunciar à esperança.

"Não se pode seguir adiante se está procurando para trás, Mac", havia dito sempre papai, "dará-te contra as paredes se atuar assim"

Deixei meu lamento, uma onerosa peça de bagagem. De cara ao futuro, abri minha boca. Ele cortou outro pedaço de carne e me dava isso e outro mais... Eu mastigava com mais força, ingerindo mais vigorosamente. Um arrepiante calor me percorria e tremi, como se estivesse nas garras de uma brutal febre. Depois de várias peças mais, senti que meu corpo iniciava o penoso processo de reparar suas partes. Não foi prazeroso.

Gritei.

Barrons cobriu minha boca com a mão, envolveu seus braços a meu redor, embalou-me contra seu peito enquanto eu dava alaridos e gemidos. Adivinhei que seus esforços para me manter tranqüila, significavam que Mallucé ou alguns de seus subordinados andavam em algum próximo. Quando o pior teve passado, comi mais, e sofri o brutal ciclo de novo... e outra vez.

Contra sua pele quente, me curei.

Entre os colchetes de aço que formavam seus braços, estremeci-me, fundi-me e as partes cresceram de novo juntas. As lacerações no interior de minha boca, transformaram-se em uma Lisa pele, endireitaram-se e fundiram meus ossos, meus tendões e minha carne rasgada, as contusões se derreteram. Foi uma agonia. Foi um milagre. Podia sentir que era a vida contida na carne Unseelie quem tinha dirigido o processo, podia sentir a mudança de minha inata estrutura, me afetando em um nível celular, me infundindo algo antigo e de grande poder, sanando cada pedaço doente, indo mais longe ainda, passando da morte à perfeita saúde, no âmbito do extraordinário.

Uma lenta e doce euforia começou a gerar-se dentro de mim. Meu corpo era jovem, mais forte do que o tinha sido nunca, mais forte do que algo pudesse ser!

Estirei-me, cuidadosamente ao princípio, logo, cada vez, com mais júbilo. Não houve dor em meu corpo. Com a mudança, meus músculos pulsavam com o poder, meu coração protestava alagando meu cérebro com potentes quebras de onda de sangue Fae. Sentei-me. Sentei-me mais erguida! Tinha estado ao bordo da morte e agora estava inteira de novo! Melhor que isso. Assombrada, percorri com minhas mãos meu rosto e meu corpo. Barrons se sentou comigo. Olhava-me, como se esperasse, de repente, que me brotasse em um segundo, uma monstruosa cabeça. Entortou seu nariz, aproximou seu rosto a minha pele e inalou

- Cheira diferente. - disse bruscamente.

- Sinto-me diferente. Mas estou bem - assegurei-lhe - De fato, parece-me incrível! - ri - Sinto-me fantástica, sinto-me melhor do que nunca me senti em minha vida! Isto é incrível!

Parei-me, estendi meu braço, minha mão e lancei uns suaves murros ao muro de pedra, nem sequer os notei; golpeei com os punhos de novo, duramente, a pele de meus nódulos se rasgou e sanou instantaneamente. O sangue logo que tinha tido tempo de sair antes de desaparecer.

- Viu isso? - exclamei - Sou forte, como você e como Mallucé, agora não poderão me chutar o traseiro! - sua expressão era sombria quando se levantou e se afastou. - preocupa-se muito - disse

- Faça-o. Você não se preocupa o suficiente - replicou.

Era difícil preocupar-se quando me acabavam de chamar as portas da Morte e, agora, sentia como se fosse viver para sempre. Havia uma corrente dentro de mim, um mal calibrado pêndulo, ricocheteando rápido. Eu ricocheteava das profundidades do desespero à euforia, dos torturados aos mais fortes que nunca, dos aterrorizados aos capazes de aterrorizar.

Quem poderia me prejudicar agora? Ninguém!

Finalmente senti como ser uma Sidhe-Seer podia ter alguma vantagem. Melhor que Dani e sua velocidade assombrosa, eu tinha a força de um super-homem. Não podia esperar a me provar a mim mesma, descobrir o que podia fazer. Aturdia-me minha própria intrepidez, estava bêbada de poder, do bem que me encontrava!

Dancei como um boxeador aos pés do Barrons.

- Me esmure

- Não seja absurda

- Vamos, me esmurre, Barrons.

- Não estou para murros.

- Esmurre..... Ow!

Ele me tinha golpeado, meus ossos vibraram, minha cabeça retrocedeu com o impacto e voltou adiante de novo. Não havia dor. Ri-me.

- Sinto-me incrível! Me olhe! Apenas me inteirei! - eu dançava de novo, lançando murros a ele. - Venha! Golpeie outra vez.

Meu sangue estava eletrificado, meu corpo impermeável a toda lesão. Sacudi ao Barrons na cabeça, golpeei na mandíbula e quebrou a cabeça para trás. Quando retornou de novo, sua expressão falava do que um homem tinha que padecer.

- Feliz agora?

- Dói?

- Não

- Posso tentá-lo de novo?

- Compre uma bolsa de boxe.

- Lute contra mim, Barrons. Tenho que saber quão forte sou.

Ele esfregou sua mandíbula.

- É forte - disse zombador.

Eu ri, encantada. Esta beleza sulina era uma força a ter em conta! Era incrível!. Tinha poder. Era um jogador. Uma vez que tinha minha Lança de novo, seria inclusive melhor. O campo de jogo contra o Mal acaba de nivelar-se.

Falando de nivelar, queria ao Mallucé, morto. Agora!. O bastardo tinha destroçado minha vontade de viver. Minha respiração, de vida, era o aviso de minha vergonha.

- Como pôde encontrar ao Mallucé? Falando de maneiras ...como me encontrou? Mentiu-me sobre o Braclete não?

- Eu não encontrei a ele, estava mais preocupado por sua busca. O sistema de covas debaixo do Burren é imenso. Vou tirar você daqui - olhou seu relógio - Com sorte, estaremos fora em uma hora.

- Depois de matar ao Mallucé.

- Voltarei e cuidarei do Mallucé.

- Não acredito - disse belicosa.

Lancei-lhe um olhar que ele se atreveu a confrontar. Era uma bomba de adrenalina e não haveria maneira de que deixasse que alguém mais lutasse esta batalha por mim. Era minha! Tinha pago por ela com meu sangue!

- Dá a uma mulher um pouco poder... - disse zombador.

- Ele me quebrou, Barrons. - minha voz o comoveu.

- Qualquer pessoa pode quebrar-se uma vez. Se sobreviver, deve fazê-lo sem vergonha, sem culpa por haver-se quebrado.

- Quebrou-se alguma vez?

Quem poderia ter quebrado ao Jericó Barrons? Aproximou-se de mim através da caverna. As tochas titilavam sua escassa luz sobre seu rosto escuro, esvaziando suas bochechas, cheios de brasas seus olhos.

- Sim. - disse finalmente.

Mais tarde lhe perguntaria como, quem. Agora tudo o que queria saber era

- Matou ao bode?

Não estava muito segura de que a torcedura de sua boca fosse um sorriso, mas não sabia que mais podia chamá-la.

- Com minhas próprias mãos. Depois de matar a sua esposa.

Abriu a porta da cela.

- Você primeiro, Srta. Lane. Eu lhe cobrirei as costas.

Eu era "Srta. Lane" de novo. Ao parecer, eu só era Mac quando estava gravemente ferida ou, virtualmente, morta. Falaríamos disso mais tarde, entre outras coisas.

- Ele é meu, Barrons. Não interfira.

- Não o farei a menos que você não possa dirigi-lo.

- Poderei dirigi-lo - prometi.

O sistema de covas era imenso. Perguntava-me como me tinha encontrado Barrons. Iluminados pelas lanternas, seguimos avançando, subimos e descemos através de túneis e cavernas sem sentido ou razão aparente. Tinha visto fotos das partes turísticas de Burren, mas não era nada comparado com os caminhos que nós seguimos; íamos muito mais profundo, por debaixo do caminho trilhado, nas partes não exploradas do labiríntico sistema de covas. Imaginava que, se algum temerário espeleólogo tinha encontrado o caminho, Mallucé teria eliminado o problema simplesmente comendo-lhe. Eu nunca teria encontrado a saída sozinha.

Embora estivesse descalça, as arestas das rochas não danificavam meus pés, e se o faziam, sanavam tão rapidamente como eram danificadas. Em circunstâncias normais, encontrava a escuridão e os espaços fechados, muito preocupantes, mas a carne Unseelie que tinha comido tinha feito algo que me tinha mudado: não sentia nenhum temor. Era apaixonante. Meus sentidos eram extraordinários, podia ver com a escassa piscada das tochas como se estivesse sob a luz do dia, podia ouvir o escavar das criaturas na terra, cheirava mais aromas dos que podia identificar...

Quando Mallucé se trasladou aqui embaixo, trouxe-se muitos dos móveis vitorianos que tinha visto em sua casa. Em uma câmara, que ele tinha convertido em um suntuoso mudador gótico, encontrei minha escova sobre uma mesa, perto de uma cama coberta por manchas acetinadas. Ao lado da escova, havia uma vela negra, alguns de meus cabelos e três pequenos ampolas.

Barrons abriu uma ampola e o cheirou

- Ele a espiava, mediante uma projeção de si mesmo. Sempre se sentia vigiada, verdade?

Contei-lhe tudo sobre o Espectro. Guardei-me a escova em meu bolso traseiro. Odiava tocar o que ele havia tocado, mas não deixaria nenhuma parte de mim aqui, debaixo da Terra, em seu domínio infernal.

- E alguma vez lhe ocorreu me contar isto? - explodiu - Quantas vezes o viu?

- Atirei-lhe uma lanterna e passou através dele. Pensei que não era real.

- Como vou poder mantê-la com vida se não me contar isso tudo? - gritou.

- Como pode esperar de mim que lhe diga tudo quando você alguma vez me conta nada?

Ainda estou por saber a primeira coisa a respeito de você!

- Eu sou o que tem que salvar sua vida. Não quer me contar nada?

- Sim, mas por que? Possivelmente porque me necessita, ou possivelmente porque deseja me utilizar.

- por que outra razão ia querer salvá-la? Porque eu gosto de você? É melhor ser útil que gostar. Gostar de alguém é uma emoção. As emoções - sua mão se fechou em um punho hermético - são como tentar reter a água, ao abrir a mão se dá conta de que não existe nada nela. Mais vale ser uma arma que uma mulher.

Agora estávamos falando, de verdade... mas eu queria Mallucé.

- Você pode mastigar minha petunia logo. Eu também lhe jogarei o bate-papo, mais tarde.

Encontramos a Lança em uma caixa forrada de veludo, perto de um computador portátil. Perguntava-me como um computador poderia estar trabalhando aqui embaixo, até que me dava conta de que todas as luzes tinham uma estranha tonalidade azul-negruzca, como a que emitia o Amuleto. Mallucé era um poderoso amo da Magia Negra.

- Espere - Barrons teclou alguns comandos, que apareceram na tela. Uma página de texto foi visível durante uma fração de segundo, antes que saltassem faíscas, do computador e morresse.

- Viu algo interessante?

- Teve múltiplas ofertas pela Lança. Vi dois dos nomes - olhou seu relógio de novo - Agarre a Lança e saiamos daqui.

Alcansei a Lança, situada na caixa de veludo e estava a ponto de tirar a da caixa quando fui golpeada por um súbito e terrível pensamento. Fechei a tampa da caixa e me coloquei isso debaixo do braço, Barrons me lançou um estranho olhar. Encolhi-me de ombros e saí.

Deixamos o tocador e entramos em outra caverna, cheia de livros, caixas e frascos com conteúdos que desafiavam qualquer descrição. Pelo aspecto das coisas, Mallucé tinha estado praticando a Magia Negra desde muito antes de unir-se ao Lorde Master. Havia tesouros de sua infância pulverizados entre a coleção de poções, pós e preparados. Quase pude ver o jovem menino britânico, invisível sob a sombra de seu proeminente pai, lhe odiando, rebelando-se, convertendo-se em um fanático de mundo gótico, tão diferente do dele, estudando artes escuras, planejando o assassinato de seus pais quando tinha vinte e quatro anos... Mallucé tinha sido um monstro muito antes de que ele se rebatizou a si mesmo.

A caverna de armazenamento se abria a um comprido e largo túnel, iluminado com tochas. Havia uma porta de aço na parede. Estava fechada. Nem Barrons nem eu pudemos movê-la nenhuma polegada. Ele colocou as Palmas das mãos, uma contra outra. depois de um comprido momento, disse, "Ah", e murmurou uma rápida cadeia de palavras ininteligíveis. A porta oscilou abrindo-se e revelando uma larga e estreita cova que parecia ter um quarto de milha de comprimento; continha cela detrás de cela do Unseelie: esta era a despensa pessoal do Mallucé. Perguntava-me como tinha podido apanhá-los a todos.

De repente, pude o sentir, um furacão de decadência e fúria, atravessando os túneis para nós.

- Ele vem para aqui - disse ao Barrons - Acredito que necessita mantimentos. Disse-me que devia comer constantemente.

Barrons me lançou um duro olhar, sabia exatamente o que estava pensando.

- Não é porque seja aditivo - me defendi - mas sim porque algumas parte dele se converteram no Fae de tanto devorar Unseelie, e a Lança envenenou essas partes.

Barrons se aproximou

- Partes dele se converteram em Fae? E... a Lança as envenenou? Você sabia antes de comer carne Unseelie?

- Tenha em conta a alternativa, Barrons.

- Por isso deixou a Lança na caixa e a colocou sob o braço. Tem medo de tocá-la agora verdade?

- Antes, eu tinha uma arma. Agora sou uma arma.

Voltei-me e escrutinei a caverna, para não revelar a forma em que estava profundamente preocupada, pois igual poderia ter ganho o poder de um Fae, também poderia ter ganho sua debilidade. Não queria tocar a Lança de novo. Em caso de que acidentalmente me cravasse eu também começaria a me apodrecer? Em que ser me converteria? Pareceria-me com meu inimigo?

- Ele está em caminho - arrojé por cima de meu ombro - ...e preferiria não ter que comer de novo.

Barrons saiu detrás de mim e fechou a porta. Tinha deslizado uma ampola em seu bolso e me dava conta de que tinha furtado algumas das coisas do vampiro. Salpicou umas gotas na porta e falou de novo nesse idioma que não entendia. Ele olhou ao redor, e poderia dizer-se que não gostou do que viu.

- Um bom soldado escolhe o terreno de batalha. Você compartilhou a mesma carne que ele, se pode senti-lo, aposto a que o pode senti-la também. Ele nos encontrará.

- O que estamos procurando?

- Um lugar sem saída e quero encontrá-lo-o mais rapidamente possível.

A caverna que escolhemos era pequena, estreita, com estalactites e agudas estalagmites. Havia uma única entrada, que Barrons planejava fechar com uma barra conforme entrasse Mallucé. Entreguei-lhe a caixa com a Lança, ele gesticulou para mim, e acabei escondendo-a atrás de uns escombros. Não havia maneira de que facilitasse ao Mallucé a oportunidade de utilizar a arma contra mim. Além disso, já sabia que só tinha matado algumas parte dele, e, essas partes, não tinham sido suficiente. Eu queria que ele estivesse inteiramente morto.

- Como se mata a um vampiro? - perguntei ao Barrons.

- Tenho a esperança de que ele não o seja.

- Desgosta-me a resposta.

Ele se encolheu de ombros.

- É a única que tenho para lhe oferecer, Srta. Lane.

Podia sentir ao Mallucé aproximando-se. Barrons tinha razão, de algum jeito, a comida compartilhada nos tinha vinculado. Não tinha nenhuma dúvida de que eu podia senti-lo tão claramente como podia me sentir ele. O vampiro estava... indignado e faminto. Tinha sido incapaz de entrar em sua despensa. Seja o que fosse que Barrons fizesse, tinha selado a entrada com êxito. Sempre disse que meu inescrutável caseiro dispunha de um saco sem fundo de recursos. Realmente, começava a me perguntar como o conseguia.

Ele estava perto. Meu corpo vibrava com antecipação.

Mallucé apareceu na entrada. Seu capuz caiu e mostrou seu sorriso horripilante.

- Ainda não acabou esta partida, cadela.

Estava emoldurado na porta, à contraluz das tochas, com suas roupas escuras e o pútrido aroma de sua carne. Ele cheirou tentando cheirar meu medo, mas me sentia valente. Sobre o que ele acaba de dizer, queria lhe indicar que estava equivocado. Reduzi meus olhos, lhe avaliando.

Poderia acreditar-se superior a mim, mas minha escapada lhe incomodava e não ia se aproximar até que soubesse como o tinha obtido.

- Venha e o acabamos - provoqueei-o.

- Como saiu de sua cela?

- Você a deixou aberta - menti.

Considerou minhas palavras durante um momento.

- Não acredito que pudesse mover-se, rompi-lhe ambas as pernas... e os braços. Como obteve a carne Unseelie?

- Da mesma forma que enfeitei sua "geladeira" ali abaixo. Fiz um bom trabalho não crê? Você não pôde entrar, eu apliquei um pouco de minha magia escura. Subestimou-me.

Estudou-me. Sabia como de capitalista era o feitiço sobre sua despensa e se me acreditava capaz de realizar um conjuro escuro desse grau, acreditaria que eu era capaz de muito mais.

Senti-lhe relaxar-se infinitesimalmente.

- Isto faz as coisas muito mais interessantes, sabe? Estou jogando com uma idéia: agora pode apodrecer-se, assim... penso apunhalá-la com sua fodida Lança de merda.

É evidente que ele não sabia que já não a tinha em seu poder

- Adiante - ronronei.

Ele deixou cair seu manto ao chão. A renda de sua camisa estava desbotado. Levava umas duras calças de couro ajustados, que suspeitava que eram assim de rígidos pelo mesmo motivo pelo que se levava rígidas luvas. O que precisava era que entrasse no interior da caverna, então Barrons bloquearia a saída e não haveria maneira de sair.

Fiz minha dança de boxeador.

- Vamos, Johnny, vamos jogar.

Ele se equilibrou através da entrada, com desumana velocidade, e fechou uma de suas duras-luva-mão ao redor de minha garganta. Vi o Barrons o rodear até situar-se detrás e lhe dava uma ordem sem palavras.

“Não interfira”.

Agarrei ao Mallucé do pulso e chutei sua virilha com a força de dez homens. A carne entre suas pernas era muito branda. Meu joelho se introduziu umas polegadas em seu corpo.

- Não sinto nada aí, cadela - cuspiu.

- Que tal aqui? - golpeei em sua orelha com todas minhas forças. O sangue salpicou de seu crânio, ele rio de lado e avançou de novo. Vi sanar a ferida logo que se abriu. Que devia fazer?

Devia descobri-lo rápido. Ele quebrou meu nariz. Revolvi-me e quase lhe arranquei o braço do ombro. balançou-se inutilmente por uns momentos e logo ele voltou a me dar murros, com ele, tão forte como sempre.

- Quando terminar com você, cadela, vou a Ashford. Recorda sua confissão? - desafiou - Me dizer que tinha uma mãe... Talvez a deixe com vida o tempo suficiente para ver o que faço com ela.

Converti sua odiada cara em uma massa de carne sanguinolenta. Tinha que terminar aqui e agora. Mallucé nunca sairia destas covas, embora tinha que permanecer aqui toda a eternidade para matá-lo. Tentou de me arrancar a orelha com seus dentes. Eu também poderia lhe haver feito o mesmo, mas pensei isso duas vezes, não tinha muito claras as normas vampiro e não

queria seu sangue em nenhum lugar perto de minha boca. Chutei-lhe no joelho, quando sua destroçada perna se paralisou, caí sobre ele dando patadas, murros e grunhindo.

Senti algo dentro de mim evoluir e eu gostei. O tempo tinha perdido todo significado para mim. Fomos, virtualmente, indestrutíveis máquinas. Golpeávamo-nos um ao outro sem sentido, muito mais à frente do ponto da razão. Eu só existia para uma coisa: para lhe fazer baixar, estadia abaixo e nunca retornar. Eu já não sabia quem era, já não entendia que era eu. As coisas tinham sido destruídas em mais de um termino.

Mallucé já não tinha um nome ou um rosto: era o Inimigo, eu o Destruidor. Já só atendia ao imperativo da batalha, o apetite de matar. Empurrei-lhe de repente contra a parede da caverna, caindo sobre nós um montão de estalactites do tamanho de um homem. Derrubamo-nos e começamos de novo: murros, patadas, grunhidos...

De repente, Barrons estava entre nós, obrigou-nos a nos separar. Dirigi a ele, chiando.

- Que diabos está fazendo?

- Você! - Mallucé olhou atônito - Como pôde chegar? Atirei o Bracelete no beco! Não há forma de que pudesse me seguir! Como me encontrou?

- Mantenha-se fora disto, Barrons! É minha luta!

Barrons me pilhou totalmente despreparada com meia dúzia rápida de golpes na cabeça e o estômago. Dobrei-me, aturdida.

Mallucé riu.

Eu estava dobrada, minhas costelas rotas e resfoleguei durante vários segundos. Meu peito queimava como se um pulmão se perfurou.

Mallucé deixou de rir, com um som estrangulado, quando Barrons se disparou para ele, com um braço ao redor de seu pescoço. Barrons tinha sido do mais comedido quando me tinha golpeado, um toque de amor em comparação com o que estava levando a cabo agora.

O bode golpeava três vezes mais rápido, cada vez que me aproximava, seu punho se disparava como um pistão para meu rosto, antes de que eu pudesse sequer percorrer todo o caminho. Era como se meu cérebro estralasse em meu crânio.

A quinta vez que passou, Mallucé estava no chão, imóvel. Pude ver por que: sua cabeça já não estava sobre seus ombros. Ele o tinha matado! Barrons me tinha roubado minha vingança, subtraído o prazer de destruir o que quase me tinha destruído mim!

Equilibrei-me sobre ele. Estava cheio de sangue, sua respiração era difícil, a cabeça baixa, os olhos como frestas e a fúria rodando fora dele em ondas perigosas. Como se atrevia a estar furioso comigo? Eu era a ofendida! Minha batalha tinha sido interrompida! A luxúria do sangue se engarrafava dentro de mim, como um motor turvo transpassando a linha vermelha.

- O vampiro era meu, Barrons!

- Inspeione seus dentes, Srta. Lane - disse hermeticamente - Eram cosméticos, operados. Ele não era um vampiro.

Golpeei-lhe ligeiramente no ombro.

- Não me importa o que fosse! Era minha luta, bode!

Golpeou-me de volta com a mesma intensidade

- Você se tomava muito tempo para terminá-la.

- Quem é você para decidir quanto tempo é muito?

Dava-lhe outro toque no ombro.

Devolveu-me o golpe com a mesma força.

- Vocês estavam desfrutando dela!

- Eu não!

- Você estava sorrindo, ricocheteando sobre seus pés, dançando para ele!

- Estava tratando de pôr fim à luta!

Dava-lhe murros em seu ombro, duros esta vez.

- Você desfrutava tratando de lhe pôr fim - quebrou. Eu quase lhe caí em cima - Você a estava prolongando, glorificava-se nela.

- Você não sabe de que caralhos está falando! - gritei.

- Não poderia dizer qual era a diferença entre vocês dois agora mesmo! - rugiu.

Incrustei-lhe meu punho na cara. Fora a roda de mentiras entre nós. São as verdades com as que trabalhamos mais difíceis que o silêncio.

- Então você não procurou o suficiente! Sou a que tem tetas! "

- Sei que é a que tem tetas! Estão em minha fodida cara cada fodida vez que passa a meu redor!

- Talvez o que precisa é conseguir controlar sua libido, Barrons!

- Que a fodam, Srta. Lane!

- Você acaba de fazê-lo eu adoraria foder a você agora!

- Acaso pensa que poderia?

- Venha aqui... prove

Ele agarrou um punhado de minha camiseta, e me arrastou contra ele, até que nossos narizes se tocaram

- Vou cair sobre você, Srta. Lane, mas recorde que você o pediu. Portanto, nem sequer pense em abandonar o tatami e deixar a luta.

- Você ouve aqui a alguém choramingar, "tio"? Eu não.

- Bem.

- Bem.

Trocou o agarre por minha camiseta para agarrar meu cabelo e enterrou sua boca na minha. Eu explorei. Aproximei-me para ele, o mais perto possível. Ele me atraiu ainda mais e amoldei a seu fornido corpo. Atirou-me do cabelo e eu atirei do dele. Ele não lutava justo: em realidade, lutou exatamente justo, ele não entendia de cortesias, nenhuma única. Mordi seu lábio. Ele tropeçou comigo e me empurrou para baixo, para as lajes do chão da caverna. Golpeei-lhe, ele ficou escarranchado sobre mim e eu lhe rasguei a camisa, pela parte dianteira, deixando os farrapos pendurando de seus ombros.

- Eu gostava dessa camisa - vaiou.

Ele estava sobre mim, um demônio escuro, reluzente sob a luz das tochas, gotejando suor e sangue, o torso coberto com tatuagens que desapareciam debaixo de sua cintura. Agarrou a prega de minha camisa e a rasgou reto até meu pescoço e inalou bruscamente. Golpeei-o, mas ele não me devolveu isso. Sua boca estava na minha de novo, a seda quente de sua língua, a forte abrasão deliberada de seus dentes, o intercâmbio de ar e os gemidos, esses pequenos sons de desesperada necessidade. Um tsunami de luxúria, sem dúvida amplificado por meu sangue Fae, estrelou-se contra mim, golpeando meus pés e me arrastando a um perigoso mar. Não haveria nenhum salva-vidas aqui, nestas mortais águas profundas, nem sequer um farol, que marcasse o

caminho de volta à costa, com sua suave luz de cor âmbar como uma promessa. Aqui só estava a tormenta de Barrons e era o único lugar onde queria estar, e se existiam sombras escuras em movimento nas águas, debaixo de meus pés, que deveriam me haver feito olhar atentamente e me fazer reconsiderar minha idéia de nadar nelas, eu ia ignorá-las.

Estávamos acoplados e ele começou uma condução erótica, rítmica, de empurrar e moer...

Um menino solitário. Um homem sozinho, só em um deserto sob uma lua vermelha de sangue. Guerra por toda parte. Sempre a guerra. Um sopro de siroco (um vento) varrendo, peneirando a areia. Uma cova na parede de um escarpado. Um Santuário? Não ficava nada do santuário.

A língua do Barrons estava dentro de minha boca, e de algum jeito eu estava dentro de Jericó Barrons... as imagens eram delas!

Escutamos o ruído ao mesmo tempo e a explosão ressonando nas duas paredes da pequena caverna.

Ofegando, peguei a ele. Ele respirava pesadamente, seus olhos escuros reduzidos a fendas.

"Segue estando o feitiço?"

Minha boca ainda em sua boca, referindome à entrada da cova.

"Só serve para conter, não para expulsar".

"Bem, enfeitiça-a de novo!"

"Não é tão fácil"

Ele se fundiu nas sombras, detrás de uma das estalagmites. Centrei minha atenção na porta, tratando de sentir o que se movia, e fiquei rígida. Era um Fae-não-do-todo-Fae, seguido por um mínimo de dez Unseelie.

Olhei de soslaio o corpo do Mallucé, rígido frente à entrada. Um titilar de ouro e prata captou minha atenção, graças à piscada das tochas.

O Amuleto!

Como era possível que o tinha esquecido? Estava enrolado na corrente, entre seu corpo e a porta. Devia haver lhe caído quando Barrons lhe decapitou.

Aproximei-me uns passos e me equilibrei para a Relíquia. Um pé calçado com uma bota apareceu sob meus olhos quando estava a ponto de alcançá-la. Subi meu olhar pela perna... e me encontrei olhando aos olhos do assassino de minha irmã.

Capítulo 18

O Lorde Master se sacudiu de meu olhar, olhando com mais interesse o corpo do Mallucé.

- Lhe teria dado o mesmo fim eu mesmo - disse - Ele desejava converter-se em um chefe; você me livrou que um problema. Como diz que foi?

Estudou-me, o sangue salpicado sobre meu rosto, roupa e mãos, a notória falta de lesões. Um sorriso lento se propagou por seu exótico e belo rosto.

- Você comeu carne Unseelie, não?

Não disse nada. Imagino que algo em meus olhos o fez, entretanto. Emoldurados por detrás dele, na porta, havia uma dúzia do Unseelie de uma casta que eu não tinha visto antes, usando negros uniformes com insígnias vermelhas; eram, claramente, sua guarda pessoal.

Ele riu.

- Você é toda uma surpresa. Adorável, como sua irmã, mas Alina nunca teria feito algo assim.

O nome de minha irmã na boca de seu assassino, indignou-me

- Não volte, nem sequer, a dizer seu nome. Nada a respeito de vocês. Nada a respeito dela, nunca mais.

Se pudesse conseguir que Barrons me deixasse lutar, eu gostaria de matá-lo. Mas eu não ia obter esta luta. Não aqui. Não esta noite.

A voz do Lorde Master, introduziu-se em meu cérebro, endurecida, enrolada com uma legião de outras vozes. Ele fez algo dentro de minha cabeça, um eco sussurrou, ordenou

“Me dê na mão o Amuleto. Agora!”.

Poderia ter eleito não dar-lhe não entregar-lhe , perguntei-me inclusive como fazia para conseguir que fizesse o que eu estava fazendo, por que lhe estava obedecendo. Brilhou um débil brilho negro-azulado durante um momento e eu lhe dava um "toque" mental. Seus olhos se ampliaram ligeiramente. Entendeu-me rapidamente.

- Outra surpresa - murmurou.

"Assim é, bastardo de merda, eu sou épica, assim tome cuidado!", é o que eu queria lhe dizer, mas minhas cordas vocais não estavam sob meu controle, não mais que qualquer outra coisas neste momento.

- Vêem a mim - mandou.

O Amuleto titilou em minha mão, eclipsando-a débil luz que tinha conseguido criar tão orgulhosamente.

Vi-me a mim mesma como uma marionete torpemente movida por correntes, tentando resistir, obedecendo à carne. Sentia-me sacudida ante a túnica vermelha do Lorde Master, olhando seu rosto, muito bonito para ser humano e esperando suas ordens. Teria feito isto a minha irmã? Ela não tinha estado enganada por ele mas sim despojada da capacidade de eleição, como eu o estava agora?

- Vêem - ordenou, e, como autômato, comecei a avançar para ele.

Barrons explorou das sombras e me golpeou como um míssil, me conduzindo ao chão, debaixo dele. O Lorde Master se converteu em um torvelinho de togas.

- Fica comigo. - disse Barrons.

Sua voz, também, ressoava como um trovão, enrolada em uma multidão de vozes, reverberando dentro de meu crânio.

É obvio que ia ficar com ele! No que tinha estado eu pensando?

O que Lorde Master fez a seguir foi tão incompreensível para mim, que ainda estava piscando para o vazio da entrada, vários minutos depois de que ele se foi.

Ele manteve um largo olhar sobre meu enigmático mentor, sacudindo a cabeça para seu guarda e... desapareceu.

Capítulo 19

Voltamos de novo para Dublin no elegante Maybach negro que roubamos do Rocky O'Bannion. Não tentei conversar com o Barrons, nem ele tampouco.

Tinham acontecido muitas coisas no passado, ainda mais nas últimas horas. Vinte e sete horas que, seguro, querei anotar e repassar mais tarde. Enfrentei a um Caçador; descobri que meu fantasma não só era real, mas também uma ameaça maior que os Unseelie que me estavam perseguindo; fui encerrada em uma cova, torturada, golpeada até o bordo da morte e resgatada; tinha comido a carne de um Unseelie vivo, adquirindo com isso a força de um super-homem e um poder desconhecido, e só Deus sabia que mais; lutei com um vampiro; tinha-me encetado em uma briga com o Barrons que tinha tomado um torcido perigosamente luxurioso para o final; tinha perdido uma poderosa Relíquia Escura em mãos do assassino de minha irmã... e, o que era ainda pior, não tinha podido conservar minha vontade em sua presença, e se Barrons não tinha estado ali para me salvar, uma vez mais, tinha-me derrubado nos braços de meu arqui-inimigo, idiotizada por sua túnica carmesim e seu formoso rosto, para que, finalmente, quando já acreditava que nada poderia me surpreender, o Lorde Master tinha olhado ao Barrons e.... tinha desaparecido.

Isso me preocupava.

Muito.

Se até Lorde Master fugia do Barrons, em que perigo me encontrava eu todos os dias? Havia-me sentido invencível, até o último momento, na cova... até que um homem me tinha despojado, absolutamente, de qualquer vestígio de vontade própria com umas meras palavras, e o único outro homem que estava ali comigo, tinha intimidado, ao parecer, ao primeiro. "Mau" e "Pior".

Olhei, do assento passageiro a "Pior", abri a boca, ele me olhou e ...voltei a fechá-la. Não sei como ele podia seguir conduzindo, porque nos olhamos fixamente, um ao outro, durante muito tempo. No ar noturno, que se filtrava dentro do carro, zumbiam todas as coisas embaraçosas que não nos estávamos dizendo. Nem sequer tínhamos uma de nossas conversações sem palavras: nenhum de nós estava disposto a trair um só pensamento ou sentimento.

Buscávamo-nos um ao outro como dois estranhos muito íntimos, que despertaram depois de fazer amor e que como não sabem o que dizer um ao outro, não dizem nada e continuam seus caminhos por separado, prometendo-se que voltarão a ver-se, é obvio, que chamarão, mas que cada vez que olhem o telefone nos próximos dias, sentirão o leve mal-estar da vergonha por haver-se tirado a roupa diante de alguém que realmente não conheciam levantar-se, e ... a chamada nunca se fará.

Barrons e eu tínhamos estado, esta noite, cada um na pele do outro, intercambiado segredos, mas, entretanto, nenhum deles tinha sido realmente importante.

Eu estava a ponto de apartar o olhar, quando ele, alargando seus fortes e formosos dedos, através do espaço que nos separava, acariciou-me o rosto. Ser tocada pelo Jericó Barrons com amabilidade, faz-te sentir como se fosse a pessoa mais especial do mundo; é como caminhar até o maior e poderoso leão selvagem da selva, se deitar a seu lado, colocar sua cabeça em sua boca, e este, em lugar de tomar sua vida, lambe-te e ronrona.

Rechacei-o.

Voltou sua atenção à estrada.

Completamos o caminho no mesmo tenso silêncio em que o tínhamos começado.

- Sujeite-a - disse Barrons, enquanto abria a porta da garagem. Havia um sistema de alarme e teclou alguns números.

Quase tinha amanhecido. Pude ver Sombras pela extremidade do olho, abaixo, no limite da Dark Zone, que se moviam inquietem, desesperava-se, como moscas pegas em um papel pegajoso.

Aceitei a delicada ampola de vidro. Era uma casca magra e frágil, de uma cor impossível, como os sempre cambiantes matizes das túnicas de V'lane, aquele dia na praia no Reino Fae. Manipulei-a com extremo cuidado, consciente de minha aumentada força.

la fechar a porta do Maybach, quando me apartou bruscamente. Barrons estava parado ao lado dela, muito de saco cheio .

- Eu não gosto deste traste. - grunhiu

- O que é isto? - perguntei-lhe.

- O Jai D'Orb. Uma Relíquia de uma das Casa Reais Seelie.

- Não pode ser. Não é um OOP's - lhe disse.

Ele me olhou.

- Sim, é-o.

- Não, não. - disse - Eu sou a que detecto estas coisas, recorda?

- Sim é. - repetiu cuidadosamente

- Não, não o é.

Por um momento, pensei que íamos entrar em uma briga do tipo "é/não é"; estávamos nos olhando furiosos, firmes em nossas opiniões, quando, de repente, abriu desmesuradamente os olhos como assaltado por uma súbita reflexão.

- Saque a Lança da caixa, Srta. Lane - pediu.

- Preferiria não fazê-lo, realmente, nunca mais.

Não queria tocá-la de novo. Era extremamente consciente da carne Unseelie que tinha dentro de mim, não tinha nem idéia de quanto me tinha mudado comê-la e até que soubesse, meus novos limites consistiam em evitar algo, ou objeto, capaz de machucar a um Fae.

- Então, só abra-o - gritou.

Podia fazer isso, mas, realmente não entendia a razão. Deslizei a caixa desde debaixo de meu braço e levantei a tampa. Olhei a Lança. Tomou um momento me dar conta: não podia senti-la.

Nada.

De fato, dava-me conta de que tampouco a tinha sentido no penteadeira do Mallucé, simplesmente a tinha visto, ali, na caixa. Concentrei-me nela: não sentia a menor ardência.

Meu sentido Sidhe-Seer estava morto. Não intumescido, nem cansado: Acabado, assolado

- O que tem de errado em mim? - gritei

- Você comeu carne Fae. Deduza.

Eu fechei os olhos.

- Os Fae não pode sentir os OOP's

- Precisamente. E sabe o que isso significa? Isso significa, Srta. Lane, que já não pode encontrar o Sinsar Dubh. Sangrento Inferno! - girou-se bruscamente sobre seus calcanhares e entrou em tromba na livraria.

- Sangrento Inferno! - repeti.

Graças a isto, Barrons já não me necessitava para nada. Tampouco V'lane. Todas minhas especiais habilidades de super-homem, de repente, não me pareciam tão especiais. "Sempre há um lado negativo", tinha-me advertido, mas, este era um lado tão negativo como o muito mesmo inferno. me transformar parcialmente no Fae, converteu-se em uma fatal debilidade

Fiquei na cama todo o domingo, dormitando durante a maior parte do dia. Os horrores que tinha suportado me tinham privado do sonho. Parecia que minha rápida e sobrenatural cura, estava-se cobrando assim seu pedágio. O corpo humano não compreendia o passo moribundo-regenerado. Não podia, nem sequer começar a compreender o que me tinha ocorrido a um nível movel. Apesar de meu esgotamento, a parte Fae dentro de mim, mantinha-me com essa sensação limite, agressiva, como se tinha legiões de minúsculos soldados dentro de minha pele.

Dormitando, sonhei. Era um pesadelo: estava em um lugar frio, no que não existia nenhuma possibilidade de fuga. Muitas paredes altas de gelo me rodeavam. por cima de mim, criaturas esculpidas fora da caverna, verdadeiramente desoladoras, pareciam me vigiar. Em alguma parte havia um castelo, uma monstruosa fortaleza de gelo negro. Podia sentir que se me aproximava e me atrevia a entrar por suas portas proibidas, não voltaria nunca para ser a mesma.

Despertei com calafrios, assim que me escalei em uma ducha de água quente até que esta se acabou. Envolta em mantas, liguei meu portátil e tratei de responder às mensagens de correio eletrônico de meus amigos, mas não podia responder a muitas das coisas que me contavam neles: com quem saía ou se deitava fulano, o que dizia beltrana... não me sentia capaz de fazer funcionar meu cérebro a esse nível, neste momento.

Dormi.

Sonhei de novo com esse gélido lugar.

Repeti a ducha fervendo, tentando me degelar eu mesma.

Olhei o relógio.

Era segunda-feira, as nove da manhã: podia permanecer na cama todo o dia e me ocultar ou me inundar no consolo da rotina diária. Optei pela rotina. Às vezes é perigoso parar e pensar. Às vezes, só terá que seguir adiante.

Obriguei-me a me arrumar: limpeza de cútis, maquiagem e raspar as pernas. Fiz-me um corte no joelho, lavei-o e o lubrifiquei de pasta de dente, era um truque que me tinha ensinado Alina, quando ao começar a me depilar as pernas estava acostumadas me massacrar os tornozelos com relativa assiduidade. Ao ver o sangue contrastando com o azul pálido do dentífrico, senti a ameaça das lágrimas. Se nesse momento, tinham-me devotado a oportunidade de ir ao Reino Fae e passar umas horas com ela de novo, haveria-me sentido muito fraca para rechaçá-la.

Sangue contrastando com o azul pálido do dentífrico.

Olhei-a fixamente.

Estava sangrando! Não se estava curando! Por que? Retirei a pasta de dente de minha ferida e sangrou livremente, jorrando junto com a água que ficava em minhas pernas, ainda úmidas.

Dava murros à ombreira da porta.

"Ow! doía!"

Incrédula, golpeei com os punhos de novo. Doeu de novo, e minha abrasão nos nódulos começou a sangrar também.

Minha força sobre-humana tinha desaparecido! Já não me estava regenerando!

Minha cabeça dava voltas. Mallucé disse que tinha comido carne Unseelie constantemente, inclusive antes que eu a apunhalasse. Eu pensei que devia ser porque era um hábito de algum jeito aditivo. Agora sabia o por que: Se não comesse constantemente, voltava para seu estado natural humano, e, é obvio, Mallucé não tinha estado disposto a permitir que isso acontecesse.

Olhei-me fixamente no espelho, olhando meu sangue. Fez-me pensar em outro momento, no que eu tinha estado igualmente de pé diante do espelho, me examinando a mim mesma. Tinha visto esse mesmo carmesim antes.

É difícil dizer que coisas são a causa de uma visão retrospectiva, mas, de repente, as imagens me bombardearam: meu braço entalado, manchas de tinta carmesim e negra em minha pele, as tatuagens do peito do Barrons... Mallucé gritando que ele tinha deixado o bracelete no beco, exigindo saber como nos tinha encontrado Barrons... eu encadeada a uma viga na garagem, com os instrumentos de tatuar a meu redor.....

... e tive uma pequena epifania.

- É um maldito bastardo - vaiei - Tudo era um estratagema, não? Queria evitar que eu soubesse que já o tinha feito.

O "jogo dentro do jogo", certamente, era uma típica forma de atuar de Barrons.

Comecei a examinar cada centímetro de minha pele no espelho.

"Tinha previsto que estivesse oculta", havia dito.

Olhei, apalpei. Debaixo de meus seios. Os socos do traseiro, que comprovei olhando com um espelho de mão... Nada. Exalei um grande suspiro de alívio. Olhei em meus ouvidos, detrás de minhas orelhas... Encontrei-o na nuca, muito acima, um ligeiro sangrado de meu couro cabeludo, quase invisível debaixo de meu cabelo.

Tratava-se de um intrincado padrão de cor vermelha e negra com um luminescente Z no meio, um místico código de barras, uma marca de feiticeiro.

Devia havê-lo feito a noite em que me resgatou da Dark Zone, a noite em que me imobilizou e me curou. A noite em que ele me beijou e me disse que o tinha sonhado. Eu gostaria de ter seguido ignorando-o durante muito tempo.

Então, por algo, começou a lhe preocupar que eu o descobrisse, lhe preocupar porque se eu descobria o que tinha feito, possivelmente, eu sentisse que me tinha empurrado muito longe e queria o abandonar. Tinha razão, o teria feito. Portanto, quando retornei do Reino Fae, aproveitou a oportunidade perfeita para insistir em me tatuar por meu próprio bem. Não cabe dúvida de que se tinha acessado, o teria acrescentado algo ao anterior, possivelmente algo nefasto. Quando lhe pus de manifesto, energicamente, que se cruzava a fronteira contra minha vontade, largaria-me, ele se tinha visto obrigado a jogar este duplo jogo.

Ele me tinha marcado! Sem meu conhecimento nem meu consentimento, como um pedaço de sua propriedade. Sua propriedade! Tinha um fodido Z na parte posterior de meu crânio! Podia localizar os bordos com as pontas dos dedos. Estava mais quente que a pele que o rodeava.

Lembrei-me de minhas preces na gruta infernal, lamentando com cada pedaço de meu ser, que eu não o tinha permitido me tatuar. Se ele não o tinha feito, agora estaria morta.

Ironicamente, a única coisa que me tinha feito o abandonar, era a única coisa que me tinha mantido com vida.

Olhei-me fixamente no espelho, desejando que o resto das coisas em minha vida, estivessem a décima parte de claras que esta última reflexão.

Rowena estava equivocada. Ela estava muito, muito equivocada: na vida real, só há distintos tons de cinza; o "negro" e o "branco" não são nada mais que nobres ideais em nossa mente, as normas pelas que tratamos de julgar as coisas e delimitar nossa posição no mundo. O Bem e o Mal, em sua forma mais pura, são intangíveis e tão longínqua nossa capacidade de dirigi-los, como de dirigir uma ilusão Fae. Só podemos aspirar a isso, aspirar a nos aproximar disso, e rogar por não nos perder tanto nas sombras como para não poder vislumbrar a luz de nosso objetivo.

O poder existe. Se um não o usar, alguém o fará. Com ele se pode criar ou destruir: a criação é o Bem, a destruição é o Mal. Esse é meu limite.

Podia sentir a Lança detrás de mim com meus sentidos Shide-Seer. Podia sentir os OOP's de novo. Tinha a força e a capacidade de cura de um ser humano normal.

De novo, era eu: cem por cem MacKayla Lane, para bem ou para mau. Estava de volta e me alegrava. Esperava que a carne escura tinha passado através de mim, sem deixar nenhuma marca.

A vida não é branco e negro. A cor que estava mais perto destas cores, estava-se esgotando.

Terminei de me vestir, e fui abaixo, a abrir a loja para continuar com o negócio.

Era um dia ocupado, um pouco chuvoso, mas não muito mau.

Encontrei o telefone celular, que Mallucé tinha abandonado no beco quando ele me seqüestrou, no balcão ao lado da caixa registradora, junto a minhas botas, jaqueta e bolsa; Barrons devia estar me buscando quando os encontrou. Tinha só duas barras de carga, por isso o conectei no carregador; me ia responsabilizar de meu celular um pouco mais. Sempre me perseguiria a obsessão de um celular fundo em uma piscina de cor azul céu e da jovem irresponsável que eu estava acostumada a ser.

Atirei a jaqueta e as botas ao lixo, junto com tudo aquilo que tinha sido usado por outra "pessoa" durante minha "estadia" no Burren. Mallucé os havia tocado, estavam poluídos por ele e não os usaria de novo.

O Bracelete não estava no balcão.

Sorri ligeiramente.

Barrons sabia que eu teria averiguado, depois das palavras do Mallucé, que ele tinha usado outro método para me encontrar. Bem! Não me subestimava. Não devia fazê-lo.

Tive sessenta clientes antes das quatro. Estava a ponto de girar o pôster de "fui ao quarto de banho", quando senti a alguém, ou algo, fora de minha porta.

Fae-mas-não-do-todo-Fae!

Pus-me em tensão.

Emoldurado na porta de cerejeira, debaixo da campainha, estava Derek O'Bannion, destilando agressividade e arrogância. Perguntei-me como nunca podia lhe haver encontrado atraente. Ele não era uma escura beleza, só moreno; seus movimentos não eram masculinos, eram os de um saurio. Lançou-me um sorriso de brancos dentes de tubarão e vi minha morte refletida nessas facas de marfim. Sabia o que estava sentindo, eu mesma tinha estado ali, recentemente: ele, como eu, tinha comido carne Unseelie.

Cada vez era melhor na hora de relacionar feitos, minhas habilidades de raciocínio dedutivo tinham melhorado um cem por cem desde que tinha descido do avião que me trouxe dos Estados Unidos.

Feitos: Derek O'Bannion não é um Sidhe-Seer, logo, não pode ver os Unseelie. Se não poder ver os Unseelie, não pode comer-lhe o que significa que se um humano não vidente aparecer depois de ter comido carne Unseelie, alguém que pode ver os Unseelie deve havê-lo alimentado deliberadamente, abrindo seus olhos a um novo reino escuro.... ao igual ao Lorde Master fazia com o Mallucé. Um humano normal não pode optar por converter-se em um híbrido, ele ou ela devem fazê-lo mediante a ajuda de alguém, iniciado nos ritos da escuridão.

- Saia de minha loja! - disse friamente.

- Tem um par de ovos para ser uma mulher morta!

- Quem alimenta a você? O menino bonito da túnica carmesim? Contou-lhe algo sobre o Mallucé?"

- Mallucé estava louco. Eu não.

- Disse-lhe que Mallucé se apodreceu de dentro para fora?

- Ele me disse que matou a meu irmão e que tem algo que me pertence. Enviou a por isso.

- Então, enviou-lhe a morrer. A coisa a pela que lhe enviou, tem a capacidade de matar aos Unseelie, que são essas partes que agora estão dentro de você, que são quão mesmas tinha Mallucé e que foram a causa de que se apodrecesse do interior. Eu o apunhalei com ela. - sorri - Seu novo amigo o disse? Você não tem idéia do que acontece aqui....

Um momento! Não estava soando como se fosse Barrons? Se Barrons tinha tido que lhe dizer algo ao irmão do gangster, não seria o mesmo que lhe estava dizendo eu?

Me digam, por favor, que meu mentor não estava deixando sua marca sobre mim! Por favor, me digam que não vou crescer para me converter em um adulto igual de louco.

Deslizei a Lança da capa de meu ombro e a cravei de repente sobre a madeira do balcão. Arqueou-se na madeira, com uma luz brilhante de alabastro, quase branca.

- Vamos, O'Bannion, venha e comprove-o! Estou até a petunia!... e nada eu gostaria mais que o ver apodrecer-se lenta e dolorosamente. Todos sabemos que está em jogo sua nova competência neste momento, mas você deve saber que sou bastante mais que um rosto bonito. Sou uma Sidhe-Seer e isso é uma fodida competência bastante maior que a sua. Não há nenhuma maneira de pôr fim a isto, mas que lhe apunhalando se lhe ocorre aproximar-se de uma dúzia de metros de mim. portanto, se você não desejar essa podridão... por certo, mencionei-lhe que seu membro foi do primeiro que apodreceu ao Malluce? mais vale que não entre nenhuma polegada mais em minha loja.

A indecisão cintilou em seus frios olhos de réptil.

- Seu irmão não me viu como uma ameaça e está morto, ele e quinze de seus comparsas. Pense nisso. Pense-o bem.

Olhou fixamente a Lança, que brilhava com sua suave e antinatural luminescência. Rocky não sabia nada a respeito das forças da escuridão que existiam a seu redor, Derek tinha despertado recentemente nessa realidade e não ia cometer os mesmos enganos. Pude vê-lo em seu rosto. Este O'Bannion não ia precipitar se cegamente para sua morte. Ele se retiraria agora, embora sua retirada só seria temporária; reagruparia-se e voltaria, ainda mais perigoso que antes.

- Isto não terminou - disse - Não será até que haja mais mortos.

- Até que um de nós o esteja - acordei - Fora daqui!

Agarrei a Lança pelo punho. Deveria lhe haver deixado caminhar pela Dark Zone aquele dia. Em troca, devido a meu sentimento de culpabilidade pelos pecados passados, tinha-lhe salvado sua vida. Que idiota tinha sido!

Olhei fixamente a porta depois de que ele se foi. Meu ritmo cardíaco nem sequer se acelerou.

O dia a volta ao pôster, fui ao banho e logo continuei com o negócio.

Barrons não apareceu a noite da segunda-feira, nem na terça-feira. A quarta-feira chegou e passou sem um só sinal dele. Na quinta-feira de noite, fazia cinco dias desde que lhe havia visto pela última vez, o tempo mais comprido que ele tinha estado ausente desde que lhe conheci.

Eu estava cada vez mais impaciente, tinha perguntas, tinha acusações, tinha lembranças de uma luta que tinha terminado com inquietante luxúria. Tinha-me sentado na parte traseira da livraria, na zona de descanso, cada noite, durante horas e horas, ante um suave fogo de gás, pretendendo ler, lhe esperando.

A livraria me parecia enorme, muito em silêncio; sentia-me sozinha e a um milhão de milhas de minha casa.

Depois de cinco dias, rendi-me e marquei a resenha JB da agenda de meu telefone celular.

Não houve resposta.

Olhei fixamente a tela, passando minha curta lista de contatos: JB, IYCGM e IYD.

Não tinha as suficientes bolas para marcar o último.

Marquei impaciente IYCGM.

- Ryodan. - ladrou uma voz.

Pendurei imediatamente, sentindo vergonha e culpabilidade. O telefone soou com o estrondo de uma centena de trompetistas celestiais em minhas mãos, e, embora parte de mim se sentia plena de confiança, outra parte estava tão assustada, que quase me saí de minha pele.

A tela cintilou: IYCGM.

Suspirei e pressionei "Receber".

- Mac? Está bem? Me fale! - grunhiu uma voz profunda.

Ryodan: o misterioso homem que falava de Barrons com gente com a que não deveria falar; o homem que tinha lutado com o Barrons o dia que eu tinha ido ao apartamento de Alina.

Estive duvidando.

- Mac! - rugiu a voz.

- Estou aqui. Estou bem. Sinto muito - disse.

- Por que me chama você?

- Perguntava-me se era Barrons.

Emitiu uma risada suave, uma profunda e retumbando risada

- Esse é o nome que está usando agora? Barrons?

- Não é seu nome? Jericó Barrons?

Mais risadas.

-Está usando um segundo nome?

- A inicial Z... - tinha-a visto em seu carnê.

- Ah, o Omega! Algumas vezes, é um pouquinho melodramático.

- E o Alfa? - disse.
- Ele provavelmente o guarda para casos especiais.
- Qual é seu verdadeiro nome?
- Pergunte a ele.
- Ele não me responde. Ele nunca o faz. Quem é você?
- Eu sou ao que você chama quando não pode encontrar ao Barrons.
- Duh. Obrigado. E Barrons quem é?
- O guardião que salvaguarda sua vida.

Nunca tinha acreditado que dois homens pudessem soar tão parecidos, ambos os grandes professores na arte de dar tortuosas respostas que não foram a nenhuma parte.

- São irmãos?
- É uma maneira de dizê-lo.

Pude entender, sem dificuldade, que por mais que lhe pressionasse, igual a Barrons, Ryodan só me diria aquilo que queria me dizer, e, todas as demais pergunta do mundo cairiam em ouvidos surdos a menos que ele queria saber algo.

- Vou, deixo-o, Ryodan. Ele briga comigo, intimida-me, nunca me diz nada. Ele ...me traiu!
- Eu não acredito isso.

- O que? A mentira, a intimidação, ou a traição?

- A traição. O resto é... diríamos.... típico do que você chama... como disse? ...Barrons. Mas ele não a traiu.

- Você não o pode saber, assim, como está tão seguro?

- Abra os olhos, Mac.

- O que quer dizer?

- As palavras podem usar-se de qualquer forma retorcida; as promessas pode fazer acalmar o coração e seduzir a alma, mas, em uma análise final, as palavras não significam nada. São etiquetas que damos às coisas, em um esforço de defesa de nosso adoentado cérebro, para isolar a verdade da natureza subjacente, e, noventa e nove por cento das vezes, a realidade é uma besta totalmente diferente. O homem mais sábio é o que cala. Examine suas ações, o julgue por elas. Ele pensa que tem você o coração de uma guerreira. Ele acredita em você. Você acredita nele?

- No que? No mercenário? Ele quer o livro para vendê-lo ao melhor posto! Os Caçadores são, também, mercenários!

- Se eu estivesse em seus sapatos, nunca o diria a ele. Quem é você para falar? Você pensa que suas próprias motivações são mais puras? Você tem uma vocação nobre? Merda! Qão boa é você? Você quer sangue, quer vingança. Não lhe importa o destino do mundo. Você só quer seu pequeno lugar no mesmo. Há pessoas que vivem em casas de vidro...

- O que? As pessoas que vivem em casas de vidro, o que?

- Merda! Você é jovem, não falava de você, não? - ele riu. - Para o caso... não atire pedras, Mac. As pessoas que vivem em casas de vidro não deveriam jogar pedras.

A linha ficou muda.

O sino da loja soou. Barrons entrou por ela.

- Barrons! - escondi o telefone apressadamente entre as almofadas.

- Srta. Lane - inclinou sua escura cabeça.

- Você me tatuou, bode! - tinha direito a protestar.

- E?

- Você não tinha nenhum direito a fazê-lo!

- Preferiria que não o tivesse feito?

- Isso não faz seu ato melhor!

- Mas não é assim, não? E isso é o que a saca de gonzo, que eu ignorasse seus desejos. Cuidei de você da mesma forma em que um homem cuida de uma mulher, neste mundo, no que os meninos podem divorciar-se de seus pais, e se não o tinha feito, você estaria morta. Vai dizer que preferiria estar morta? Seja sincera consigo mesma. Você está cheia de vida, e, egoistamente feliz de seguir estando assim e sempre será assim. Se você necessitar um cenário e um público para desempenhar o papel da donzela monja que sacrifica sua vida para preservar sua virgindade e manter assim apaziguada sua consciência, vá-se a outro lugar! Eu não vou aplaudir. Vão procurar uma vida em que os valores não têm nenhum na análise final? Quando a gente é muito jovem e ingênuo para ver os riscos, utiliza a ira para proteger-se. Utilize-a sobre mim, se crê necessário fazê-lo... mas, graças a mim, poderá seguir crescendo.

Troquei de tema. Ele me sacode tão forte, que, às vezes, é mais fácil girar sobre algum outro tema, um que me coloque à ofensiva, e, a ele à defensiva, em lugar do reverso.

- Por que o Lorde Master o olhou e partiu? Quem é você, Barrons?

- Quem nunca a deixará morrer, e é mais, Srta. Lane, aquele que, em toda sua vida, poderá saber mais de você e fará mais do que ninguém possa fazer.

- V'lane...

- V'lane é tão foddidamente de confiança como quando veio correndo a procurar à gruta, feze-o? Onde estava seu Príncipe Dourado então?

- Estou farta de suas evasivas! Quem é você? - equilibrei-me sobre ele, golpeando seus ombros com minhas mãos - Me responda!

Afastou-me dele e segurou minhas mãos.

- Já o fiz. Isso é tudo o que vai conseguir. Me siga ou me abandone. Fique ou vá-se.

Olhamo-nos fixamente um ao outro. Parecia como tudo o que falávamos sempre. Mas não havia verdadeira luta em mim, e ele sabia.

Quando fui ao sofá e me sentei, ele se apartou.

- Assumo que volta a ser você mesma - disse, olhando no fogo.

- Como sabe isso?

- Passei os últimos dias investigando as ramificações do que teve que fazer, averiguando se eram reversíveis. Aprendi que os efeitos de comer carne Unseelie são temporárias.

- Se tivesse se incomodado em vir na segunda-feira, me poderia haver dito isso. - convim - esteve fora após?

Assentiu.

- Está totalmente recuperada? Pode sentir a Lança de novo?

- Não tema, seu detector do OOP'S está de volta - disse amargamente - OH! Por certo, parece que O'Bannion substituirá ao Mallucé com o Lorde Master.

Contei-lhe a visita do mais jovem dos irmãos e que ele tinha comido carne Unseelie.

Barrons tomou assento no extremo oposto do sofá; inclusive com todo o espaço que tínhamos entre nós, estávamos muito perto... Recordava a sensação de seu selvagem, elétrico

corpo, sobre o meu, recordava quando rasgou minha camiseta até o pescoço, o olhar em seu rosto. Olhei ao longe.

- Ele tem os amparos da loja em seu contrário: você estará segura, sempre e quando estiver dentro.

- Se eu já estava tatuada, por que não pôde você me encontrar quando V'lane me tinha no Reino Fae? - isto era tão ilógico que tinha sido uma pergunta urgente para mim.

- Sabia que estava no Reino Fae, mas não havia pista que seguir. Os reino trocam constantemente, o que faz impossível seguir os... faróis.

- por que me fez levar o Bracelete se eu já estava tatuada?

- Assim teria podido lhe explicar a possibilidade de encontrá-la, se tinha tido que fazê-lo.

Sorri.

- Que meada teve que tecer, não? Realmente trabalha como localizador esse Bracelete?

Ele sacudiu a cabeça.

- Não faz nada mais?

- Nada que lhe interesse.

- O que fez Lorde Master para que eu o obedecesse?

- Um conjuro. Chama-se "Voz". É uma habilidade Druida.

- Você utilizou o mesmo. Trata-se de algo que outra pessoa possa aprender? Eu, por exemplo?

- Duvido que você viva o tempo suficiente para aprendê-lo.

- Você o fez.

- Você não tem formação.

- Me ensine!

- Vou pensar nisso.

- Usou-o com meu pai? É isso o que lhe fez sair à manhã seguinte, depois de que nós tínhamos estado discutindo toda a noite e eu não pude consegui-lo?

- Lhe teria gostado que tivesse que dormi-lo?

- Utilizou-o de novo quando ele chamou aqui, quando estive no reino durante um mês? - estava começando a compreender seus métodos.

- Tinha querido que voasse aqui de novo e tinha acabado morto?

- Por que você não me contou o que sabia da Abadia, Barrons?

- Elas são bruxas e mentirosas. Elas lhe diriam algo para atraí-la a seu lado.

- Parece como alguém que conheço - em realidade soava como todo mundo que conhecia, e eu sabia.

- Não faço promessas que não possa manter e lhe dei a Lança. Elas ficariam. De-lhes uma mínima oportunidade e verá o que fazem. Não me venha choramingar quando a atarraxarem.

- Vou à Abadia dentro de poucos dias, Barrons - disse-lhe, em um tom de desafio do tipo "Será melhor que me de a liberdade que quero."

Depois de tudo o que tínhamos vivido, meus sentimentos a respeito das coisas tinham mudado. Ele e eu somos sócios, não detector-OOP'S e diretor-OOP'S, e os associados têm direitos.

- Vou passar um tempo ali e ver o que podem me ensinar.

- Vou estar aqui quando você retorne... e se essa mulher tenta lhe fazer mal, matarei-a.

Eu quase murmurei um "obrigada", mas o silenciei

- Sei que não há nenhum varão Sidhe-Seer - quando ele abriu a boca para fazer um de seus típicos comentários, disse-lhe - Um momento! Sei, positivamente, que é um homem e sei que você os vê. Não há necessidade de voltar a o examinar. Também sei que tem uma força sobre-humana e, que estranha vez, toca minha Lança. Portanto, quanto tempo esteve comendo carne Unseelie, Barrons?

Ele ficou pasmado, durante um momento, logo seus ombros e seu peito começaram a tremer, seus olhos escuros faiscaram de diversão e estalou em gargalhadas.

- É uma hipótese perfeitamente lógica - retruquei.

- Sim. - disse por último - Sim, que o é. Surpreendeu-me com sua lógica. Mas não é verdadeira.

Estudei-lhe, fechando meus olhos

- Talvez por isso as Sombras não o comem: não são canibais e você está cheio de seus irmãos.. ou, talvez, não gostam da carne escura.

- Bom... me apunhale com sua Lança - disse brandamente.

Deslizei minha mão debaixo de minha jaqueta, pondo minha mão ao redor do punho da Lança. Era um puro blefe.

Atrás do balcão o telefone soou.

Olhei fixamente os escuros olhos do Barrons, enquanto o telefone soava e soava. Recordei quando me beijou, recordei suas imagens: o deserto, o calor mortal do siroco, o menino solitário... as intermináveis guerras. Perguntava-me se... se o beijasse de novo, conseguiria entrar nele, outra vez...

O telefone soou.

Me ocorreu que podia ser meu pai. Voltei meu olhar, com grande esforço, ao longe, levantei-me do sofá e agarrei o telefone.

- Olá? - não era meu pai - Christian! Olá, sim, de fato eu gostaria. Não, não o esqueci. Deixo-o cotado.

Tinha tido outras coisas em minha mente, me apertando como um nó corrediço. Mas, agora, tudo estava bem de novo. As coisas estavam voltando para a normalidade. Eu, MacKayla Lane, Sidhe-Seer, armada até os dentes com minha Lança, facas e lanternas. Barrons... seguia sendo ... Barrons, e estava à caça do Sinsar Dubh, novamente.

Daria-me o gosto de passar a noite, com uma boa visão do jovem escocês que tinha conhecido a minha irmã e aprenderia tudo o que ele soubesse.

- Estarei ali em quarenta minutos - queria mudar de roupa e me refrescar - Não, não tem nenhuma necessidade de vir a me buscar. Vou caminhando. Não se preocupe, estarei bem.

- Um encontro, Srta. Lane? - disse Barrons quando desliguei. Estava imóvel. De fato, por um momento, duvidei sequer de que respirasse - Realmente crê adequado em meio de nossas circunstâncias atuais? Há Caçadores.

Encolhi-me de ombros.

- Têm medo de minha Lança.

- Lorde Master está aí fora.

Devolvi-lhe um seco sorriso.

- Imagino que deve ser boa coisa que você não me queira morta.

Devolvi meu sorriso com o fantasma de outra.

- Ele deve ser algo importante, se vale tanto como para caminhar pelo Dublin de noite.

- É-o.

Não ia dizer que ele foi um amigo de minha irmã. A informação voluntária, não era algo que corresse a torrentes entre o Barrons e eu. Digamos que ... o que semeia ventos, recolhe tempestades. O dia em que ele deixasse de fazê-lo, eu também o faria.

- Quer que declare o toque de silêncio? - burlou-se.

- Tente-o!

Voltei-me para a porta. Queria lavar o rosto, escovar meu cabelo, me maquiar, dar brilho aos lábios, e me pôr algo bonito e de cor.... rosa. Não porque pensasse que era um encontro, não. Scotty tinha conhecido a minha irmã e ele poderia saber um pouco mais a respeito do que era, mas não podia compartilhar com ele meu mundo. Seria muito perigoso para o homem, inclusive para um armado com um pouco de conhecimento. Queria levar rosa porque sabia meu futuro, era de tudo, menos cor de rosa. Queria me embelezar até não poder mais, levar sapatos de salto, porque meu mundo necessitava mais beleza, rebater toda a fealdade do mesmo.

Quero levar rosa porque odeio o cinza, eu não gosto do branco e estava doente do negro.

Quando cheguei à porta de conexão, detive-me.

- Jericó.

- Mac.

Estive duvidando.

- Obrigada por salvar minha vida... - deslizei-me através da porta, e antes de fechá-la, acrescentei brandamente - ...uma vez mais.

Capítulo 20

Tinha que caminhar através de Tempere Bar, para o Trinity, para chegar ao lugar onde devia me encontrar com Christian. Cruzei-me com o Inspetor Jayne pelo caminho: ele e outros dois policiais tratavam de submeter a um grupo de bêbados bastante combativos. Lançou-me um olhar furioso, a meu passo, deixando claro que não se esqueceu de mim ou do assassinato de seu cunhado. Não tinha nenhuma dúvida de que voltaria a vê-lo de novo, breve. Não lhe culpava: eu também ia à caça de um assassino e sabia como se sentia. O problema é que se dirigia à pessoa equivocada. Eu não o era.

Embora possa parecer, depois de tudo o que tinha passado, que devia ter medo de noite, já não o tinha. A noite era só a outra cara do dia. Não é que fosse a escuridão a que me dava medo, a não ser as coisas que saíam nela, e, agora, estava pronta para elas.

Tinha uma Lança a que os Caçadores não queriam aproximar-se muito. Tinha uma tatuagem na nuca, que Barrons poderia utilizar para me encontrar em qualquer momento que quisesse, em qualquer lugar. E se eu retornasse ao Reino, suspeitava que as notícias viajariam rapidamente até V'lane, em um vento Fae, e, sabia que ele me queria viva, também. Tinha inimigos capitalistas, mas também tinha capitalistas protetores. Logo estava Ryodan, um homem capaz de sobreviver a uma luta com o Barrons, uma simples chamada telefônica em caso de que Barrons não estivesse a meu redor, e... estava IYD, em caso das coisas ficassem muito mal, francamente mal. depois do

que tinha visto do Barrons, confiava em que IYD seria um verdadeiro salva-rabos; se as coisas ficavam muito ruins, sempre podia morder ao Unseelie mais próximo, em lugar de me atar a punhaladas com ele, e começar a mastigar.

Falando do Unseelie, estavam por toda parte esta noite, mas não me centrei neles. Centrei-me nos seres humanos: eram meu povo.

Tinha um trabalho, uma finalidade, além da tarefa de encontrar o Sinsar Dubh, como minha irmã me tinha encomendado. Eu sabia, por ela, que isto não teria fim, de nenhuma das maneiras. Acabava de interpretar sua mensagem de um ponto de vista egoísta.

"Tudo depende dele" disse. "Não podemos deixar que eles o tenham! Temos que chegar a ele primeiro!"

Sabia sua mensagem de cor. Tinha-o escutado uma e outra vez em minha cabeça. Tínhamos que chegar a ele primeiro para poder fazer algo com ele. Exatamente o que, não tinha nem a mais remota idéia, mas não tinha nenhuma dúvida de que, finalmente, meu trabalho seria muito mais do que realmente parecia com o princípio.

Pergunta: quando é uma das poucas pessoas que podem fazer algo para solucionar um problema, é justo que você seja a responsável por fazer algo a respeito?

Resposta: será a forma em que escolha responder a essa pergunta a que te define.

Caminhei por meio da ruidosa multidão, vestida de rosa e ouro, meus escuros cachos flutuando, meus olhos brilhantes, olhando por toda parte, inalando os aromas, gozando os sons. A primavera estava a meu lado. Nunca me senti mais viva, mais carregada, mais parte do mundo.

Decidi parar em uma Internet-Café quando voltasse para casa, me empapar do ambiente noturno irlandês e descarregar algumas novas canções em meu iPod. Agora tinha um salário, tinha direito a um pouco de diversão.

Tinha chamado às portas da Morte recentemente e estava eufórica de seguir viva, não me importava quão mau era o estado atual de meu mundo nem quão fodida estava minha vida.

Olhei curiosa, interessada nas caras conforme passava. Recolhi muitos sorrisos e uns poucos assobios de admiração. Às vezes, os pequenos prazeres da vida são os mais doces.

Enquanto caminhava, avalei o estado atual do jogo: Mallucé estava agora fora, uma escura torre decapitada, na margem; Derek O'Bannion se tinha levantado em seu lugar, no lado escuro do jogo, governado por Lorde Master; ainda, estava disposta a manter a Rowena de meu lado, do lado da Luz, e, esperava que Christian MacKeltar pudesse estar ali também, de algum jeito. Seria bom ter uma pequena companhia. Estava segura de que Dani era uma guerreira da Luz.

Barrons? Às vezes me perguntava se teria construído o tabuleiro de jogo, um sistema de jogo em contínuo movimento.

Estava a três ruas do Trinity, em uma rua lateral, um atalho que tinha decidido tomar se tinha podido.

Aferrei-me a cabeça e gemi

- Não! Não agora! Não!

Tratei de me afastar. De me retirar, mas não me deixava. Meus pés se limitaram a ficar quietos onde estavam. A dor em minha cabeça, aumentou em um crescendo vicioso, envolvendo-

se ao redor dos dois lados de meu rosto e percorrendo meu gemente cérebro. Nada se pode comparar com a agonia que o Sinsar Dubh me causa.

Baixei o queixo até o peito, intuindo que, um momento depois, poderia estar na calçada, aconchegada em uma gemente bola, possivelmente inconsciente, vulnerável a qualquer pessoa ou algo da noite.

A pressão aumentava violentamente; quando estava quase segura de que a parte superior de meu crânio ia explodir, lançando uma chuva de metralha através da rua, mil pontas agudas de aço ao vermelho vivo perfuraram minha cabeça, me liberando da pressão, criando um novo inferno próprio, um inferno interior.

- Não. - balbuciei, assombrada - Por favor... não.

Os pontas agudas de ferro dentados, rodavam como um triturador. Meus lábios se moviam sem emitir som algum, derrubei-me de joelhos, apoiei-me em uma canaleta e comecei a escorregar para o chão, para um atoleiro de aroma azedo com minha preciosa roupa rosa e ouro.

O invernal vento ululava entre os edifícios, me congelando até os ossos. Velhos jornais voavam, junto com sujos envoltórios e copos quebrados para depositar-se a meu redor.

Agarrei-me ao pavimento com as unhas, me rompendo uma delas contra os paralelepípedos. Com imenso esforço, levantei a cabeça e olhei a rua: estava quase deserta, varridos os turistas pela escuridão e o vento ártico, com o que só estávamos eles... e eu.

Eu gostaria de poder expressar com palavras, o quadro de horror que tinha lugar ante meus olhos.

Depois de minutos intermináveis, a dor começou remeter e deixei cair meu queixo no azedo e escuro atoleiro, ofegando pelas seqüelas da agonia. Depois de uns minutos mais, consegui me arrastar fora do atoleiro e me arrastar de novo até a calçada, onde me tombei de barriga para cima até que não senti nada.

Agora sabia o que era o Sinsar Dubh, e, estava-me movendo a seu redor. Como informação transcendental e alucinante não tinha preço, mas não era minha principal preocupação neste momento. Estava a menos de cinqüenta jardas do Livro Escuro, mais perto do que nunca tinha estado até o momento, estava-o vendo com meus próprios olhos, e... não me tinha deixado inconsciente!

Lembrei-me do que Barrons havia dito: "dois contrários que se repelem, possivelmente poderiam diluir-se".

O Sinsar Dubh tinha existido durante milhões de anos e, embora segundo a teoria do Barrons, as coisas Fae trocam sutilmente com o suceder do tempo, eu estava bastante segura de que o Livro Escuro nunca sofreria nenhuma mudança "agradável", de fato, não tinha nenhuma dúvida de que só seguiria crescendo, constantemente, em malignidade.

Anteriormente me tinha repellido tão violentamente que me tinha deixado sem sentido em questão de segundos. Esta noite, tinha estado consciente todo o tempo, mais perto dele que nunca, e só podia significar uma coisa:

A que tinha mudado era eu!

Fim

Glossário do Jornal de Mac

AMULETO, O : Relíquia escura (Unseelie), criada pelo Rei Unseelie para sua concubina favorita. É de ouro, prata, safiras e ônix; seu dourado engate contém uma enorme pedra clara de composição desconhecida. Uma pessoa de características "Épicas" poderia utilizá-lo para remodelar a realidade e suas conseqüências. A lista dos antigos proprietários é legendária, incluindo Merlín, Boudica, Juana de Arco, Carlomagno e Napoleón.

Última compra realizada por um galés, por uma quantidade de oito cifras em um leilão ilegal. Muito brevemente passou por minhas mãos e na atualidade está em poder do Lorde Master. requer-se algum tipo de dízimo ou vinculação para utilizá-lo. Tive a vontade épica necessária, mas não pude descobrir o caminho para usá-lo.

BARRONS, JERICÓ : não tenho nem a menor fodida pista de quem ou o que é. Ele tem como missão salvar minha vida. Suponho que isso é algo.

CALDEIRÃO, O : Relíquia da Luz (Seelie) , da qual todos os Seelie, eventualmente, podem beber e ceder as lembranças que se converteram em onerosos. Segundo Barrons, a imortalidade tem um preço: a possível loucura. Quando os Fae a sentem perto, bebem do Caldeirão e "renascem" sem lembranças de uma existência prévia. Eles têm um Fae que registra cada uma das múltiplos encarnações; a exata localização deste escriba é conhecida só por uns poucos, embora não existe registro sobre ele. Que é o que está mal nos Unseelie que não tem um Caldeirão para beber?

CAÇADORES REAIS, OS : Casta do Unseelie. Militares. assemelham-se à clássica representação do diabo: cascos fendidos, chifres, rosto de sátiro, asas coriáceas, olhos vermelhos e cauda. Desde 2,13 a 3 metros de altura, são capazes de alcançar uma extraordinária velocidade tanto sobre seus cacscos como com suas asas.

Função primária: Exterminar Sidhe-Seer.

Avaliação de ameaça: MORTAL. (Definição do Jericó Barrons)

Adição ao original da entrada: Encontrei-me com um; bastante maior do que esperava, conta com uns trinta ou qua10 metros de altura de envergadura e habilidades telepáticas.

São mercenários e servem a seu chefe só enquanto isto beneficia. Não estou segura, acredito que estão na Casta Media, e, de fato, não estou segura de que sejam totalmente Fae. Temem minha Lança e suspeito que não estão dispostos a morrer por qualquer causa, o que me dá uma possibilidade no combate.

COISAS-DE-MUITAS-BOCAS, A : Criatura Unseelie repulsiva, com multidão de bocas sugadoras, dezenas de olhos e órgãos sexuais excessivamente grandes.

Casta Unseelie: desconhecida de momento.

Avaliação de ameaça: desconhece-se neste momento, mas suspeito que arbusto de uma maneira em que prefiro não pensar. (Experiência pessoal)

Adição ao original da entrada: ainda existe? Eu gostaria que estivesse morta.

CRUZAMENTO: É Fae; desconhece-se se Seelie ou Unseelie. Muitas das Relíquias flutuam em torno dele. Amaldiçoava a todos os que atravessavam os Espelhos. desconhece-se a maldição ou seus efeitos.

QUATRO PEDRAS, AS : Pedras translúcidas, de cor negro-azulada, cobertas com Runas. A chave para decifrar a antiga língua e quebrar o código do Sinsar Dubh se oculta nestas quatro pedras místicas. Uma pessoa pode usar a Pedra para arrojear luz sobre uma pequena parte do texto, mas só se as quatro são usadas de uma vez, ficará de manifesto a totalidade do texto. (de "Mitos e Lendas Irlandeses")

CUFF DE CRUZAMENTO : Bracelete de ouro e prata com pedras vermelhas como o sangue; é uma antiga relíquia Fae, que supostamente proporciona a quão humanos a levam "um escudo contra muitos Unseelie e outros seres... malvados" (isto, segundo um Fae Morte-por-sexo, se realmente se pode confiar em algum).

DANI: Uma jovem Sidhe-Seer, na adolescência, cujo talento é uma velocidade sobre-humana. Ela tem em seu poder, como orgulhosamente apregoa a mais mínima oportunidade, ter eliminado a quarenta e sete Fae, no momento de escrever este documento. Estou segura de que saberei mais dela no futuro. Sua mãe foi assassinada por um Fae: somos Irmãs na Vingança. Ela trabalha para a Rowena e está empregada em sua empresa.

DARK ZONE : Uma área que foi assumida pelas Sombras. Durante o dia, parece que a vida cotidiana a abandonou, seus habitantes se mudaram de bairro. "Uma vez que cai a noite, é uma armadilha mortal" (Definição do MAC)

DÓLMEN : Tomba megalítica de uma só câmara, construída mediante duas ou mais pedras eretas, com uma maior, plana e horizontal como culminação. Os dólmenes são comuns na Irlanda, em especial em todo o Burren e Connemara. O Lorde Master utilizou um Dólmen em um ritual de magia escura para abrir uma porta entre os Reino e trazer os Unseelie.

DRUIDA : Em épocas anteriores à sociedade cristã, os Druidas celtas presidiam o culto divino, legislavam e julgavam. Educavam e ensinavam Filosofia aos jovens da elite de sua ordem. Os Druidas se acreditavam no tanto dos segredos dos deuses, incluídas as questões relativas à manipulação física da matéria, o espaço e inclusive o tempo. Em antigo irlandês "Druí" significa mago, adivinho. (de "Mitos e Lendas Irlandeses")

Adição ao original da entrada: Vi tanto ao Jericó Barrons como ao Lorde Master usar o poder da Voz, uma maneira de falar com muitas vozes que não podem ser desobedecida. Significado?

ESPADA DO LUGH, A : Relíquia Seelie ou da Luz, também conhecida como a Espada de Fogo. É capaz de matar Fae, tanto Seelie como Unseelie. Atualmente, em poder da Rowena, para as expedições do Sidhe-Seer, do ISP, da maneira que estime conveniente.

Dani normalmente é a portadora.

ESPELHOS TAMIZADORES Ou ESPELHOS, OS : Relíquia Unseelie ou Escura; complicado labirinto de Espelhos criado pelo Rei Unseelie, que uma vez se utilizou como principal método de viagem entre os Reino Fae, até que se proibiu seu uso, e Cruzamento amaldiçoou os Corredores Chapeados. Agora ninguém se atreve a entrar nos Espelhos. (Definição do Jericó Barrons)

Adição ao original da entrada: O Lorde Master tinha muitos destes, em sua casa da Dark Zone e os utilizavam para entrar e sair do Reino Fae. Se se destruir um Espelho, destrói-se a quem havia dentro dele? Deixa aberta a entrada/salida em um Reino Fae, como uma ferida na malha de nosso mundo? Qual é exatamente a maldição que gerou Cruzamento?

FAE : Veja-se também Tuatha Dê Danaan. Dividido em duas Castas, a Seelie ou Corte da Luz e a Unseelie ou Corte Escura. Ambas as Castas têm diferentes Casa do Fae, com as quatro Casas Reais ocupando o mais alto de cada casta. A rainha Seelie e seu consorte regem a Corte da Luz. O Rei Unseelie e sua atual concubina regem a da Escuridão. (Definição do Jericó Barrons)

FAE MORTE-POR-SEXO : (por exemplo, V'lane) Um Fae tão sexual, tão "potente", que um ser humano morre ao ter relações com ele, a menos que o Fae proteja aos humanos de todo tipo de impacto de seu mortal erotismo. (Definição em curso)

Adição ao original da entrada: V'lane se fez ver nada mais que como um homem incrivelmente atraente quando me levou. Eles podem silenciar sua letalidade, se assim o escolherem.

GLAMOUR: Ilusão emitida pelos Fae para camuflar sua verdadeira aparência. Nos Fae mais capitalistas é muito difícil penetrar em seu disfarce. A maioria dos humanos só vê o que os Fae querem que vejam, e são sutilmente repelidos ou atraídos ao interior de um pequeno perímetro de distorção espacial que é parte do Glamour Fae. (Definição do Jericó Barrons)

HAVEN, O : Alto conselho do Sidhe-Seer.

HOMEM CINZA, O : Monstruosamente feio; leproso Unseelie que se alimenta roubando a beleza da mulher humana.

Avaliação de ameaça: pode matar, mas prefere que sua vítima fique horrivelmente desfigurada e viva para sofrer. (Experiência pessoal)

Adição ao original da entrada: Ao parecer é único em seu tipo; Barrons e eu matamos a um.

ISP: Indústria de Serviços Postais, um serviço de mensagem de Dublin que serve de cobertura para a Coalizão Sidhe-Seer. Ao parecer, Rowena o tem a seu cargo.

LANÇA DO LONGINOS, A : Relíquia Seelie ou da Luz (aliás Lança do Luin, de Lança do Longino, Lança do Destino, Lança Flamígera); a lança foi utilizada para atravessar a Jesus cristo em sua crucificação. Não é de origem humana, é Tuatha Dê Danaan, e é um dos poucos produtos capazes de matar a um Fae, independentemente de sua fila ou poder. (Definição do Jericó Barrons)

Adição à nota original: Mata aos totalmente Fae, e se só som parcialmente Fae, só mata essas partes, horrivelmente.

LORDE MASTER : Noivo e assassino de minha irmã! Fae mas não Fae, líder do exército Unseelie; busca o Sinsar Dubh. Ele utilizava a Alina para encontrá-lo como Barrons me está utilizando para encontrar os OOP'S.

MACKELTAR, Christian : empregado no Departamento de Idiomas Antigos do Trinity College. Ele sabe o que sou e conhecia minha irmã! Não tenho nem idéia do lugar que ocupa em tudo isto, nem sei seus motivos. Averiguarei-o logo.

MALLUCÉ : nascido John Johnstone, Jr . Tem em seu haver a misteriosa morte de seus pais. Herdou centenas de milhões de dólares, desapareceu durante um tempo e ressurgiu como o recentemente não-morto vampiro Mallucé. No seguinte decênio, introduziu-se em todo mundo culto, e foi contratado pelo Lorde Master por seu dinheiro e conexões. Pálido, loiro, de olhos cor limão, o vampiro gosta de steampunk e do gótico vitoriano.

NULL : Sidhe-Seer com o poder de congelar aos Fae, com o toque de suas mãos (por exemplo, eu). Uma vez congelados são totalmente impotentes. Quanto maior e mais capitalista é a Casta dos Fae, mais curto é o tempo em que permanecem congelados. (Definição do Jericó Barrons)

O'BANNION, DEREK : irmão do Rocky e recrutado pelo Lorde Master. Oxalá lhe tinha deixado entrar na Dark Zone aquele dia!.

OOP : Acrônimo de Objeto de Poder; relíquia Fae imbuída de propriedades místicas. (Definição do MAC)

OOP's DETECTOR : Eu. Sidhe-Seer especial com a capacidade de sentir OOP'S. Alina o era também, essa foi a razão pela que o Lorde Master a utilizou.

CÍRCULO DE D'JAI : Não tenho nem idéia, mas Barrons o tem. Ele diz que se trata de um OOP'S. Não pude senti-lo quando o encontrou, mas não podia sentir nenhum naquele momento.

Como pôde senti-lo ele? Onde o guarda? Está em sua misteriosa abóbada? O que é e para que serve? Como entrar em sua abóbada, de todos os modos? Onde está o acesso à abóbada situada três andares abaixo de sua garagem? Há um túnel que conecta os edifícios? Seguirei procurando.

PATRÃ : Mencionada pela Rowena, que supostamente tem "a visão" dela. Foi uma O'Connor? Ela foi a dirigente do Haven das Sidhe-Seer.

PRI-JÁ : Humanas viciadas nas relações sexuais com os Fae. (Acredito. Definição em curso)

RELÍQUIAS, AS : Oito antigas relíquias de imenso poder usadas pelos Fae: quatro pertencem à Luz e quatro à Escuridão.

As da Luz ou Relíquias Seelie são: a Pedra, a Lança, a Espada, e o Caldeirão. as da Escuridão ou Relíquias Unseelie são: o Amuleto, a Caixa, o Espelho, e o Livro Escuro ou Sinsar Dubh. (de "Guia definitiva de Artefatos, autênticos e legendários")

Adição ao original da entrada: ainda não sei nada sobre a Pedra ou a Caixa. Conferirão poderes que pudessem me ajudar? Onde estão?

Correção à definição anterior: em realidade o Espelho, são os Espelhos Chapeados. Ver Tamização ou Espelhos Chapeados.

O Rei Unseelie fez todas as Relíquias Escuras. Quem fez as da Luz?

RHINO-BOY : Feios, de pele cinza, assemelham a rinocerontes Fae com crateras e protuberâncias na frente; têm um corpo em forma de tonel, encurvados braços e pernas, lábios curvados na boca e dentes sobressalentes. Eles são os de mais sob nível da casta dos valentões Unseelie. Sua missão é a vigilância dos altos Fae. (Experiência pessoal).

Adição à inscrição original: Têm um sabor horrível.

ROWENA : A cargo, em certa medida, de uma coalizão do Sidhe-Seer. Chefa do ISP É a grande Professora? Têm um refúgio ou casa de retiro em um antigo monastério, a poucas horas de Dublin, com uma biblioteca em que devo entrar.

RYODAN : Associado do Barrons; consta como IYCGM na agenda de chamadas de meu telefone celular.

SEELIE : A "Luz" ou "Corte Justa" dos Tuatha Dê Danaan, regido pela Rainha Seelie, Aoibheal. (Definição do Jericó Barrons)

SHAMROCK : Trevo de três folhas ligeiramente disforme, é o símbolo das antigas Sidhe-Seer, que são as encarregadas da missão de Ver, Servir, e Proteger à humanidade dos Fae.

SIDHE-SEER (SHE-SEER) : Uma pessoa em que a magia Fae não funciona, capaz de ver através das ilusões ou "glamour" emitidas pelos Fae, vendo a verdadeira natureza que se encontra por debaixo. Algumas também podem ver os Tabh'Rs ou portais ocultos entre reino. Outras podem sentir OOP's Seelie e/ou Unseelie. Cada Sidhe-Seer é diferente, com diversos graus de resistência aos Fae. Algumas são "principiantes", outras são "avançadas" e com múltiplos "poderes especiais". Algumas, como Dani, são super velozes. (Definição do Jericó Barrons)

Adição ao original da entrada: Há um lugar dentro de minha cabeça... que não é como o resto de minha pessoa. Todas o temos? O que é? Como obtivemos isto? De onde provêm esses fragmentos de conhecimento inexplicável, que se sentem igual às lembranças? Existe algo como um coletivo genético inconsciente?

SINSAR DUBH, O (She-suh-DOO): Relíquia Unseelie ou Escura, pertencente aos Tuatha Dê Danaan. Escrito em uma língua conhecida só pelos mais antigos de sua raça, diz-se que contém a magia mais mortífera de todas, dentro de suas mágicas páginas encriptadas.

Diz-se na Irlanda, que os Tuatha Dê o escreveram durante as invasões (do "Pseudo historia Leabhar Gabhála") e foi roubado junto com as demais Relíquias Escuras; se rumoreia que encontrou seu caminho no mundo do Homem. Ao parecer o autor, faz um milhão de anos, foi Rei Unseelie. (da "Guia definitiva de Artefatos, autênticos e legendários")

Adição à nota original: Vi-o. As palavras não podem conter uma descrição do mesmo: trata-se de um livro, mas está vivo. É consciente.

SOMBRA, AS : Uma das castas mais baixas dos Unseelie. Apenas corpóreos. Eles se alimentam de algo viva, não podem suportar a luz direta e caçam só de noite. Roubam a vida da mesma maneira que o Homem-Cinza rouba a beleza, drenando a suas vítimas com vampírica rapidez, deixando atrás uma pilha de roupa e uma casca de pele desidratada do humano em questão.

Avaliação de ameaça: MORTAL. (Experiência pessoal)

Adição ao original da entrada: Penso que estão trocando, evoluindo, aprendendo.

TABH'Rs (TAH-vr) : Portas ou portais Fae entre Reino, freqüentemente ocultas em objetos cotidianos humanos. (Definição do Jericó Barrons)

TAMIZAÇÃO : Método Fae de locomoção, que se produz à velocidade do pensamento. (Eu o vi!)

Adição ao original da entrada: de algum jeito, V'lane me peneirou , sem que eu tinha consciencia de sua presença ali; não sei como foi capaz de aproximar-se de mim, "me envolvendo" de algum jeito, me tocando no último momento; possivelmente eu não me dava conta devido a que passou muito rápido, ou, porque, talvez, em lugar de avançar para mim, transladou-se através dos Reino. Pode fazê-lo? Como de capitalista é V'lane? Poderia outro Fae me peneirar, sem que eu possa antecipá-lo? É inaceptavelmente perigoso! Devo exigir mais informação.

TUATHA DÊ DANAAN ou TUATHADÉ (Sua-día-dhanna ou Você-day) (Ver Fae): Uma muito avançada civilização que chegou à Terra desde outro mundo. (Definição em curso)

UNSEELIE : a "Ecuridão" ou "Corte pútrida" dos Tuatha Dê Danaan. Segundo a lenda dos Tuatha Dê Danaan, os Unseelie foram confinados durante centenas de milhares de anos em uma prisão ineludible. Ineludible? Meu traseiro!

V'LANE : De acordo com os livros da Rowena, V'lane é um Príncipe Seelie da Corte da Luz, membro do Conselho Superior da Rainha e, às vezes, seu consorte. Ele é um Fae Morte-por-sexo, e esteve tratando de conseguir que eu trabalhe para ele em nome da Rainha Aoibheal para localizar o Sinsar Dubh.

Guia de pronúncia

ANGARDA SIOCH'NA: Em Dublin, de garda, ou de garda-shee-a-conna. Fora de Dublin, Gardee.

AOIBHEAL: Ah-veel (não é gaélico irlandês, a não ser um idioma mas antigo e exclusivo dos Fae)

CRAIC: crack

CUFF DE CRUZAMENTO: como cruz em crucificar

DRUI: Drie

FIRBOLG: Fair-Bol-ugh

LEABHAR GABHALA: Lour-gow-cheire (lour - como flor, Gow – como vaca)

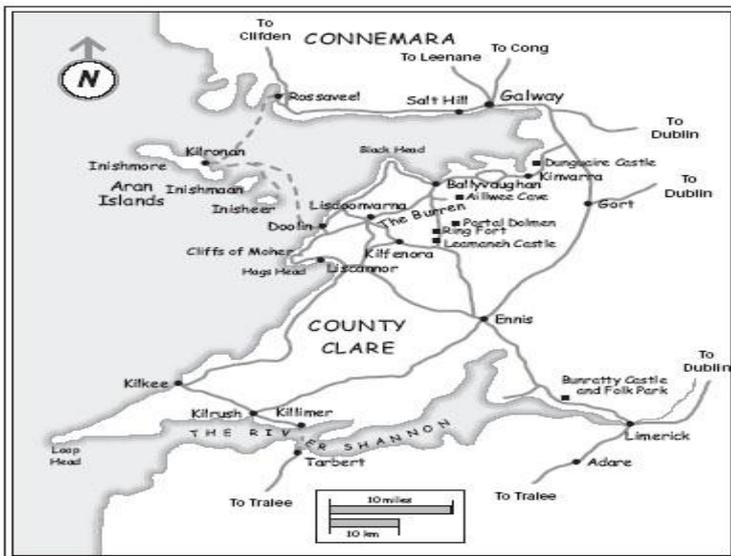
MALLUCÉ: Mau - loosh

* Pronúncias irlandesas obtidas de fontes em Dublin, na Garda e no Trinity College. Qualquer engano na pronúncia, é meu.

MAPA 1



MAPA 2



MAPA 3

